A revolta de seis de setembro

(A ACÇÃO DE S. PAULO)

A REVOLTA

DE

seis de setembro

(A ACÇÃO DE S. PAULO)

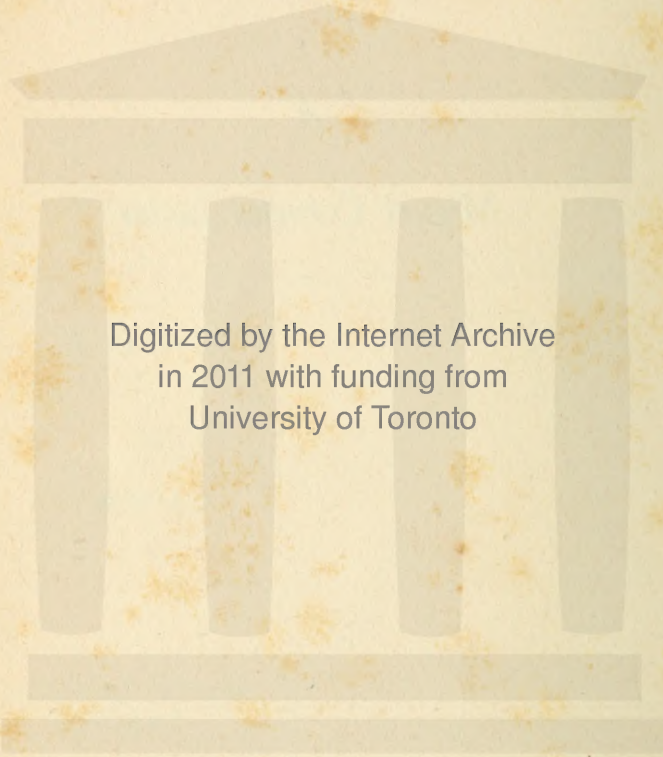
ESBOÇO HISTORICO

Pelo Tenente-coronel

PEDRO DIAS DE CAMPOS

Membro effectivo do Inst. Historico e Geographico de S. Paulo,
Socio correspondente do Centro de Sciencias e Letras
de Campinas e dos Institutos Hist. e Geog. da Parahyba do Norte
e de Minas Geraes.

TYPOGRAPHIA
AILLAUD, ALVES & Cia
PARIS - LISBOA

1913

A

Miguel Carneiro Junior

O D. C.

O AUTOR.

Parecer da commissão de historia e estatistica do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, sobre o trabalho do tenente coronel Pedro Dias de Campos " A Revolta de seis de setembro ".

A commissão de historia e estatistica de S. Paulo leu, agradavelmente impressionada, o excellente trabalho produzido pelo operoso consocio, tenente coronel Pedro Dias de Campos, sobre a parte predominante que ao governo e á população de S. Paulo coube na extincção da revolta de 6 de setembro de 1893.

O trabalho, que seu autor modestamente apresenta com o escopo unico de salientar semelhante acção decisiva, tem entretanto, o real merecimento de ser uma monographia onde se detalham, numa coordenação intelligente, em estylo singello, mas preciso e agradavel, os factos occorridos em S. Paulo e que tiveram como consequencia o mallogro da revolta.

Acha o autor que todos os escritores que se occupam do assumpto silenciam, ou só lhe fazem referencias muito ligeiras, sobre essa intervenção, por elle considerada como de excepcional importancia para o triumpho da legalidade.

Effectivamente, embaraçosa deveria ser a situação do governo federal, si com elle não mantivesse S. Paulo plena communhão de idéas e interesses.

Todo o sul do paiz estava em lucta. No Rio Grande as forças federalistas travavam combates diarios com o exercito legal : em Santa Catharina e Paraná, a esquadra senhoreava-se dos portos emquanto as forças rebeldes de terra dia a dia mais se approximavam da fronteira paulista. No littoral de S. Paulo os vasos de guerra revoltosos tentavam apoderar-se das cidades da marinha e, conquistado um desses portos, transposta a fronteira, invadido o estado, ficaria, o Rio de Janeiro mettido entre dois fogos, por terra

e por mar. Difficil seria então prever-se a qual das partes contendoras caberia a victoria.

Preenchendo a lacuna e rompendo o alludido silencio, o autor narra, com methodo e criterio, os factos diariamente occorridos durante a revolta, não só no littoral, como na fronteira e no estado do Paraná.

Destaca tambem, como vulto proeminente desse facto, a figura veneranda do dr. Bernardino de Campos, a cujo patriotismo, desprendimento e sacrificios deve-se a organização da defesa do estado e consequente triumpho da causa da legalidade. É um preito de verdadeira justiça, rendido ao illustrado estadista e indefesso presidente do estado, naquella occasião.

A commissão pensa ser ainda cedo para se escrever a historia da revolta de 93, mas reconhece tambem que já é tempo de irem apparecendo trabalhos documentados, que de futuro possam orientar com segurança e verdade o estudo desse angustioso momento politico da vida nacional. Conclue achando que, para esse effeito, a monographia do sr. tenente coronel Pedro Dias de Campos é completa, e digno dos maiores encomios o nosso estimavel confrade, não só pela copiosa série de documentos que conseguiu reunir e com que illustrou seu trabalho, como tambem pela narração imparcial, methodica e intelligente que faz do assumpto.

S. S. do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, aos 5 de abril de 1913.

GENTIL de ASSIS MOURA, relator.
ADOLPHO B. ABREU SAMPAIO.
AFFONSO A. de FREITAS.

Approvado unanimente em sessão de 5 de abril de 1913, presidida pelo dr. Alfredo de Toledo

O 1.º Secretario,

JOSÉ TORRES DE OLIVEIRA.

ADVERTENCIA

A revolta da armada e a revolução federalista do sul têm sido descritas e analysadas mais de uma vez, e seus episodios estudados em conjuncto, sem jámais ser considerado o papel realmente preponderante que a S. Paulo coube nesses memoraveis acontecimentos.

Este nosso insignificante trabalho é uma reivindicação. Que outros o encarem diversamente e lhe emprestem, embora, outra intenção: nosso intuito, porém, foi esse e sómente esse.

Si alguem julgar este trabalho, poderá descobrir-lhe senões, que os terá e muitos. Não pretendi escrever uma obra litteraria, para o que me fallece competencia, mas reivindicar, para o meu estado, a parte que lhe cabe de louros nessa campanha patriotica.

De tal ponto de vista, este meu trabalho, — que se apresenta sem pretenção de nenhuma sorte — virá lançar sobre muitos factos a projecção da verdade.

Na analyse dos factos e no julgamento dos homens, procurei ser sinceramente, honestamente imparcial.

Ao Exmo. Sr. Dr. Bernardino de Campos deve este trabalho todo merecimento que por ventura tenha: — sem os documentos e as informações verbaes que a cada passo e tão gentilmente me forneceu, me seria impossivel conseguir concatenar, neste esboço historico, os factos da revolta de 6 de setembro.

As pessoas que estiveram no theatro da acção, e a quem recorri, nenhuma, absolutamente nenhuma contribuição me deram, directa ou indirectamente.

O que se vae ler é um simples resumo historico, reconstituido pelo que pessoalmente observei, tomando parte na campanha e, muito principalmente, pelos documentos e informações do Exmo. Sr. Dr. Bernardino de Campos.

Sinceramente lamento que não me sobejasse competencia para fazer este trabalho com o alto valor que merecia tão util e tão preciosa collaboração.

O AUTOR.

PRIMEIRA PARTE

A DEFESA DO LITTORAL

. . . .
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Si a tanto me ajudar o engenho e arte.

CAMÕES. — *Os Lusiadas.*

I

A revolta de seis de setembro.

I.

PRELIMINARES

A revolta de 6 de setembro: — o estado de São Paulo. — O dr. Bernardino de Campos. — Consequencias possiveis do movimento revoltoso. — Consolidação do regimen republicano.

Ao estado de São Paulo coube incontestavelmente, em grande parte, a acção decisiva que suffocou a tremenda revolução federalista do sul e a revolta da armada nacional, cujo epilogo se desdobrou na bahia de Guanabara, em março de 1894.

O dr. Bernardino de Campos, então presidente de São Paulo, tudo pôz ao serviço da legalidade, representada pelo governo central, no intuito de impedir que o porto de Santos viesse constituir base de operações para a esquadra rebellada, e para que a fronteira paulista, numa invasão, não poudesse ser forçada pelos federalistas do sul.

E foi positiva em seus resultados a acção do estado de São Paulo, determinada por aquelle estadista e patriota, a quem o nosso regimen deve a estabilidade da ordem, que poderia então ser destruida pela onda de um anarchismo inconsciente.

Emquanto os outros estados quedavam inertes como espectadores passivos dessa injustificada revolta,

e aguardavam os acontecimentos, que violentamente se desenrolavam ás suas portas, – São Paulo, pelo principal orgam de sua soberania, sem a minima hesitação, accorreu em defesa da ordem constituida, dando ao governo o apoio moral e material de que carecia, para debellar esse movimento que nos ameaçava e nos opprimia.

Tratava-se de uma questão de ordem geral: – ao governo central cumpria salvaguardar os interesses da União, no importante porto de Santos, e pôr ao abrigo de investidas da revolta a poderosa fonte de renda federal que era a alfandega daquella cidade. O estado de São Paulo, por si só, pouco tinha a temer da acção dos revoltosos no littoral: – poderia pautar seu proceder pelo dos seus co-irmãos, e igual modo de agir poderia ter tido quanto á revolução desencadeada no extremo sul.

Tratava-se de um estado longinquo, que já recebia do governo central todo o auxilio compativel com a nossa organização federativa.

Assim não entendeu o dr. Bernardino de Campos e, desde o primeiro instante em que a revolta irrompeu, agiu tão energica e prestamente que poude assegurar para o governo constituido a victoria final, por terra e por mar.

E a ordem se estabeleceu em perfeito equilibrio. Si outro fosse o seu proceder naquella critica situação, si os revoltosos tivessem podido apossar-se de São Paulo, estariamos hoje presa da sangrenta caudilhagem de que só a custo, com ingentes esforços, poderia a nossa cara Patria libertar-se.

Já lá vão vinte annos que foi suffocada essa revolta e ninguem cogitou de pôr em evidencia, por qualquer modo, os valiosos serviços que o estado de São Paulo prestou ao paiz, no transe difficil por que então passava.

O dr. Bernardino de Campos abraçou a causa da

legalidade com toda a dedicação, empregando nella a maxima energia do seu bello caracter de patriota, para que dessa rude prova sahisse illesa e altiva a dignidade nacional, - para que a ordem se estabelecesse na posição de equilibrio em que a nação brazileira vive e prospera.

Ninguem procurou evidenciar o papel saliente, a acção preponderante que teve o presidente de São Paulo na lucta contra a revolta de 6 de setembro, - oppondo intransponivel barreira á marcha destruidora dos que luctavam contra Castilhos, no sul, - contra Floriano Peixoto, no Rio, - contra o Brazil, emfim.

A' sua solicitude perseverante e inquebrantavel, á sua austera força moral, deve o Brazil a felicidade de não ter cahido no regimen da caudilhagem, do saque e das insurreições. A passagem das fronteiras do estado e sua adhesão ao movimento revoltoso, seria a queda fatal do regimen republicano e a entrega do paiz a uma ochlocracia sem principios.

Bernardino de Campos soube, com elevado civismo, enfrentar e dominar a tremenda situação e erguer o estado de São Paulo ao alto nivel moral em que elle dignifica a União brazileira.

Nas apreciações apaixonadas de momento, figuras secundarias foram enaltecidas, como salvadoras da Patria e das instituições republicanas, usurpando titulos de benemerencia que de direito a outros cabem. Ficou na penumbra aquelle que mais fez, que mais trabalhou pela causa da legalidade, que mais contribuiu, na sua esphera de acção, para extinguir uma revolta vergonhosa, ingloria e sem ideaes. Mas a critica imparcial e desapaixonada projecta sobre elle a luz da justiça e o aponta á gratidão dos posteros, como um dos fautores da moderna nacionalidade brazileira. Em planos mais modestos se destacarão as figuras alcançadas pela irradiação dessa luz intensa.

E a nossa chronica ha de um dia dar a esses modes-

tos peoneiros da grandeza nacional o logar que lhes compete entre os que sabem amar e servir a Patria.

No monumento que a nação erigiu ao immortal soldado, a quem o destino outorgou a tarefa de consolidar o regimen republicano no Brazil, foram relegados ao esquecimento alguns homens de merito real, que bem mereciam a glorificação dos presentes e a gratidão dos posteros.

Não se póde dizer que nos paineis da estatua do Marechal Floriano Peixoto figure, - dentre os homens que já desappareceram do scenario da vida, - algum que não mereça abrigar-se á sombra desse grande servidor do Brazil-Republica. O que, porém, resalta, com flagrante injustiça, é o facto de não figurar alli o grande e venerando paulista, factor maximo da victoria final.

Ao lado dos heroes das luctas materiaes, para a conquista da victoria nos campos de combate, devia occupar um logar de destaque aquelle que se constituiu elemento preponderante dessa mesma victoria. A justiça não deve attingir sómente aquelles que succumbem na lucta: - o juizo imparcial da historia alcança, com a sua glorificação, os heróes que já foram arrebatados pela morte, e aquelles que ainda não desappareceram do scenario da vida.

Porque glorificar sómente os que se vão, si aquelles que ficam tambem merecem nossos louvores e si estão sujeitos ao escalpello irreverente da critica?

O dr. Bernardino de Campos prestou á Republica o maior serviço de que justamente se póde ufanar: — a consolidação do regimen que, ha pouco mais de tres annos, se havia inaugurado no Brazil.

Sua modestia, seu silencio sobre os altos e relevantes serviços que soubéra patrioticamente prestar á União, - acudindo por terra e por mar ao estado do Paraná, fornecendo-lhe tropas, armas e munições, guarnecendo com fortes e successivas columnas a

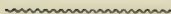
fronteira do Itararé, – fizeram-no esquecido, emquanto outros se glorificaram á sua sombra.

Consultando valiosos documentos que possuimos, apresentaremos os factos reaes desenrolados no theatro das luctas, para que a posteridade ajuize sobre a situação e os homens daquelle anno historico.

Assim, conhecendo a realidade do momento, ao homem que, depois de Floriano, mais fez para o restabelecimento da ordem, poderá ella conferir a somma de reconhecimento que o Brazil e os brazileiros lhe devem.

Acompanharemos, por isso, neste trabalho, todos os esforços da acção energica e efficaz do presidente de São Paulo, na suffocação da revolta e do pronunciamento federalista do sul.

Será, já o dissemos, um trabalho de reivindicação.

2.

OS PRÓDROMOS DA REVOLTA

A revolução do sul : — os pródromos da revolta. — A opinião republicana em São Paulo. — A autorização legal de auxilio ao governo federal. — Como contribuiu São Paulo para debellar a revolta. — Mensagem presidencial. — Deposição do Marechal Deodoro : — o golpe de estado. — Primeiras providencias de São Paulo em face da revolta.

Ia accesa no Rio Grande do Sul a lucta partidaria, travada, desde principio de 1892, contra o governo de Julio de Castilhos.

Os federalistas, chefiados por Gumercindo Saraiva, o celebre e nefasto caudilho oriental, talavam as ricas cochilhas dos pampas brazileiros, levando o terror a toda a região da fronteira, o lucto a todas as familias, a depredação a toda parte.

O governo daquelle estado, impotente para debellar o movimento revolucionario que, de victoria em victoria, percorria os campos e as cidades, deixando por onde passava um sulco de sangue e de desolação, teve de solicitar apoio e auxilio da União, que tomou a si a tarefa de livrar a rica região das garras de tão audaciosos caudilhos. Para isso, foi o governo central obrigado a empregar em serviço no Rio Grande do Sul, a maior parte da tropa disponivel do exercito, desfalcando e enfraquecendo extraordinariamente a guarnição do Rio.

Assim se encorajava o elemento perturbador do socego publico, fornecendo-se-lhe amadurecida e azada occasião para o projectado golpe que intentava.

Em 4 de julho de 1893, o almirante reformado Eduardo Wandenkolk seguiu para Buenos Aires, em

cujo porto armou em guerra o paquete nacional *Jupiter*, recebendo a bordo tropa de desembarque e grande cópia de munições de guerra, e viveres.

Era seu intento apoderar-se de um porto brazileiro, qualquer que fosse, afim de nelle estabelecer uma base de operações. Repellido do Rio Grande do Sul, aprôa o navio revoltoso para o porto de Santa Catharina, onde foi capturado pelo cruzador *Republica*, que sahira do Rio com ordem expressa de o perseguir.

Até o mez de agosto em nada se modificára a situação em que se debatia o Rio Grande do Sul. O interior do estado, ou pelo menos os pontos mais importantes, estavam na posse dos revoltosos.

A São Paulo não era indifferente a critica situação em que se debatia o seu opulento irmão do sul, a quem procurava soccorrer na difficil emergencia dessa lucta sem principios.

Os graves acontecimentos do Rio Grande do Sul, impressionaram dolorosamente a opinião republicana em São Paulo.

A agitação chegou ao seu auge nos mezes de fevereiro e março de 1893. Em um grande *meeting* popular realizado no largo de São Francisco, em São Paulo, manifestações vehementes, traduzindo o sentimento do povo, surgiram nas palavras ardentes de varios oradores, entre os quaes os drs. Bueno de Andrada, Alvaro de Carvalho, Carlos Garcia e Americo de Campos Sobrinho, demonstrando a necessidade em que estavam os republicanos paulistas de affirmar a sua solidariedade com os co-religionarios rio-grandenses, por actos positivos em defesa das instituições.

Foi enviada ao presidente do estado uma deputação da qual foi orgam o dr. Bueno de Andrada, que solicitou a convocação extraordinaria do congresso do estado para que désse as autorizações precisas. O presidente assentiu : - a convocação se fez e o congresso do es-

tado votou a seguinte lei, que se tornou o fundamento legal das providencias postas em pratica pelo dr. Bernardino de Campos, durante o periodo revolucionario:

LEI N.º 120, *de 15 de março de 1893.*

Autoriza o governo do estado a prestar ao da União os auxilios que forem necessarios para manter a integridade da Patria e a instituição republicana.

O dr. Bernardino de Campos, presidente do estado de São Paulo:

Faço saber que o congresso do estado de São Paulo decretou e eu promulgo a lei seguinte:

ART. 1.º — Fica o governo do estado de São Paulo autorizado a prestar ao governo da União os auxilios que forem necessarios para manter a integridade da Patria e a instituição republicana federal, e a promover igualmente todos os meios de defesa deste estado.

ART. 2.º — Ao congresso estadual dará o governo opportunamente informações dos actos praticados em virtude da presente autorização.

ART. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario do Estado e dos Negocios do Interior o faça executar.

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, 15 de março de 1893.

BERNARDINO DE CAMPOS.
DR. CESARIO MOTTA JUNIOR.

Foi em virtude desta lei que se combinou entre o dr. Bernardino de Campos e o Marechal Floriano Peixoto, o fornecimento á União, da quantia de dois mil contos de réis, destinada á compra de armamento.

Foi ainda em virtude da mesma lei que o estado de São Paulo, fez por conta do governo federal todas

as despesas concernentes á defesa dos portos, ao movimento de forças e á organização da divisão que marchou em defesa do Paraná.

O governo do estado prestou ao congresso immediatas contas de todas as despesas feitas por causa da revolta, e essas contas foram approvadas, como consta do art. 3o da lei n. 310 de 24 de julho de 1894, que dispõe o seguinte:

> « Art. 3.° — Ficam desde já approvadas as despesas constantes da mensagem do presidente do estado feitas para o fim da execução da lei n.° 120 de 15 de março de 1893, na importancia de 7.613.474$491, ficando autorizado a despender até a quantia de 600.000$000 com a liquidação final de taes despesas. »

Destas despesas, uma parte era da responsabilidade do governo federal e outra do estado; e para que se fizesse a discriminação, afim da União pagar a parte que devia, foi nomeada uma commissão composta de dois funccionarios do Thesouro Federal e um do Thesouro do Estado.

Apurando e liquidando as contas, essa commissão chegou ao resultado de reconhecer que a União devia á São Paulo a importancia de 6.075.548$726.

Nessa conta não foram computados os dois mil contos em dinheiro, enviados pelo Thesouro de São Paulo ao Banco da Republica, no Rio, á disposição do governo federal, em virtude da lei n. 120 de 15 de março de 1893, porque se accordou em considerar essa quantia como auxilio prestado pelo estado á União.

Assim passou-se o mez de agosto, todo elle atravessado no meio de sérias inquietações e de rumores de revolta em outras circumscrições da Republica, além de sublevação na armada nacional. Esses rumores chegaram até S. Paulo, a principio vagamente, e

por fim como indicio certo da revolta, que tomava vulto.

No Rio e nos estados respirava-se uma atmosphera oppressiva de inquietação : – os horizontes politicos mostravam-se turvos e uma tempestade imminente e violenta ameaçava desencadear-se sobre a nação, já inquieta e atemorizada.

Tudo fazia prevêr uma calamidade, uma terrivel guerra civil, que deveria estalar em poucos dias, com o seu cortejo necessario de desequilibrios, de miserias moraes e de descredito para o Brazil. Em todos os cantos do paiz formavam-se conspirações com intuitos diversos.

Na Capital Federal, com o fim de depôr o Marechal Floriano, vice-presidente da Republica, a revolta crescia assustadoramente, congregando adeptos, que nunca faltam nesses momentos de commoção social.

Setembro chegou cheio de apprehensões, de incertezas e de justificados temores por parte da população ordeira e conservadora. Era a imminencia de uma insurreição parcial na Capital Federal, seguida, pelo que se dizia, de uma revolta das forças armadas.

Desde que, em 23 de novembro de 1891, se verificou violentamente a deposição do Marechal Deodoro da Fonseca, – feita pelos canhões da armada nacional, ao mando do almirante Custodio de Mello, – os espiritos se conservaram sobresaltados e em constante ebullição. A opinião publica brazileira reprovava o golpe de estado, que foi seguido pela revolta da fortaleza de Santa Cruz, em janeiro de 1892, e pela publicação do celebre manifesto assignado em 30 de março por treze generaes.

O dr. Bernardino de Campos, á vista da effervescencia que perturbava o socego publico, tratou immediatamente de preparar todos os elementos de que

tivesse precisão, em graves e possiveis emergencias.

Em julho, quando o *Jupiter*, ao mando do almirante Wandenkolk investia contra o porto do Rio Grande, o presidente de São Paulo solicitava do Marechal Floriano o aprestamento da fortaleza da barra, em Santos, e a remessa de artilharia de campanha. Attendendo a esse pedido, o presidente da Republica enviou a São Paulo uma bateria de artilharia do 2.º regimento e um contingente do 22.º batalhão de infantaria.

Foi tambem em consequencia de boatos alarmantes, diariamente chegados do Rio, que esse homem de rara energia tomou a resolução acertada de enviar para Santos, em agosto de 1893, o 3.º batalhão da força publica, sob o commando do bravo coronel Antonio Eugenio Ramalho.

Estava esse corpo perfeitamente organizado, bem armado e equipado, levando copiosa munição e prompto para defender de qualquer investida, a população e o commercio daquella rica praça paulista.

Provas cabaes de energia e coragem, de ordem e disciplina, deu elle durante todo o periodo da revolta (1).

Com uma clarividencia que surprehende, - mas que o seu alto descortino e profundo conhecimento dos homens e das cousas do Brazil - explicam, dirigiu o

---

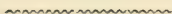
(1) Era assim composto o corpo de officiaes do 3.º Batalhão :
Commandante, coronel Antonio Eugenio Ramalho; ajudante, capitão José Antonio de Souza Albuquerque; quartel mestre, alferes Celinio Moreira do Prado; commandantes de companhia, capitães Antonio de Salles Magalhães, Pedro de Alcantara, Candido Henrique da Silva e Benedicto José Joaquim de Godoy; tenentes Silvino Amôr, Antonio Benedicto da Silva, João Ayres da Gama, Antonio Simões da Costa, João da Cunha Cavalheiro e José Severiano Mendes; alferes Heitor Guichard, José Jorge Ribeiro Acayaba, Levindo Locio Pires, José Antonio de Azevedo, Manoel Barbalho Ferreira Souto, Benedicto Manoel Pedrozo, Anastacio de Andrade Lima, Frederico Leopoldo e Manoel Pedreiras de Siqueira.

dr. Bernardino de Campos ao commandante daquelle batalhão, em data de 5 de setembro, - vespera portanto do nefasto dia que ainda hoje constitue uma nodoa em nossos fóros de povo culto, - o seguinte telegramma :

> **Coronel Ramalho**. — **Santos**. — Esteja muito vigilante e com gente de promptidão.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

Tudo chegára ao auge da inconsequencia!... Não havia confiança na situação dominante e nem no dia de amanhã, que era inseguro e inquietador!...

Resalta da expedição dessa ordem que o governo de S. Paulo, - precavendo-se contra possiveis eventualidades, - dava inquestionavel e indiscutivel prova de sua lealdade para com o governo da União que, segundo parecia, injustificadamente, tinha limitada confiança nos homens publicos de São Paulo.

3.

A INSURREIÇÃO

A insurreição. — Communicação official da revolta. — Resposta do presidente de São Paulo.

Pelas 5 horas da manhã de 6 de setembro de 1893, subia as escadarias do palacio do governo de São Paulo um estafeta do Telegrapho Nacional, portador de um despacho reservado e urgentissimo, expedido horas antes pelo Marechal Floriano Peixoto, presidente da Republica.

O presidente do estado, a quem o telegramma era dirigido, a essa hora matinal estava ainda recolhido aos seus aposentos. Despertado subitamente, veiu receber pessoalmente, tal era a sua inquietação, o importante telegramma.

Apesar da gravidade da communicação, não perdeu o dr. Bernardino a calma e o sangue frio que lhes são habituaes.

Era esse despacho assim concebido :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo.** ministro da marinha informou-me que almirante Custodio de Mello se havia apoderado do *Aquidaban*, *Republica* e *Trajano*. Collocára-se em attitude insurgente contra o governo constituido. Nessa attitude se tem mantido, aprisionando pequenas embarcações e um navio mercante com viveres. Até este momento não definiu categoricamente sua posição, aliás insurgente e attentatoria da constituição. O governo sente-se forte. Conto com o vosso patriotismo.
>
> FLORIANO PEIXOTO.

Em seguida, recebeu o dr. Bernardino novo despacho nestes termos :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo.** Almirante Custodio de Mello acha-se a bordo do encouraçado *Aquidaban*. Com todos os outros navios revoltados, fez esse movimento esta noite. Previno-vos, recommendando actividade e prudencia. Olhae a cidade de Santos.
>
> FLORIANO PEIXOTO.

O presidente do estado, revelando uma presença de espirito admiravel nessa emergencia, tão delicada e tão difficil pelos effeitos desastrosos que della poderiam advir para os creditos da Republica, – presença de espirito que experimentados generaes invejariam, talvez, em identicas circumstancias, - sem perder a linha austera de sua nobre attitude de chefe de estado, encarando bem de face a situação, dirigiu-se a passos firmes para sua secretária.

Medindo a grande responsabilidade que, desde esse momento historico iria assumir perante os seus concidadãos, escreveu, em resposta ao despacho que acabava de receber, o mais importante documento publico de que um homem de estado possa depois e sempre se orgulhar.

Pela presteza e espontaneidade da resposta que enviou, não só se evidenceia sua inquebrantavel e insophismavel lealdade ao governo constituido da Republica, mas tambem uma coragem e civismo inexcediveis.

Bem se póde afferir da calma heroica, da tempera finissima desse alto caracter, pela importancia, pelo criterio, pelo valor daquelle grito patriotico que, echoando em todos os cantos do Brazil, sacudiu as fibras relaxadas pelo medo, – apavorando em seu ninho a hydra da revolta e levando a esperança aos

corações que pulsavam pela Patria e temiam o seu desmembramento.

Com palavras cheias de civismo, assegurava elle ao governo da Republica, consubstanciado então no Marechal Floriano Peixoto, o apoio da mais alta significação moral a bem da legalidade.

Eis o importante documento :

> **São Paulo, 6 de setembro de 1892. Marechal Floriano Peixoto. — Presidente da Republica. — Capital Federal.** — Navios revoltados não podem impôr sua vontade á nação, pelas armas. É inacceitavel a força para resolver assumpto politico, quando funccionam livremente os poderes legaes. Dou e darei todo o apoio a vossa autoridade de presidente da Republica, porque sois o poder legitimo. Vosso civismo amparará as instituições no lance afflictivo a que são levadas. Confiae em minha lealdade.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS,
> *Presidente de São Paulo.*

Tendo expedido esse telegramma, com a consciencia tranquilla, pelo nobre e patriotico gesto tão prompto e tão espontaneo que acabava de ter, tratou o dr. Bernardino de Campos, sem perda de tempo, de dar as providencias que a difficil situação exigia.

E chegou-se a duvidar da lealdade de São Paulo e de seu presidente, para com o governo central!

Na atmosphera politica perturbada por uma revolta sem ideaes, não se concebia que pairasse o espirito de absoluta e incorruptivel lealdade...

II

A Defesa de Santos.

I.

Defesa do porto de Santos : — providencias do governo de São Paulo ao tempo da revolta. — Concentração de forças. — O estado de São Paulo : — sua acção effectiva na suffocação da revolta.

Ao mesmo tempo que communicava ao coronel Ramalho, em Santos, a revolta da armada, com instrucções muito precisas para impedir o desembarque dos rebellados, si se aventurassem até aquelle porto, dava o dr. Bernardino de Campos sciencia do facto ao coronel José Jardim, commandante do 4.° districto militar, com séde em S. Paulo.

Fez vir á sua presença o coronel Innocencio Ferraz, commandante geral da força publica, o dr. Theodoro de Carvalho, chefe de policia, e os secretarios de estado, para com elles ultimar as providencias exigidas pelas circumstancias.

O primeiro a chegar ao palacio foi o coronel Jardim, que tambem recebêra communicação telegraphica do ministro da guerra, sobre o movimento revoltoso.

Uma hora ainda não havia decorrido depois de recebida a primeira communicação, e já se podia notar um movimento assegurador da tranquillidade publica.

Os dinheiros da alfandega e da recebedoria de rendas de Santos, por ordem do presidente do estado e com autorização do ministro da fazenda, foram arrecadados para serem recolhidos aos cofres do Thesouro.

A' disposição do director da alfandega foi posta toda força policial, de que necessitasse para o serviço daquella repartição. Ao ministro da fazenda o presidente de São Paulo deu conhecimento das providencias que tomára, afim de acautelar os interesses da União, na repartição aduaneira de Santos.

Essas providencias foram tomadas nas primeiras horas do dia. Pediu, em seguida, ao Marechal Floriano noticias sobre os navios revoltosos, rogando-lhe, communicasse com tempo, caso os vasos de guerra sahissem da bahia de Guanabara com destino a Santos, como era, conforme constava, intenção dos chefes da revolta.

Nesse caso São Paulo iria oppôr, com as baionetas da força publica, uma barreira á onda invasora.

A esse tempo São Paulo já era, sob o ponto de vista administrativo e politico, um estado perfeitamente organizado, tendo todos os ramos do serviço publico em regular funccionamento.

O alarma produzido pela inesperada noticia veiu pôr em evidencia o seu valor como elemento da União.

Da conferencia havida em palacio, irradiaram immediatamente ordens para todas as repartições que deviam ter qualquer parcella de acção na resistencia, que teria de ser iniciada nesse mesmo dia e que foi levada a fim com o mais decisivo exito.

O commandante geral mandou recolher aos quarteis a força disponivel da guarnição da capital e concentrar as tropas que os destacamentos do interior poudessem, no momento, dispensar, apparelhando-as para a resistencia e para o auxilio de que a União, por ventura, viesse a precisar.

Esperava-se (e de facto se conseguiu, em menos de 24 horas) reunir na capital dois terços do effectivo da força publica.

Por seu lado, o chefe de policia tomava as providencias que combinára com o dr. Bernardino de Campos, enviando aos delegados de policia tele-

grammas-circulares em que dava conta da situação e concedendo autorização para organizarem um serviço de segurança composto de guardas civicas, engajados na propria localidade. Esses despachos foram em seguida ratificados pelo proprio dr. Bernardino, que expedia ordens para que aos novos engajados fossem abonados soldos em quanto servissem, de accordo com a tabella da força publica.

As respostas aos despachos expedidos não se fizeram esperar : – todos vieram applaudindo a nobre attitude do governo, em face da revolta que estalára, e pondo as forças vitaes do estado á sua disposição, para honrar o compromisso lealmente e espontaneamente tomado perante a nação.

As camaras municipaes e directorios politicos votaram moções de solidariedade ao governo constituido, e muitos officiaes da guarda nacional telegrapharam ao dr. Bernardino de Campos, pondo seus serviços e haveres á disposição do estado.

O coronel Ramalho respondeu nada recear, quanto á cidade de Santos, assegurando acharem-se os soldados « promptos e alertas », e cheios de enthusiasmo pela causa da legalidade. Achava, comtudo, de bom aviso que lhe fossem enviados mais homens e munições.

Uma resposta que vale por um premio á insophismavel lealdade posta á prova pelo Marechal, foi a que delle recebeu o dr. Bernardino de Campos, no mesmo agitado dia 6.

Era esse despacho concebido nestes significativos termos :

> **Dr. Bernardino de Campos. — Presidente de São Paulo.** — Agradeço, em nome da Republica e no meu, os sabios conceitos de vosso telegramma. Não era de esperar outro modo de pensar de um patriota como vós, de cuja lealdade a Patria nunca poderá duvidar. Com o apoio dos bons patriotas, saberei manter-me no meu posto. FLORIANO PEIXOTO.

Ahi está como foi levado a se exprimir em relação ao presidente de São Paulo, o homem que tinha por divisa a phrase que se tornou celebre « confiar desconfiando sempre ».

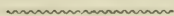
E de São Paulo, era sabido que elle nutria vaga desconfiança...

Não queremos indagar si o Marechal Floriano tinha razões determinantes de ordem pessoal, para assim desconfiar da lealdade dos homens.

O facto é que essa desconfiança assumiu em seu espirito a altura de um principio, que tão bem se revela naquella citada phrase, cuja authenticidade todos conhecem.

Os factos vieram demonstrar que elle se enganou em sua desconfiança, relativamente ao homem, sem o apoio do qual talvez não se tivesse podido suffocar o movimento revoltoso.

A sem razão da desconfiança que o Marechal nutria, ficou claramente demonstrada pelo apoio que São Paulo prestou á legalidade, consubstanciada em sua pessoa e patrioticamente expressa no despacho a que nos referimos.

Esse apoio foi mantido sempre até á ultima phase da revolta nos campos do sul, onde coube a São Paulo dar o golpe decisivo, o tiro de misericordia.

2.

A força de São Paulo em 1893. — Os navios rebellados. — Primeiras hostilidades. — O enthusiasmo da força publica de São Paulo pela causa republicana. — O vice-presidente do estado. — Acção energica do governo de São Paulo.

Quando, a 6 de setembro de 1893, rebentou a revolta da armada, abalando e perturbando tão profundamente a vida e a economia dos estados brazileiros, compunha-se a guarnição de São Paulo de 5 batalhões da força Publica, - dois dos quaes estavam no interior, disseminados em pequenos destacamentos.

Na capital existiam 2 batalhões, o 1.° e o 5.°, o corpo da cavallaria e o de bombeiros. O 3.° batalhão guarnecia a cidade de Santos. A cavallaria estava armada de sabres, lanças e clavinotes *Marlin*, e os outros corpos de espingardas *Comblain*.

A força federal compunha-se do 10.° regimento de cavallaria, uma bateria do 2.° regimento de artilharia de campanha e de um contingente de 30 praças do 20.° batalhão de infantaria.

Toda essa tropa, de 4.000 homens approximadamente, foi posta á disposição do Marechal Floriano e entregue ao commando do coronel Jardim, commandante do districto militar.

Sómente no dia 7, pela madrugada, chegou a informação pedida sobre os navios rebellados. Permanecia ainda na bahia do Rio de Janeiro parte da esquadra revoltada, que não havia iniciado as hostilidades.

O governo da União, conforme sua declaração-circular, sentia-se fortemente apoiado pela população do Rio de Janeiro e por todas as tropas da guarnição, que estavam unidas e leaes á ordem constituida.

Até ás 6 horas da manhã, segundo a mesma infor-

mação, nada de grave havia occorrido, tendo sido dadas todas as providencias, a fim de vencer a sublevação e impedir o desembarque, em qualquer ponto do littoral do Rio ou da cidade de Nitheroy.

Essas alentadoras noticias foram transmittidas ao povo em boletins profusamente distribuidos, com o intuito de tranquillizal-o. Nas praças publicas, nos pontos habituaes de reuniões, nas ruas, á frente das redacções dos jornaes, era enorme a anciedade pelas noticias do Rio.

Commentarios, conjecturas e boatos mais desencontrados cruzavam, fervilhando em todas as rodas.

Pela noite, novo telegramma do presidente da Republica informava que os navios revoltosos, surtos no porto, praticavam depredações, prejudicando aos particulares e iniciando um movimento sobre Nitheroy. Dessa cidade foram elles denodadamente repellidos pela guarnição e pelas fortalezas que apoiavam o governo.

Em communicação, que confirmava essas informações, dizia o Marechal: « O valente e patriotico exercito brazileiro sustenta o governo, que é a encarnação da Republica ».

Da capital, assim como de todo o estado de São Paulo, recebia o seu presidente pedidos de informações sobre a revolta e protestos de incondicional apoio e solidariedade.

Em todos os quarteis da força publica era geral o enthusiasmo pela causa da Republica.

O bravo tenente coronel Alberto de Barros, commandante do 2.° batalhão, aquartelado em Jundiahy, para o serviço do policiamento na vasta zona da Companhia Paulista, já no dia seguinte ao da revolta, se impacientava pela relativa immobilidade em que se mantinha, apesar dos trabalhos a que procedia para concentrar na séde todo o pessoal sob suas ordens.

Apenas 24 horas haviam decorrido e já se considerava esquecido no interior e persuadia-se de que seus serviços não seriam aproveitados. Para fazer-se lembrar, telegraphou, no dia 7 ao dr. Bernardino de Campos, dizendo que ainda « prezava os seus serviços que estavam á disposição do governo ».

O venerando paulista dr. Cerqueira Cezar, vice-presidente do estado, que se achava em uso de aguas thermaes em Caldas, ao primeiro signal de alarma e a chamado urgente do presidente, regressou á capital, onde chegou no dia 8, prompto para prestar o auxilio que as circumstancias delle exigissem.

Nas diversas occasiões em que substituiu o presidente do estado, que se ausentava para inspeccionar o theatro das operações, o dr. Cerqueira Cezar prestou valioso concurso, contribuindo para que nenhuma falha houvesse no serviço geral, e para acautelar a integridade do territorio paulista ameaçado.

A noite de 7 alcançou tudo na mesma angustiosa situação : – segundo noticias do Rio, a esquadra estacionava ainda no porto, sem ter feito outro movimento além daquelle com que ameaçára a cidade de Nitheroy.

Pesava dolorosamente no espirito publico a incerteza do dia seguinte, que poderia trazer graves perturbações para o estado. Embora a população, em geral, tivesse plena confiança na acção energica do governo, todos se sentiam surpresos e atemorizados ante a aggressão incomprehensivel e inexplicavel.

O dr. Bernardino de Campos, sempre calmo, prevídente e seguro, tudo movimentava e apparelhava para estar prompto a esmagar a hydra da revolta, si ella se estirasse até São Paulo.

Ao mesmo tempo aprestava tropas para auxiliar o Marechal Floriano Peixoto. Ao povo pedia que se mantivesse calmo e confiante na acção dos poderes publicos do estado e da União, que se sentiam fortes para enfrentar a situação.

3.

Providencias solicitadas pelo Marechal Floriano. — O porto de Santos: — aprestos para a defesa do porto e da cidade. — O commando do coronel José Jardim. — Inspecção da praça militar de Santos. — Novos reforços para a linha de defesa, em Santos. — Retirada do carvão existente no porto.

O primeiro telegramma de 8, do Marechal Floriano Peixoto ao dr. Bernardino de Campos, não era de molde a trazer a promettida tranquillidade aos espiritos, justamente alarmados com esse estado de cousas, que parecia dever prolongar-se. Os revoltosos começavam a agitar-se e seus movimentos inquietavam seriamente o governo federal, pois denotavam claramente o intento de sahir barra fóra.

O Marechal Floriano expediu o seguinte despacho, prevenindo o governo de São Paulo:

> **Dr. Bernardino de Campos. — Presidente de São Paulo.** — Consta que os revoltosos pretendem estabelecer base de operações em Santos. Convem, por isso, providenciar com urgencia para que todo genero alimenticio, que estiver a bordo dos navios de commercio nacionaes, seja desembarcado e recolhido a depositos seguros. Nesse sentido vão ser expedidas ordens ao inspector da alfandega. Si fôr possivel conseguir a mobilização de alguns batalhões da guarda nacional, de confiança, para reforçar a guarnição de Santos, será muito conveniente. Na impossibilidade, lembro-vos como medida de occasião, a formação de um ou dois corpos de voluntarios, organizados com antigos elementos militares ou com gente de toda confiança. Devemos nos precaver contra surprezas que os inimigos da Republica lhe preparam. Saúdo-vos.
>
> FLORIANO PEIXOTO.

O dr. Bernardino de Campos, longe de se mostrar abatido em face da tremenda calamidade que ameaçava a segurança do estado, deu as providencias mais promptas, reclamadas pelo momento. Fez seguir para aquelle porto forças do 2.° batalhão, para reforçar o 3.° e expediu munição, metralhadoras e outros materiaes bellicos, a fim de preparar a defesa.

Novo despacho do Marechal Floriano trazia noticias positivas sobre o intuito que tinham os revoltosos de se apoderarem da cidade de Santos e fazerem alli sua base de operações. Affirmava que o capitão de mar e guerra, Frederico Guilherme de Lorena, sahira barra fóra, apoderando-se do paquete *Itaipús* e seguindo rumo de Santos, no intuito de proteger a revolta que, segundo pensavam os revoltosos, tambem em São Paulo devia rebentar simultaneamente.

Em São Paulo jámais se pensou que houvesse elementos em numero sufficiente, e preparados pela união e disciplina, de sorte a poder offerecer real apoio á revolta do Rio. Entretanto, era preciso evitar que o rico porto do estado cahisse em mãos dos rebeldes, que dispunham de vasos de guerra e forças para tentar um desembarque.

Ao coronel Jardim, que ainda se achava na capital, o presidente do estado communicou a grave ameaça que pesava sobre Santos, mostrando-lhe a conveniencia de ir elle proprio ao ponto ameaçado e agir com segurança, para o que punha a sua disposição toda a força publica do estado.

O dr. Bernardino, desejando saber ao certo com que elementos poderia contar para a defesa, indagou da situação da fortaleza da barra; procurou saber si tinha munição em quantidade e si estava aprestada para pôr a pique aquelle vapor, caso o coronel Ramalho não poudesse aprisional-o, com os proprios recursos de que dispunha, quando os homens de bordo tentassem um desembarque.

Em todo caso, devia ser impedido o desembarque, custasse o que custasse, ainda que fosse necessario expedir no momento toda a guarnição da capital, ainda que fosse preciso sacrificar esse navio que estava em poder dos revoltosos.

Eram dadas todas as providencias necessarias a fim de garantir a ordem na capital e no interior, tranquillizando a população do estado e principalmente da cidade de Santos, onde já principiára o exodo das familias.

Tendo o coronel José Jardim transferido para Santos a séde do districto e assumido o commando das tropas em operações no littoral, o povo e o commercio da cidade sentiram-se mais garantidos, cessando a retirada. Seu estado maior compunha-se do major João Baptista de Azevedo Marques, secretario; tenente Gasparino de Castro Carneiro Leão, ajudante de campo; alferes Antonio de Lacerda Guimarães, ajudante de ordens.

O primeiro acto do coronel Jardim foi nomear, de accordo com o presidente do estado, o coronel Ramalho para commandar a praça militar, que desde aquelle instante ficára criada naquella localidade.

Investido desse importante commando, começou o coronel Ramalho a distribuir tropas pelos pontos que julgava mais fracos. Na ponta da praia collocou um contingente do 3.° batalhão, commandado pelo capitão José Antonio de S. Albuquerque; em Conceiçãozinha, outra sob o commando do capitão Benedicto A. de Godoy; em Outeirinhos, 20 praças e o alferes Heitor Guichard; para a fortaleza da barra foi enviado, sob o commando do alferes Dourado, o contingente do 22.° batalhão do exercito, que se achava na cidade; no Alto da Serra estava o tenente Henrique T. Paraguassú dos Santos, com uma força numerosa.

O coronel Jardim estabeleceu rigorosa vigilancia no mar, fóra da barra. O serviço de fiscalização era

feito pelos rebocadores *Mauro*, *Lange* e *Santos*, contractados pelo governo para esse fim.

As providencias se multiplicavam, rapidas e acertadas, sem comtudo poderem restituir a calma e o socego á população pacifica daquella cidade commercial.

Dizendo-se na capital que as forças estabelecidas na praça militar de Santos não eram sufficientes para sua defesa, para alli seguiram, a pedido do presidente, diversos membros do poder legislativo que, após rigorosa inspecção, vieram declarar ao governo que as forças que lá estavam podiam garantir a segurança da praça.

Além disso, o commandante e a officialidade do cruzador *Centauro*, que se achava no porto em serviço quarentenario, declararam, em conferencia com o senador dr. Bueno de Andrada e deputados drs. Alvaro de Carvalho e Carlos Garcia, que se manteriam fieis ao governo constituido e que aquelle vaso de guerra estava prompto para a acção, no momento opportuno.

Como se vè, em Santos estava tudo prevenido para repellir qualquer ataque. Além disso, no quartel do 3.° batalhão, foram assestadas duas metralhadoras, que estavam preparadas para varrer as adjacencias do edificio, si tal fosse necessario.

O dr. Bernardino, diante do retraimento que se notava no commercio de Santos, telegraphou ao presidente da Associação Commercial daquella cidade, dr. Antonio C. da Silva Telles, communicando que continuava a concentrar forças para defesa do porto, emquanto não o julgasse inexpugnavel a qualquer investida dos revoltosos.

Em telegramma desse mesmo dia, o dr. Bernardino de Campos declarava ao coronel Jardim que conviria fosse empregada em Santos a artilharia que se achava na capital, e que poderia ser precisa alli.

Ao Marechal Floriano pedia o regresso do 10.° que estava na Barra do Pirahy, para onde seguira no dia 6.

Á tarde cameçou a remessa de tropas de policia, em trem especial requisitado pelo governo.

Desse modo se concentrava alli o maior numero possivel de homens que o estado podia dispensar, para assegurar a defesa do porto.

O dr. Bernardino de Campos déra instrucções para que, no dia seguinte áquelle em que rebentára a revolta, se fizesse subir serra acima o carvão existente em Santos, e que orçava por dez mil toneladas.

Nessa emergencia e em outras circumstancias prestaram relevantes serviços ao estado os srs. drs. Carlos Garcia, Bueno de Andrada e professor Gabriel Prestes.

A superintendencia da São Paulo Railway promptificou-se a transportar o carvão que o governo adquirisse e, desde então, fazia trabalhar continuamente diversos trens de carga, que trafegavam para esse fim especial.

Veiu constituir obstaculo a essa medida de segurança o interesse ganancioso de alguns commerciantes, que não queriam deixar transportar o carvão para fóra da cidade, preferindo vendel-o.

Tudo se harmonizou nesse choque de interesses e o carvão continuou a ser transportado.

A um alvitre apresentado pelo dr. Bueno de Andrada, respondeu o presidente do estado em telegramma nestes termos :

> A compra do carvão seria o meio de remover o que os donos não quizessem fazer subir; não é porque o governo precise de carvão. O dr. Borges Ferraz levou instrucções. Falem com elle. Companhias precisam carvão aqui. Convem-lhes transportar e a estrada prometteu conduzir. Compre pelo preço do mercado, só o que não fôr destinado a subir.

4.

Concentração de força na capital do estado. — A primeira posição na defesa da barra de Santos. — Mobilização de forças. — Repercussão da revolta em S. Paulo e as providencias para a defesa. — Applauso do Congresso Federal ao presidente de S. Paulo. — A revolta no Rio. — S. Paulo devia contar com suas proprias forças. — O batalhão "Alfredo Ellis": — reforço da guarnição. — Inspecção directa do dr. Bernardino de Campos á praça militar de Santos.

Era preciso fazer vir do interior o maior numero de praças que fosse possivel, para acudir a qualquer eventualidade.

Ao tenente-coronel Alberto de Barros, commandante do 2.º batalhão, em Jundiahy, telegraphou o chefe de policia mandando recolher á capital toda a força disponivel, visto julgar preciso reunir meios de defesa e poder soccorrer outros pontos do estado que fossem ameaçados.

Ás 6 1/2 horas da tarde chegava o primeiro contingente desse batalhão e, uma hora mais tarde, outro procedente de Campinas.

Nesse contingente, e no posto de sargento, que então occupava no 2.º batalhão, tive eu a feliz opportunidade de prestar ao meu estado e ao Brazil os minimos serviços que me foram determinados.

Esse contingente foi o primeiro a quem coube uma posição definida na defesa da barra de Santos. Outras forças se lhe vieram juntar nos dias subsequentes.

Na manhã de 8, segundo communicação feita pelo presidente do estado ao presidente da Republica, existiam em Santos, sob o commando geral do coronel Jardim, 550 praças de todas as armas, entre exercito e policia.

Quanto ao armamento, possuia a praça militar duas boas metralhadoras. Além disso, estavam sendo preparados a fim seguir para Santos, a bateria de artilharia,

o contingente do 22.° batalhão e a força do 10.° regimento, que regressára da Barra do Pirahy, por solicitação do presidente do estado.

Na capital existiam, da força publica, dois batalhões de infantaria, o corpo de cavallaria e mais duas metralhadoras.

Aquartelada e prompta para entrar em acção, estava a guarda nacional, com 300 homens armados; e tratava-se tambem de reunir e armar populares, que se apresentassem voluntariamente.

Estavam sendo aproveitados os serviços dos socios do Club de Caçadores, de Sorocaba, que se offereceram espontaneamente ao governo.

No interior, em diversas cidades, reuniam-se officiaes da guarda nacional e formavam-se varios batalhões patrioticos.

Á guarda nacional de Campinas e ao batalhão patriotico *Alfredo Ellis*, de São Carlos, que se haviam offerecido ao governo para marchar, pediu o dr. Bernardino que se encarregassem do serviço policial das cidades respectivas, supprindo a ausencia da força publica, que tinha sido retirada. Si as necessidades exigissem, esses batalhões teriam de ser empregados na defesa da legalidade, como de facto posteriormente o foram.

O dia 9 apresentou-se tão desanimador como os tres dias antecedentes : – a revolta continuava a preoccupar grandemente o espirito publico.

Os acontecimentos revolucionarios desses dias, na capital da Republica, haviam repercutido dolorosamente em todo o estado de São Paulo, prejudicando enormemente suas forças vitaes.

A falta de tranquillidade e a incerteza do dia seguinte criavam embaraços ás transacções commerciaes, na capital e no interior.

O imprevisto, como era natural, amedrontava a

população, que anciava numa atmosphera cheia de duvidas e de justificados receios.

Por outro lado, o povo se tranquillizava, notando a incansavel actividade do dr. Bernardino de Campos, que tudo previa e remediava, distribuindo aos seus auxiliares ordens attinentes a não ser o estado surprehendido com alguma manobra ou machinação dos revoltosos. Nenhum detalhe era esquecido ou desprezado, providenciando-se sobre tudo o que poudesse concorrer para a segurança publica e defesa da causa legal.

A Estrada de Ferro Central, após a chegada do 10.º regimento, foi guarnecida em diversos pontos por tropa de policia.

A guarda nacional, na expectativa de mais graves acontecimentos, prestava auxilio á guarnição da capital.

Estavam aquartelados e promptos o 1.º batalhão, assim como o 2.º e 111.º da guarda nacional; e procuravam completar o seu effectivo os batalhões 108.º e 109.º, cuja abnegada officialidade não media esforços para a consecussão desse desideratum.

Este dia assignalou-se, por um facto de alta relevancia para o governo do estado, que via cobertos de applausos todos os seus actos, nesta triste rebellião de militares.

A maioria da camara dos deputados federaes endereçou ao dr. Bernardino de Campos, por intermedio de dois dos seus mais illustres membros, o seguinte despacho :

> **Dr. Bernardino de Campos. — Presidente de São Paulo.** — A maioria da camara dos deputados deu-nos a honrosa incumbencia de vos significar seu vivo applauso, pela attitude digna e patriotica que assumistes em face da revolta da armada, contra o governo constitucional da Republica. A maioria da camara, unida no mesmo pensamento, em perfeita

cohesão de intuitos, assegura-vos a sua solidariedade politica e pede que vos digneis transmittir ao povo e guarnição federal e estadual os seus sentimentos aqui expressos, sobre os quaes assenta a verdadeira defesa nacional, neste angustioso momento da Patria Brazileira. JOÃO LOPES, *Presidente*.
FRANCISCO GLYCERIO, *Leader*.

O dr. Bernardino de Campos merecia que fossem assim reconhecidos, pela mais alta corporação politica do paiz, os seus ingentes esforços, em pról da defesa do governo legalmente constituido e de nossa liberdade, que perigava na lucta.

O presidente do estado precisava estar ao corrente do drama que se desenrolava na bahia do Rio de Janeiro, para poder agir em consequencia. A um pedido de informação do dr. Bernardino de Campos, o Marechal Floriano deu uma resposta que muito devia concorrer para tranquillizar o espirito publico. Dizia que a esquadra tinha tentado apoderar-se de Nitheroy, mas que fôra galhardamente repellida pela policia militar do estado do Rio, e accrescentava que dispunha em terra de meios sufficientes para repellir qualquer ataque da revolta. Informava tambem o Marechal que pessôas que haviam estado a bordo do *Aquidaban*, e de outros vasos da esquadra revoltada, notaram na marinhagem indicio de desanimo.

E, com certa arrogancia, quebrando sua proverbial circumspecção, accrescentava, referindo-se aos revoltosos : — *Suppunham talvez um desenlace como a 23 de novembro, e elle está sendo e será muito differente.*

Nesse despacho prevenia tambem ao dr. Bernardino de que, para a defesa de Santos, devia contar sómente com os proprios recursos, visto não poder dispensar tropa de linha, além da que alli se achava, por estar toda ella occupada em guarnecer o littoral do Rio de Janeiro.

As providencias, que eram dadas pelo dr. Bernardino, não se limitavam sómente ao fornecimento de tropas e provisões. Iam mais longe : preoccupava-se elle, como estrategico, com os detalhes da defesa, fazendo lembrar, em telegramma ao commandante das forças em operações, os pontos que deviam ser guarnecidos no littoral.

Os boatos fervilhavam, alarmando a população do estado, que acreditava numa invasão por Santos.

O dr. Bernardino de Campos para tranquillizal-a, resolveu mandar para o littoral o batalhão patriotico *Alfredo Ellis*, de São Carlos, visto julgar necessario guarnecer outros pontos da extensa barra. Partiu esse batalhão daquella cidade, em trem especial, ás 10 1/2 horas da noite, tendo seguido immediatamente para Santos, onde chegou no dia seguinte, aquartelando no antigo hospital de isolamento. Era esse batalhão commandado pelo tenente coronel Francisco da Costa Pinho, auxiliado pelo tenente Esperidião Prado. Levava o effectivo de 46 praças, armadas e municiadas e tendo já alguma instrucção militar.

Com esse batalhão seguiram outros contingentes da policia estadual, para reforçar a guarnição.

Querendo o dr. Bernardino de Campos verificar pessoalmente o que se passava na praça militar de Santos, embarcou no trem especial que conduziu essa tropa, acompanhado de seu ajudante de ordens, o tenente Ayres da Gama e de alguns amigos, entre os quaes o deputado Carlos Garcia e o senador Bueno de Andrada.

Alli chegando, o dr. Bernardino, de accordo com o coronel Jardim, deu varias providencias, entre as quaes a que fazia estacionar na Ponta da Praia mais uma força de 50 praças do 4.º batalhão, sob o commando do capitão Pedro de Alcantara, tendo como subalterno o alferes Benedicto Pedrozo.

5.

Aviso " Centauro ". — Deserção do pessoal do " Centauro ". — Providencias para a prisão dos desertores. — Reforço e aprestos para a defesa da barra. — Transporte do carvão. — Attitude indecisa dos revoltosos. — Estado de sitio. — Bombardeio de Nitheroy.

Um facto de summa gravidade e que emocionou profundamente a população de Santos e da capital, deu-se com o aviso *Centauro*, da marinha nacional, que foi criminosamente posto a pique. Já na vespera constava em Santos ter esse navio levantado ferro e sahido barra fóra, não se sabendo com que intuito. Essa noticia mais tarde foi verificada inexacta.

No dia 8, ás 10 horas da noite, o coronel Ramalho teve denuncia de conluios dos officiaes, tanto que telegraphou ao presidente do estado nestes termos : — « *Presidente do estado :* — Officiaes guarnição *Centauro* suspeitos ; ordens a respeito. Ramalho, delegado de policia. »

Esses boatos vinham demonstrar a pouca confiança que merecia do publico a officialidade do aviso, não obstante haver declarado estar prompta para defender o governo constituido.

Foi tremendo o alarme causado na cidade, e em toda a guarnição do littoral, pela noticia de que o bello vaso de guerra se submergira na entrada do canal, proximo á fortaleza e do forte *Augusto*, onde estava ancorado para, ao que diziam, defender a cidade.

Os incredulos foram verificar a veracidade do alarmante boato. E era, infelizmente, verdade ! As pontas dos mastros que ainda emergiam das aguas, attestavam o vandalismo da maruja desertora e revoltada...

Muitos curiosos, que alli permaneceram, puderam assistir ao triste e doloroso espectaculo da sub-

mersão total, que se verificou ás 7 horas e 10 minutos da manhã.

E assim perdeu a marinha nacional um bom elemento de sua defesa, arrastado ao fundo do mar pelas desordens da revolta.

O que, porém, se poude averiguar desde logo, foram as causas determinantes do lamentavel desastre: - os officiaes e marinheiros haviam fugido a bordo dos rebocadores *Mauro* e *Republica*, abandonando com as valvulas abertas o navio que lhes fôra confiado para a defesa do paiz e da legalidade.

O segundo commandante do aviso, tenente João F. dos Reis Junior, aproveitando-se da circumstancia de se achar em terra, doente, o capitão de fragata Julio de Brito, seu commandante, fez passar para bordo daquelles rebocadores, toda a marinhagem, artilharia, munição e viveres e com elles sahiu barra fóra. A fortaleza, como era natural, nenhum embaraço oppôz á sahida desses vapores, que estavam em serviço do governo, na vigilancia do mar. Para melhor adormecer as suspeitas que a partida poudesse despertar ao pessoal da fortaleza, os desertores, trocaram com ella, com a maior exactidão, os signaes convencionados entre as forças legaes.

Foi grande a surpresa no quartel general, e principalmente do commandante Brito que, ao ter conhecimento do facto, telegraphou ao ministro da marinha, communicando o occorrido. Ao coronel Jardim declarou categoricamente que não pactuava com a deserção dos seus companheiros. Esse procedimento, disse elle, era contrario á disciplina militar, e seus autores passiveis da applicação da lei marcial. E accrescentou que estava cumprindo ordens do governo da União, a quem se mantinha fiel, porque era, além de patriota, militar, habituado a obedecer, mórmente achando-se em uma missão humanitaria, de serviço quarentenario.

Era realmente lamentavel semelhante facto, que

pesava moralmente sobre o respectivo commandante, que não soubéra prevel-o e evital-o. A Companhia das Docas promptificou-se a fazer fluctuar o cruzador e, no dia seguinte, iniciava o serviço com pessoal habilitado.

O dr. Bernardino, logo que teve conhecimento da deserção da guarnição do *Centauro*, telegraphou ás autoridades policiaes de São Sebastião e Villa Bella, determinando a prisão dos tripulantes e pessoas que estivessem a bordo dos rebocadores *Mauro* e *Republica*, caso entrassem naquelles portos. Querendo conhecer de perto todas as circumstancias que rodearam a fuga do pessoal do aviso, embarcou elle, em trem especial, ás 4 horas da tarde, indo conferenciar com o commandante do districto, a quem prevenira da sua chegada.

Ás 11 horas da manhã recebeu o dr. Bernardino de Campos um despacho expedido pelo snr. João Fernandes, delegado de policia de São Sebastião, communicando terem os revoltosos passado ás 9 horas da manhã pelo canal de Toque-toque, em rumo do Rio, e a todo vapor, parecendo levar muita gente a bordo. A localidade, na occasião, estava sem elementos de defesa.

O delegado de policia não podia contar com a população, para repellir ou prender os rebeldes, por não estar para isso apparelhada.

Nesse sentido representou ao governo, pedindo forças para guarnecer o canal.

O delegado de policia de Villa Bella tambem assignalou a passagem dos rebocadores ás 9 horas da manhã. Essa autoridade, receosa de que os revoltosos se tivessem occultado em algum lugar, para mais tarde voltar e desembarcar durante a noite, tomou disposições no littoral, de modo a evitar que realizassem um desembarque. Sabe-se que na costa de Villa Bella é facilimo occultar-se qualquer embarcação, e pôr-se ao abrigo das vistas da cidade. Dahi o justo temor da autoridade.

No dia 9, ás 2 horas da tarde, embarcou para Santos a bateria de artilharia, a fim de reforçar a defesa da entrada da barra. Foi aquartelar no forte *Augusto*, fronteiro á fortaleza. Desse forte só existiam os restos das grossas muralhas, que o guarneceram antigamente, além de alguns galpões em ruinas.

O tenente João José de Lima, commandante dessa bateria, cuidou immediatamente de reparar com saccos de areia e fardos de alfafa as trincheiras desmanteladas, para servirem provisoriamente, até que fossem restaurados os antigos paredões.

Alli foram assentados dois canhões *Krupp* 7,5, da bateria, e mais tarde dois grossos *La Hitte* retirados do *Centauro*. Tambem na fortaleza estava sendo tudo aprestado, para o combate possivel e para o aquartelamento da tropa.

No dia 10 continuaram a ser executadas, sem interrupção, todas as providencias, anteriormente ordenadas, sobre movimentos de forças e seu abastecimento. O carvão era transportado para o Alto da Serra e para a capital, estando os depositos em Santos guardados por numerosas forças. O dr. Bueno de Andrada, alli em commissão, estava prompto a mandar inutilizar todo *stock* de carvão, caso fosse a cidade atacada pelos revoltosos, antes de ter sido feita a remoção total, a fim de que esse combustivel não servisse para accionar as caldeiras dos navios de guerra, em poder da força revoltada.

Os boatos fervilhavam, alarmando a população da cidade, que acreditava numa invasão.

No mesmo dia, o ministro do interior telegraphou ao dr. Bernardino, dizendo que a attitude dos revoltosos continuava indecisa. Nada occorrèra digno de nota e o governo tinha toma do todas as medidas que o caso exigia, para uma solução feliz, em favor da legalidade. Nesse dia, segundo o mesmo despacho, o Marechal Floriano sahira a cavallo com todo o seu estado-

maior, percorrendo os pontos fortificados do littoral e o arsenal de marinha, sendo em todo o trajecto victoriado pelo povo. Feita a inspecção, recolheu-se a palacio, onde assignou o decreto promulgando o *estado de sitio*, por 10 dias, na Capital Federal e Nitheroy, podendo o governo estender essa medida a qualquer outro ponto da Republica, si tal fosse necessario.

As noticias do Rio eram alarmantes, quanto á acção energica iniciada pelos revoltosos. Nitheroy fôra violentamente bombardeada todo o dia, sendo de preferencia visado, com disparos certeiros, o quartel de policia. Um desembarque que os revoltosos realizaram, protegidos pelos fogos dos navios, fôra repellido energicamente, deixando os marinheiros 25 mortos em terra.

Depois de bombardeio, á noite, foi reforçada a defesa daquella cidade com algumas baterias *Krupp*, e mais alguma tropa, enviada por terra.

Assim se providenciou para que os rebellados fossem rechassados em toda a linha, si tentassem um novo desembarque.

Essas noticias, espalhadas pelas folhas de Santos, eram lidas pelas tropas da guarnição do littoral e commentadas com grandes elogios aos intrepidos policiaes, defensores da cidade, que mais tarde foi chamada — *Invicta Nitheroy*.

Ás forças, que operavam na barra, serviu de lição e de estimulo a bravura dos defensores do littoral fluminense e, certamente, tambem em Santos seriam os revoltosos repellidos com a mesma intrepidez.

6.

A armada revoltada na bahia do Rio de Janeiro. — O corpo consular em Santos. — Defesa do canal. — Providencias para garantir a defesa da cidade. — A mocidade academica de São Paulo : — primeiro batalhão patriotico. — Recepção dos academicos no Rio. — Movimento patriotico em Santos e São Vicente. — Outros preparativos para defesa do porto. — Metralhadoras na alfandega de Santos.

O dia 11, quer para os revoltosos, quer para o governo, foi de relativa calma. O seguinte telegramma, expedido de manhã pelo Marechal, dá uma idéa approximada da situação em que se achavam, de uma e outra parte :

> « **Ao presidente do estado de São Paulo.** — A parte da armada revoltada, a cuja frente está, como sabeis, o almirante Custodio, está circumscrita ao porto onde tem praticado depredações, ferido e morto pessoas inermes do povo. Com este procedimento, outros mais tenebrosos e covardes devemos esperar de tão maus brazileiros.
>
> O governo, porém, cada vez mais fortalecido, emprega meios para não consentir que tanta perversidade triumphe. O governo agradece penhorado o vosso apoio e do povo paulistano, a quem saúda na pessoa de seu benemerito presidente.
>
> FLORIANO.

Diante dos preparativos bellicos e da actividade militar que, para defesa do porto, se notava em Santos, fazendo prevêr um ataque imminente da esquadra revoltada, alarmou-se o corpo consular estrangeiro residente naquella cidade. Seus membros deliberaram enviar um telegramma ao dr. Bernardino de Campos, por intermedio do presidente da Associação Commercial daquella praça.

Esse despacho foi redigido nestes termos :

> **Dr. Bernardino de Campos. — Presidente do estado.** — Corpo consular em reunião agora realizada, pede para, por vosso intermedio, ser transmittido com urgencia o seguinte telegramma aos seus respectivos ministros no Rio de Janeiro : — O movimento de força neste districto consular, e a voz publica, faz temer que seja esta cidade atacada por forças navaes revolucionarias, e a falta de navios de guerra estrangeiros motiva a reunião do corpo consular, para pedir instrucções aos seus superiores.
>
> TELLES.

Este despacho telegraphico foi assignado por todos os agentes consulares da cidade de Santos.

O telegramma foi incontinente transmittido ao Marechal Floriano, que o enviou ao ministro do exterior, para remetter copias aos respectivos pleniteponciarios.

A entrada do canal precisava de defesa mais efficaz do que a dos velhos canhões existentes, e das arruinadas muralhas da fortaleza.

O dr. Bernardino de Campos pediu fornecimento urgente de torpedos, para defesa do porto, por isso que não mais podia contar com o aviso *Centauro,* que fôra posto a pique, antes de estarem ultimados os preparativos de segurança. Garantia elle ao Marechal Floriano que, de posse dessas machinas de guerra, os revoltosos não entrariam em Santos, ainda que fossem em grande numero.

Para armal-as, estavam em Santos os engenheiros drs. Bueno de Andrada, Theodoro Sampaio, Gonzaga de Campos e Alipio Borba.

O Marechal respondeu não poder satisfazer a esse pedido, por não haver em deposito na occasião os apparelhos que São Paulo solicitava.

Quando o *Republica* e outros navios atacaram o porto de Santos nos dias 19 e 20 de setembro, ainda

não existiam minas submarinas, pela carencia do material necessario. Apenas uma linha de pontões, collocada á entrada da barra, simulava a existencia de qualquer providencia que impressionasse os atacantes. Pouco tempo depois, porém, tendo o presidente obtido os precisos elementos, foram estabelecidas tres formidaveis linhas de torpedos. A primeira, á entrada da barra, a segunda, em Conceiçãozinha e a terceira, em Outeirinhos, ao longo do canal. Eram minas que não impediam a navegação e que só podiam explodir por effeito de centelha electrica produzida por apparelhos collocados á beira do canal, portanto no momento opportuno escolhido pelos defensores do porto. Esses torpedos foram construidos pelos engenheiros Theodoro Sampaio, Bueno de Andrada, Gonzaga de Campos e Alipio Borba, achando-se sob a guarda e direcção permanente dos tres ultimos.

Sempre cauto e previdente, o dr. Bernardino nada negligenciava para assegurar a defesa do estado e privar os rebeldes de todos os elementos que lhes poudessem ser uteis, em caso de um golpe de mão sobre a cidade de Santos.

Para organização da resistencia, eram por elle previstas todas as circumstancias. Ao director da recebedoria de Santos, sr. Augusto Teixeira de Carvalho, deu elle, em telegramma, a seguinte ordem :

> Cumpre que tenhaes a maior precaução e vigilancia, quanto ao pessoal empregado nas lanchas do estado, no intuito de prevenir qualquer accidente ou malfeitoria. No caso de invasões, combinae com o coronel Jardim, retirada dellas para o fundo do canal.

O dia 11 devia ser de bons auspicios para o governo da Republica. Além do apoio dado pelo con-

gresso aos actos do Marechal Floriano, diante das emergencias provocadas pela revolta, teve elle ainda o apoio moral e material da juventude academica de São Paulo.

Ás 6 1/2 horas da tarde, a mocidade que frequentava o curso de direito, convidada por uma commissão de collegas, reuniu-se no Club Republicano. Aos academicos que alli appareceram, em numero elevado, foi lida pelo estudante Alberto Penteado, a seguinte eloquente moção, justificando os fins nobilissimos que tanto elevam e honram as tradições de gloria daquelle cenaculo de bravos :

> Os estudantes abaixo assignados, ante a dolorosa emergencia que atravessa a Patria brazileira, ferida em seus brios pela cartada aventureira da caudilhagem que, banida do coração nacional, refugiou-se por traz das torres dos encouraçados, cujos canhões, destinados a serem porta-voz dos sentimentos da dignidade nacional contra o inimigo estrangeiro, transformaram-se em expellidores das fezes da ambição contra a face da União, repellida pela constituição de 24 de fevereiro, pelos poderes constituidos e, quer, pela força, sobrepôr-se á nação e á Republica, affirmam inteira adhesão ao governo constitucional da Republica, declarando-se promptos para repellir pelas armas todos os assaltos á honra da Republica, tramados por esse grupo de marinheiros sem patriotismo e politicos ha muito broqueados na consciencia brazileira.
>
> Viva a Republica!
> Viva a Constituição de 24 de Fevereiro!
> Viva o Marechal Floriano!
> Viva o Dr. Bernardino de Campos!
> Viva o Exercito Nacional!
>
> Alberto Penteado.

Foi então indescritivel o enthusiasmo dos academicos de São Paulo! Todos queriam que se organizasse

um batalhão para correr em defesa da Patria, ameaçada de destruição pela horda ambiciosa. O estudante Gumercindo Ribas formulou uma proposta, que foi acceita com applausos, para ser organizado immediatamente, com as pessôas presentes, um batalhão patriotico. Sendo apresentada uma lista, foi ella coberta de assignaturas.

Sahindo do Club Republicano, seguiram os academicos incorporados em direcção ao palacio do governo, a fim de darem conhecimento da resolução tomada ao dr. Bernardino de Campos e pedir armas e munição a fim de embarcarem para o Rio, com a maior brevidade possivel.

O dr. Bernardino de Campos louvou o acto digno e a eloquente prova de patriotismo e amor á Republica, que a mocidade academica de São Paulo acabava de dar, acto que seria devidamente apreciado pelo Marechal Floriano e pelos republicanos de coração. Prometteu satisfazer o pedido dos moços, não só fornecendo o armamento preciso, como tambem facilitando meios de transporte.

Para o alistamento geral dos que se apresentaram, foi nomeada uma commissão composta dos estudantes Antonio da Silveira Xandó, Gumercindo Ribas e Pires de Oliveira.

Ao telegramma do presidente de São Paulo, communicando terem os estudantes ido a palacio pedir passagem para o Rio, onde iriam abnegadamente bater-se pela causa da Patria, ao lado do Marechal Floriano, contra os ataques criminosos dos navios de guerra revoltados, respondeu o presidente da Republica o seguinte :

> **Dr. Bernardino de Campos. — Presidente de São Paulo.** — Causou-me agradavel impressão o vosso telegramma de hoje (12), communicando a resolução dos estudantes de direito de virem combater ao meu lado pela causa da Patria. Desvaneceu-me o con-

curso de commandados de tal ordem. Na mocidade das escolas, a Republica tem tido e terá sempre defensores que não medem sacrificios, quando são necessarios seus serviços. Não me surprehendeu, portanto, a nobre resolução dos estudantes de São Paulo. *Viva a Republica.*

FLORIANO PEIXOTO.

Com razão devia o presidente da Republica sentir-se desvanecido. O apoio dessa brilhante pleiade, que espontaneamente offerecia seu sangue para espargil-o em defesa da Patria, ameaçada pela caudilhagem ávida, ambiciosa e sem patriotismo, tinha uma tal significação no momento critico por que passava a nação, que seria, por si só, capaz de levantar em massa o povo brazileiro, para repellir esse movimento revoltoso que nos envergonhava.

Foram dadas as providencias precisas para o embarque dos estudantes, que tinham de ir ao Rio pegar em armas em favor do governo. Para acompanhar os rapazes até o Rio, pediu o dr. Bernardino ao commandante do districto militar a designação de um official do exercito, tendo recahido a escolha no capitão do 10.° regimento de cavallaria, Argemiro da Costa Sampaio.

Estando marcada a partida dos moços para ás 5 horas da tarde desse dia, ás 4 reuniram-se os academicos no Largo do Palacio, onde já os aguardava enorme massa popular, para victorial-os.

Foram proferidos enthusiasticos e eloquentes discursos, concitando o povo a seguir o exemplo da mocidade briosa, que ia offerecer-se em holocausto á Patria.

O dr. Bernardino de Campos, de uma das janellas do palacio, em vibrante discurso, encorajou os jovens estudantes que partiam, dizendo-lhes que a Patria os abençoava, esperando o seu triumphal regresso para cobril-os de louros. Em seguida levantou vivas á Republica, ao Marechal Floriano e á mocidade academica, vivas que foram delirantemente correspondidos.

Ás 4 1/2, precedidos de uma banda de musica, partiram os estudantes em demanda da estação do Norte, onde deviam tomar o trem especial que tinha de conduzil-os ao Rio.

Ao desfilar por entre a masssa compacta de povo, que se agglomerava no largo e nas ruas adjacentes, foram os moços delirantemente victoriados.

Quando passavam, eram cobertos de flores pelas pessôas que, das janellas e das sacadas, assistiam ao desfile.

Na estação do Norte, antes do embarque, falou o distinto academico Gumercindo Ribas, com eloquencia e enthusiasmo, dirigindo ao povo as despedidas da patriotica mocidade.

Falou em seguida o illustre magistrado dr. Oliveira Ribeiro, ministro do Tribunal de Justiça, saudando a mocidade. Falaram tambem o dr. Fausto Ferraz e o academico Urbano de Vasconcellos.

No Rio tiveram uma bella e significativa recepção. A bancada paulista lá esteve, assim como todo o elemento official. A multidão os acclamava com esse phrenesi, com esse enthusiasmo communicativo que os actos de abnegação despertam nas massas populares.

Os academicos, depois de terem recebido o uniforme de panno, usado pelo exercito, passaram a receber instrucção militar no 1.° batalhão de linha. Já no dia 15, ás 4 horas da tarde, ostentando um distintivo no braço esquerdo, esses moços, que eram o futuro e a esperança da Patria, armados a *Comblain*, desfilaram pela rua do Ouvidor, recolhendo-se ao quartel.

Em sua passagem, o batalhão causou grande enthusiasmo e uma bella e magnifica impressão. Marchava com garbo e correcção, á cadencia da banda marcial que o precedia, guardando e enquadrando o auri-verde pendão da nossa Patria.

O capitão Argemiro, dispensado do commando,

regressou a São Paulo. Foram nomeados para o seu quadro: – commandante do batalhão, tenente coronel José Piedade; fiscal, major Filippe Bezerra Cavalcante e commandante da companhia, o capitão Pedro Coralino Pinto de Almeida.

Em Santos tambem era intensa a agitação patriotica. Os habitantes da cidade punham á disposição do governo sua vida e haveres. A officialidade da guarda nacional apresentou-se incorporada ao commandante do districto, offerecendo os serviços daquella milicia, nas rondas e vigilancia da cidade, emquanto as forças policiaes estivessem empregadas em operações de guerra, no littoral.

O coronel Jardim, deu sciencia desse nobre movimento e obteve do presidente do estado autorização para acceitar o offerecimento patriotico e espontaneo dos dignos officiaes. Providenciou immediatamente sobre a distribuição de fardamento e armamento necessario aos cidadãos, que voluntariamente attendessem ao appello dirigido ao povo, em boletim profusamente distribuido. Esse boletim era concebido nestes termos:

> **Appello patriotico.** — Convida-se aos cidadãos patriotas, em defesa da legalidade e da ordem publica, alteradas pelos acontecimentos da revolta de parte da marinha nacional, para se alistarem como voluntarios para o policiamento e garantia individual e da propriedade desta cidade, visto acharem-se todas as forças de promptidão no pontal da barra e outros pontos do littoral. Pede-se o comparecimento de todos os cidadãos ás 4 1/2 horas da tarde de hoje, no largo da Republica, n.° 95.
>
> Tancredo Oscar de Azevedo.
> José Gomes de Andrade.
> Constantino Xavier.
> José Quadros Pacheco.

A essa hora reuniram-se, no citado local, muitas pessôas promptas para se alistarem e prestarem serviços de segurança publica, demonstrando o maior enthusiasmo patriotico.

Identicamente procedeu a guarda nacional de São Vicente. O tenente coronel José Lopes dos Santos, residente naquella cidade, convocou uma reunião de officiaes da milicia nacional e propôz-lhes a organização de uma guarda civica composta de cidadãos alli domiciliados, para, a exemplo do que foi feito na vizinha cidade de Santos, prestar serviços de segurança, no intuito de acautelar a vida e a propriedade dos habitantes. Desse modo poderia ser dispensada a força policial, que iria reforçar a linha de defesa do porto.

O procedimento desinteressado e patriotico da briosa officialidade da guarda nacional de Santos e São Vicente, teve approvação plena em elogiosa ordem do dia do commandante superior, coronel José Proost de Souza. Convidados por elle, os bravos officiaes da milicia reuniram-se na séde do commando, ás 7 1/2 horas da noite de 13. Prestaram o compromisso respectivo e combinaram o melhor modo de dar organização definitiva aos corpos e a receber os innumeros voluntarios que affluiam, movidos pelo patriotismo.

O movimento patriotico da população do estado, como se vê, era intenso e largamente secundado pelas medidas acertadas que, para a segurança geral, tomava o dr. Bernardino de Campos. E' assim que, para tornar mais efficaz a defesa da cidade e da entrada do canal de Santos, determinou que se adquirissem todos os pontões e rebocadores de particulares, que estavam no porto. Os pontões eram destinados a obstruir a passagem. Essas providencias eram dadas em virtude da impossibilidade de se conseguirem os torpedos e as minas submarinas, que foram pedidas ao Marechal.

O dia 12 foi de relativa calma, tanto naquella praça militar como na capital.

Em Santos, salvo a lamentavel falta dos tão reclamados e necessarios torpedos, tudo estava ultimado para uma resistencia tenaz. Todo o littoral estava guarnecido com boas tropas; o canal, obstruido com pontões, e os canhões da fortaleza da barra e do forte *Augusto* já se achavam aprestados e guarnecidos.

Devido aos incessantes boatos da sahida dos navios revoltosos, que estavam na bahia do Rio e do ataque a Santos, tambem o 10.° regimento de cavallaria teve de marchar da capital para alli, onde seus serviços eram mais necessarios.

O coronel Jardim, depois de haver aquartelado esse regimento, declarára completa a defesa do porto. Escreveu ao presidente do estado dizendo que, si julgasse necessaria a vinda de reforço da capital, poderia providenciar no tempo que decorresse entre a sahida dos revoltosos do Rio e sua presença naquelle porto.

Pedia, porém, mais armamento para a guarda nacional daquella cidade e de São Vicente e cunhetes de munição *Minié*, de que precisava para municial-as.

Communicava o commandante do districto ao presidente do estado que na alfandega existiam varias metralhadoras, pertencentes a particulares, e que para retiral-as precisava que soubesse a quem eram consignados os volumes que as continham, sua quantidade, data e o vapor que os transportaram, sem o que não seria facil encontral-os.

Essas machinas de guerra deram entrada na alfandega, naturalmente consignadas a quem tinha interesse na victoria da revolta, ou talvez na mudança da fórma de governo, que regia os destinos do Brazil. Provavelmente foram armazenadas como machinas agricolas. Seja como fôr, houve difficuldade em retirar da alfandega esses armamentos bellicos.

O. dr. Bernardino insistiu com o ministro da fazenda pela autorização da entrega immediata do armamento, que se achava na alfandega, quer os de particulares quer os do governo. Os dos particulares, cuja sahida havia sido impedida, foram adquiridos pelo governo, para armar as forças patrioticas que se reuniram.

7.

Adhesões da flotilha do Alto Uruguay e do " Tiradentes ". — Navios de guerra á vista de S. Sabastião. — Noticias da revolta. — A resistencia na cidade de Santos. — Bombardeio da Capital Federal. — Navios de guerra nas proximidades do porto de Santos. — Força publica e guarda nacional em Jundiahy. — " Meeting " patriotico em Santos. — Moção do Congresso Federal.

No Rio continuava a indecisão por parte da esquadra rebellada, e as adhesões ao Marechal Floriano eram innumeras e se verificavam diariamente, contando-se entre ellas, como mais importante, a dos officiaes da flotilha do Alto Uruguay e do *Tiradentes*, que se achava em Montevidéo. Desses officiaes o governo não estava seguro, por não ter tido delles, até então, nenhuma noticia. Todos telegrapharam ao Marechal, testemunhando ao governo legal inteiro apoio e declarando-se promptos a entrar em acção, quando o governo ordenasse.

Em Santos, de manhã, não occorreu novidade alguma digna de nota, mas á tarde constou que dois navios de guerra foram vistos nas proximidades de São Sebastião, parecendo ser um delles o *Javary*. Essas noticias não atemorizaram aos encarregados da defesa. A guarnição estava bem disposta, alerta e prompta para entrar em lucta. O povo da cidade, mais tranquillo, confiava na acção do governo, que não descurava da defesa do porto e tinha esperança que as hostilidades breve cessassem.

Os telegrammas do Marechal Floriano e do dr. Bernardino, dirigidos ao commandante do districto, eram affixados nas redacções dos jornaes e ávidamente lidos pelo povo que, após a leitura, prorompia em freneticas acclamações aos signatarios e á Republica.

A salvação da cidade de Santos era a constante preoccupação do dr. Bernardino, que não queria que essa joia do estado, tão cobiçada pela horda revolucionaria, lhe cahisse nas mãos ambiciosas. As suas vistas, sem negligenciar outros pontos, estavam sempre voltadas para aquella cidade, onde continuava a accumular elementos de resistencia, tirando para isso o que podia da guarnição da capital.

Neste intuito teve ordem de marchar para Santos o corpo de bombeiros, armado e equipado em infantaria, sob o commando do tenente coronel José Carlos da Silva Telles, que assim tambem se incorporou ás forças do coronel José Jardim. Para attender a casos de incendio na capital, ficou um destacamento do mesmo corpo, ao mando do major Alfredo José Martins de Araujo.

As noticias chegadas do Rio, sobre a acção dos revoltosos, sempre faziam vibrar intensamente de indignação a alma paulista. Nas ruas faziam-se manifestações de apoio enthusiastico ao governo central. Assim aconteceu após a communicação do Marechal, expedida pela manhã, dando a conhecer a gravidade da situação na Capital Federal, que estava sendo bombardeada pelos navios.

Os navios revoltosos romperam fogo contra a fortaleza de Santa Cruz e contra a cidade, damnificando diversos edificios e sacrificando vidas.

Na barra de Santos, navio algum havia surgido, parecendo ser destituida de fundamento a noticia circulada, com visos de verdade, de se acharem á vista dois navios de guerra. Pela tarde, porém, teve o coronel Jardim informação de que, não dois, mas tres vasos de guerra estavam fundeados fóra, um dos quaes batia o pavilhão portuguez.

O capitão-tenente João Antonio Soares Dutra, que na occasião se achava em Santos em serviço para fazer fluctuar o *Centauro*, em conversa com o com-

mandante das forças em operações, affirmára que só poderiam tentar transpôr a barra do Rio o *Republica* e a torpedeira *Marcilio Dias*, e que talvez esses mesmos não poudessem conseguir, sem graves avarias, á vista das fortalezas que guardavam a barra.

A officialidade do 2.º batalhão da força publica, que se achava em Jundiahy, impaciente pela inercia a que era forçada, emquanto seus camaradas de outros corpos enfrentavam o perigo onde elle podia apparecer, pedira ao coronel Siqueira de Moraes, commandante superior da guarda nacional daquella cidade, que intercedesse junto ao governo do estado para que houvesse ordem de marcha para o batalhão.

O coronel Moraes, desempenhando-se dessa patriotica incumbencia, telegraphou ao dr. Bernardino de Campos, declarando que a guarda nacional de seu commando estava prompta para substituir no serviço local o 2.º batalhão, que ainda alli se achava aguardando ordens, podendo tambem fornecer contingentes para onde o governo determinasse.

A população da cidade de Santos, pela natureza do seu commercio, sempre entregue a um constante labor, e por isso mesmo avessa a manifestações ruidosas, não poude, entretanto, guardar reserva diante da critica situação que atravessava o paiz. Os olhos tòrvos da suspeita pesavam continuamente sobre o pacifico e laborioso povo, que era então estorvado pela acção dos revoltosos, que tudo impediam e desorganizavam. Foi por isso que elle em massa formidavel, reuniu-se em *meeting*, para dar uma idéa de sua força e um exemplo de civismo.

Os drs. Galleão Carvalhal, deputado estadual, e Antonio Carlos da Silva Telles, presidente da associação commercial de Santos, telegrapharam ao dr. Bernardino, referindo que no theatro *Guarany* daquella

cidade, ás 8 horas da noite, o povo realizára um *meeting*, no qual, depois de terem usado da palavra varios eloquentes oradores, foi fundamentada e approvada a seguinte moção :

> O povo de Santos, defensor incondicional das instituições republicanas, ante a dolorosa emergencia que atravessa a Patria brazileira, affirma o seu apoio leal e dedicado para defesa da honra nacional e para a manutenção da ordem, condemnando patrioticamente o movimento revoltoso de uma parte da armada, assegura a sua adhesão sincera ao governo legal, presidido pelo bravo Marechal Floriano Peixoto.

O altruismo do povo brazileiro não quiz que o patriotico *meeting* se dissolvesse, sem lhe dar um cunho altamente philantropico e moral. Alguem lembrou-se de propòr que se angariasse das pessòas presentes um óbulo para offerecer a uma senhora, que no Rio cahira gravemente ferida, por occasião de um dos bombardeios. Era bastante conhecido o doloroso desastre, occasionado pela mortifera granada que explodira, ferindo a pobre mulher. Um panno estendido e mantido por quatro pessoas, que lhe seguravam as pontas, servira para recolher as offertas, que foram abundantes e valiosas.

Assim, dentro em pouco, a laboriosa população de Santos tinha concorrido para dois fins nobilissimos : assegurar o seu apoio incondicional á legalidade e soccorrer pecuniariamente uma victima imbelle da sanha sanguinaria dos revoltosos.

Ainda uma vez, dentro de poucos dias, se destruira mais um aleive lançado aos paulistas, – o de não serem francamente fieis á legalidade. Com effeito, não havia muitos dias que se affirmára ser intenção dos revoltosos apossarem-se de Santos, para prestar mão forte á revolução que devia estalar em São Paulo.

Essa grande demonstração de lealdade do povo de Santos, realizada numa praça publica, veiu pôr termo final a essas suspeitas.

No dia 14, conforme telegrammas officiaes do Rio, a esquadra revoltada cessára o bombardeio desde a vespera á tarde, só recomeçando á entrada da noite.

O congresso federal approvou nesse dia duas moções, sendo uma de inteiro apoio ao vice-presidente da Republica, diante das emergencias da occasião, e outra profligando severamente a criminosa attitude dos revoltosos.

Eis, na integra, uma das vibrantes moções :

A' Nação. — Perante o desatino de uma ambição tresloucada, que, illudindo uma parte da força naval, ataca a Capital Federal, barateando o sangue de seus concidadãos, o senado federal, pelos seus representantes abaixo assignados, faz votos pelo triumpho dos que sustentam a constituição e o governo estabelecido. E si, por desgraça, os sublevados dominarem esta Capital, os representantes da União federal invocam o patriotismo dos estados, que se levantem em massa para esmagar e castigar os inimigos da Patria.

III

A defesa de Santos.

(Continuação.)

I.

Captura dos desertores do "Centauro". — Expedição contra os rebocadores "Republica" e "Mauro". — Revoltosos que se apresentam ás autoridades legaes.

No dia 15 de setembro, pela manhã, um despacho do delegado de Villa Bella trazia a sensacional noticia da captura dos rebocadores *Republica* e *Mauro*, que conduziam os desertores da guarnição do *Centauro*. Não tendo podido os fugitivos desembarcar em São Sebastião como pretendiam, porque a autoridade policial guarnecêra todo o littoral com populares armados, dirigiram-se para Villa-Bella, onde, ao tentarem pôr pé em terra, foram aprisionados pelo delegado de policia, que dirigia a defesa.

Toda a tripulação foi então capturada e mais cinco revoltosos do *Centauro*. A população, segundo informava o delegado ao dr. Bernardino de Campos e ao chefe de policia, temia que essa gente desordeira fugisse, emquanto era guardada. A guarda dos rebocadores foi confiada a alguns civis de bôa vontade, que eram acompanhados, em cada rebocador, por um soldado.

Logo que o coronel Jardim teve conhecimento de se acharem os rebocadores nas aguas de São Sebastião, enviou o vapor *Commandante Alvim*, levando 30 praças do 3.° batalhão, commandadas pelo alferes Anastacio

de Andrade Lima. A expedição foi confiada ao capitão tenente João Antonio Soares Dutra, que viéra a Santos, como ficou dito, em serviço da marinha de guerra.

Acompanhava essa arriscada expedição, como representante do quartel general, o ajudante de campo do coronel Jardim, tenente Gasparino do Castro Carneiro Leão e, representando o presidente do estado, o engenheiro dr. Bueno de Andrada.

Esse vapôr não poude desempenhar-se dessa commissão, por ter tido avarias, sendo forçado a arribar em São Sebastião.

Pela barra da Bertioga, seguiu tambem para o mesmo fim o rebocador *Conceição*, levando a bordo 30 praças do 3.º batalhão de policia, commandadas pelo tenente Themistocles Paraguassú dos Santos. Esta expedição chegou tarde demais, não podendo prestar nenhum auxilio á autoridade, e foi reunir-se ao *Alvim*, em Villa Bella, de onde regressou, conduzindo os desertores do aviso, para serem apresentados ao quartel general.

Tres dias e tres noites estiveram vigilantes as autoridades de São Sebastião, acompanhadas pelos habitantes da cidade que, armados e decididos, aguardavam o desembarque dos fugitivos para lhes dar combate ou captural-os.

Apesar dessa vigilancias não pouderam impedir que quatro desses homens desembarcassem no littoral. Eram elles : – o tenente João Fagundes Lins e tres marinheiros da guarnição do *Centauro*. Esses homens apresentaram-se ao delegado de policia, que os mandou recolher presos, fazendo as necessarias communicações.

Esse official, pela sua attitude humilde, mostrando em suas faces pallidas os traços do arrependimento, conseguiu commover a população daquella cidade. Os homens que estiveram em armas, capazes dos maiores heroismos em azada occasião, bons e simples, juntaram-se ao promotor publico, dr. Nicoláo Lobo Vianna,

para conseguirem do dr. Bernardino de Campos protecção a esse official que, num momento de desvario, esquecèra os laços de disciplina que o prendiam ao governo constituido.

Dizia o promotor publico, em seu telegramma, que o tenente queria obter meios de transporte para ir a Santos apresentar-se ao capitão do porto. E accrescentava : *A grandeza de vossa alma não se negará ao appello que vos faço.*

O dr. Bernardino, em sua resposta, louvou e agradeceu os serviços das autoridades locaes e do povo, que muito contribuiram para o bom exito da diligencia, promettendo pedir clemencia para o fugitivo official.

Mandou que fosse o tenente Lins entregue ao capitão-tenente Dutra, seu superior hierarchico, que para alli seguira.

O cruzador *Centauro,* apesar dos esforços empregados pelo capitão-tenente Dutra e commandante Brito, que o ministro da marinha designára para seu auxiliar, continuava no fundo do canal, emquanto o tenente Reis, causador desse lamentavel delicto, ficára na Ilha Grande, com 14 marinheiros da guarnição.

Isso mesmo foi declarado pelo tenente Fagundes Lins, quando preso em São Sebastião, onde, como já vimos, conseguiu desembarcar com tres marinheiros, no intuito de atravessar o continente, passando pela Bertioga, para ir apresentar-se ao capitão do porto.

Os rebocadores não pouderam aportar em São Sebastião, devido ao violento temporal que reinava no canal. Os tripulantes, moralmente abalados pelo abandono de seus superiores, que agora desertavam, não mais do serviço da marinha, mas dos proprios subalternos e companheiros, - que haviam arrastado para um crime politico, militar e de lesa-patria, - hastearam a bandeira branca, a bandeira da misericordia, e

aproaram para Villa Bella onde foram, sem resistencia, capturados pela policia local.

Triste epilogo de uma innominavel traição!...

Informou o delegado de policia daquella cidade, sr. João Fernandes, ao dr. Bernardino de Campos, que, tendo seguido para o posto telephonico de Boyssucanga, distante legua e meia da cidade, onde esperava prender os marinheiros, recebêra em caminho um chamado do tenente Lins, que se achava occulto em uma casa das immediações.

Alli foi encontrado aquelle official de marinha, que pediu para ser apresentado ao capitão do porto, a quem queria dar explicações sobre o seu procedimento. O delegado de policia conservou-o preso em sua propria residencia, até que foi entregue ao capitão Dutra, encarregado de escoltal-o.

O tenente Lins declarou que, depois de ter deixado o tenente Reis Junior e a maior parte da guarnição, regressava com os rebocadores, na firme intenção de ir a Santos apresentar-se ás autoridades legaes.

2.

Falta de informações do Rio. — Previdencia do dr. Bernardino de Campos. — As forças paulistas na linha de defesa. — Sahida de navios revoltosos do porto de Guanabara. — Seu objectivo provavel. — O commandante do districto considera sufficiente a defesa de Santos. — Transferencia dos marinheiros presos em Santos. — Reforços para a defesa do porto. — Officiaes de marinha em transito por São Paulo.

Havia de parte do governo federal uma certa esquivança em informar o governo de S. Paulo do que se passava no Rio. Aos reiterados pedidos de informação, respondia o mais pesado silencio! Para o dr. Bernardino, que primava, como patriota e como presidente, em dar apoio sincero á legalidade, esta situação era extremamente penosa e intoleravel. Como precisasse conhecer a situação para providenciar com tempo, procurava, meios de obter essas necessarias informações, sem despertar susceptibilidades. Antes, porém, ao proprio Marechal, pediu noticias sobre as operações dos revoltosos, fazendo-lhe sentir a necessidade que tinha das informações que elle dava regularmente ao coronel Jardim. Era preciso prevenir o caso da possibilidade de ser interceptado o telegrapho submarino, em algum ponto da costa, ficando assim a praça militar de Santos sem noticias do movimento geral ou de sahidas de navios de guerra do porto do Rio. Com admiravel tino o presidente de São Paulo tudo previa e tudo prevenia. Mais uma vez vemos, e outras tantas ainda veremos, que ninguem, mais que o dr. Bernardino de Campos demonstrou nessa ingloria campanha, tanta abnegação, tanto patriotismo, tanta lealdade.

Defensor extrenuo da legalidade, nada poupava para sustentar no poder o Marechal Floriano, contra

cujo governo se voltavam os canhões da esquadra rebellada.

Por isso, tudo o que não lhe permittia agir com rapidez, para chegar ao fim que se propoz, era um obstaculo que elle afastava irremissivelmente. Não queria que a mais insignificante circumstancia fosse desprezada, para não prejudicar o conjunto da defesa de Santos. Era com esse nobre intento que elle instava com o governo da União, para de tudo ser informado. A falta de noticias officiaes acarretava morosidade no serviço de abastecimento e perturbação na convergencia de esforços, para o fim de repellir um possivel ataque ao mais importante porto do estado.

A convergencia de vistas, que sempre reinou entre o presidente do estado e o commandante do districto, desde o começo da lucta, trazia, para segurança do porto, a cohesão das tropas e a uniformidade na execução dos planos concebidos, segundo as ordens dadas pelo coronel Jardim, depois de prévia combinação com o dr. Bernardino.

Tambem com o dr. Theodoro de Carvalho, activo chefe de policia, e com o coronel Innocencio Ferraz, commandante geral da força publica, ficou combinado, (para que esses planos não fossem desorganizados) que as forças postas á disposição do commandante do districto não tivessem destino differente daquelle que lhes estava assignalado, de antemão, na linha de defesa. Essas forças, uma vez entregues ao commando do districto, ficavam sob sua inteira e unica responsabilidade. Já o coronel Jardim fizéra sentir em telegramma, que todo movimento de tropa perturbava a tranquillidade publica, alarmando o povo e fornecendo assumpto para os mais inacceitaveis boatos sobre a imminencia de um ataque á cidade.

Nessa noite de 16, o coronel Jardim transmittiu ao

presidente do estado uma communicação que recebêra do Marechal, avisando-o de que o *Republica* e um outro navio pareciam ter conseguido forçar a barra, tomando rumo do sul.

Essa noticia, logo confirmada, causou, como era facil de prever, enorme anciedade na população de Santos e da capital, que considerava inevitavel o ataque e a tomada de Santos. Constava que os revoltosos estavam desprovidos de mantimentos e de carvão e que, para se abastecerem, nada os deteria na sua faina sangrenta e destruidora.

Sendo certo tambem que o objectivo principal dos revoltosos era obter uma base de operações, naturalmente suas vistas deviam ter-se voltado para a cidade de Santos.

Em nenhum outro ponto melhor abrigo encontraria a esquadra revoltada; e nem mais digna e importante capital para um governo provisorio.

Laboravam comtudo em completa illusão, quando esperavam que a cidade paulista fosse uma presa facil. A defesa alli accumulada pelo patriotismo do dr. Bernardino era uma insuperavel barreira, com que os revoltosos, por certo, não contavam. Mas, mesmo que conseguissem tomar pé em Santos, depois de tenacissima resistencia, ficariam desenganados na pretenção de tudo alli obter, porque a previdencia do dr. Bernardino afastára do porto, quanto lhes poudesse servir para continuar a hostilizar o Marechal Floriano Peixoto. O carvão (dez mil toneladas) tinha sido transportado para o Alto da Serra e para a capital: o pouco que não teve o mesmo destino seria destruido pelo dr. Bueno de Andrada, que lá se achava vigilante e activo, cooperando com o governo nos preparativos de defesa.

Nenhuma duvida poderia existir no espirito dos dirigentes, quanto á inexpugnabilidade do porto de Santos, porque todos estavam ao par dos esforços do

Governo no intuito de assegurar a defesa da barra.

O proprio commandante do districto, encarregado da direcção das operações, assegurou ao dr. Bernardino que a defesa estava preparada para repellir qualquer ataque dos revolucionarios. Além disso, era sabido que o presidente não hesitaria, quando houvesse perigo, em desfalcar a guarnição da capital para reforçar os pontos ameaçados.

A força da capital estava descansada e fresca, bem apparelhada para entrar em acção, quando fosse chamada. Para conduzil-a, estavam sempre promptos e de sobreaviso os trens especiaes, que a collocariam em Santos dentro de tres horas apenas.

No afan de afastar tudo o que poudesse, no momento decisivo, causar alguns embaraços na acção e na mobilidade da tropa, a solicitude do dr. Bernardino fazia-lhe occorer providencias que a outros, mesmo a militares, talvez se não apresentassem.

Achou elle, e com razão, que a permanencia em Santos dos marinheiros presos (os da guarnição do *Centauro*) poderia occasionar, no momento decisivo da acção, inconvenientes complicações para o serviço. Por isso fez lembrar ao coronel Jardim a conveniencia de os transferir, escoltados, para São Paulo, de onde seriam enviados para o Rio. Mais tarde esses marinheiros tiveram liberdade, sendo incorporados a uma bateria de artilheiros que marchavam para a fronteira.

No dia 17, o coronel Jardim, que na vespera julgava desnecessaria nova remessa de forças, achando sufficientes as que já estavam em Santos, diante das noticias de sahida de vasos de guerra, pediu reforço. Para attender a esse pedido, seguiram contingentes do 2.° batalhão e do 5.° e, no dia seguinte, desceu o resto do 2.°, com todo o seu effectivo e officiaes. Assim aquartelou em Santos todo o 2.° batalhão, o que satisfazia aos instantes pedidos do respectivo commandante, tenente coronel Alberto de Barros.

Do Rio continuava a não haver noticias officiaes, o que sobremodo difficultava a acção das autoridades em São Paulo.

No dia 18, sem nenhuma communicação prévia, appareceram na secretaria de palacio, fazendo varias requisições, dois homens que se diziam officiaes de marinha, em missão especial do Marechal Floriano.

Naturalmente não podiam ser attendidos, sem que o governo federal confirmasse as suas asserções, porque nem mesmo ao dr. Bernardino de Campos que os recebêra, havia o Marechal Floriano dado sciencia daquella missão. Esses homens, que assim se apresentavam, bem podiam ser emissarios dos revoltosos, que audaciosamente se arriscaram até a capital e compareciam á presença do chefe do estado, para prevenir suspeitas.

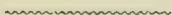
Ainda desta vez teve o presidente de São Paulo de provocar informações do governo central, para esclarecel-o sobre a missão que confiára a esses officiaes. Solicitava informações claras e positivas sobre esses inesperados emissarios, e tambem instrucções, para que lhe fosse dado agir, no sentido de tudo poder facilitar, para que tal missão tivesse completo exito.

Espiritos malevolos insinuavam ao Marechal que o governo de São Paulo procedia com deslealdade. O Marechal fôra informado, de que alguns dias antes de rebentar a revolta da armada, emissarios idos de São Paulo conferenciaram no Rio com os chefes da rebellião.

Tal facto era absolutamente desconhecido da policia de São Paulo.

Os dois officiaes de marinha, que se apresentaram ao presidente do estado, eram os capitães-tenente Wanderley e Baptista das Neves; traziam recommendações reservadas do Marechal ao presidente de São Paulo, para que este os fizesse embarcar como simples passageiros, occultando-lhes a qualidade de militar, no pri-

meiro transatlantico que passasse por Santos, rumo do Rio da Prata. Esses dois officiaes iam assumir os commandos do couraçado *Bahia* e do cruzador *Tiradentes*, a fim de impedir que as guarnições adherissem á revolta.

A commissão teve o devido desempenho, com o auxilio prestado por S. Paulo.

3.

Solicitude do presidente de São Paulo pelos batalhões patrioticos. — As autoridades policiaes de São Paulo. — Organização de guardas civicas e aprovisionamento das phalanges patrioticas. — Ameaça ao porto de Santos. — Conselho de officiaes com a presença do dr. Bernardino de Campos. — Providencias indicadas pelo presidente do estado. — Navios revoltados á vista de Santos. — Os primeiros disparos. — Inicio de combate entre as forças de terra e de mar. — Retirada dos navios revoltosos.

O presidente de São Paulo, mesmo assoberbado pelos multiplos cuidados que a defesa do estado impunha, e pelo apoio moral e material que prestava lealmente ao presidente da Republica, não descurava um só momento daquelles que, ao seu appello, vinham formar as phalanges que se batiam pela legalidade. E' assim que, faltando-lhe noticias do batalhão academico, que enviára para o Rio, mandou pedir ao deputado Costa Junior que fosse ao quartel, onde se alojára, para verificar com interesse si não havia entre os academicos algum doente, podendo nesse caso prestar assistencia por conta do governo de São Paulo. Desejava saber si estavam bem alojados e alimentados e si não careciam de auxilio de qualquer natureza.

O senador dr. Alfredo Ellis, que tambem visitára o batalhão no quartel, enviou um despacho ao dr. Bernardino, tranquillizando-o e affirmando que elle de nada precisava.

As autoridades de São Paulo, que tinham parte directa na administração publica, não ficavam um só instante inactivas. No serviço de pesquisas, prevenções e segurança publica, numa situação difficil, pelo estado de sobreexcitação em que se achavam os ani-

mos, lá estava o espirito clarividente do dr. Theodoro de Carvalho, tudo prevendo com sua acção prompta e efficaz. Sobre o policiamento do interior, que desejava, fosse perfeito, tanto quanto possivel, exercia elle salutar e activa vigilancia : aos delegados de policia nada faltava que poudesse empecer-lhes a força moral em sua jurisdicção.

As guardas civicas que, em todas as cidades do interior foram criadas, em consequencia da retirada dos destacamentos da força publica, eram providas com as armas disponiveis, existentes nas arrecadações; e, quando estas não bastaram, foram adquiridas as que existiam nas casas commerciaes.

Para armar as phalanges patrioticas, que se congregavam com elementos de escól, destinadas a cercar o governo de São Paulo de todo apoio e prestigio, teve de recorrer aos bons officios do coronel Jardim, para obter do ministerio da guerra entrega de todo o armamento detido na alfandega de Santos, ainda que mais tarde tivesse de indemnizar os proprietarios desse material bellico.

O commandante geral da força publica, coronel Innocencio Ferraz, multiplicava tambem as suas providencias, para que os contingentes pedidos fossem promptamente enviados aos pontos em que elles se faziam necessarios.

O dia 18 foi de angustias para a população de Santos, que esperava vêr surgir, de um momento para outro, ameaçadores e terriveis, os canhões do *Republica*, que já demandava as aguas daquelle porto.

Sua passagem, ás 3 horas da tarde, por São Sebastião, havia sido assignalada.

As informações vindas a noite transformaram as angustias em terror. Sabia-se que, além do cruzador *Republica*, mais uma canhoneira e dois frigorificos armados em guerra, tinham forçado a barra do Rio,

protegidos pelas formidaveis couraças do *Aquidaban*, que offerecêra todo o seu costado ao fogo violento da fortaleza de Santa Cruz.

O porto de Santos estava ameaçado por quatro navios da armada revoltada, e na imminencia de um ataque nessa mesma noite, ou pela madrugada do dia seguinte.

Difficil e certamente trabalhosa seria a defesa da cidade e do porto, ainda mais aggravada pela situação critica da população, excessivamente alarmada com as consequencias que adviriam, si houvesse, como se presumia, um bombardeio da cidade.

Logo que os jornaes affixaram boletins, pondo a população de sobreaviso, as familias santistas trataram de abandonar a cidade, embarcando para a capital e localidades vizinhas, abarrotando os trens e utilizando-se, como acontecêra no Rio, de toda especie de vehiculos.

A artilharia, existente na linha de defesa, não era sufficiente para nutrir o fogo sobre varias unidades de guerra ao mesmo tempo. Si se desse o facto mui provavel dos quatro navios se apresentarem ao mesmo tempo, havia perigo de serem as boccas de fogo reduzidas a silencio. Tal era a opinião emittida pelos officiaes que exerciam commando, reunidos em conselho pelo coronel Jardim.

Ao conselho esteve presente, tomando parte, o dr. Bernardino de Campos, que já se achava em Santos, hospedado no quartel general.

Reconhecendo embora os commandantes ahi reunidos a insufficiencia dos meios de defesa da praça, diante da artilharia de bordo, declararam solennemente que, solidarios, elles e as suas tropas, cumpririam os seus deveres até á ultima extremidade, quaesquer que fossem as eventualidades da lucta.

Para prevenir esse perigo, o coronel Jardim pediu ao dr. Bernardino que instasse com o Marechal pela ida de mais artilharia, com a respectiva guarnição.

O presidente do estado regressou para a capital nesse mesmo dia e d'alli pediu, com a urgencia que a situação requeria, o reforço solicitado; e in-continenti, para que não fosse surprehendida a linha de defesa do porto, telegraphou ao coronel Jardim, lembrando as seguintes providencias :

> « **Coronel Jardim. — Commandante do districto. — Santos.** — Pode haver intenção de tomar a fortaleza pelos fundos, por terra, desembarcando na Praia do Góes ou em frente á Moéla. Em terra, convém esmagal-os com a vossa infantaria.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

Em outro despacho, expedido no mesmo dia, additou ás suas primeiras instrucções as que aconselhava evitar toda communicação de terra para o mar. E accrescentava : « Attenda São Vicente e praia da Conceição. Sigo para lá, no trem da tarde, amanhã ». De facto seguiu para Santos, assistindo em companhia do coronel Jardim, do forte *Augusto*, ao combate da manhã de 20.

No dia 19 de manhã, o presidente do estado recebeu do coronel Jardim o seguinte telegramma sobre a presença do *Republica* na entrada da barra :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo.** — De Monte Serrate tenho aviso de estar fundeado em Ponta Grossa um navio grande com mastaréus arreados e postados do lado de terra. A bordo nota-se movimento exagerado de pessoal. Penso ser o *Republica*, que, como já vos disse, passou ás 3 horas da tarde por São Sebastião, vindo então fundear em Ponta Grossa, que não é longe da nossa barra. Provavelmente espera pelos outros que forçaram a barra, para encetar qualquer operação. O navio põe-se em movimento. Estamos alérta.
>
> CORONEL JOSÉ JARDIM.

Após essa communicação veiu em seguida outra, dizendo que o *Pallas* fundeára ás sete horas da manhã em São Sebastião.

O *Republica* bordejou por algum tempo, evidentemente para lobrigar as posições das tropas legaes, e depois ancorou á altura da ponta do Itaipú, parecendo trazer içado o pavilhão do almirante chefe da revolta.

Verificado ficou que commandava a esquadrilha revoltosa o capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena e que o commandante do *Republica* era o capitão-tenente Candido dos Santos Lara.

Custodio de Mello, veiu a saber-se, não estava a bordo desse cruzador.

Em terra tudo estava preparado para a defesa. Logo que o navio lançou ferro, foi arreado um escaler que aproou para a terra, dirigindo-se para a Praia do Góes, entre a fortaleza e a Ponta Grossa. Tendo encontrado, antes de attingir a margem, uma canôa de pescadores, aprisionou-a, levando-a até o cruzador, para cujo bordo içaram um dos tripulantes.

O bravo tenente Lima, commandante do forte *Augusto*, diante da audacia dos rebellados, não se conteve e mandou disparar dois tiros de peça contra o navio, apesar de estar fóra do alcance de sua artilharia. Do cruzador partiu tambem um tiro, em resposta, indo a bala cahir no mar, a pouca distancia da praia, onde o tenente-coronel Alberto de Barros estava dando instrucção ao 2.° batalhão de seu commando.

O jacto de agua, levantado com a violenta explosão veiu respingar as fileiras, pondo á prova o valor e a coragem desses soldados paulistas, em cujos semblantes não se notou, conforme testemunharam os respectivos officiaes, a menor commoção que indicasse medo.

Antes desse disparo, havia o *Republica* feito um outro de intimação a um rebocador, que conduzia um navio de véla fóra do porto, para que retrocedesse.

Parecia assim confirmar-se o boato corrente do bloqueio do porto de Santos, pelos navios revoltosos.

Durante a noite de 19 e madrugada de 20, o *Republica* conservou-se no mesmo lugar, como si estivesse alli para auxiliar as fortalezas na defesa da barra, papel que na realidade devia caber ao *Centauro*, que os marinheiros desertores haviam lançado no fundo do mar, á entrada do canal.

Na manhã de 20, pelas 7 1/2 horas, surgiu bruscamente, sahindo de traz da Ilha das Palmas, o frigorifico *Pallas*, convertido em transporte de guerra, parecendo querer tomar a Ponta Grossa, para entrar no canal.

Apropu para o *Republica*, depois de ter com elle trocado varios signaes, fundeando a pequena distancia. Entre os dois navios estabeleceu-se um continuo vaivem de escaleres, conduzindo officiaes.

A's 8 horas e 1/2 içaram para bordo os escaleres e cessaram as communicações. O mar estava agitadissimo nesse momento e de terra podia-se notar a violencia com que eram sacudidos os navios, principalmente o *Republica*, que ancorára num lugar desfavoravel, muito batido pelas vagas que refluiam da ponta do Itaipú.

A's 9 horas e 1/2 em ponto um penacho de fumo elevou-se bruscamente do *Republica* e, em seguida, um silvo cheio, prolongado, denunciou a trajectoria de uma bala de canhão de grosso calibre. Era dirigido á fortaleza.

Apesar de não ser inesperado o ataque, mesmo após um silencio tão prolongado, a resposta de terra não se fez esperar. Antes que os canhões de bordo despejassem novamente o seu bojo, uma bala de Krupp, enviada da fortaleza, ia cahir a pouca distancia do cruzador.

Do forte *Augusto* outro disparo foi feito, em auxilio da fortaleza. Estava iniciado, e bem, o combate. Con-

tinuou, entre o *Republica* e a defesa do canal, um fogo nutrido, violento, mas sem effeito algum, porque os tiros disparados de terra não attingiam o couraçado, e os deste passavam por cima da fortaleza e do forte, indo descorôar as bellas palmeiras de que é abundante a barra de Santos.

O mar sacudia o couraçado tão horrivelmente que as balas, lançadas pelos seus grossos canhões, não podiam tocar o alvo, por ser a direcção prèjudicada no sentido vertical.

A' distancia em que se achava, o navio não seria mesmo alcançado pela artilharia de terra, simples bateria de campanha, munida de Krupp 7,5 no forte *Augusto*, e de velhas La Hitte, na fortaleza da barra.

Foi realmente uma felicidade, para as forças de terra, a circumstancia de estar o cruzador em tão má posição, pois certamente não teriam as muralhas da fortaleza resistido a vinte balas, que lhes attingissem as obras, e seriam infallivelmente desmanteladas.

Uma unica bala, calibre 32, Armstrong, que se encravou na sua primeira muralha de espessura de 1 m. 50, abriu nella uma grande brecha. O projectil perfurou a pedra a principio em linha recta, passando a descrever um semi-circulo e terminou por uma linha obliqua em relação á sua frente, sendo o ponto de perfuração de 1 m. 20, em seu maior diametro.

Os estilhaços de pedra attingiram á segunda muralha, onde estava montado um canhão guarnecido, ferindo o cabo Francisco do Nascimento Carvalho e o soldado Pedro Augusto do Nascimento, ambos do 22.° batalhão de infantaria.

Essa bala foi transportada para o quartel general e mais tarde exposta na vitrine do *Diario de Santos.*

Durante o combate, os vapores manobraram para se afastar da zona de alcance dos canhões que defendiam a barra. Ao iniciar-se a lucta, o *Republica* estava a mil metros, approximadamente, da fortaleza, que respondia

ao canhoneio do couraçado com fogo intenso. Logo após os primeiros disparos, cessou o fogo e recuou, duplicando a distancia e encobrindo com seu costado o *Pallas*, contra a visada de terra.

Chegado a esta ultima posição, recomeçou o fogo, só cessando pouco antes das 11 horas da manhã, para levantar ferro.

O pessoal do 2.° batalhão, que aquartelára ao lado do forte *Augusto*, desde sua chegada, iniciára a construcção de trincheiras-abrigos. Continuava esse serviço, mesmo sob o fogo dos navios, quando uma das granadas, cahindo proximo do local do trabalho, explodiu e seus estilhaços foram ferir o soldado da 4.ª companhia do 2.° batalhão, João Balthazar de Souza.

Estilhaçou tambem os vidros das janellas da casa, onde aquartelára o estado maior desse batalhão. Uma outra bala, cahida no Paquetá, perfurou uma canôa, que estava amarrada, e foi damnificar a parede de uma casa.

Ás 11 e 1/2 horas, inesperadamente, os navios levantaram ferro e sahiram barra fóra, em linha, o *Republica* á direita, rumo do norte. Percorridos tres kilometros approximadamente, dirigiram-se francamente para o sul, até se perderem de vista, não mais apparecendo naquelle porto, até o final da revolta.

4.

Os navios revoltosos abandonam o porto de Santos. — A guarnição da fortaleza da barra, do forte " Augusto ", da ponte do Paquetá e da Alfandega. — Deputados e senadores do estado apresentam-se para tomar parte na defesa. — Actos de coragem. — O dr. Bernardino de Campos no forte " Augusto ".

Santos foi, de então por diante, respeitado pelos navios da revolta, que bombardearam São Sebastião, Florianopolis, Paranaguá. Parecia-lhes talvez inexpugnavel esse porto, guarnecido pela policia paulista e alguma tropa do exercito. A não ser isso, porque abandonar a valiosa presa, que era seu principal objectivo, para atacar outros pontos do littoral, guarnecidos por fortes contingentes do exercito?

A guarnição da fortaleza compunha-se de 189 praças de infantaria e artilharia; da infantaria, dois contingentes, um do 20.° batalhão, sob o commando do alferes Henrique Silva, e outro do 22.°, commandado pelo alferes Dourado. A fortaleza estava sob o commando do alferes Cóva, e toda a guarnição ás ordens do capitão de artilharia, Benedicto Graccho Pinto da Gama.

O forte *Augusto*, defendido por uma divisão do 2.° regimento de artilharia de campanha, continuava sob o commando do tenente João José de Lima. Servia de apoio ao forte o 2.° batalhão de infantaria da força policial, sob o commando do tenente coronel Alberto de Barros.

Na previsão de conseguirem os navios forçar a entrada da barra, haviam sido escalonadas forças ao longo do canal, guarnecendo os pontos de desembarque. Assim, defendia a ponte do hospital de Isolamento o corpo de bombeiros, sob o commando do tenente coronel Silva Telles.

Ha aqui a notar um facto nobilisimo.

Ao constar em São Paulo a partida do presidente do estado para Santos, grande numero de republicanos, entre os quaes deputados e senadores, se apresentaram ao chefe de policia, solicitando passagem para se apresentarem em Santos ao commandante do districto, a fim de tomar parte na defesa da cidade. Notava-se nesta phalange, entre outros cidadãos distintos, o coronel Fernando Prestes, drs. Alvaro de Carvalho, Rivadavia Corrêa, José Pereira de Queiróz, Casimiro da Rocha, Alonso da Fonseca, Pereira dos Santos, Americo de Campos, José Vergueiro, capitão Fiel Jordão da Silva e outros.

O coronel Jardim forneceu-lhes armamento e collocou-os ás ordens do tenente coronel Telles.

A ponte de Paquetá foi confiada ao contingente do 10.° regimento, e a Alfandega foi guardada pelo 3.° batalhão de policia, sob o commando do coronel Ramalho.

Si os navios lograssem forçar o desembarque em qualquer ponto, todas as forças legaes convergiriam para um centro combinado, a fim de darem combate, em terra, á columna desembarcada dos navios. Em ultimo caso a defesa visaria a Serra, impedindo que a capital fosse atacada.

Durante o tiroteio, não só na fortaleza como no forte e na linha, reinou perfeita ordem e indescritivel enthusiasmo nas fileiras, havendo diversos episodios que denotam a coragem e a bravura dos defensores.

Um sargento do 2.° batalhão, quando fumegavam fortemente os canhões dos navios, levado por enthusiasmo ardoroso, surgiu, sem ordem, fóra do abrigo e, com a sua *Comblain*, abriu fogo contra os navios, esquecido da impossibilidade de attingil-os, em razão do pouco alcance da sua arma. Na fortaleza tambem um anspeçada quiz proceder do mesmo modo, sendo impe-

dido em tempo por um official que se achava proximo.

Um episodio, porém, que se destacou como um facto de elevada significação moral, foi o acto de assignalado heroismo praticado pelo dr. Bernardino de Campos, nas muralhas do forte *Augusto* quando a lucta se tornára mais renhida.

Já ficou dito no telegramma inserto, que elle embarcára para Santos, logo que soubéra da approximação do *Republica*. Na tarde de 19, sem prevenir pessoa alguma na capital, levando em sua companhia seu filho o dr. Americo de Campos Sobrinho, o seu ajudante de ordens, tenente João Ayres da Gama e duas ordenanças, embarcou para Santos no trem das 3 horas e quarenta minutos. Foi então que, sabendo da sua temeridade, os diversos representantes do estado e grande numero de amigos, tendo á sua frente o dr. Theodoro de Carvalho, tomaram ás 5 horas um trem especial, indo reunir-se ao chefe querido para com elle compartilhar dos perigos e, sendo possivel, defendel-o.

Logo que chegou a Santos, tendo-se hospedado no quartel general, communicou-lhe o coronel Jardim que os navios já se achavam na barra, tendo realizado um reconhecimento. Approximando-se da Praia do Góes, fez o *Republica* descer um escaler, que aprôou para aquelle local.

Ao ser percebida a manobra do *Republica*, o forte disparou immediatamente os seus canhões sobre o escaler, fazendo-o retroceder para bordo, com sua guarnição. O *Republica* fez então, como já vimos, alguns disparos contra o forte, retirando-se em seguida porque já cahia a noite.

Pela Praia do Góes, uma força de infantaria desembarcada, facilmente poderia assaltar a fortaleza por terra.

Durante a noite de 19 para 20 de setembro, o coronel Jardim e o dr. Bernardino de Campos reuniram no

quartel general todos os commandantes de corpos e em conselho foram discutidas e assentadas as ultimas providencias para a defesa de Santos.

Foi opportuno o apparecimento do presidente do estado, no ponto em que se ia ferir a lucta. Como um general zeloso, alli estava providenciando, animando e dando a todos um grande exemplo de coragem, civismo e abnegação. Podia, como em certos estados vizinhos, quedar-se em seu palacio, onde nem siquer o longinquo écho da fuzilaria lhe perturbasse o doce socego... Mas o seu acrysolado patriotismo ditava-lhe procedimento differente.

No dia 20, pela manhã, tomou parte em todas as peripecias do canhoneio entre o couraçado e os fortes de terra. No forte *Augusto*, ao lado do coronel Jardim, impavido e sereno, mostrou-se superiormente altivo. Com olhar tranquillo acompanhava, em sua trajectoria, os projecteis lançados de bordo, até o seu ponto de queda, não se atemorizando com o sinistro sibilar.

Uma bala, atirada com melhor pontaria, estava proxima a tocar o alvo, vindo em direcção do local onde se achava o dr. Bernardino, que desde o começo se conservára em pé, ultrapassando com sua elevada estatura a muralha do forte.

O tenente Ayres da Gama, ajudante de ordens, no intuito de prevenil-o do perigo e tambem as pessoas presentes, gritou :

— Abaixem-se !

Assim fizeram todos, como era natural, — mesmo por ser uma manobra obrigatoria para os artilheiros. Todos... menos o dr. Bernardino, que, com toda calma e sangue frio, conservou sua posição vertical, contentando-se em declarar :

— « O Estado de São Paulo não se abaixa ! »

Passou a bala a alguns metros ácima de sua cabeça, indo explodir á pequena distancia do galpão... E elle ficou de pé.

5.

Retirada dos navios revoltosos. — Receios e providencias. — Nova remessa de pessoal e material bellico para Santos. — Guarnição do canal da Bertioga: — o batalhão "Alfredo Ellis". — Enthusiasmo pela causa legal. — Receio das populações do littoral. — Serviço de segurança na estrada de ferro ingleza. — Volta do batalhão "Academico" para São Paulo. — O effectivo do batalhão "Academico".

Apesar de haver quem não acreditasse na retirada definitiva dos navios revoltosos, por isso que, para continuar o combate, estavam elles abastecidos de munições, de carvão e viveres, o dia 21, na cidade de Santos e na linha de defesa, passou em relativa calma.

A retirada brusca do *Republica* e do *Pallas*, que nada fazia prevêr, deu margem a varias conjecturas ás autoridades, responsaveis pela defesa e segurança do porto: acreditavam que os navios tinham fundeado a pouca distancia para, num retorno offensivo, surprehenderem as forças de terra.

Entrou nesse dia o vapor italiano *Eden*, e seu commandante informou ao coronel Jardim ter visto na noite anterior, á altura de São Sebastião, dois vapores, um grande e um menor, que suppoz serem os dos revoltosos, sem poder comtudo affirmar, porque a cerração reinante na occasião o impedira de reconhecer as embarcações. Outra informação mais precisa confirmava tratar-se effectivamente desses dois vapores de guerra, que seguiam pela madrugada, em marcha lenta, rumo sudoeste. Estas noticias vieram pôr ponto nos commentarios que fervilhavam e nos temores da população.

Em Santos, entre as forças, reinava muito enthusiasmo.

Dado o caso de voltarem os navios, — que então demandavam outras paragens, levando o panico e a deso-

lação a muitas localidades do littoral, — teriam recepção muito mais decisiva do que aquella que os repellira com a maxima energia, ou, segundo disséra o dr. Bernardino em telegramma ao dr. Cerqueira Cezar, « seriam recebidos pela mesma forma admiravel e calma ».

Que motivo teriam os revoltosos dos navios *Republica* e *Pallas*, para se afastarem naquella direcção? Temia-se que fossem a Montevidéo, onde se achava o *Tiradentes*, com o fim de allicial-o para a revolta. O commandante Wanderley, que na occasião se achava em São Paulo, á espera da chegada do *Aquitaine*, para nelle embarcar com destino áquelle porto, suggeriu ao presidente do estado a idéa de telegraphar ao Marechal, lembrando a conveniencia de mandar retirar de bordo daquelle vapor o chefe de machinas e o immediato. Tambem pediu ao Marechal que telegraphasse ao ministro Victorino Monteiro, para que tomasse providencias a fim de impossibilitar o *Tiradentes* de servir aos intuitos da revolta.

Apesar de haver em Santos boa provisão de armamento e de cartuchos, procuravam as autoridades accumular alli a maior quantidade possivel desse material bellico. Ainda no dia 20 o coronel Ramalho telegraphou ao dr. secretario da justiça, pedindo que facilitasse o despacho para a firma Borges Milhomes e Guimarães, em Santos, e em trem especial, nove caixões de armamento e munições, que deviam chegar do Rio, ás 2 horas da tarde desse mesmo dia.

Destinava-se esse material bellico a substituir o armamento *Minié*, de que se achavam armadas algumas tropas, e serviria para armar a guarda civica e guarda nacional, que se encarregaram do policiamento da cidade.

O dr. Cerqueira Cezar, vice-presidente do estado, que na occasião respondia pelo expediente de palacio, deu immediatamente todas as providencias para o embarque do material e pessoal vindos do Rio, conforme

pedira o commandante da praça militar. Com esse material chegaram tambem, ás 9 horas da noite, officiaes e praças de artilharia, canhões e munições em abundancia. Essa artilharia, composta de 6 canhões, sendo 2 Krupp e 4 Whitworth, destinava-se a auxiliar a defesa da barra, para onde seguira.

Os dois Krupp foram collocados na ilha Porchat, excellente ponto de defesa da entrada do canal, e as quatro Whitworth foram reforçar a bateria do forte *Augusto*.

Para Bertioga foi enviado o batalhão patriotico *Alfredo Ellis*, por ser sempre um ponto ameaçado pelos revoltosos. Já os desertores do *Centauro*, quando quizeram entrar de novo em Santos, pensaram em utilizar-se do canal, que lhes daria facil accesso. Como naquelle local não houvesse abrigo para as praças desse batalhão, e na impossibilidade de lhe serem fornecidas tendas de lona, providenciou o dr. Bernardino, por telegramma, para que fossem feitos ranchos de palha e construidos abrigos de matto, visto prevêr-se que o batalhão demoraria largo tempo no local.

Não se descurava elle um só instante dos seus auxiliares e das tropas que reunia; o conforto devia, segundo pensava, estar de par com o sacrificio que se lhes exigia.

Pelo despacho, que se vae lêr, póde-se aquilatar das reaes qualidades de chefe, que possuia esse homem de acção. Eil-o:

> Coronel José Jardim. — Commandante do districto. — Santos. — Peço que pergunteis aos commandantes de corpos, ahi estacionados, si os soldados precisam de roupa branca e fardamento, visto poderem ter-se estragado com as marchas e chuvas. Fallae com o Ramalho, Alberto e Telles. O Pinho já pediu e mandei dar-lhe. Peço aproveiteis a calma para organizar abrigos e ranchos, nos postos afastados, e remonta do que se estragou. Saudações.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

O enthusiasmo pela causa da legalidade era intenso na capital e em todo o estado. Na força publica, na guarda nacional e nos corpos patrioticos, aquartelados na capital, esse enthusiasmo era indescritivel : — todos queriam marchar para Santos em defesa do porto, sempre ameaçado, emquanto durasse a revolta e houvesse vasos de guerra dos revoltosos sulcando livremente os nossos mares. O coronel Antonio Candido de Araujo Macedo, commandante do 4.° batalhão, por si e por seus officiaes, pediu ao governo que utilizasse os serviços do batalhão de seu commando na linha de defesa, para « defender a Patria ou morrer pela Republica ».

Em todas as cidades do littoral, a perspectiva de um desembarque dos revoltosos provocava verdadeiro terror na população.

Em Iguape, em cujas paragens estiveram os navios repellidos de Santos, o terror chegára ao auge, só ficando na cidade seus habitantes mais calmos, após o telegramma do presidente do estado ao respectivo juiz de direito, noticiando que os revoltosos se achavam em aguas de Santa Catharina.

Apesar de saberem o paradeiro exacto dos navios revoltosos, os membros do directorio republicano daquella cidade julgaram prudente requisitar do governo elementos de defesa, por temerem invasão em qualquer das tres barras, na occasião inteiramente desguarnecidas. A possivel inutilização do telegrapho pelos invasores, deixaria aquelle municipio sem meios de communicação.

Cuidava já o governo de estender a defesa a todo o littoral e a outros pontos, para o que preparava fortes contingentes, tendo mandado, por Parahybuna, uma força do 5.° batalhão, sob o commando do capitão Pedro Guilherme Barboza, a fim de guarnecer São Sebastião.

Essa força foi guiada até Caraguatatuba por um

civil, que devia localizal-a e prestar-lhe toda assistencia, conforme determinação do governo.

A estrada de ferro ingleza, unica que dava accesso ao porto de Santos, estava guardada em todo o seu percurso por fortes contingentes. Na estação de São Bernardo, estavam postadas 25 praças ; na de Ribeirão Pires, 20 ; na do Rio Grande, 20 ; no Alto da Serra, 20 ; no Cubatão, proximo ao canal, 40. Todas essas forças eram commandadas por officiaes de confiança e de valôr. Essas tropas, nos lugares onde permaneciam, não ficavam inactivas : - faziam exercicios diversos para treinar os seus homens e disciplinal-os, e tambem exercicio de campanha e de fogo, para o seu adestramento no combate.

Assim procediam todos os corpos estacionados na barra e nos fortes. Os exercicios eram feitos diariamente, apesar do serviço indispensavel e continuo de vigilancia, que absorvia grande parte de seus effectivos.

O batalhão patriotico *Alfredo Ellis* aproveitou tambem sua estada na barra da Bertioga, para aperfeiçoar a instrucção militar de suas praças, no que era incansavel o seu esforçado commandante.

Na capital, o maior acontecimento do dia 22 foi o regresso do batalhão academico, que o ministro da guerra enviára, attendendo á necessidade de reforçar Santos, em consequencia dos ultimos acontecimentos.

Em aviso, o marechal Enéas Galvão agradeceu os serviços prestados pelo batalhão, louvando o patriotismo e abnegação de suas praças.

Durante o tempo que permaneceu no Rio de Janeiro, prestou essa pleiade de moços, com a maior dedicação, o valoroso concurso do seu esforço á causa do governo legal.

Aos rapazes do batalhão não foram regateadas manifestações de apreço e sympathia, principalmente por parte das familias da Praia do Flamengo, cuja defesa a elles fôra confiada.

Foi o batalhão festivamente recebido em São Paulo, onde o povo, cheio de enthusiasmo por tão brilhante exemplo do civismo, applaudia o garbo que apresentava ao desfilar pela cidade.

O effectivo do batalhão, que era então de 80 praças e 5 officiaes, ficou reduzido a 76, por terem sido licenciados por doentes, 5 academicos.

O batalhão aquartelou, por ordem do governo, no quartel da Luz, onde foi reorganizado, sendo nomeado o seguinte corpo de officiaes e de graduados :

Estado maior.

Commandante : TENENTE CORONEL JOSÉ PIEDADE.
Fiscal : CAPITÃO PEDRO CORIOLANO.
Ajudante de ordens : CAPITÃO FERDINANDO COSTA.
Quartel-mestre : TENENTE GUMERCINDO RIBAS.
Secretario : TENENTE A. MULLER.

Officiaes da Companhia.

Commandante : CAPITÃO JOÃO COUTINHO LIMA.
Tenentes : ALFREDO SALLES E EUCLYDES PLAISANT.
Alferes : SERGIO DE OLIVEIRA E ALBERTO PENTEADO.

Estado menor.

Sargento ajudante : AMAZONAS PINTO.
Sargento quartel-mestre : OLYMPIO TEIXEIRA.

Graduados.

1.os *Sargentos :* TEXEIRA E SOUZA E MANOEL SIMÃO.
2.os *Sargentos :* PEDRO DUQUE, PAULA FELICISSIMO, LEAL DA COSTA E BALSAMO DA COSTA.

6.

Officiaes da guarda nacional congregam-se para organização de batalhões. — Directorios locaes approvam moções de applausos ao governo do estado e da União. — O temor da população de Santos. — Navios da revolta no sul. — Remessas de forças para São Sebastião e para a Serra de Caraguatatuba. — Despacho do dr. Bernardino ao coronel Jardim e dr. Theodoro de Carvalho.

Continuava na capital, pela causa legal, o mesmo enthusiasmo dos primeiros dias após a declaração da revolta.

Os officiaes da guarda nacional se congregavam para organização dos respectivos corpos.

Nesse mesmo dia 22 houve uma reunião dos officiaes do 109° batalhão, no salão do Club Republicano, ficando combinado a convergencia de esforços para obtenção de voluntarios, a fim de organizal-o.

Até homens de idade avançada, que em toda sua vida nunca pegaram em armas, se offereciam ao presidente do estado, para *defender a Republica, em qualquer terreno,* — como declarára o sr. Hedwiges Dias de Oliveira, proprietario da grande fabrica de polvora de Perús, que se pozéra á disposição do governo, offerecendo tambem fornecimento dos artigos que seu estabelecimento produzia.

Do interior do estado chegavam continuamente offerecimentos de officiaes da guarda nacional, para organizarem seus corpos e marcharem para onde o governo determinasse.

Os directoriòs politicos e as camaras municipaes, approvavam vibrantes moções de apoio ao governo do estado e da União, e applausos pela tenaz resistencia que estavam oppondo ás pretensões dos revoltosos.

A retirada dos navios revoltados, que abandonaram o porto de Santos, em busca de mais facil presa, assim como a attitude e energia do presidente de São Paulo, provocaram enthusiasticas manifestações de incondicional apoio.

Em Santos, porém, era desolador o estado dos espiritos timoratos. O exodo das familias para as casas afastadas do perimetro da cidade ou para localidades fóra do municipio, que cessára, graças á intervenção do governo, crescia agora de dia para dia. As senhoras e crianças, principalmente, abandonavam seus commodos e haveres, e, tomadas de um terror panico, refugiavam-se nesses pontos.

Era corrente não estarem livres de nova investida dos navios revoltosos, os quaes podiam reapparecer inopinadamente e, quiçá dispostos a não abandonarem o terreno da lucta, tão facilmente como da primeira vez.

Eis o motivo da falta de tranquillidade na população. Além disso se sabia que outros vasos de guerra tinham sahido do porto do Rio de Janeiro, entre elles o formidavel *Aquidaban*.

Os navios, que haviam estado em Santos, operavam então no estado de Santa Catharina. Tomaram no dia 21 São Francisco e enviaram lanchas com uma força de 50 praças para se apoderarem de Joinville e inutilizarem o telegrapho, o que levaram a effeito sem difficuldade. O *Pallas*, sósinho, entrou na barra do Desterro, no dia seguinte.

O governador do Paraná, dr. Vicente Machado, aprestava tropas para marcharem em auxilio do governo de Santa Catharina, e assim poder entravar em tempo a invasão que ameaçava o Paraná.

O juiz de direito de Cananéa, dr. Joaquim Alcoforado, enviando um telegramma de felicitações pela victoria, conquistada em Santos pelas armas legaes,

fazia lembrar a existencia naquella localidade de um antigo forte que convinha ser artilhado. Para isso existiam alli tres canhões em abandono, que convenientemente reparados, poderiam tornar-se uteis para a defesa.

Como em São Sebastião os espiritos estivessem agitados, devido aos ultimos acontecimentos, principalmente pelas constantes visitas de navios de guerra áquelle porto, existindo mesmo pessôas na localidade ligadas aos revoltosos, resolveu o dr. Bernardino de Campos nomear para delegado de policia o capitão Barboza, que já se achava em marcha para aquelle porto.

O contingente que esse official levava, no dia 25, ainda em caminho, foi reforçado com outro de 30 praças, commandadas pelo tenente Paraguassú. Com o mesmo destino seguiu de Caçapava o alferes José Luciano de Carvalho, com outra força de 30 praças, a fim de, reunidas ás duas primeiras, defenderem aquella localidade.

Por Parahybuna, com destino a Caraguatatuba, seguiram 50 homens, que ficaram guardando a serra. Assim, guardava-se a estrada de rodagem, que daquelle porto vem a diversas cidades da linha central.

Repellidos de Santos, os navios revoltosos buscaram outra base de operações em São Paulo. Visaram São Sebastião, Ubatuba e Cananéa, mas sobretudo São Sebastião, pelas suas magnificas condições naturaes, como fundeadouro e porque sua posse permittiria um golpe de mão sobre a Estrada de Ferro Central unica via de communicação existente entre Rio e São Paulo.

A população de São Sebastião, dizia o juiz de direito em telegramma, temia que a presença de tropas na cidade provocasse o bombardeio. Nesse sentido, a 26, o presidente da camara municipal tambem telegraphou, em nome dos vereadores, ao dr. Theodoro de Carvalho, chefe de policia, que se achava em Santos.

Em taes representações pedia-se que fosse sustada a marcha da tropa, com receio de que sua presença provocasse manifestações hostis, por parte dos navios rebellados.

Essas descabidas representações foram transmittidas ao dr. Bernardino de Campos, que respondeu no dia 27, nestes termos :

> **Coronel Jardim e Dr. Theodoro de Carvalho. — Santos.** — A pretensão da camara municipal de São Sebastião, de não entrar tropa para não contrariar revoltosos, porque podem bombardear, não é acceitavel. Isso importa em concordar com elles. Em vez de ficar á espera ahi, convém que o João Fernandes vá a Caraguatatuba auxiliar o dr. Malheiros a animar a gente de São Sebastião. Além das 50 praças e armamento que foi para 60 populares, mando mais 50 praças, comvindo ir mais um official valente e habil. Peço manifestarem opinião a respeito.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

7.

Temor do povo de São Sebastião. — Abastecimento das tropas em operações. — A lucta no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. — O estado de São Paulo volta suas vistas para o sul. — Destino do batalhão " Academico ".

O povo de São Sebastião, depois de haver dado mostra de valentia e de patriotismo, quando o risco era imminente e real e só tinha de contar comsigo mesmo para a defesa, como se deu para o aprisionamento dos desertores do *Centauro*, agora que o perigo era problematico, sentia-se apavorado! Isto exactamente no momento em que, para defesa da cidade, se approximava força numerosa e disciplinada!

Em direcção a Parahybuna seguiram mais 20 praças com o capitão Eugenio, para reforçar a guarnição local, servindo tambem de ponto de base e de abastecimento para as tropas do littoral.

Desde que foi enviado para o porto de Santos o primeiro contingente de tropa, o governo preoccupou-se constantemente com seu abastecimento.

Enviou caldeiras para o rancho de todas as praças estacionadas alli, e generos alimenticios necessarios, assim como fardamento, calçado e tendas de abrigos para esse homens empregados na defesa commum.

Houve uma occasião em que os generos de primeira necessidade escassearam na praça de Santos, devido á interrupção do trafego de cabotagem entre os portos do littoral de São Paulo e dos estados do sul. O dr. Bernardino, que na occasião se achava naquelle porto, providenciou urgentemente, telegraphando ao dr. Cerqueira Cezar, vice-presidente que o substituia, pedindo-lhe que comprasse toda a carne secca que encontrasse á venda no commercio da capital. Ao mesmo

tempo, em Santos, procurou adquirir todo o carregamento do vapor *Rio Grande*, que entrára, trazendo farinha, carnes conservadas, xarques, toucinhos e matte, consignados a diversas casas commerciaes do Rio.

Como se vê, o governo de São Paulo não deixava de zelar constantemente pelas tropas que se achavam á sua disposição, em serviço da União.

A guerra civil estava cada vez mais intensa. No Rio de Janeiro, o duello entre os navios revoltosos e fortalezas era continuo, ininterrupto e violento. No Rio Grande do Sul, segundo informações de Julio de Castilhos ao Marechal, em data de 23, as forças do caudilho Gumercindo Saraiva estavam entre Alegrete e Livramento, enfrentando as tropas legaes.

Desse modo o governo do estado de São Paulo não podia afrouxar a vigilancia, quer no littoral quer na fronteira com o Paraná, em razão da impetuosidade com que os federalistas se approximavam cada vez mais da fronteira norte do Rio Grande.

As ordens para a linha de defesa apertavam, apurando-se o preparo das tropas nos serviços de campanha e em praticas de disciplina militar.

Não se consentia que os commandantes, sob qualquer pretexto, afastassem officiaes ou praças das posições occupadas, a fim de não enfraquecer, em nenhum de seus pontos, a linha de defesa, previamente planejada pelo commandante do districto. O chefe de policia, de accordo com o presidente, tratou sempre de enviar tropas disponiveis, para reforçal-a ainda mais.

Aproveitando a vinda do batalhão academico, o dr. Bernardino ordenou, no dia 24, que parte delle fosse aquartelar em Santos, para *disciplinar-se e trabalhar*, designando para seu quartel o antigo isolamento dos Outeirinhos, que mandou provêr do necessario, para dar ás praças relativo conforto.

Não houve necessidade de ser executado essa ordem, porque o ministro da guerra, attendendo aos instantes pedidos que lhe fizeram os academicos, requisitou o batalhão para o Rio, onde devia auxiliar a defesa da Capital Federal contra os revoltosos que se encarniçavam nos ataques a Nitheroy e aos pontos fortificados.

Antes de partir, porém, recebeu a mocidade academica, da população da capital, significativa manifestação de apreço. O batalhão formou em linha na Avenida Tiradentes, ás 3 horas da tarde, ao lado do corpo de cavallaria e, em seguida, acompanhado de varios deputados e grande massa de povo, desfilou pelo centro da cidade, em cujo trajecto foram os estudantes sempre acclamados e cobertos de flôres.

Em frente ao palacio do governo, dentro do jardim, o batalhão prestou continencia ao dr. Bernardino de Campos.

Da saccada do palacio fallou o dr. Alvaro de Carvalho, *saudando a mocidade briosa e cheia de civismo*, em nome do *partido republicano* paulista.

Usaram tambem da palavra os drs. Bueno de Andrada e Cezario Motta, que elogiaram o bello procedimento dos dignos moços.

Respondeu pelos estudantes o tenente Gumercindo Ribas, que pronunciou eloquente discurso.

O batalhão recolheu-se depois ao quartel, marchando sempre com muito garbo e firmeza.

No dia 27, pelo expresso da manhã, partiu para a Capital Federal onde, como em São Paulo, foi recebido com muito agrado e carinho pela população carioca, que grata lembrança guardava da brilhante mocidade.

Em São Paulo ficaram 30 praças, commandadas pelo academico capitão João Coutinho Lima, que conservou como subalternos os tenentes Alfredo Salles, Gumercindo Ribas, Alberto Penteado e alferes Aristides Salles.

Esse numero de praças devia ser elevado a 60, divididas em duas secções, para auxiliar a guarnição da capital, quando fossem chamadas e para desde logo receberem instrucção militar.

O commandante do districto militar, ao organizar a defesa de Santos, dividiu o seu littoral em tres linhas, confiando a primeira ao commando do tenente coronel Augusto Pinto Pacca; a segunda, ao coronel Francisco Xavier Baptista, e a terceira ao coronel Joaquim de Salles Torres Homem.

A primeira linha, comprehendendo o Paquetá, vinha até á Ponta da Praia; a segunda, deste ponto até José Menino e a terceira abrangia o resto do littoral, até São Vicente.

IV

A defesa de São Sebastião.

I.

Novos adeptos para a revolta. — " Estado de sitio ". — Vapores revoltosos cruzam as aguas de São Paulo. — Reforços para São Sebastião. — Diversas providencias do dr. Bernardino de Campos. — Contingentes guarnecendo a Estrada de Ferro Central do Brazil. — Munições para as forças de Caraguatatuba e São Sebastião. — Organização de um esquadrão de cavallaria. — Despacho do dr. Theodoro de Carvalho ao presidente do estado.

Grande incremento tomava a revolução. Adeptos de Custodio de Mello e dos federalistas, que combatiam no sul, appareciam diariamente, e alguns vinham até das fileiras legalistas. Affrontavam desassombradamente a autoridade do chefe da nação, que por isso teve necessidade de novamente declarar o estado de sitio, para poder cohibir os abusos e restringir, com essa medida de excepção, a audacia dos revoltosos.

Soube-se em São Paulo, no dia 26, ter sido declarado o estado de sitio para esse estado, Rio de Janeiro, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, até 9 de outubro, vindo dar uma força moral elevada aos legalistas, que viam com desgosto os constantes bandeamentos para o campo opposto...

Os vapores que sahiram com o *Republica* e *Pallas*, o *Marcilio Dias*, *Iguatemy* e *Marte* , — que a principio constára terem ido a pique, em consequencia do bombardeio que soffreram das fortalezas, ao transpôrem a barra do Rio, — cruzavam as aguas de São Paulo, sur-

gindo e desapparecendo dos portos do littoral, onde deixavam atemorizada a população.

No dia anterior apparecêra no porto de São Sebastião uma torpedeira, que desembarcou livremente pessoal em terra e recebeu a bordo gente da cidade, que ia visital-a. A esse navio se attribuiu a interrupção do cabo submarino, verificada nesse mesmo dia. Dahi o motivo do afan em se guarnecer aquella cidade de elementos de resistencia.

Os outros navios achavam-se em Angra dos Reis, onde haviam tomado o telegrapho, segundo communicou ao dr. Bernardino de Campos o dr. Manoel Francisco de Magalhães, presidente da camara municipal de Paraty, parecendo que se abasteciam de combustivel e de viveres, para se virem reunir aos demais.

O *Republica*, repellido em Desterro e em Cannavieiras pelo coronel Serra Martins, retirou-se das proximidades daquella ilha, voltando mais tarde a São Sebastião, juntamente com o *Pallas*. Communicaram-se com a terra e, sem resistencia alguma por parte da população, apoderaram-se do telegrapho e edificios publicos.

Esses vasos vieram quasi irreconheciveis, pois haviam pintado de preto suas chaminés.

Alli aprisionaram uma lancha e um hiate, apoderando-se da carga e da tripulação.

O dr. Bernardino de Campos, querendo que o porto de São Sebastião ficasse bem guarnecido e ao abrigo de novas investidas, mandou indagar do dr. Theodoro de Carvalho, em Santos, si havia precisão alli de mais tropa, recebendo em resposta a communicação de que o coronel Jardim achava sufficientes as medidas já tomadas. No dia 28 já se achavam proximas da cidade de São Sebastião 120 praças com 2 capitães e 2 alferes. Tinham esses officiaes recebido do dr. Bernardino ordens positivas de *occupar*, *expellir e aprisionar* os revoltosos que lá encontrassem.

O coronel Serra Martins, que, em telegramma ao

commandante do districto, havia promettido ir procurar os navios para combatel-os, communicou em longo despacho de 27, que, tendo avistado ás 6 horas da manhã o *Republica*, distante da costa cerca de mil metros, entrincheirára sua força em altos barrancos, rompendo nutrido fogo contra o cruzador, durante uma hora e meia, sem interrupção.

A's forças que se achavam guardando Caraguatatuba, e que tambem se destinavam a São Sebastião, foi enviada munição em quantidade sufficiente para sustentar alguns dias de combate.

O dr. Bernardino, pediu ao Rio fornecimento de modelos de granadas, para mandar fabricar em Ipanema, a fim de municiar as boccas de fogo. Mandou para São Sebastião mais cinco mil tiros *Comblain*, com uma escolta de 20 praças, commandadas pelo alferes Faustino Gregorio Maurel. Telegraphou para Caraguatatuba, dando informações sobre a situação de Villa-Bella e São Sebastião e affirmando que essas localidades não faziam *causa commum com a revolta*, *mas estavam subjugadas pelo medo.* Enviou para Caraguatatuba o tenente coronel Telles, commandante de bombeiros, que assumiu o commando das forças destinadas a repellir os revoltosos, que se achavam de posse de São Sebastião.

A partida desse official era motivada por um pedido urgente do coronel Jardim, que solicitava officiaes resolutos para commandar as forças em Caraguatatuba e a todo custo desalojar o inimigo de São Sebastião e forçal-o a procurar o porto de Santos, onde seriam batidos.

O coronel Jardim indicou primeiramente, para essa importante missão, o tenente coronel Epiphanio Alves Pequeno, commandante do corpo da cavallaria de policia, e o capitão Francisco Candido Brito Maciel. Diante, porém, das ponderações do chefe de policia, que via inconveniencia na retirada desses officiaes, foi

designado o tenente coronel Silva Telles, commandante do corpo de bombeiros, e o capitão José Pedro de Oliveira, do 5º batalhão.

Para guial-os até São Sebastião, atravéz de caminhos difficeis iria com elles o major João Fernandes, delegado de policia daquella cidade, que fôra forçado a abandonal-a após o desembarque dos revoltosos, e a muito custo, segundo declarou, poudéra escapar das sanhas do inimigo, que o esperava em pontos diversos.

O dr. Theodoro de Carvalho, ao propôr ao presidente do estado o capitão José Pedro de Oliveira, para um cargo de tanta responsabilidade, disse *ser elle homem para desempenhar tal missão e outras mais arriscadas*.

Tivessem todos aquelles, que tomaram parte nas luctas, a bravura e civismo de que tantas provas deu José Pedro de Oliveira, e essa campanha tomaria desde logo uma phase decisiva. José Pedro deu-nos sempre admiraveis exemplos de alto valor e brio militar.

Como auxiliar, indicou o capitão Eugenio Olegario Pereira, igualmente de confiança, urgindo que partissem ao seu destino para desembaraçar o porto de São Sebastião da situação em que se debatia.

Parecia que esse porto era o ponto de reunião dos navios revoltosos, porque todos para alli convergiam.

Com as forças que seguiram para Caçapava, marcharam outras para guarnecer os pontos mais perigosos da Estrada de Ferro Central, a fim de prevenir algum attentado por parte dos revoltosos, como o que se déra no tunnel de Mendes, em que lançaram bombas de dynamite.

As pontes sobre o rio Parahyba, e todas as obras de arte suceptiveis de serem destruidas, foram guardadas por fortes contingentes de policia.

Depois de todas as providencias dadas sobre as forças de São Sebastião e de Caraguatatuba, quando tudo

fazia crêr que já estivessem proximas daquella cidade, e em condições de occupal-a, surge um despacho de quem dirigia a tropa, pedindo munição, por não tel-a sufficiente para sustentar cinco minutos de combate. Essa noticia fez com que o dr. Bernardino enviasse um despacho ao coronel Jardim, perguntando como e quem fizéra seguir aquella força desmuniciada, e pedindo-lhe que providenciasse immediatamente. Aconselhava que tivesse muito cuidado para que tal facto não se reproduzisse, convindo não confiar a outrem, trabalho de tanta responsabilidade.

Uma explicavel confusão produzida no momento da partida fez com que a força ficasse privada de munição de guerra e de bocca. Todo o aprovisionamento destinado á gente do capitão Barboza seguira por mar, no momento batido pelas embarcações de que dispunham os revoltosos.

Naturalmente contava encontrar em Caraguatatuba esse aprovisionamento que remettèra por mar. O intuito de não sobrecarregar seus homens com a conducção do abastecimento, esperando encontral-o no termo da viagem, foi frustrado pelos revoltosos que dominavam no mar, no trajecto de Caraguatatuba.

Por essa fórma ficou a tropa desprovida.

No dia seguinte foram enviados para essa tropa mais dois cunhetes de munição (3.000 cartuchos).

Para o serviço de communicação pelo littoral eram necessarias praças de cavallaria, que poudessem estabelecer ligação entre as tropas que occupavam os differentes pontos.

Possuia o governo paulista, para organizar um esquadrão, homens e cavalhada, mas não encontrava nas arrecadações e nem no commercio, armamento e equipamento de campanha necessarios, vendo-se forçado a recorrer ao ministerio da guerra, para obtenção desse material. O ministro declarou só poder fornecer 100 espadas, com os respectivos talins e algum equipa-

mento, por não existir o mais que se pedira, nos estabelecimentos militares do Rio.

No dia 28, pela manhã, recebeu o dr. Bernardino o seguinte despacho :

> **Dr. Presidente do estado. — São Paulo.** — É conveniente expedir ordens ao capitão Eugenio, para seguir só, afim de auxiliar o capitão Barboza na marcha e occupação de São Sebastião, ficando a força atraz com o subalterno, que deverá aguardar ordens em Parahybuna. Entendemos aqui que essa providencia deverá ser tomada com urgencia, visto estar Juvenal Malheiros, sem plano e sem gente sua, embaraçando a acção da força do capitão Barboza, que é sufficiente e bem dirigida, para desarmar os revoltosos. O João Fernandes aqui está, tendo conseguido escapar.
>
> THEODORO DE CARVALHO.
> JOSÉ JARDIM.

2.

O " Republica " e o " Pallas " em Santa Catharina. — Apoio aos revoltosos. — Providencias diversas. — Defesa do canal. — Navios revoltosos no littoral paulista. — Os federalistas no sul. — Os revoltosos se apossam do Paraná e Santa Catharina. — Continúa o bombardeio no Rio e em Nitheroy.

Em despacho de 28, o ministro do interior communicou ao presidente do estado que o *Pallas* e o *Republica* estavam ainda em Santa Catharina e que, depois de repellidos em Cannavieiras, entraram pela barra sul, sendo canhoneados pela fortaleza de Sant'Anna. Retirando-se dalli, ficaram fóra do alcance dos canhões da fortaleza, aguardando occasião opportuna para de novo tentar desembarque, como em seguida aconteceu.

O coronel Jardim telegraphou ainda no mesmo dia, com referencia ao novo commandante da força em marcha para São Sebastião, terminando com estas palavras :

> Como convém a occupação de São Sebastião de modo definitivo, construindo-se mesmo obras de defesa na cidade, que resguarde a força de infantaria, farei seguir no 1.° trem o tenente coronel Telles, para assumir o commando das forças e organizar o serviço.

Algumas pessoas de São Sebastião fizeram causa commum com os revoltosos.

As forças, que se achavam em marcha para atacar e tomar a cidade, levaram ordem de prender e enviar escoltados para Santos, onde seriam processados, aquelles que apoiavam francamente a causa dos revoltosos.

No dia 29, a chamado do presidente do estado, regressou á capital o chefe de policia, que permanecèra

em Santos, providenciando e agindo ao lado do commandante do districto, desde o dia 19. Trouxe a incumbencia de conseguir 60 barracas para officiaes e praças, pois as que possuia a linha (perto de 200) não bastavam para abrigar toda a tropa, mesmo porque não se podia prever até quando duraria a revolta.

O coronel Torres Homem, director da fabrica de ferro do Ipanema, logo que teve ordem de fabricar granadas para o municiamento dos canhões assestados na barra, deu começo ao trabalho com a maior solicitude, e pediu ao dr. Bernardino de Campos, ordem para serem fornecidas á fabrica fitas laminadas.

O dr. Bernardino de Campos, não tendo podido obter do governo federal fornecimento de torpedos para defesa do canal, cogitou, como já se disse, de impedir a entrada por meio de pontões e velhas embarcações, que a obstruiram quasi que inteiramente, deixando apenas estreita passagem de accesso aos navios de commercio.

Mesmo com essas providencias, que já eram bôas, pensava elle continuamente em melhorar a defesa.

Por isso encarregára aos srs. Gabriel Prestes, Bueno de Andrada e Theodoro Sampaio de combinar um meio mais seguro de defesa, e de facil e rapida installação. Contractaram elles, com uma casa commercial de São Paulo, o fornecimento e a installação de um dynamo para produzir corrente electrica a tres kilometros, destinada a fazer explodir minas submarinas. Esse serviço não era difficil e nem dispendioso.

Para abrigar os machinismos, bastava a construcção de um barracão de zinco, podendo assim funccionar o dynamo dentro de tres dias.

O presidente do estado estava desejoso de assistir á installação desses importantes apparelhos, que viriam tranquillizal-o completamente quanto á defesa do porto, e desembaraçal-o para cuidar com mais segurança de outros pontos. Assim, pela tarde de 29, se-

guiu para Santos e alli permaneceu até o dia seguinte. Antes de partir, combinára com o commandante do districto para fazer guardar a casa da praia José Menino, onde se achava a ponta do cabo submarino, vigiando permanentemente a ilha Porchat e a praia de São Vicente, a fim de que não fossem esses pontos, em caso algum, colhidos de surpresa.

Voltando á capital, tratou de combinar com o coronel Jardim a remessa de força para Ubatuba, afim de guarnecer aquella cidade. Prevenia-se a possibilidade de um ataque áquelle porto.

O mez de setembro finalizou com a mesma situação grave e inquietadora dos primeiros dias, si é que não se aggravára com a acção dos navios revoltosos em Desterro e no littoral paulista, tomando São Sebastião e Villa-Bella, portos desguarnecidos, de onde a maruja revoltosa fazia pequenas incursões pelos lugarejos proximos.

Os federalistas do sul, bem commandados e divididos em diversos grupos, batiam os campos do Rio Grande, sempre fugitivos, sempre procurando evitar encontros com as forças de Julio de Castilhos ; e estas, por sua vez, cruzavam o estado em todas as direcções, em marchas inuteis, exhaustivas, desencorajantes.

São Paulo, cujo governo se sentia fortemente apoiado pela opinião publica, que aos seus actos não regateava applausos, estava ao abrigo das investidas dos inimigos da legalidade e mesmo apparelhado para ir ao seu encontro, si a defesa do estado e da União a isso o forçasse. Foi exactamente o que mais tarde aconteceu, quando os federalistas talaram os campos do vizinho estado do Paraná, depois de haverem afugentado de sua guarnição a forte columna do general Pêgo Junior.

Antes já se tinham apoderado de todo o estado de Santa Catharina, onde a guarnição se rendêra aos revoltosos da armada.

O dia 1.° de outubro nenhuma modificação trouxéra á situação em que se debatia a Capital Federal e Nitheroy, constantemente bombardeadas pelos navios da esquadra rebellada, cujos chefes começavam a impacientar-se com a prolongada resistencia.

3.

Accumulam-se em Santos elementos de resistencia. — A attitude do estado de Santa Catharina em face da revolução. — Providencias do presidente do estado para segurança de São Sebastião e Ubatuba. — Pruridos de revolta em Iguape. — Impõe-se a necessidade de guarnecer São Sebastião.

A defesa de Santos continuava a reunir melhores elementos de resistencia para o caso de demorada lucta : — armamentos e munição, para fuzis e canhões, eram adquiridos em quantidade, além do que a fabrica do Ipanema podia produzir.

As forças que constituiam as linhas de defesa, da barra de São Vicente á Ponta da Praia e deste ponto ao Paquetá (que estava já artilhado com duas peças), assim como as que guarneciam a entrada do canal da Bertioga, ascendiam então a 1500 homens das diversas armas.

No forte *Augusto*, achava-se tambem em via de conclusão o assentamento do dynamo, que devia fornecer corrente para explodir os torpedos submarinos, collocados ao longo do canal.

Nesse dia telegraphou o coronel Jardim ao dr. Bernardino, dando conta de diversas providencias que tomou para continuar o apparelhamento da defesa do littoral. Mostrava-se apprehensivo pela falta de noticias de Desterro, cuja situação, devido ao estacionamento de varios navios de guerra em suas aguas, era por demais precaria e afflictiva. Tanto mais que a força que devia marchar de Curityba em soccorro de Santa Catharina, não podéra ir além do Rio Negro, devido á ausencia de dois officiaes e ao estado lastimavel da cavalhada.

Pelo meio dia recebeu de Desterro o seguinte alarmante despacho, mais tarde confirmado :

> **Coronel commandante do 4.° districto militar. — Santos.** — O estado de Santa Catharina e a guarnição abraçaram a causa da revolução. O *Republica*, *Pallas*, *Itapemirim* e *Legalidade*, armados em guerra, estão fundeados no porto da cidade desde 28. Saudações.
>
> CAPISTRANO, *commandante da guarnição.*

O coronel, como não conhecesse nenhum commandante com esse nome, duvidava da veracidade do despacho. Por isso transmittiu-o ao dr. Bernardino, pedindo que indagasse, do governo federal, quem era a pessoa que lhe fizéra tão estranha e inacreditavel communicação sobre a rendição de Desterro, onde o coronel Serra Martins devia estar vigilante e irreductivel.

O presidente do estado scientificou o Marechal Floriano do conteúdo desse despacho, pedindo-lhe informações sobre as occorrencias reaes, de modo a ficar prevenido e prompto para esperar e enfrentar as circumstancias, impedindo qualquer plano adverso.

Estas tristes occorrencias, longe de trazerem desanimo, quer ao governo de São Paulo, quer ás forças promptas para entrar em acção, acoroçoava ainda mais os preparativos de defesa, suggerindo novas providencias, a fim de impossibilitar aos revoltosos toda tentativa de desembarque em outros pontos do littoral, onde ainda não tinham tocado.

Dava cuidado o facto de não estar já todo o littoral fortemente guarnecido com tropa e artilharia. Para remediar esse mal, o dr. Bernardino de Campos telegraphou ao coronel Jardim, instando para que enviasse a São Sebastião, pela Bertioga, mais forças, que seriam immediatamente substituidas na barra de San-

tos, por outras da capital. Lembrava novamente Ubatuba que, sendo tomada, podia dar accesso aos revoltosos (por São Luiz) á cidade de Taubaté, e consequentemente a posse da Estrada de Ferro Central.

Para marchar com destino a São Sebastião foi preparada uma ambulancia dirigida pelo dr. Luiz Filippe Jardim, medico da força publica. Esse funccionario foi posteriormente substituido pelo dr. Vital Brazil.

No dia 2 voltou a insistir sobre o que aconselhára no dia anterior, communicando que já havia mandado aprestar novas forças, que seguiriam em caso de necessidade.

Tendo deliberado tambem enviar dois canhões para São Sebastião, telegraphou ao coronel Jardim que fizesse seguir por terra uma bateria guarnecida pediu para o Rio mais munição *Comblain* a fim de que no momento da acção não viesse a escassear.

O dr. Bernardino facilitou todos os meios de conducção por terra para os canhões, calibre 4, que foi possivel preparar. Segundo desejo do coronel Jardim, para não perder tempo nas providencias de detalhes, ficou determinado que os aprestos ficariam a cargo do commandante da bateria, que tudo devia prevêr e providenciar. Esse commando foi confiado ao alferes Edmundo Wright. As officinas da estação da Estrada de Ferro Central, desde a chegada da artilharia vinda do Rio, ficaram encarregadas de preparar as aranhas e armões das peças e, como urgia a partida da bateria, convinha que fossem entregues esses accessorios indispensaveis, para conduzir a maior somma possivel de munição. Assim procedia o governo de São Paulo, visto a difficuldade de novo aprovisionamento, em caso de se esgotarem as munições que comportava o fornecimento normal de cada bocca de fogo. Mesmo assim era insufficiente a quantidade de munição que podia ser transportada com as peças.

Em segundo despacho do mesmo dia, e sobre o

mesmo assumpto, voltou o dr. Bernardino a tratar da remessa de guarnição para Ubatuba.

Dizia esse despacho :

> Peço reflectirdes que Ubatuba, estando muito perto de Caraguatatuba, e havendo bom caminho pelo littoral, convém guardar, a fim de evitar que por lá seja cortada a retaguarda de forças em São Sebastião. Angra já foi saqueada e pode sel-o Ubatuba.

O coronel Jardim approvou pressuroso essa indicação, mandando dar as providencias necessarias para a ida dos canhões e reforço.

Outra ordem de preoccupações vinha aggravar a situação do estado, pondo em difficuldades as pessoas encarregadas da manutenção da ordem interna, por surgirem aqui e alli espiritos aventureiros, affeitos a embaraçar a marcha do serviço publico e do progresso geral.

Uma noticia enviada de Iguape dava como certo que o capitão João José de Carvalho, auxiliar dos serviços do canal daquelle porto, ameaçára empregar os seus trabalhadores, em auxilio dos revoltosos, declarando-se contra o governo. Esse facto não se realizou, devido ás medidas rapidas e energicas do governo paulista, qne não deu tempo a que poudesse ser posta em execução a ameaça daquelle capitão.

O coronel Jardim julgava que São Sebastião precisava ser fortificado quanto antes, armando-se mesmo a velha fortaleza, por ser esse porto a chave dos vizinhos, aos quaes podia prestar efficaz auxilio. Isso era tanto mais verdadeiro, quando se verificava o encarniçamento com que os navios revoltosos a elle se apegaram desde os primeiros dias, não querendo de forma alguma abandonal-o.

Uma vez tomado o porto de Desterro, o estado de Santa Catharina seria invadido pelas forças do com-

mando de Gumercindo Saraiva. Ficava aquelle estado, por mar e por terra, em poder dos revoltosos.

Assim desembaraçados na lucta do sul, poderiam os revoltosos voltar definitivamente suas vistas para São Paulo e para a Capital Federal.

Ora, o porto de São Sebastião offerecia optima base de operações, pelas suas vias de penetração.

Por isso é que as vistas do presidente de São Paulo se voltaram sempre para aquelle ponto, não só para repellir os revoltosos que alli se achavam, como para evitar que o porto cahisse novamente em suas mãos.

4.

As forças continuam em marcha para São Sebastião. — Posse dessa localidade pelos revoltosos. — Caraguatatuba base de operações. — Planos para captura da torpedeira "Marcilio Dias". — Remessa de artilharia para São Sebastião. — O "Pallas" em Paranaguá. — Providencias do presidente de São Paulo para remessa de munições e viveres ás forças de São Sebastião.

Até o dia 3, pela manhã, ainda não haviam chegado noticias sobre as forças que marchavam para occupar a cidade de São Sebastião e restabelecer a communicação. Do reforço, que seguira com o coronel Telles, nada se sabia, pois, devido aos pessimos caminhos e mau tempo sempre reinante desde sua partida, elle se atrazára em sua marcha.

Ao dr. Bernardino de Campos, por intermedio do ministro da guerra, o tenente coronel Telles, communicou ter chegado a Caraguatatuba, onde soube que a *Marcilio Dias* se achava no porto de São Sebastião com as torpedeiras damnificadas pelo bombardeio que soffrêra no Rio, e com pouco carvão. A tripulação desse vaso constava apenas de 20 a 30 marinheiros, exhaustos e desencorajados.

Durante a curta posse de São Sebastião pelos revoltosos, as communicações com São Paulo faziam-se de Caraguatatuba para Ubatuba, de Ubatuba para o ministerio da guerra no Rio e deste para o governo de São Paulo.

Caraguatatuba tornou-se a base de operações, porque a esse ponto ia ter a unica via de communicação pela serra, que cumpria guardar, e ahi se aprestavam facilmente os meios de acção para defesa de São Sebastião, distante tres leguas, pelo littoral.

A communicação do ministerio da guerra veiu

demonstrar a fragilidade da resistencia da *Marcilio Dias*, que podia cahir facilmente em poder de uma tropa resoluta e bem conduzida. Tal foi a idéa que teve o dr. Bernardino de Campos.

O coronel Jardim, achando na tentativa probabilidade de exito, déra começo de execução ao plano, conferenciando com o capitão tenente Dutra, sobre os meios de conseguir a apprehensão da torpedeira.

Esse official de marinha, que no momento empregava esforços para fazer fluctuar o *Centauro*, promptificou-se a chefiar a arriscada empreza, uma vez que lhe proporcionassem um navio bem velóz, que poudesse vencer em rapidez a torpedeira, que elle já conhecia como tendo grande velocidade. Não dispondo o estado de navios com taes requisitos e tantas vantagens sobre a desmantelada torpedeira, nada foi feito por aquelle official.

Os caminhos difficeis, que ligam a linha central á Caraguatatuba, retardariam naturalmente a marcha da artilharia. Os dois canhões calibre 4, que nesse mesmo dia 3 seguiram para Caraguatatuba, não pouderam chegar a tempo. Si tivessem chegado, pouderiam talvez prestar excellente auxilio ao capitão-tenente Dutra, na execução do plano de abordagem á torpedeira, caso ainda se resolvesse a tentar esse trabalho. Ainda assim seria preciso conseguir que as boccas de fogo chegassem ao seu destino sem que de bordo percebessem a approximação dessa possante arma.

Para esse fim o dr. Bernardino de Campos, telegraphou ao ministro da guerra,pedindo-lhe que mandasse dizer ao tenente coronel Telles que cortasse immediatamente as communicações entre Caraguatatuba e São Sebastião, a fim de impedir que fôsse dado aviso da remessa da artilharia, que já se achava em caminho, com ordem de accelerar a marcha.

Mais tarde, em Caraguatatuba, o capitão dr. Americo de Campos Sobrinho, do contingente do 1.° bata-

lhão da guarda nacional, com o auxilio de mais tres ou quatro officiaes resolutos, quiz pôr em pratica o pensamento do dr. Bernardino. Pensára preparar um batelão com pipas vasias, occultando tropa para uma abordagem e dirigir-se para Villa Bella. Ao passar proximo ao navio revoltoso, procederiam á abordagem.

Por circumstancias diversas foi frustrado esse arrojado plano. Uma difficuldade surgiu desde logo, e essa no momento insuperavel : — a presença de um outro vapor de guerra naquellas aguas.

O vigia de Monte Serrate avisou que passára de sul para norte, um navio parecido com o *Pallas*. Era elle de facto : — rondára na tarde 2 a barra de Paranaguá, sem penetrar no canal, e partira em seguida para o alto, rumo do norte. Todas as autoridades desconfiavam da volta desse navio, que talvez se dirigisse para São Sebastião ou Ilha Grande.

Não se sabe qual era a intenção dos revoltosos, fazendo essa visita ao canal de Paranaguá, sem levar mais longe o seu reconhecimento (pois que não era outra a missão do *Pallas*).

Si intentasse mais, podia ter penetrado até o porto, sem grande perigo. A fortaleza possuia apenas um canhão Krupp e 8 peças lisas, que mediocres serviços pouderiam prestar na defesa da entrada.

No porto D. Pedro II, junto á cidade, existiam 6 canhões Krupp e pouca infantaria, essa mesma mal disposta e muito fatigada.

O presidente do estado pedia nesse tempo, para o Rio, nova remessa de munição de artilharia e cartuchos embalados a *Comblain,* porque não queria que de forma alguma viessem a faltar, com as constantes distribuições de forças.

O aprovisionamento em generos, para essa tropa e para as que já se achavam proximas de São Sebastião

onde, devido ás requisições feitas para os marujos da torpedeira, e temor dos habitantes do interior que nada traziam ao mercado local, tudo escasseava, fòra previsto e providenciado pelo dr. Bernardino em telegramma ao dr. Antonio Telles, em que pedia que tudo adquirisse em Santos. Urgia tanto mais essa providencia quando se sabia já, pelo posto telephonico de Boyssucanga que o *Pallas*, na vespera, fizéra alguns tiros para a cidade de São Sebastião, logo que presentira nessa tarde a proximidade da força, partindo depois para Ilha Grande, talvez para reabastecer-se.

5.

Construcções para defesa de Santos. — Falta de armamento e munição. — Primeiro corpo aquartelado da guarda nacional. — Organizam-se mais dois batalhões da guarda nacional. — Segue para reforçar a guarnição de São Sebastião uma companhia dessa milicia. — Receios de nova investida ao porto de Santos. — Providencias para segurança e defesa de Cananéa e Iguape.

No dia 4, no littoral de Santos, o serviço de construcção de trincheiras-abrigos, continuava a ser feito pelas forças que constituiam a linha de defesa, aproveitando o tempo que lhes proporcionava a ausencia dos navios revoltosos.

A bateria do 2.° regimento tambem não perdia tempo: — foram aperfeiçoadas as muralhas do forte *Augusto* e construiu-se uma outra no prolongamento da frente, para collocar um canhão que fôra retirado do *Centauro*. Este já começava a mostrar a sua quilha a flòr das aguas, e não demoraria muito que fluctuasse e viesse constituir um novo e bem util elemento de defesa e de ataque, si fosse entregue a um marinheiro habil e corajoso.

O governo começava a luctar com a falta de armamento, correame e munição, para fornecer aos voluntarios que affluiam e formavam novas unidades.

O que o estado tinha para esse fim, fôra distribuido pela guarda civica do interior, guarda nacional e batalhões patrioticos que se organizaram.

O primeiro corpo da guarda nacional, que aquartelou, equipado e armado em rigorosa ordem militar, no mez de setembro de 1893, foi o 1.° batalhão de infantaria da capital, sob o commando do tenente coronel Carlos Teixeira de Carvalho, com um effectivo de cerca de 400 praças.

Com a retirada, para São Sebastião, de parte da força que se achava na barra, e cuja substituição era indispensavel, teve o governo necessidade de acceitar os instantes offerecimentos que lhe faziam officiaes da guarda nacional da capital, para organizar o batalhão 164.° commandado pelo tenente coronel dr. Theodoro de Carvalho, que, por impedimento, era interinamente substituido pelo major-fiscal dr. Alfredo Ribeiro dos Santos.

Esse official convocára uma reunião, e determinou ao tenente Tancredo do Amaral, secretario do batalhão, que expedisse os editaes de convocação.

O tenente coronel dr. Eduardo da Silva Chaves, commandante do 107.°, já havia deliberado sua organização definitiva, para apoiar o governo paulista, e estava tratando de seu aquartelamento na capital.

Para armar essas novas unidades, o dr. Bernardino de Campos pediu ao ministro da guerra o fornecimento de mais 200 fuzis *Comblain* e sufficiente quantidade de cartuchos.

Quando se tornou necessario reforçar a guarnição de São Sebastião, requisitou o dr. Bernardino de Campos uma companhia do 1.° batalhão da guarda nacional, que marchou para Caraguatatuba em principios de outubro de 1893, sob o commando do capitão dr. Americo de Campos Sobrinho, tendo como subalternos o tenente José Antonio Garcia e o alferes Heitor Telles.

Em desempenho de commissão do governo estadual, acompanhou essa força até Caraguatatuba o tenente coronel dr. Rivadavia Corrêa.

Mais tarde foram addidos a esse contingente o capitão Theobaldo Queiroz e o alferes Luiz Paes de Barros.

O dia 5, como os antecedentes, passou cheio de inquietações, por constar que os navios revoltosos viriam a Santos fazer nova investida. O *Pallas,* que se

dirigira para a Ilha Grande, dalli sahira sem que se soubesse o rumo que tomára, pois o canal que dá accesso á ilha, tanto pode conduzir para o Sul como para o Norte.

Como sempre, porém, a guarnição da barra de Santos não se emocionava com a possibilidade de um novo combate, e esperava tranquillamente o desenrolar dos acontecimentos.

Os portos do littoral estavam já sufficientemente guardados, havendo o governo enviado para Cananéa 30 praças, bem providas do necessario e sob o commando do tenente Paraguassú.

O energico juiz de direito de Cananéa, dr. Joaquim de Oliveira Alcoforado, de accôrdo com o delegado de policia local e com o presidente da camara municipal, fizéra retirar os pharoleiros com o material e praticos, para impossibilitar a entrada dos navios revoltosos.

Para Iguape, de onde não se retirára o destacamento local, enviaram-se tambem armas, munições e fardamento a fim de armar e equipar os voluntarios, que as autoridades locaes angariavam para a defesa do porto e segurança do municipio.

6.

Occupação da cidade de São Sebastião. — Interrupção e restabelecimento do telegrapho. — Bombardeio de São Sebastião. — O presidente do estado felicita a guarnição daquella praça. — Continua em marcha a artilharia enviada para São Sebastião. — A " Marcilio Dias " e o " Pallas " bombardeiam a cidade. — O dr. Bernardino resolve que a artilharia continue em demanda de São Sebastião.

Era manifesta a anciedade pelo resultado da tomada de São Sebastião, o que devia ter-se verificado no dia 2, de madrugada, segundo telegramma expedido de Caçapava pelo dr. Malheiros, ao coronel Jardim.

O tenente coronel Telles, em marchas forçadas com o seu reforço, chegou no dia 2 a Caraguatatuba, partindo a 3 para São Sebastião, a fim de assegurar a victoria final.

Até o dia 5 não se conheciam esses acontecimentos, por que as communicações telegraphicas tinham sido interrompidas pelos revoltosos. Foram restabelecidas pelo tenente coronel Telles, logo após ter assumido o commando das forças em operações naquelle porto.

Pela tarde desse mesmo dia, chegou o primeiro despacho do tenente coronel Telles, communicando a posse da cidade e o restabelecimento do telegrapho, mas sem dar ainda nenhum pormenor da lucta. Dizia sómente que a cidade havia sido bombardeada duas vezes pelos vapores *Iris* e *Marcilio Dias*, que depois foram ancorar junto de Villa Bella, onde não podia divisar-lhes os movimentos.

O dr. Bernardino de Campos enviou, em resposta, calorosas felicitações aos officiaes e praças da guarnição e ás autoridades legaes, pela assignalada victoria.

Dizia anciar pelo conhecimento de todos os pormenores e episodios da acção.

Para que nada faltasse ás tropas em lucta, fez pôr em caminho de São Sebastião mais um medico com ambulancia e provisão de generos. Mais 100 praças foram aprestadas e tiveram o mesmo destino, para permittir repouso ás que lá se achavam e que deviam estar exhaustas pelas marchas e combates.

Essa infantaria era commandada pelo major Lucidoro de Oliveira, do 5.° batalhão.

A artilharia continuava em marcha, luctando com maus caminhos, que não eram mais do que estreitas veredas, tornadas quasi intransitaveis pelas ininterruptas chuvas que se encachoeiravam nos morros.

O commandante da artilharia, sabendo que os revoltosos, repellidos de São Sebastião, continuavam a permanecer na ilha, procurava com a maior solicitude, apressar a marcha, dando aos seus commandados um nobre exemplo de inquebrantavel resistencia e resignação nos soffrimentos, supportados com verdadeiro estoicismo.

Era seu intento prestar mão forte ao tenente coronel Telles e expellir para bordo os marinheiros, que haviam desembarcado dos vasos revoltosos.

Accusando o recebimento de um telegramma do dr. Bernardino, o tenente coronel Telles affirmava ser impossivel a chegada da artilharia por terra, pelo que ia mandar prevenir com urgencia o alferes Wright, para que retrocedesse antes de chegar na serra, cuja passagem era impraticavel.

A cidade de São Sebastião estava deserta; a população amedrontada se refugiára nas mattas e, apesar da segurança que lhe offerecia a presença da força legal, não queria aventurar-se até a cidade.

Tinha o povo razão em não confiar no apparente abandono do porto, pela retirada dos navios, pois ainda nesse mesmo dia, ás 11 horas da manhã, a tor-

pedeira *Marcilio Dias* viéra de novo até a frente da cidade e a bombardeára durante mais de uma hora, despejando ao acaso para mais de 50 balas.

Depois desse feito, voltára a ancorar junto do *Iris*, em Villa Bella.

Os disparos feitos para o centro da cidade damnificaram duas casas particulares, não havendo perdas de vidas, por estar a cidade abandonada.

O *Pallas*, voltando da Ilha Grande, veiu na tarde desse dia á Villa Bella, a communicar-se com o *Marcilio Dias*, e depois, chegando á frente da cidade de São Sebastião, bombardeou-a, lançando grande quantidade de projecteis. Em seguida desappareceu no horizonte.

O *Republica* e o *Pallas* não foram mais vistos naquelle porto : – é que tentavam outras emprezas nos estados do sul.

A artilharia, que procurava atravessar a serra, a marchar penosamente, luctando com pessimos caminhos e lodaçaes, si chegasse com tempo ao seu destino, prestaria, na defesa da cidade, inestimavel serviço.

O dr. Bernardino de Campos, após ter tomado conhecimento do telegramma do tenente coronel Telles, em que lhe communicava a impossibilidade da travessia da serra, decidiu, apesar disso, a continuação da marcha para a frente, porque já se havia percorrido parte do caminho e vencido a maior difficuldade.

Deu ordens terminantes para que a artilharia avançasse, como fosse possivel, mesmo abandonando as viaturas e fazendo transportar em cargueiros os canhões, reparos e munição, — para o que devia utilizar os animaes de tiro.

Ordenou que a infantaria (100 praças), que marchava com a artilharia, deixasse na raiz da serra uma escolta, para acompanhar as boccas de fogo, e prose-

guisse rapidamente a viagem para São Sebastião, levando cada soldado 40 cartuchos, e a tropa, tres cunhetes, conduzidos em muares.

Para preparar o caminho na serra, a fim de que poudesse offerecer passagem á artilharia, enviou muitos trabalhadores sob a direcção do engenheiro dr. Leandro Dupré.

Para serem incorporados ás forças do tenente coronel Telles, em São Sebastião, seguiram tambem o capitão Antonio Baptista da Luz e alferes Heitor Guichard e, no dia seguinte, reunindo-se a esses officiaes, partiu o tenente Accioly, do 10.° regimento de cavallaria.

V

A defesa de São Sebastião.

(Continuação.)

I.

As forças do littoral entrincheiram-se. — Situação critica do porto de São Sebastião. — As forças de occupação resolvem fortificar-se na serra de Caraguatatuba. — Desapparece um official sympathico á causa da revolta. — Receios de traição. — O presidente do estado oppõe-se á retirada das forças de São Sebastião. — Pedido de armamento e resposta do governo central. — Novas deserções : – a situação se aggrava e as forças de occupação retiram-se para a serra. — Reforços.

O coronel Jardim, secundando as ordens tão acertadas do presidente do estado, determinou ao tenente coronel Telles que fizesse construir ligeiros abrigos, para as forças esparsas no littoral de São Sebastião, de modo a tornar improficuos os effeitos de bombardeio sobre a tropa, que não devia abandonar os pontos que occupava, a fim de impossibilitar um desembarque. Aliás, não era provavel um desembarque, devido á falta de quem poudesse bem dirigir em terra uma tropa para essa arriscada empreza, e em razão da pouca gente de que os revoltosos dispunham a bordo.

Ao sr. João Fernandes, delegado de policia da localidade, pediu o tenente coronel Telles que reunisse gente armada, para auxiliar a defesa. O commandante das tropas precisava ter sempre em vista a repartição do telegrapho, para onde, certamente, os navios fariam convergir o fogo, caso voltassem a bombardear a cidade.

A situação desse porto tornava-se critica, perigosissima e era muito difficil uma efficaz defesa.

Era sabido que algumas pessoas privavam intimamente com os officiaes revoltosos, desde a primeira occupação da cidade. O commandante das forças não tinha podido impedir esse commercio, por não lhe ser possivel exercer uma vigilancia continua no littoral, em vista da falta de tropa disponivel.

Isso motivou do presidente do estado uma determinação ao delegado de policia, para que procurasse cortar essas communicações e se preoccupasse mais seriamente com as perfidias, do que com os bombardeios, que menos damnos deviam causar.

Esses homens, que intimas relações mantinham com os revoltosos e que de tudo sabiam com antecedencia, para em occasião opportuna se porem a salvo, fizeram constar que os tres navios reunidos bombardeariam a cidade, para tentar um desembarque. Esses boatos que, como os outros, podiam ser confirmados, inquietavam o commandante das forças em operações, forçando-o a tomar in-continenti a resolução de se retirar comellas para Caraguatatuba, fortificando-se na serra, onde, com as peças que já alli se achavam, opporia resistencia a qualquer movimento de penetração, que os revoltosos por ventura tentassem.

O capitão Pedro Guilherme Barboza, do 4.° batalhão, que commandava a força de occupação no dia 2, era um dos que pareciam inclinados, si não a fazer causa commum com os revoltosos, pelo menos a não querer hostilizal-os. Na vespera pedira elle licença ao commandante Telles para retirar-se á capital, licença que aliás não obteve. Desde o momento da recusa por parte do commandante da columna, esse official desappareceu, não comparecendo no local do aquartelamento até á tarde desse dia,

Isso não sómente confirmava os boatos de bombardeio, como fazia prevêr uma cilada armada pelos

revoltosos, de concerto com esse official e com as pessoas residentes na localidade, notoriamente sympathicas á revolução.

O tenente coronel Telles sabia que bastava um vapor dos revoltosos para cortar todas as communicações com São Sebastião, mesmo ficando fóra do alcance da artilharia de terra, que ainda estava em caminho e que era de pequeno calibre.

Era de admirar que os revoltosos ainda não tivessem lembrado de assim proceder, o que seria um desastre para as forças de occupação, que ficariam privadas de todo recurso.

Precaria era portanto a situação do tenente coronel Telles, depois da fuga do capitão Barboza, não se sabendo para onde. Havia receio de traição, até da força que alli estava e que, anteriormente, era de toda confiança.

Si as forças abandonassem a cidade, seriam certas as barbaras depredações por parte da maruja, que não deixaria de inutilizar todos os trabalhos de defesa em andamento, assim como os apparelhos telegraphicos, que das outras vezes tinham escapado de completa destruição.

O dr. Bernardino de Campos não concordou com a retirada da força e abandono da cidade de São Sebastião, passando ao coronel Jardim este telegramma :

> Coronel Jardim. — Commandante do districto. — Santos. — Telles me communica constar bombardeio São Sebastião e quer retirar-se para a serra. Penso ser erro isto, porque ha meios de abrigar a força do bombardeio e os navios não podem desembarcar gente. A retirada dará lugar á destruição do telegrapho outra vez. Peço dar instrucções a Telles.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

O presidente do estado só deu autorização para a retirada, e assim mesmo a contra gosto, depois de

novas ponderações do commandante das tropas, que affirmava já não poder contar com ellas, visto recear uma cilada.

Na occasião existiam alli 220 praças, inclusive as 100 que estavam em caminho e chegaram no dia seguinte.

No dia 7 tudo se achava em São Sebastião na mesma angustiosa situação do dia antecedente, salvo a proxima chegada de infantaria bem municiada, o que tornaria desnecessaria a retirada projectada, si o commandante das forças tivesse disso conhecimento.

Caso fosse preciso reforço, seria enviado immediatamente, pois tudo quanto dependia do presidente do estado tinha solução immediata, o que nem sempre acontecia com as providencias solicitadas ao governo federal.

As vistas do governo central, como que hypnotizadas, não se retiravam do littoral do Rio, de Nitheroy e das fortalezas que respondiam tiro por tiro aos navios revoltados. Até um pedido urgente de fuzis *Comblain*, e competente munição, feito no dia 1.°, ficou sem resposta até o dia 7, em que foi de novo e instantemente lembrado.

Veiu como resposta o seguinte despacho do ministro da guerra :

> « Demorei a resposta dos vossos telegrammas, no intuito de satisfazer o pedido de armamento *Comblain*. Actualmente não posso servir. Tenho armamento *Chassepot*, do qual posso dispôr, si vos servir. Para elle não ha munição.

Parece que São Paulo é que recebia auxilio e serviço da União quando, ao contrario, era elle que abnegadamente tudo fazia em defesa da Republica e do paiz.

O ministro da guerra sómente enviou 20.000 car-

tuchos a *Comblain*, de que havia absoluta necessidade, para abastecer as forças de São Sebastião.

Em lugar de *Chassepot*, foram pedidas 50 *Mannlicher*, para as quaes se pouderiam encontrar cartuchos.

Quando o tenente coronel Telles já tinha tudo preparado, a fim de se retirar para Caraguatatuba e depois para a serra, onde se apoiaria, appareceram a torpedeira *Marcilio Dias* e o vapor *Iris*, bombardeando a cidade e fazendo alguns estragos na matriz.

O pessoal, que esteve sob o commando do fugitivo capitão Barboza, profundamente abalado pelo incorrecto procedimento do chefe, seguindo-lhe o exemplo, debandou por essa occasião, indo refugiar-se fóra da cidade, deixando o tenente coronel Telles e dois officiaes quasi sós, em meio do perigo. A' vista disso, logo que cessou o bombardeio, o tenente coronel Telles tratou de se retirar, o mais rapidamente possivel, com os poucos soldados que ficaram, salvando a munição, os apparelhos telegraphicos e quasi todo o armamento de sobrecellente.

Em Caraguatatuba encontraram o capitão Barboza, que foi immediatamente preso, á ordem do presidente do estado e remettido para a capital, por não convir sua permanencia junto ás forças. Por essa grave falta, respondeu perante a justica militar, sendo condemnado.

Esses lamentaveis acontecimentos fizeram correr um prurido de enthusiasmo pela mocidade de São Paulo, que se offereceu em massa para tomar parte na lucta, indo a qualquer ponto onde sua causa poudesse perigar.

É assim que um grupo de rapazes valorosos, e entre elles o proprio filho do dr. Bernardino, o dr. Americo de Campos, capitão da guarda nacional, que tambem queria partilhar os perigos da lucta, commandando uma companhia do 1.° batalhão daquella milicia, seguiu, como ficou dito, para Caraguatatuba á disposição do commandante da columna.

Como vimos, foi juntamente com essa força que partiu para Caraguatatuba o tenente coronel dr. Rivadavia Corrêa, para auxiliar as forças do tenente coronel Telles, na retomada da cidade e na regularização do serviço de abastecimento.

2.

A situação em Iguape : - providencias. — Organiza-se a defesa em Caraguatatuba. As forças de Santos esperam um novo ataque dos navios revoltosos. — O commandante da artilharia prosegue no avanço. — O estado das forças em Caraguatatuba. — Navios revoltosos á altura da ilha Figueira. — Remessa de armamento para Paranaguá. — Noticias inquietadoras : - invasão do Paraná. — Boatos. — Reforços para Caraguatatuba. — A artilharia chega em São Sebastião. — Reforços de Caçapava para Caraguatatuba.

O estado de agitação, que as autoridades de Iguape notavam na população e que dia a dia communicavam ao commandante do districto e ao governo, accentuava-se cada vez mais, principalmente depois do resultado obtido com o ultimo bombardeio de São Sebastião. Era preciso que o governo, sem perda de tempo, agisse energicamente sobre aquella cidade, onde se preparavam festas para receber os revolucionarios, logo que apparecessem com os navios. Era chefe e insuflador da projectada manifestação o engenheiro da commissão federal, alli em serviço do porto.

O dr. Bernardino tratou logo de pedir ao coronel Jardim que enviasse para aquelle porto, pelo littoral, uma força sufficiente. Pediu que fosse designado para commandal-a um official que julgasse capaz de tomar a direcção geral do serviço, instruir a gente que mandára engajar e com bastante força moral para tranquillizar os amigos da situação, que se atemorizavam com os constantes boatos. Mandou prevenir o delegado de policia local, para preparar o caminho e facilitar a marcha dessa tropa, fornecendo-lhe rapidos meios de transporte.

Essa força podia, com a sua presença em Iguape,

tranquillizar a população da vizinha cidade de Cananéa, que temia a entrada no porto do navio *Republica*, que andava bordejando naquellas aguas.

No dia 8 o coronel Jardim recebeu communicação do tenente coronel Telles, que lhe dizia estar em Caraguatatuba organizando a defesa, no ponto anteriormente escolhido, já tendo restabelecido a estação telegraphica.

Ao tenente coronel Telles chegavam os boatos, que o espirito naturalmente timorato dos homens do interior fazia correr, e nos quaes, passadas algumas horas, eram os primeiros a lhes dar credito, não mais se lembrando de terem sido elles proprios que deram curso a esses boatos.

Aquelle, porém, que corrêra nesse dia em Santos, sobre novo ataque do porto pelos navios revoltosos, não era destituido de fundamento, porque fôra originado por um despacho enviado pelo dr. Victorino Monteiro ao coronel Jardim, prevenindo-o de que os vasos revoltosos se preparavam para esse ataque, desejosos de forçar a barra e assenhorear-se da cidade.

O porto de Santos estava felizmente bem guardado. Na primeira tentativa os revoltosos nada pouderam fazer, devido á tenaz resistencia offerecida. Si novo ataque tentassem, não sahiriam illesos, pois que a linha de defesa não só estava augmentada com tropas já instruidas e disciplinadas, como tambem já se achavam installados no canal varios torpedos e, assestados no forte *Augusto*, mais alguns canhões com melhor alcance.

A artilharia, em marcha para São Sebastião, na manhã de 8, atravéz de difficuldades e obstaculos de toda sorte, tinha attingido o bairro das Pitas, lugarejo situado na vertente opposta da serra.

Alli foram os officiaes surprehendidos com a ordem

do commandante Telles, que mandava retrocederem com as peças.

O alferes Edmundo Wright, commandante da bateria, extranhando essa ordem, não lhe deu cumprimento, por temer uma cilada. Por isso proseguiu o avanço com maior esforço, no que foi applaudido pelo dr. Bernardino, quando recebeu desse official communicação do facto e pedido de informação a respeito. Como se sabe, o presidente não concordára com o alvitre, lembrado pelo tenente coronel Telles, o de fazer voltar as peças, e enviou um engenheiro e operarios para prepararem a passagem da serra (1).

Os officiaes da artilharia faziam esforços para obter algumas juntas de bois, que servissem na tracção das peças, o que só a muito custo pouderam conseguir, e isso mesmo quando já se achavam proximos de Caraguatatuba.

A chuva, que não diminuia de intensidade e que durava já desde o dia 26 de setembro, fazia soffrer horrivelmente o pessoal e o gado, difficultando a marcha, alagando os estreitos carreadores e deteriorando o material.

O dr. Bernardino em despacho, que enviou ao tenente coronel Telles, aconselhava-o a que aproveitasse os engenheiros que mandára, — logo que estivessem desembaraçados da missão especial que levavam, — no serviço de abertura de desvios, o que considerava como « obra indispensavel para facilitar o movimento de forças, a coberto do mar, e para defesa do telegrapho, que communica Caraguatatuba com São Sebastião ».

(1 As divergencias que se notam entre as ordens do presidente do estado e as do tenente coronel Telles, provinham das difficuldades de communicações, que eram na occasião muito demoradas. O telegrapho não funccionava de S. Sebastião para S. Paulo e o tenente coronel Telles, para se communicar com o governo, precisava mandar seus telegrammas pela estrada de rodagem á Ubatuba, dahi para o ministerio da guerra, no Rio, de onde vinham, com lentidão, para S. Paulo.

Apesar de todas as vicissitudes e trabalhos por que passaram as tropas, durante os bombardeios de São Sebastião e depois, na penosa retirada emprehendida, chegaram em Caraguatatuba bem dispostas e resignadas aos soffrimentos, que provavelmente teriam ainda de supportar.

Envergonhadas do temor panico, de que foram acommettidas por occassião do ultimo bambardeio, as praças do capitão Barboza, pelo esforço e pela execução perfeita e prompta dos trabalhos mais penosos, procuravam fazer esquecer aos seus chefes aquelle instante de fraqueza.

No dia 10 ainda tudo continuava sem modificação.

A artilharia se achava encalhada em Pitas : — o pessoal, que fôra enviado para abertura do caminho, esperava conseguir conducção em Parahybuna, a fim de poder transportar-se para Caraguatatuba. A chuva continuava forte e sem interrupção.

O coronel Jardim soube que um navio dos revoltosos fôra visto á altura da ilha da Figueira, ao norte de Paranaguá, ignorando-se o rumo que tomára. Por isso uma expedição, que por mar devia ser enviada á Paranaguá, conduzindo material bellico, fôra sustada, até que fosse possivel sahir sem perigo.

Era intenção do official, que chefiava a escolta, alvorar na embarcação, que era o *Bracuhy*, a bandeira de uma das nações amigas e assim fazer a travessia incolume, ao abrigo das suspeitas dos revoltosos.

As autoridades de Iguape, Cananéa e Ubatuba tinham ordem de prevenir o coronel Jardim da approximação ou de qualquer movimento de navios revoltosos, para se poder aproveitar a occasião opportuna e fazer partir o *Bracuhy* com armamento destinado a Paranaguá.

Assim aconteceu : - logo que se offereceu oppor-

tunidade, o *Bracuhy* seguiu para Paranaguá, onde chegou, arrostando muitos perigos.

No dia 11 houve no littoral, na capital e no interior alguma e accentuada inquietação, motivada pelas noticias vindas do sul, sobre a invasão do estado do Paraná pelos revolucionarios federalistas e a marcha de uma forte columna das tres armas, que se dirigia para Curityba.

As noticias vindas de Caraguatatuba estavam longe de ser tranquillizadoras e ainda mais atemorizavam os espiritos.

O tenente coronel Telles, segundo informações fidedignas recebidas de Villa-Bella, dizia que o *Iris* e a *Marcilio Dias*, tinham seguido para o sul, levando como *tender* outro navio, tambem armado em guerra. Entrando em outros pormenores, dizia mais que a *Marcilio Dias* perdêra no ultimo bombardeio um canhão, que arrebentára, e soffrêra avarias nas machinas.

Na ilha constava que esses vapores regressariam no dia 16, trazendo gente armada do caudilho Gumercindo Saraiva, para invadir São Paulo por São Sebastião, Boyssucanga e Bertioga, apoderando-se de Santos, no que seria apoiado pelos diversos vapores revoltosos.

O tenente coronel Telles enviou a São Sebastião, para colher noticias, o major Lucidoro, da força de Caraguatatuba, e o dr. Luiz Filippe Jardim, cirurgião da guarnição.

Esses officiaes, regressando á tarde, trouxeram varias informações alentadoras : – affirmava-se em São Sebastião que o cruzador *Republica* naufragára á altura do Monte de Trigo, local distante daquelle porto 5 leguas e situado ao norte de Bertioga, estando a torpedeira *Marcilio Dias* soccorrendo os naufragos. Verificou-se depois que tal noticia era destituida de todo

fundamento, e fôra talvez lançada para produzir determinado effeito...

No dia 12 chegaram á Caraguatatuba as forças trazidas pelo capitão Antonio Baptista da Luz, alferes Accioly e Linhares, a fim de reforçar essa localidade que fôra escolhida para base das operações, na defesa dos portos.

Alli tudo corria em perfeita ordem e plena paz. A guarnição continuava a accumular elementos de defesa e de ataque, e a construir trincheiras-abrigos para as tropas.

Essas informações, enviadas pelo commandante das forças, asseguravam tambem reinar perfeita harmonia disciplina na tropa, que sómente aguardava occasião para pôr em evidencia a sua bravura e devotamento pela causa da legalidade.

A artilharia, tão necessaria para auxiliar a defesa e oppôr a possivel resistencia á approximação das embarcações, havia finalmente chegado pelo anoitecer desse dia, devido exclusivamente aos esforços do seu brioso commandante, que dispensára o concurso da engenharia civil e, com o proprio pessoal, abrira picada na ingreme serra do mar, estivando um grande trecho do tremedal existente ao sopé.

O engenheiro civil, sr. Leandro Dupré, chegando ao local onde se achavam as boccas de fogo, já na vertente de Caraguatatuba e a uma legua dessa cidade, louvou o trabalho executado e, por desnecessario, dispensou o pessoàl que trouxéra, regressando tambem para Caçapava, visto não precisar o alferes Wright utilizar-se dos seus serviços profissionaes.

A demora da artilharia, em Pitas, prolongou-se por difficuldade de transporte.

Em muitos pontos foi necessario puxar as peças á mão, sendo algumas vezes desmontadas, para facilitar a tracção. Devido á energia e ao zelo de seu comman-

dante, não houve accidente de maior monta a lamentar.

O pessoal chegou bem disposto, mas exhausto de fadiga, pelos pesados trabalhos a que foi obrigado durante a viagem.

As praças chegaram á Caraguatatuba descalças e andrajosas : – os dias de continuo mau tempo, que a tropa soffreu em caminho, e os cortes que tiveram de fazer nas mattas, deixaram-na sem roupas. Estas ficaram em tiras nos espinhaes que atravessaram, arrastando as pesadas peças.

No dia 13 não occorreu, nem em Santos e nem nós portos do littoral, nada de importante sobre o movimento de tropas paulistas ou de navios revoltosos.

Para Caraguatatuba partira nesse dia mais um reforço, expedido de Caçapava. Tudo foi providenciado pelo senhor Torquato Siqueira, alli collocado em commissão para organizar transporte, alojar tropas e encarregar-se do serviço de aprovisionamento das forças do tenente coronel Telles.

O fornecedor das tropas ficára em Parahybuna para estar mais em contacto com a guarnição que tinha de abastecer. Foram de real merecimento os serviços que nessa emergencia prestou ao estado o senhor Torquato Siqueira.

As peças, chegadas na tarde de 12 á Caraguatatuba, foram assentadas em trincheiras previamente preparadas em ponto dominante, podendo abrir fogo num angulo maior de 90.° e num raio de 3.000 metros.

3.

O vapor " Uranus " fórça a barra do Rio de Janeiro. — O presidente do estado previne a possibilidade de um desembarque em São Sebastião. — A cidade é abandonada. — Diversas providencias lembradas pelo dr. Bernardino. — Caraguatatuba como ponto estrategico. — Exploração da serra : — difficuldades. — Necessidade de guardar São Sebastião e estabelecer sua ligação com Parahybuna. — Defesa de Ubatuba e da estrada que dá accesso á Taubaté. — Providencias lembradas pelo dr. Bernardino, para evitar uma invasão no territorio do estado. — Novas providencias. — Fica um pequeno destacamento em São Sebastião.

O coronel Jardim, por um despacho do dia 14, do ministro da guerra, teve noticia da sahida do vapor *Uranus*, que forçára a barra do Rio, com cèrca de 150 homens de guarnição, segundo informára um dos tripulantes, que se evadira de bordo e se apresentára no quartel-general. Isso trouxe certa agitação na população do littoral paulista, que via com receio crescer a força dos revoltosos, cujos navios sulcavam impavidos os mares costeiros, do Rio a Santa Catharina.

Era desconhecido ainda em São Paulo o insuccesso da fuga desse vapôr, que ficára muito avariado e arribára á Ilha Grande, por não poder proseguir a viagem.

Essa agitação repercutiu nas tropas de defesa e nas autoridades militares, que cerraram ainda mais a vigilancia já existente, pondo de promptidão a tropa e criando melhores meios de defesa.

No dia 15 foi pelo presidente do estado endereçada ao tenente coronel Telles, em Caraguatatuba, uma

communicação confirmando a fuga do *Uranus*. E, mais tarde, enviou-lhe este despacho :

> Tenente coronel Telles. — Caraguatatuba. — E' urgente abrir communicação interior e coberta para São Sebastião. Basta picada para cavalleiro, aproveitando qualquer vereda ou antigo caminho. Consulte os moradores e mande fazer, mesmo dispendendo dinheiro. Aproveitae a folga.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

Isto feito, ficaria prevenida a possibilidade de novo desembarque em São Sebastião, para onde pouderiam ser remettidas forças, sem ser abandonado o seu ponto de apoio e de retirada, em caso de impossibilidade de manter-se na posição estabelecida.

A cidade continuava em abandono, apesar dos esforços feitos pelos officiaes que lá estiveram, a fim de restabelecer no espirito publico a confiança na acção do governo.

Os cargos publicos tambem foram abandonados, ficando a cidade sem administradores. A agencia do correio estava fechada, por falta do respectivo funccionario, tendo sido necessaria a nomeação de um official da guarda nacional, o tenente José Antonio Garcia, que fazia parte da guarnição de Caraguatatuba, para tomar conta da agencia.

O serviço de expedição da correspondencia não devia soffrer demora. O funccionario, que exercia essas funcções, bandeára para os revoltosos, desde o primeiro desembarque no porto, não podendo desde então merecer a confiança dos legalistas, que temiam violação da correspondencia official, em beneficio dos revoltosos. Outros cargos foram providos do mesmo modo, para que a vida da cidade se normalizasse.

A sahida do *Uranus* e a possibilidade de outras fugas, na bahia do Rio de Janeiro, difficultavam a acção

desses homens de boa vontade. Não podiam entrar em pleno exercicio de seus cargos, pela falta de tranquillidade e receio de não serem soccorridos a tempo pela força que, já uma vez, e em critica situação, os deixára á mercê de crueis vindictas, que felizmente não foram exercidas pelos revoltosos.

O presidente do estado não queria que esse facto tão lamentavel tivesse reproducção. Achava que a força alli postada não devia consentir que tal acontecesse. Para isso, mesmo de longe, exercia uma acção benefica sobre aquelle infeliz pedaço do sólo paulista, — já incitando os chefes militares ao cumprimento do dever, já dirigindo indirectamente os serviços de defesa da cidade, com expedição de ordens para a execução de trabalhos indispensaveis.

O telegramma que vae transcrito é uma prova eloquente do zelo, do cuidado e da lealdade do homem que presidia ao destino do estado, em momento tão cheio de escolhos para sua administração.

> Tenente coronel Silva Telles. — Caraguatatuba. — Apressae a abertura da communicação interna para São Sebastião. Isto é urgente. Guardae a serra e collocae vigias e emboscadas em São Sebastião, de modo a terem esses homens retirada livre para o grosso da força. Guardae o telegrapho, de modo a não ser cortada a nossa communicação, podendo empregar todos os meios para reprimir qualquer tentativa contra a linha. Attendei á conservação da passagem sobre o rio Juqueryquerê, pondo guarda que defenda a balsa.
>
> Bernardino de Campos.

O tenente coronel Telles tinha feito estudar o terreno para abertura de communicação entre Caraguatatuba e São Sebastião, verificando a sua impossibilidade, dadas a conformação da serra, nesse ponto, e a natureza das terras do littoral.

Houvéra, muitos annos antes, uma estrada de São

Sebastião para Parahybuna, que desapparecêra inteiramente, porque o porto de São Sebastião deixou de funccionar, depois da existencia da Estrada de Ferro Central.

Nunca existira communicação directa entre Caraguatatuba e São Sebastião, a não ser pela praia ou por mar, pois outra era impossivel, como os exploradores do momento demonstraram. Subsistira apenas a vereda deficiente e penosa de Caraguatatuba para Pitas e Parahybuna, por onde se mantinham as communicações com o planalto e a Estrada de Ferro Central. Era, portanto, Caraguatatuba o ponto estrategico para accumulação de forças, que guardassem essa estrada e ao mesmo tempo defendessem São Sebastião, a tres leguas de distancia pelo littoral, embora vencendo e evitando os riscos e perigos da passagem ao alcance dos navios.

A reabertura da velha estrada de São Sebastião para Parahybuna, ou a abertura de uma nova, communicando com o planalto, seria obra muito demorada e obrigaria á organização de uma outra columna para a sua guarda, si viesse a concluir-se ainda em tempo de ser utilizada para defesa de São Sebastião.

Sendo necessario atravessar o rio Juqueryquerê na pessima balsa existente, tratou-se de melhoral-a e assegurar a sua definitiva posse.

Para cumprir as categoricas determinações do presidente do estado, designou o commandante das tropas o major Lucidoro e alferes Wright para explorarem o terreno entre Caraguatatuba e São Sebastião. Deviam esses officiaes, em seu regresso, organizar um estudo que servisse para o fim que se tinha em vista, isto é, preparar caminhos encobertos. Esses officiaes communicaram ao tenente coronel Telles não ser possivel executar a abertura de tal caminho, com tempo de ser aproveitado no momento actual.

A difficuldade consistia na natureza do terreno

montanhoso e cheio de profundos despenhadeiros, que formam as faldas da serra do mar. O caminho, que existia, ligando as duas localidades, só com algumas obras ligeiras se prestava a facilitar a passagem de forças de infantaria, por ser descoberto em alguns pontos.

Havia a constante preoccupação de ser cortada a retirada em um desses pontos, segundo receava o tenente coronel Telles, sendo isso um grande e constante perigo. A força, que por acaso se achasse naquella cidade, ter-se-ia rendido forçosamente a fome, por não haver outra communicação terrestre, para seu abastecimento.

Razão tinha o dr. Bernardino de insistir em soccorrer a população de São Sebastião, tanto na defesa de seu porto como em não consentir que fosse interrompida a communicação, o que redundaria no perecimento das pessoas da localidade, que ficariam privadas do extricto necessario para sua subsistencia.

Em despacho ao presidente do estado, a proposito do falado desvio, achava elle que convinha fazer notar que, como ponto estrategico, não tinha São Sebastião nenhuma importancia, por não ter outro meio de se abastecer sinão pelo caminho que passava por Caraguatatuba, e esse caminho podiam os revoltosos cortar.

Existia uma estrada aberta, havia alguns annos, pelo governo provincial, ligando Parahybuna a São Sebastião. Essa estrada não era transitada, estando em parte obstruida pelo matto e pelas profundas valas abertas pelas chuvas. Entretanto podia ser reparada, no trecho que fosse util á defesa da cidade, aproveitando-se para o serviço os roceiros das vizinhanças. Mas só a idéa da necessidade de dividir a força, para defesa de mais esse ponto, fazia com que o tenente coronel Telles recuasse e achasse a tentativa difficil e inopportuna.

Disse em telegramma ao dr. Bernardino, logo que lhe fôra suggerida a lembrança de ser utilizada essa estrada:

> Este caminho poderá ser reaberto e concluido, porém isso seria trabalho para dois ou tres mezes e, portanto, sem proveito immediato, além da grande despesa. Olhando para o lado estrategico, acho que seria actualmente inconveniente a reabertura da estrada, por ser mais uma via que teremos a defender, dividindo, portanto, as nossas forças.

O dr. Bernardino de Campos, desde que cuidára de fazer expellir os revoltosos de São Sebastião e guarnecer outros pontos do littoral, insistira com o commandante do districto para que mandasse força defender Ubatuba e, consequentemente, a estrada de Taubaté, perfeitamente franca e livre para uma penetração no interior do estado, ainda mais quando era sabido ser grande o elemento opposicionista em São Luiz e Taubaté.

Ao coronel Jardim pareceu desnecessaria essa precaução, mas, passado tempo, começou a achar razoaveis as ponderações que lhe fizéra o presidente, estando resolvido a mandar tropas para São Luiz. Essa sua resolução fòra reforçada com um despacho do tenente coronel Telles, datado desse dia e assim concebido :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Constando existencia de vapor na costa e estando tomado já por nós o caminho de Caraguatatuba, e existindo franca ao accesso do inimigo a estrada que de Ubatuba conduz a Taubaté, onde existem elementos poderosos de opposição, e sendo facilimo o desembarque de forças em Ubatuba, acho de bom conselho e de inadiavel necessidade guarnecer com forças regulares, commandadas por officiaes de confiança, São Luiz, onde, com elementos populares, será facil deter e repellir o inimigo, que sabemos, visa principalmente este estado, onde conta obter os elementos que deseja.
>
> Silva Telles.

No mesmo dia a tarde, confirmando esse receio,

era assignalada em Ubatuba a passagem de um vapor de guerra para o norte, sem tocar no porto.

Preoccupava sobremodo ao presidente do estado a possibilidade de desembarque, fóra das vistas das tropas de defesa e em qualquer ponto do littoral, surgindo a gente dos navios, de surpresa, em alguma povoação áquem da serra do mar. Não se cansava de fazer indagações sobre os caminhos de penetração, existentes no littoral, a fim de prevenir aos chefes militares.

É assim que, sabendo da existencia de um caminho ou picadão, recentemente aberto no bairro do São Francisco, para a fazenda do tenente coronel Sant' Anna, indo sahir em Parahybuna, scientificára in-continenti ao tenente coronel Telles, mandando que sobre elle pedisse informações ao sr. João Fernandes, muito conhecedor daquelles sitios. Seria conveniente verificar a importancia dessa passagem, no ponto de vista estratégico, e ver si por ella podia subir gente desembarcada do mar. Ao mesmo tempo, tendo requisitado do ministro da guerra novo fornecimento para armar mais homens e collocal-os na defesa de Ubatuba e São Luiz, obteve, além das *Chassepots* promettidas, algumas centenas de *Miniés*, - fuzis de carregamento difficil, por ser de systema muito primitivo.

Além dessas acertadas providencias, o dr. Bernardino, por intermedio do tenente coronel Telles, mandou ao sr. João Fernandes, que collocasse em Boyssucanga um posto forte vigiando o littoral até São Sebastião, para avisar do que occorresse nas praias. Seria mais uma garantia para o telegrapho. Além disso, ficou o sr. João Fernandes encarregado de explorar o littoral, entre Caraguatatuba e Ubatuba, e verificar si havia outro caminho que ligasse entre si essas localidades. Era tambem provavel que entre as duas existisse ponto de desembarque que convinha guardar.

Existia de facto um outro caminho de ligação entre Caraguatatuba e Ubatuba, porém intransitavel na

occasião, devido ás chuvas continuadas que o transformára em atoleiro e tremedaes. Havia tambem alguns pontos de facil desembarque no littoral, não convindo, porém utilizal-os para transito de forças.

O commandante das forças em Caraguatatuba conservava em São Sebastião 12 praças apenas, sob o commando do tenente Garcia, para dar aviso do que houvesse. Esse pequeno numero de homens pouderia com facilidade, esgueirar-se para Caraguatatuba sem nenhum perigo. Pensava o commandante que força maior não pouderia retirar-se em caso de necessidade, com a rapidez reclamada, correndo o risco de ter o caminho cortado pelos canhões dos navios. Teria assim de succumbir toda, irremessivelmente, aos golpes da metralha de bordo.

Quanto á força que o presidente desejava para guardar Boyssucanga, não foi postada, por ter o commandante julgado desnecessaria essa precaução, em virtude da distancia em que se achava de lugares habitados. Os revoltosos não tirariam da sua posse outra vantagem sinão a facilidade de cortar o telegrapho, que seria logo restabelecido pelo commandante Telles.

4.

Revoltosos se acoutam em casa do consul portuguez em Santos. — Seguem forças para São Luiz. — Um acto de insubordinação. — Uma condemnação á morte. — A revolta da armada esmorece. — No littoral paulista activa-se e fortifica-se a vigilancia.

No dia 16 o revoltoso coronel Piragibe e 4 officiaes, estiveram em Santos, acoutados na chacara do consul portuguez de Santos, sr. Luiz José de Mattos, embarcando sob sua protecção no paquete *Malange,* com destino ao sul.

Á falta de uma policia sagaz, naquella cidade, deve-se não terem sido elles descobertos e presos, como acontecêra com o dr. Menezes Doria e Generoso Marques, quando alli estiveram.

O dr. Bernardino apressou-se em attender ás ponderações do tenente coronel Telles, enviando forças para S. Luiz, a fim de guarnecer aquelle ponto estratégico, e tambem as paragens circumvizinhas. Alli já se achava uma força da guarda nacional sob as ordens do major Domingos de Castro, capitão Caetano Lopes, tenente Sebastião Pedroso e alferes Abreu e Silva e Fernando Felix Ferreira.

O espirito de disciplina que reinava entre os officiaes e praças, que guarneciam Caraguatatuba, foi perturbado na tarde desse dia 16, pela insubordinação de um soldado contra um official, por occasião da instrucção.

O facto lamentavel passou-se do seguinte modo: — o alferes Heitor Guichard, designado para dar nesse dia instrucção ás praças, reuniu-as no local em que

habitualmente se faziam os exercicios e, a cavallo, em frente da linha desenvolvida, começou a fraccional-a.

Eurico de Oliveira, soldado do contingente do 4.° batalhão e homem de maus precedentes, sahindo subitamente da fileira, apontou a arma para o official e fez disparar o tiro. A bala veiu afflorar-lhe o rosto, ensanguentando-o. Com o estampido accorreu rapido o commandante da tropa, acompanhado de alguns officiaes. A disciplina foi mantida em fórma, pela presença desses officiaes, sendo preso o soldado criminoso.

O tenente coronel Telles mandou immediatamente reunir os officiaes na sala do commando, expondo-lhes a gravidade da falta commettida pelo soldado Eurico. Achava elle que a praça devia receber punição equivalente ao crime commettido, para que não houvesse reproducção.

Os officiaes presentes foram accordes em condennal-o a fuzilamento immediato, sendo lavrada uma acta, que todos assignaram.

A sentença teve execução nesse mesmo dia, ás 3 horas da tarde, com a assistencia de toda tropa da guarnição.

O soldado Eurico, para ser executado, teve de ser amarrado á uma carreta de artilharia.

Infelizmente não são raros nas campanhas os factos desta natureza. A necessidade da disciplina militar impõe deveres, duros de cumprir, como foi este.

No dia 17, em telegramma, deu o commandante da força conhecimento dessa execução summaria ao coronel Jardim, e ao presidente do estado, que lhe deu a seguinte resposta :

> **Tenente coronel Telles. — Caraguatatuba. —** Recebi vosso telegramma sobre aggressão a alferes Guichard. Na situação em que nos achamos, vosso proceder é imposto pelas circumstancias, e não po-

dieis deixar de applicar a repressão indispensavel á manutenção da disciplina, contra o soldado criminoso. Approvo o que foi resolvido e executado.

BERNARDINO DE CAMPOS.

No dia 18, os revezes e perdas, soffridos pelos navios rebellados, faziam crer que a revolta da armada agonizava, havendo todo o fundamento para que se acreditasse ter ella um desenlace favoravel á situação.

Não era só em São Paulo que esse acontecimento era esperado, — tambem no Paraná o aguardavam para muito breve, segundo dizia em telegramma o dr. Vicente Machado, governador do estado.

Essas noticias, si por um lado davam motivo para geral regosijo, de outro lado faziam prevêr calamidades, pois os revoltosos não deixariam de fazer um supremo esforço, antes de abandonarem definitivamente a causa que abraçaram.

Esse supremo esforço tanto podia ser feito na Capital Federal, como em Santos que, vindo a cahir em poder dos revoltosos, lhes proporcionaria uma assignalada victoria, trazendo aos corações já esmorecidos e descrentes, novas fontes de esperanças e enthusiasmo pela causa da revolta.

Assim pensava o dr. Bernardino, que mandára activar em todos os pontos do littoral a rigorosa vigilancia, que não cessára de existir desde o começo, fazendo tambem guarnecer lugares onde ainda não havia tropa, e reforçando alguns outros do mesmo littoral.

VI

A defesa de Iguape e Cananéa.

I.

Necessidade de guarnecer Cananéa e Iguape. — Um emissario do governo chega á Cananéa : - intuito da sua missão. — Abastecimento das forças de Cananéa e Iguape. — Explorações na barra de Iguape e porto de Cananéa. — O governo arrecada as embarcações do valle da Ribeira. — Providencias para defesa das duas cidades. — O dr. Bernardino insiste na effectiva occupação de São Sebastião. — Uma embarcação suspeita em Villa Bella.

Cananéa e Iguape eram localidades que precisavam ser convenientemente guarnecidas, visto estarem situadas nas proximidades de Paranaguá, então ameaçada pelos revoltosos da armada.

Era necessario que para essas duas localidades seguisse uma pessoa resoluta, e de inteira confiança do governo, que não só auxiliasse a organização da defesa, como tambem poudesse conter os elementos subversivos, sahidos da opposição local.

No dr. Alipio Borba recahiu a escolha do dr. Bernardino de Campos, para o desempenho dessa delicada e importante missão. Acompanhando a expedição do general Argollo, que se destinava á Curityba, chegou elle á Cananéa no dia 11 de outubro.

Levou instrucções para armar a gente que fosse angariada na localidade, dispondo para esse fim de 60 fuzis *Comblain*.

Como ficou dito, alli estava desde alguns dias o tenente Paraguassú, com 30 praças.

O dr. Borba recebêra ordens de empregar pontões e barcas para, em caso de necessidade e no momento opportuno, obstruir a barra de Cananéa. Aconselhava o dr. Bernardino a esse engenheiro que tivesse barcos com lastros e collocados em ponto apropriado do canal, promptos a serem postos ao fundo, si os revoltosos tentassem a invasão ou se approximassem da entrada.

Ao juiz de direito e ao sr. Bourssóes foi ordenado que provessem as forças de tudo quanto poudessem necessitar para sua subsistencia, e que tambem prestassem todo o concurso para o exito da missão que ao dr. Borba fôra confiada.

Á ligação telegraphica entre as duas cidades vizinhas devia ser conservada, e rigorosamente vigiada a sua communicação, pelo Mar Pequeno, de modo a estar o caminho livre para um caso de retirada sobre Iguape, onde ficaria estabelecida a resistencia.

Determinava o dr. Bernardino que procurassem ligação por terra, entre as duas cidades, a fim de possuir a tropa mais de uma via de communicação.

Como medida de precaução, enviára para alli parte da força do tenente Paraguassú e armamento sufficiente para os homens, que o pratico-mór da barra de Cananéa trouxéra e que foram logo alistados como guardas-civicas.

De Iguape iria abastecimento para a força de Cananéa, visto faltar alli tudo o que ella poudesse necessitar. De Santos, enviados pelo coronel Jardim, receberiam tambem os necessarios socorros.

No dia 19 continuavam a ser dadas outras providencias, tendentes a assegurar o exito da defesa de Iguape e Cananéa. O dr. Alipio Borba era incansavel em tudo prevêr, correspondendo á illimitada confiança que o dr. Bernardino nelle depositava.

Esse engenheiro, nas sondagens e explorações a que procedeu, verificou que a barra de Icapára, em

Iguape, só pouderia dar accesso a escaleres, ao passo que o porto de Cananéa, mesmo em baixas marés, daria entrada a navios de grande calado. Nessas circumstancias, achava necessario guarnecer Cananéa de bom e estavel elemento, sem abandonar Iguape, que ficaria sendo ponto de reunião.

Nesta cidade havia forte opposição que precisava estar sob cerrada vigilancia. O dr. Bernardino de Campos mandou arrecadar todas as embarcações da Companhia de Navegação do Valle da Ribeira, pondo-as sob as ordens do dr. Alipio Borba.

Das obras, que naquella região estavam executando, ficaram dois cabos de arame galvanizado, com apparelhos e guinchos. Convenientemente esticados de uma á outra margem, os cabos impediriam ou pelo menos demorariam a passagem de vapores revoltosos. Nesse caso as forças, collocadas em pontos dominantes, no morro de São João, por exemplo, varreriam com sua fuzilaria o convéz de qualquer navio, difficultando a manobra das embarcações, cujos marinheiros ficariam expostos ao fogo.

No dia 20, a guarda civica de Cananéa, que já se acha aquartelada, fez o seu primeiro exercicio militar. Desde então realizaram-se diariamente exercicios para treinar e preparar os homens, de maneira a pouderem utilizar-se efficazmente do fuzil que receberam.

No dia 21 o dr. Borba procurou estabelecer o primeiro cabo, atravessando o canal, para embaraçar a travessia de navios. A providencia tomada, fechando definitivamente o canal, trazia difficuldades para as forças de Iguape e Cananéa, que ficariam privadas de abastecimento de generos, pela impossibilidade de entrar a embarcação que para esse fim o governo havia fretado em Santos.

No dia 22, um navio, entrado em Santos, trazia a noticia de ter encontrado no cabo de Santa Martha o

Republica, em marcha para o sul, tendo passado por Villa Bella, sem tocar.

O dr. Bernardino, nesse mesmo dia, diante de novas informações que lhe foram levadas, insistiu mais uma vez, com o tenente coronel Telles, para que occupasse effectivamente São Sebastião, ligando-o em seguida, por meio de caminhos internos, á base de operações em Caraguatatuba. O coronel Jardim era tambem desse parecer.

A posse e occupação daquella cidade viria facilitar o fornecimento de generos e de outros objectos, necessarios ás tropas em serviço e á população local.

No dia 26, o tenente coronel Telles participou que o *lugar* nacional, de nome *Almirante,* tinha lançado ferro em Villa Bella. Procedendo a uma busca nessa embarcação, que lhe parecèra suspeita, encontrou uma bandeira branca, das usadas pelos revoltosos. Ao ser interrogado o respectivo commandante, declarou ser monarchista e esperar para muito breve a restauração.

2.

Periodo de relativa calma. — Continuam os preparativos de defesa em Cananéa e Iguape. — Provisões para as forças em operações. — Aguardava-se a chegada da esquadra legal organizada pelo governo federal. — Remessa de armas para o Paraná. — O declinio da revolta : - os federalistas no sul. — As forças do littoral continuam de promptidão. — Os revoltosos em Santa Catharina. — Providencias do governador do Paraná. — A paz continua inalterada em São Paulo. — Cananéa como praça de guerra.

O dia 27 passou-se sem novidade alguma que alterasse a situação. Nos portos de Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião, Iguape e Cananéa não ancoráram vasos revoltosos e nem ao largo foram elles avistados.

Nessas cidades tudo corria em plena paz, sempre em rigorosa vigilancia, sendo impossivel qualquer tentativa de surpresa.

Desconhecia-se o paradeiro dos vapores de guerra e a intenção dos revoltosos.

Corria, porém, desde alguns dias, que o *Pallas* havia sido posto a pique, quando tentava penetrar na bahia do Guanabara.

Em Iguape existia uma velha peça, que o delegado de policia mandára concertar, para servir no momento opportuno, e para a qual havia grande quantidade de balas, só faltando polvora, que em telegramma pediu ao presidente do estado.

O dr. Borba, em Cananéa, continuava a melhorar a defesa do porto, de modo a impossibilitar uma invasão, que não era provavel alli, devido a sua minima importancia para a causa da revolução.

Todas as medidas tomadas por esse engenheiro eram sufficientes, para o fim de tranquillizar a popu-

lação atemorizada e evitar que espiritos turbulentos levassem a desordem ao seio das familias.

No dia 28 o engenheiro Borba insistiu na remessa de generos que pedira, por haver absoluta falta em Iguape e Cananéa.

No dia 29 recebeu communicação de ter partido o vapor *Pomona*, que havia já alguns dias atracára em Santos, para receber os generos alimenticios que se destinavam a essás duas localidades.

O *Pomona* chegou a 31.

O valoroso engenheiro dr. Alipio Borba, embora se multiplicasse para attender ao serviço de segurança e vigilancia dos dois pontos ameaçados, impacientava-se, desejando estar em outro ponto, onde sua presença fosse mais util, — onde o perigo fosse imminente.

Nesse sentido telegraphou ao dr. Bernardino de Campos, que respondeu dizendo-lhe ser pouco provavel, mas não impossivel a invasão alli.

Os revoltosos tinham de se preparar para o ataque, que por mar teriam de soffrer, visto estar prestes a partir da Bahia para o Rio a esquadra legal, sob o commando do almirante Jeronymo Gonçalves. Não era impossivel que, uma vez acossados no Rio, os navios revoltados alli apparecessem subitamente.

O governo do estado remetteu para Curytiba, via Paranaguá, como auxilio ao governo do Paraná, grande quantidade de munição, que comprára e que recebêra do Rio.

O velho vapor *Bracuhy*, que com successo fizéra já anteriormente a mesma viagem, foi aprestado para a nova expedição.

O mez de novembro trouxe algumas esperanças de melhora na situação do paiz. O governo federal fazia aprestar com celeridade a esquadra legal, que já se estava reunindo na Bahia.

Si as noticias do Rio, quanto ao declinio da revolta, eram satisfatorias, as do sul vinham pejadas de ameaças e de perigos. As forças federalistas, perseguidas por varias columnas legaes, notadamente pela do bravo gaúcho general Pinheiro Machado, approximavam-se rapidamente da fronteira paulista, obrigando o governo a concentrar em Itararé uma forte columna, destinada a correr em auxilio do estado do Paraná.

Antes disso, o dr. Bernardino de Campos tinha enviado para aquelle ponto, a fim de estudar os recursos da zona, o dr. Paula Souza, que se desempenhou galhardamente dessa difficil missão.

O littoral continuava com a sua forte defesa, sempre vigilante, e ainda accrescida de novos elementos vindos da capital. No dia 1.° seguiram para Ubatuba, a se reunirem ás tropas alli em operações, os briosos officiaes da guarda nacional, capitão Theobaldo de Souza Queiroz, alferes Luiz Paes de Barros e algumas praças.

As noticias, recebidas nos dias 2 e 3, eram más e faziam prevêr novas calamidades.

O vapor inglez *Gerbas*, chegado em Paranaguá, procedente do Desterro, trouxe dalli graves noticias sobre a revolta, que já se julgava agonizante.

Achavam-se naquelle porto, cruzando a barra norte, o cruzador *Republica* e, ancorados, o *Uranus*, *Meteoro*, *Iris* e uma torpedeira. Constava terem seguido rumo sul o *Itapemirim*, o *Lomba* e o *Legalidade*.

Na capital de Santa Catharina havia grande movimento de forças. Segundo informou o commandante do vapor, sahiram no dia 2, para o norte, tres lanchas carregadas de tropas. A cidade estava artilhada.

A' vista dessas noticias o presidente do Paraná, pensou em apparelhar o porto de Paranaguá com uma defesa mais efficaz do que aquella de que dispunha. Para isso pediu ao engenheiro dr. Alipio Borba, que

fosse auxiliar a commissão paranáense, na collocação de torpedos na entrada do porto. O dr. Borba, em telegramma, solicitou permissão do dr. Bernardino de Campos para ir concorrer com o seu esforço na defesa do estado vizinho.

Muito estimava o presidente de São Paulo que o Paraná se armasse, como insistentemente aconselhára, e só palavras de applausos teve para a resolução tomada pelo dr. Vicente Machado.

Noticias transmittidas no mesmo dia, de Itajahy, dava como sossobrado o navio revoltoso *Pallas*, salvando-se toda a marinhagem, que seguiu para Desterro a reunir-se aos companheiros.

Em São Paulo continuava inalterada a paz e a ordem. Havia inteira adhesão das classes conservadoras ao governo, que agia com firmeza, apoiando-se na opinião publica, sempre favoravel á sua energica acção.

Era considerada impossivel a tomada de qualquer ponto do estado, sendo sufficientes as providencias dadas para assegurar a defesa.

Do grande e prospero torrão paulista não sahiria perigo algum para a estabilidade da Republica; ao contrario, era delle que partia o mais seguro e efficaz elemento de resistencia contra os intuitos da revolta.

Tendo o dr. Borba completado seus serviços em Paranaguá, veiu para Iguape, chegando com tempo de auxiliar o dr. Marques de Sá, que para alli seguira, commissionado pelo governo, para restabelecer a harmonia entre as autoridades, que alli apoiavam a causa legal. A ausencia do dr. Borba acarretára profunda desintelligencia entre varias pessoas da localidade, que sómente sopitavam a má vontade, que nutriam uns pelos outros, em virtude de a sua presença vigilante e conciliadora.

Tornava-se necessario que Iguape e Cananéa fossem

melhor guarnecidas e administradas, vista a grande distancia a que se achavam de Santos e a difficuldade de transporte, que não permittia fossem soccorridas com presteza.

O coronel Jardim, tendo ordenado que o 4.° batalhão viesse da capital para o littoral, resolveu envial-o para Cananéa com 120 praças. Ao coronel Araujo Macedo, commandante do batalhão, foi confiado o commando daquella praça de guerra.

3.

O 4.º anniversario da proclamação da Republica. — Os federalistas do sul invadem o estado do Paraná. — Organiza-se um contingente para a fronteira do Itararé. — Plano dos revoltosos. — Marcha da columna Macedo. — Retirada da tropa que guarnecia Bertioga. — A artilharia de Caraguatatuba tem ordem de recolher-se á capital.

O memoravel dia 15 de novembro raiou claro e insolado, trazendo alegria aos corações dos bravos defensores que, no littoral, soffriam os cansaços de uma prolongada alerta.

O Brazil completava o 4.º anno de vida republicana, passada em meio de tremendas vicissitudes.

As forças estacionadas em Santos engalanaram-se e, tambôr batendo, desfilaram brilhantes, luzidas, em homenagem ao Brazil-Republica.

O marechal Floriano transmittiu ao presidente de São Paulo o seguinte telegramma de saudação :

> Neste dia, em que o Brazil completa o 4.º anniversario de sua independencia republicana, congratulo-me cordialmente comvosco, convencido de que, na vossa dedicação pela causa da legalidade, encontrarei poderoso auxilio para debellar a revolta, que actualmente perturba nossa vida politica e economica.
>
> Felizmente, esse triste incidente de nossa vida nacional não está longe de chegar ao seu termo...

O dr. Bernardino recebeu tambem saudações das autoridades da capital e do interior. Ao presidente da Republica dirigiu o seguinte despacho :

> **Marechal Floriano Peixoto. — Rio.** — Saudando em vossa pessoa o inclito depositario dos destinos de nação brazileira, mais uma vez, nesta data gran-

diosa para o continente americano, affirmo a solidaridade deste estado na defesa do paiz, e sustentação das instituições republicanas constitucionaes.

BERNARDINO DE CAMPOS.

Ao coronel Jardim, apresentando saudações e agradecimentos ás forças do exercito nacional e policia, telegraphou :

Graças á dedicação dos briosos defensores da Republica, poderemos em breve congratularnos todos pelo advento da paz e prosperidade do paiz.

Os federalistas do sul avançavam rapidamente pelo estado do Paraná, que invadiram por Palmas e Rio Negro, depois de haverem tomado Lages, em Santa Catharina, fazendo retroceder a columna do general Argollo, que temia ficar entre dois fogos.

As providencias do presidente de São Paulo, no sentido de guarnecer a fronteira, foram promptas e rapidas. Logo que o dr. Bernardino teve noticias positivas da precipitada retirada da columna do general Argollo, tratou de aprestar com celeridade, para seguir com destino á fronteira do Itararé, um forte contingente que organizou com voluntarios e guardas nacionaes.

Os chefes revoltosos traçaram um plano de ataque, que estava sendo posto em pratica e do qual o general Argollo déra conhecimento ao dr. Bernardino. Consistia esse plano em tomar Paranaguá e desembarcar gente que invadiria São Paulo, entrando por Cananéa.

Como já dissemos, para essa localidade marchava o coronel Macedo, com parte de seu batalhão.

Para accelerar a marcha dessa tropa, foram enviadas ordens terminantes, visto sua presença ser necessaria e urgente no ponto de destino. Cananéa tornava-se

assim, de um momento para outro, ponto estrategico de muita importancia. Ao coronel Macedo cabia uma grande somma de responsabilidade, no commando das forças concentradas naquelle ponto.

Para alli, na previsão de graves acontecimentos, foi enviado um medico e ambulancia.

Com o declinio da revolta da armada, podia-se, sem perigo para o porto de Santos, retirar da linha de defesa parte da tropa que lá se achava. Foi, por isso, lembrada a conveniencia de ser incorporado á columna de 400 homens que se formava em São Paulo, com guardas nacionaes e patriotas, o batalhão *Alfredo Ellis*, que era na occasião a tropa mais disciplinada. Esse batalhão guarnecia ainda o canal da Bertioga.

Para commandar a columna, foi nomeado o coronel Innocencio Ferraz, commandante geral da força publica, não só por ser um official que se pensava ser muito competente, mas tambem porque conhecia todo o estado do Paraná, podendo por isso prestar alli inestimaveis serviços.

No dia 25 chegou a Santos, a fim de seguir para a fronteira, o batalhão retirado de Bertioga. Trazia um effectivo de 114 praças e 10 officiaes. Entretanto o batalhão não seguiu : – regressando a Bertioga, foi mandado incorporar-se á 2.ª brigada do commando do tenente coronel Torres Homem, com séde em São Vicente, nunca deixando de fazer parte da guarnição de Santos.

A artilharia que se achava em Caraguatatuba teve ordem de recolher-se á capital, afim de seguir para Itararé e incorporar-se á columna que para lá marchára.

4.

Aggrava-se a situação : – navios revoltosos forçam a barra do Rio de Janeiro. — O " Aquidaban " em Ubatuba. — A guarnição de Caraguatatuba. — Desembarque de marinheiros e officiaes de marinha em Santos. — Mais forças para a linha de defesa. — Activa-se a vigilancia no littoral de Santos. — Guarnecem-se as pontes de Cubatão e Casqueiros. — O " Aquidaban " ao sul. — O almirante Saldanha da Gama se manifesta. — Retirada da columna que guarnece Caraguatatuba.

Aggravára-se a situação no dia 1.º de dezembro. Quando se esperava que a revolta estivesse cedendo e prestes a deixar o campo da lucta, eis que toma novo e maior incremento. Nesse dia, transpõe mais uma vez a barra do Rio de Janeiro o formidavel *Aquidaban* e o *Esperança*, que se dirigem para o sul, alarmando de novo as guarnições do littoral paulista, sempre a postos para uma heroica defesa.

O coronel Jardim, prevenindo a possibilidade do apparecimento desses poderosos navios no porto de Santos, pediu novos reforços para a linha de defesa e ordem para sustar a retirada de tropa, em serviço no littoral.

O couraçado *Aquidaban* veiu até Ubatuba e ancorou na ilha dos Porcos. Alguns marinheiros, que vieram até Ubatuba, foram presos por ordem do dr. Bernardino de Campos e interrogados ; nada, porém, informando de importante.

Foi providenciado para que as autoridades estaduaes de Ubatuba communicassem á guarda da Serra, os movimentos do navio revoltoso — recommendando-se muita vigilancia nos caminhos de penetração.

Ao commandante da guarnição de Caraguatatuba, ante a possibilidade de ser atacado esse porto, passou o dr. Bernardino de Campos, o seguinte telegramma :

Tenente coronel Telles. — Caraguatatuba. — Lembro-vos a necessidade de ser garantida a retirada pela serra, guardando com força de confiança a posição. Confio em vosso criterio e pericia. Resolvei segundo as occorrencias. Saudações.

BERNARDINO DE CAMPOS.

O paquete francez *Espagne*, chegado nesse dia 1.° da Europa, desembarcou em Santos uma grande turma de marinheiros, que pareciam suspeitos e que foram retirados de navios de guerra brazileiros, em concerto nos estaleiros francezes. Desembarcaram tambem 20 officiaes, subindo todos para a capital de São Paulo, em trem especial. O dr. Bernardino mandou dar todas as providencias, para que essa gente ficasse bem alojada, até partir para o Rio.

Como já vimos, o coronel Jardim, logo que soube da sahida do *Aquidaban*, pediu mais tropa para reforçar a linha de defesa. Por isso, o batalhão patriotico *Alfredo Ellis*, que da Bertioga fôra retirado a fim de seguir para Itararé, teve ordem do dr. Bernardino para estacionar no porto de Santos. Além desse batalhão, que chegou a Santos na manhã de 2, seguiram tambem 50 praças do batalhão 110.° da guarda nacional da capital, commandadas por um capitão e dois subalternos. Eram todas praças escolhidas, enthusiastas e capazes de prestar bom serviço.

O dr. Bernardino, no dia 3, teve communicação de que os navios *Aquidaban* e *Esperança* se dirigiram da Ilha Grande para o norte, parecendo ter intenção de ir a Pernambuco, onde o almirante Jeronymo Gonçalves reunia a esquadra legal. Essa noticia, não tendo logo confirmação official, fez com que surgisse a suspeita de se tratar de um estratagema, visando o porto de Santos. Assim, foi recommendado ao coronel Jardim muita vigilancia no littoral. Como a barra não possuisse ainda um holophote (já então encommendado pelo governo

do estado), o dr. Bernardino determinou que se collocasse de vigia, fóra da barra, um rebocador bem veloz. A linha de torpedos, collocados no canal e promptos a explodir, foi melhor guarnecida, recommendando-se assidua vigilancia aos encarregados do serviço.

A ponte do Cubatão foi melhor guarnecida e vigiada.

Na ponte de Casqueiros foi collocado um batalhão de voluntarios, organizado pelo popular chefe abolicionista, o preto Quintino de Lacerda. Guarneceu-se a ponte com dois canhões de pequeno calibre.

Dois dias mais tarde, soube-se em São Paulo que o *Aquidaban* se achava em Desterro.

Por instancias do coronel Jardim, o marechal Floriano mandou preparar 3 canhões de grosso calibre, como auxilio para a defesa de Santos.

No dia 10 o almirante Saldanha se manifestou, rompendo a neutralidade em que se mantinha.

No dia 13 o dr. Bernardino perguntou ao tenente coronel Telles si havia inconveniente em ser retirada parte da forte columna, que guarnecia Caraguatatuba. Achavam-se alli para mais de 800 praças, com duas boccas de fogo.

Esse official, não mais achando insufficiente a tropa empregada na defesa daquelle porto, convenceu-se de que, com o declinio da revolta, com a mudança de situação e planos dos revoltosos, bastaria um effectivo bem reduzido e dispensava mesmo a artilharia, para defender a estrada de penetração. Em resposta á consulta veiu este despacho :

Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. — Entendo que agora 50 homens no alto da Serra são sufficientes para fazer o mesmo que nós todos aqui.

SILVA TELLES.

Foi, portanto, acertada a ordem do presidente, mandando recolher á capital as duas peças, que lá nenhum serviço prestavam na occasião.

Com o coronel Jardim ficou combinado que em Caraguatatuba só ficassem 100 praças, ao mando do major Lucidoro de Oliveira, fazendo recolher-se á capital toda a guarda nacional e o restante do contingente do 4.° batalhão, que alli estava. Durante a ausencia do major Lucidoro, que se achava licenciado, commandou a força o capitão Antonio Baptista da Luz.

A posse deste zeloso official deu-se no dia 19, com a retirada do tenente coronel Telles, que voltou a Santos, para continuar seus valiosos serviços, á frente de sua corporação e no commando da importante linha de defesa dos Outeirinhos.

Já vimos que a principio procuravam os revoltosos desembarcar em territorio paulista, invadindo o estado pelo mar. Mallogrado o desembarque em Santos, as tentativas voltaram-se para S. Sebastião e Caraguatatuba; d'ahi as necessidades de bem guarnecer esses pontos. Mais tarde o plano dos revoltosos variou, porque elles concentraram todos os elementos de ataque em terra, tratando de invadir S. Paulo pelo Paraná, que já haviam conquistado. Assim, já não dispunham de força para um desembarque na costa.

Comtudo, a defesa de Santos não foi enfraquecida. Continuava bem guardada com fortes elementos, porque, mesmo sem força para desembarque, a esquadra revoltosa pouderia occupar o porto, dominar a alfandega e o littoral, ganhando com esse audacioso golpe o prestigio que lhe faltava para que a revolta obtivesse o reconhecimento da belligerancia, a que tendiam as potencias estrangeiras...

5.

A situação do estado do Paraná. — Organização de mais um batalhão patriotico. — O cruzador "Republica" em Cananéa. — Providencias para o caso de uma invasão. — Mudança da base de operacões para Iguape. — Receios de um ataque a São Paulo, por terra e por mar. — Pedido de reforços para guarnecer Santos. — Parte para Santos o 1.º batalhão da guarda nacional de São Paulo. — A esquadra legal deixa Pernambuco com destino ao sul. — Outras providencias. — O batalhão "Academico" dissolvido.

Aos bons republicanos não era indifferente a sorte do vizinho estado do Paraná, que se via em sérios embaraços para enfrentar a lucta imminente. Acompanhavam todos com interesse a acção do dr. Bernardino de Campos, na preparação da resistencia contra a onda revolucionaria que se approximava da fronteira paranáense.

Sabiam que o presidente do estado luctava com sérias difficuldades para preparar e armar forças que poudessem seguir in-continenti para o Itararé.

Numa reunião que realizaram para estudar a situação, cuidaram os republicanos de Santos de organizar um batalhão patriotico, que, convenientemente armado, substituisse em Santos um dos batalhões na linha de defesa.

Exposta pelo coronel Jardim essa resolução ao presidente do estado, teve delle a seguinte resposta, no dia 31 de dezembro :

> **Coronel Jardim. — Santos.** — Applaudo a idéa da criação do batalhão *Republicano Patriotico*, em Santos, e ponho á disposição dos seus dignos criadores e commandante, meus serviços como particular e como governo. São merecedores de todo louvor os propugnadores, tanto mais com o

resultado altamente nobre da extinção da divergencia entre republicanos, confraternizados sob a bandeira commum. Cordiaes saudações a vós e aos bons republicanos.

BERNARDINO DE CAMPOS.

Tambem o cidadão Quintino Lacerda, como ficou dito, se propôz organizar, como de facto organizou, um outro batalhão patriotico, para coadjuvar a defesa da Republica, servindo na guarnição daquella cidade.

No dia 4 de janeiro, o alferes de cavallaria, José Pinto de Oliveira, teve ordem de recolher-se com 20 praças de Caraguatatuba, ficando a guarnição reduzida a 80 homens.

No dia 10 divisaram de Paranaguá a passagem do cruzador *Republica*, que seguia rumo norte. Chegando proximo da Ilha do Abrigo, esse navio colheu as bandeiras e insignias, ancorando ás 5 horas da tarde.

O coronel Macedo, que commandava parte do 4.° batalhão de policia em Cananéa, e que observára os movimentos do vaso de guerra, telegraphou ao dr. Bernardino de Campos. Assegurou que a força estava a postos e prompta, accrescentando : — « Ficae certo de que o 4.° batalhão defenderá até o extremo a nossa cara Republica. »

O presidente do estado contava com a bravura daquelle official e confiava na guarnição e nos amigos daquella cidade, que, estava certo, saberiam honrar São Paulo.

Isso mesmo declarou em telegramma, que enviou ao coronel Macedo, e no qual mandava que o engenheiro Borba tratasse de fazer subir o rio Ribeira todas as embarcações existentes, afim de não cahirem em poder dos revoltosos, em caso de invasão ou desembarque.

Tambem o caminho de Paranaguá, pelo Varadouro, foi objecto de cuidados. O dr. Bernardino fez com

que fosse guardada aquella passagem, para prevenir uma possivel invasão. Era de suppôr que o navio revoltoso, procedente do sul, trouxesse tropa de desembarque, para aventurar-se em portos paulistas.

Ao pharoleiro do porto de Cananéa, que o commandante do *Republica* mandou vir para bordo, no dia 11, perguntaram sobre a situação da guarnicão de Cananéa, fortificações de Paranaguá e outros portos, e sobre o paradeiro do general Argollo, Serra Martins e outros.

O dr. Bernardino de Campos achava que para defesa seria mais vantajoso fortificar Iguape, deixando em Cananéa apenas uma pequena tropa de observação, sempre prompta a fornecer noticias seguras sobre qualquer movimento, retirando-se rapidamente, quando sua permanencia alli se tornasse perigosa.

Tinha justificados motivos para assim pensar, porque a barra de Cananéa offerece facil accesso a navios de grande calado, o que não acontece com a de Icapára, e porque Iguape, em razão da proximidade relativa em que se acha de outras localidades, podia contar mais promptamente com recursos e soccorros. Demais, a barra de Cananéa difficilmente pouderia ser defendida por forças de infantaria, o que não acontece com a de Iguape, que não dá accesso a vapores. E mais ainda : em Cananéa a tropa ficaria exposta aos golpes dos revoltosos, que fechavam Paraná num circulo de fogo.

O coronel Jardim era do mesmo parecer, fazendo lembrar ainda que as communicações entre Iguape e Paranaguá estavam interrompidas. Por isso a força, que estacionasse em Cananéa, ficaria sem communicação telegraphica com Santos. No dia 16 veiu a força para Iguape, trazendo tudo o que poudesse servir aos revoltosos, no caso de invasão pelo Varadouro. O dr. Bernardino ordenou ao engenheiro Borba que, antes de se retirar, puzesse a pique os pontões, fechando a passagem para Iguape.

O commandante do districto tinha razões para

recear que os revoltosos, tomando Paranaguá, viessem a Santos tentar o mesmo plano de acção contra São Paulo, que atacariam simultaneamente por terra e por mar.

Estavam dentro do Paraná os revoltosos chefiados por Piragibe e outros. Para prevenir esse possivel movimento contra São Paulo, guarneceu-se melhor a Praia do Góes, junto á fortaleza da barra, e foi pedida mais gente e mais artilharia, para guardar outros pontos.

O 20.º batalhão de infantaria, a chegar no dia 17, procedente de Goyaz, precisava ficar em São Paulo, para auxiliar a defesa de Santos, conforme pedira o commandante do districto, que se mostrava apprehensivo em vista da situação em que estava Paranaguá.

O dr. Bernardino, achando razoavel esse pedido, reforçou-o com o seguinte despacho :

> **Marechal Floriano Peixoto. — Rio.** — Represento a V. Ex. sobre a necessidade de mandar o 20º batalhão de linha reforçar a guarnição de Santos, que comprehende São Vicente e o extenso littoral. Não se dispondo de recurso por mar, como em Paranaguá, será certo o ataque em Santos, tentando o inimigo desembarcar fóra do porto, o que é possivel e não se conseguirá evitar, sem augmentar a defesa. Desnecessario é dizer o que resultará da tomada de Santos. Ha aqui muito pouca tropa de linha. Já mandei da força do estado 500 homens armados a *Comblain* reforçar a columna do coronel Carneiro. Guarneci toda a fronteira sul e a estrada garantiu o transporte. Estão tropas do estado defendendo Cananéa, Iguape, Conceição, Santos, São Sebastião, Ubatuba e outros pontos. É justo o pedido de auxilio do batalhão do exercito, pois a força disciplinada aqui é insignificante, sendo São Paulo uma presa cobiçada pelos inimigos. Saudações.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

No dia seguinte, 18, teve o presidente de São Paulo resposta do Marechal a este pedido. Como

sempre acontecia, apesar do imminente perigo que corria Santos, teve o governo do estado, ainda desta vez, de contar com os proprios recursos, para defender o governo constituido e a Republica, pois tanto era defender o porto de Santos e São Paulo.

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** O batalhão 20°, deixando bagagem pesada nessa capital, virá recompor-se aqui, donde regressará para aguardar ahi os ultimos acontecimentos do Paraná. Conheço vossos importantes serviços em defesa da Republica, que a todo transe saberá agradecer.
>
> FLORIANO.

A artilharia, pedida pelo commandante do districto, foi remettida com relativa presteza; e já com isso exultava o coronel Jardim, quando soube que os canhões de nada serviriam, constituindo mesmo verdadeiros trambolhos, por não terem trazido reparos e nem ser possivel ao departamento da guerra mandal-os antes de 8 dias.

Mostrando a magua e a grande decepção soffrida, o coronel Jardim telegraphou ao dr. Bernardino dando conta de tal desleixo.

Ante a impossibilidade de se obter dos poderes federaes qualquer auxilio real, deliberou o dr. Bernardino que o 1.° batalhão da guarda nacional de São Paulo partisse para Santos, logo que o coronel Jardim determinasse. Dotado de elementos de escól, contando com uma officialidade culta, intelligente e enthusiasta, era o 1.° batalhão uma tropa capaz de servir em qualquer acção, pois aos seus homens sobravam arrojo, abnegação e bravura. A officialidade desse batalhão era assim constituida :

Tenente coronel commandante : CARLOS TEIXEIRA DE CARVALHO.
Major-fiscal : GABRIEL PRESTES.
Capitão-adjudante : DR. AMERICO DE CAMPOS.

Tenente-secretario : ARTHUR BITTENCOURT.
Tenente quartel-mestre : ARTHUR DE CAMPOS.

1.ª Companhia.

Capitão commandante : PELOPIDAS RAMOS.
Tenente : ALFREDO AGUIAR.
Alferes : J. BUENO e J. NEVES.

2.ª Companhia.

Capitão commandante : BENTO M. GUIMARÃES.
Tenente : RODOLPHO GUIMARÃES.
Alferes : J. SALINS e CONSTANTINO PALMIERI e ALFREDO COUTINHO.

3.ª Companhia.

Capitão commandante : JORGE T. EWBANCH.
Alferes : AUGUSTO RIBEIRO DE CARVALHO e EMILIO DE VASCONCELLOS.

4.ª Companhia.

Capitão commandante : SOCRATES BRAZILEIRO.
Alferes : MIGUEL MAIA, J. CAVALHEIRO e JOSÉ FIRMINO.

A presença desse batalhão em Santos compensava bem a falta da tropa de linha, que o marechal não quizéra ceder.

O coronel Jardim, do mesmo modo disilludido quanto á ida do 20.º para Santos, telegraphou resignado ao dr. Bernardino : « Não tendo tido contra ordem sobre o 20.º, lançaremos mão dos recursos do nosso grande estado e conto com elles. »

E o bravo 1.º teve ordem de marcha.

O commandante do districto confessava que, estudando a defesa de Santos, notava varias falhas na linha,

cujos pontos convinham ser guardados. A ponte do Casqueiro, por exemplo, podia ser tomada ou destruida, cortando-se facilmente a retirada das forças para a capital.

Não estava longe o desfecho da revolta da armada. A esquadra legal, que se tinha reunido no porto de Pernambuco, segundo telegramma do general Leite de Castro, largára com rumo Sul. Era, por isso, necessario que a vigilancia fosse cerrada, de maneira a não consentir que os revoltosos, em desespero de causa, tentassem as ultimas cartadas, os maximos esforços, para se apóderarem de Santos.

A conselho do dr. Bernardino, emquanto não fosse collocada força guardando a ponte do Casqueiro, foi enviada uma lancha guarnecida e armada de metralhadoras, para fiscalizar o rio, de São Vicente até a ponte. Mais tarde o batalhão *Silva Jardim*, de Quintino Lacerda, foi estacionar naquelle ponto.

O batalhão *Academico*, que ainda se achava na capital, mal commandado, em desordem e sem disciplina, não podia prestar nenhum serviço. Cahira, infelizmente, em lamentavel estado de desorganização, desde que fôra privado de seu ultimo commandante. Ao capitão Ortiz, enviado pelo governo federal para exercer essas funcções, faltava competencia e força moral para dirigil-o e disciplinal-o, comvindo portanto, dado o seu reduzido numero de praças, dissolvel-o e dispensar os officiaes, que nelle serviam, ou aproveital-os para outras tropas. Foi o que aconteceu, sendo dissolvido no dia 23. O major da guarda nacional, João Fogaça de Souza, que como praça servia nesse batalhão, foi aproveitado no commando de um contingente do 110.° batalhão, que seguiu para Santos nesse mesmo dia.

O desatino chegára ao auge! O commandante do batalhão, sem ordem alguma e contra a lei, abrira recru-

tamento na capital, fazendo prender como desertores os academicos já desligados ha muito tempo. Sabedor da pratica dessas violencias, mandou o dr. Bernardino que os presos fossem restituidos á liberdade e que fossem cohibidos taes abusos.

O capitão Ortiz, arvorado em commandante do batalhão, armou e municiou as praças que pernoitavam no quartel e com ellas se conservou em attitude ameaçadora, toda a noite de 23 para 24.

Calmo e energico, mandou o presidente do estado que fossem elles desarmados, para cessar tal escandalo, pondo-se fim á série de despropositos praticados pelos academicos. O coronel Jardim, a pedido do dr. Bernardino, mandou de Santos um official de confiança, para assumir o commando do batalhão, arrecadar o material e em seguida dissolvel-o.

Já a esse tempo se assentára na barra de Santos um canhão de 70, o primeiro de grosso calibre que fôra possivel armar, dos que chegaram do Rio.

As praças e officiaes do 10.° regimento de cavallaria, em falta do artilheiros, estavam fraccionados nas guarnições de boccas de fogo.

No dia 25 foi armado um outro canhão de igual calibre.

6.

O " Centauro ". — As guarnições de Iguape esperam um ataque — Organiza-se o batalhão patriotico " Silva Jardim ". — Assenta-se um holophote na barra de Santos. — A esquadra legal lança ferros no porto de Salvador. — Providencias para guarnecer a serra de Ubatuba. — O " Aquidaban " e o " Iris " deixam as aguas de São Paulo. — A esquadra legal no Rio de Janeiro. — Os revoltosos asylam-se a bordo dos navios portuguezes.

O *Centauro* estava recebendo nova artilharia e já se ultimava o serviço de sua reparação para, de novo, servir na defesa do porto. Esse vaso poderia prestar inestimaveis serviços na defesa de Santos, logo que fosse tripulado por pessoal apto e de confiança.

Temiam os chefes da guarnição de Iguape, no dia 2 de fevereiro, um ataque por terra e por mar. Tinham tido informações seguras sobre as intenções dos revoltosos nesse sentido. Esperavam, portanto, o ataque a todo momento. Dado esse caso, seriam pelo dr. Borba obstruidos os pontos de accesso ao canal, para o que poderosos explosivos estavam preparados.

Felizmente tiveram os revoltosos de voltar suas vistas para outros pontos, e assim não effectuaram a ameaça que pesava sobre Iguape.

No dia 7 de fevereiro teve ordem de regresso, para Santos, a força ao mando do coronel Macedo. Ficariam alli vigias para dar aviso. O sr. João Pinto, que em Cananéa se encarregára do serviço de informações pelo telephone, prestou ás forças de Iguape inestimavel auxilio, sendo um operoso e leal amigo da situação legal. Antes da retirada, foi o porto obstruido e afastadas da navegação todas as embarcações que serviram para conduzir a tropa.

Estava tambem terminada a tarefa do dr. Alipio Borba que, com tanto zelo e boa vontade, servira a

causa da legalidade, fazendo nas duas localidades do littoral importantes obras de defesa.

Estava ultimada no dia 12, em Santos, a organização do batalhão patriotico *Silva Jardim*, graças aos esforços de coronel commandante do districto, incansavel nesse intento.

Ficaria o batalhão na defesa da barra, emquanto não fosse chamado a servir em outro ponto. Commandava-o, com a graduação de major, o capitão Albuquerque, do 3.° batalhão. Era opportuna a criação desse corpo, que logo teve emprego na defesa, devido ao alarma produzido pela passagem do *Republica*, ao largo, e sahida do *Aquidaban*, na madrugada de 21, do porto do Rio de Janeiro, sob vivissimo fogo das fortalezas. Com o *Republica* e outros navios, que se achavam fóra da barra, tomou o possante couraçado rumo do sul.

O coronel Jardim percorria a barra constantemente, verificando os meios de defesa, notando as falhas para as preencher. Para o 110.° da guarda nacional, pediu mais praças, homens resolutos e nacionaes, explicando que os estrangeiros se davam mal em Santos e pouco serviço prestavam.

Havia pedido ao governo federal um official, para commandar o batalhão criado em Santos e outro para o da capital. Mas, segundo informava ao dr. Bernardino, o ministro não respondêra aos reiterados pedidos a respeito desses commandantes de corpos de voluntarios, bem como sobre os officiaes de que em Santos havia necessidade. Accrescentava desolado: « É para cansar semelhante estado de cousas. » O mesmo succedêra quanto á vinda de um holophote que, fóra da barra, permittisse esquadrinhar os recantos da serra, que podiam abrigar, á noite, embarcações de revoltosos. Esse indispensavel apparelho foi mandado collocar pelo dr. Bernardino, por conta do estado, encarregando

desse trabalho o engenheiro Bueno de Andrada. Era urgente esse melhoramento na linha de defesa, por isso que o *Aquidaban* ancorára na Ilha dos Porcos, á vista de Ubatuba e pouderia fazer seu apparecimento em Santos. O *Republica* seguira para o sul, em busca de tropa de desembarque, segundo disséra um official que fôra á terra fazer acquisição de generos.

Já então a esquadra legal lançára ferros no porto de São Salvador, fazendo os ultimos aprestos para atacar a esquadra revoltada.

A presença do *Aquidaban*, proximo de Ubatuba, era um desassocego para os habitantes daquella cidade e perigo para a guarnição da serra.

Devido a esse apparecimento do *Aquidaban*, tornou-se necessaria maior vigilancia nos caminhos de penetração e principalmente na estrada de S. Luiz, onde havia já, na serra, um forte contingente. Mesmo assim o dr. Bernardino julgou de bom aviso reforçar esse ponto, para prevenir toda possibilidade de accesso á estrada de ferro.

O dr. Rivadavia Corrêa, paladino da causa legal, amigo muito leal do dr. Bernardino, foi encarregado de ir áquelle ponto, com 100 voluntarios, para reforçal-o. No emtanto, ao coronel Domingues de Castro, residente em Ubatuba, o dr. Bernardino expedia ordem para guarnecer a Serra, devendo retirar em caso de desembarque, os elementos de força para impedir a subida, em posições estrategicas. Devia tambem procurar evitar depredações na cidade e acautelar o armamento e telegrapho.

No dia 1.° de março, mez que devia ser fatal para a revolta, porque assignalou a estrondosa victoria do governo legal, ainda o *Aquidaban* permanecia na ilha, ancorado e de fogos apagados. No dia 4, reunido ao *Iris*, procedente do sul, levantou ferros e perdeu-se no horizonte, rumo do norte. Em terra ficaram dois desertores desse couraçado : – um machinista e um foguista.

Informaram que as caldeiras do vaso de guerra estavam em mau estado, não consentindo mais que a pressão minima.

Estavam contados os dias da revolta da armada; podia dizer-se que entrára ella em franca agonia e esperava-se o desenlace da duradoura e sangrenta lucta. O desfecho estava para breve.

Noticias officiaes do Rio davam a presença da esquadra legal no porto da Capital Federal, ancorada na praia Vermelha e já se preparando para atacar os navios revoltados.

O dia 13 foi de grande jubilo para São Paulo e para as tropas. Noticias da terminação da lucta, levadas pelos fios telegraphicos, espalharam-se por todos os cantos do estado, após o recebimento e affixação do seguinte despacho.

> **Ao governador do estado. — São Paulo. —** A esquadra legal está proxima da barra e a postos. Entrará em operações de guerra, que começarão amanhã. Saldanha propoz capitulação, mediante condições. O governo recusou. Aqui ha maximo enthusiasmo na população e nas forças legaes. VIVA A REPUBLICA.
>
> CASSIANO DO NASCIMENTO.

É sabido que Saldanha da Gama e seus companheiros, logo que a esquadra legal e as fortalezas romperam fogo, asylaram-se a bordo de navios portuguezes, abandonando os navios de guerra, que estavam a serviço da revolta. A fortaleza de Villegaignon e as ilhas foram tambem evacuadas, sendo em seguida militarmente occupadas pelas forças legaes. Os marinheiros, que não puderam embarcar com o almirante, ficaram na ilha das *Enxadas*, entregando-se ás forças legaes.

7.

As forças legaes em Santos. — Chegam a Cananéa fugitivos das forças federalistas. — A esquadra legal segue para o sul, em demanda dos navios revoltosos. — A esquadra revoltosa pede hospitalidade ao governo argentino. — Recolhem-se forças em operações em diversos pontos. — Embarca para o sul o 2.° batalhão da força publica. — Termina a revolta da armada.

Em Santos foi tambem grande o regosijo pela victoria da legalidade. Era indescritivel o enthusiasmo que se notava na população e na guarnição.

A' tarde uma luzida brigada das tres armas fez um passeio pela cidade, havendo as boccas de fogo salvado, no momento de serem as tropas recolhidas aos quarteis.

Cananéa começava a dar guarida aos officiaes da columna legal, enviada pelo estado de São Paulo, com o coronel Pimentel, e que fôra batida pelos federalistas no Paraná. No dia 22 chegaram áquella cidade, fugitivos das forças federalistas em Curityba, o tenente coronel Emilio Blum, capitão Sauni, tenente Odilio Bacellar, alferes Anizio e nove inferiores, todos prisioneiros da revolta por occasião da rendição de Ambrozios. Mais tarde chegou o coronel Joaquim Lacerda, procedente de Curityba, trazendo varios companheiros da rendição da Lapa, entre os quaes o coronel Napoleão Poeta. Em 19 de maio, chegaram ainda de Curityba o coronel Theodorico Martins e o tenente José Meirelles, utilizando-se para o transporte de uma lancha que o dr. Bernardino pôz á sua disposição no Varadouro.

A defesa de Santos, em 27, estava como sempre

vigilante, prompta para entrar em acção, caso os navios revoltosos, que se achavam no sul, viessem atacal-a.

Ainda nesse dia o coronel Jardim estivéra na barra, fazendo experiencias com um canhão retrocarga, 80, que fizéra montar, e inaugurando o holophote, que dahi por diante illuminaria o mar com o seu possante fóco electrico.

No dia 8 de abril seguiu para o sul, para enfrentar e bater os navios revoltosos, a esquadra legal, ao mando do almirante Gonçalves, dirigindo-se para Santa Catharina sem tocar em porto algum. Era composta de 7 cruzadores e 3 torpedeiras de alto mar. O cruzador *Parnahyba* e o transporte *Itaipú*, destacados da esquadra, entraram no porto de Santos, embandeirados em arco, trazendo a segurança da victoria proxima.

Sabia-se que os navios rebeldes fundearam em São José, na vespera, depois de terem bombardeado a cidade de Rio Grande, durante 5 dias, tendo sido posto fóra do combate o capitão-tenente Fiusa, commandante da flotilha. Dalli dirigiram-se para Buenos-Aires, onde o almirante Custodio dirigiu uma nota ao governo argentino, pedindo hospitalidade e fazendo entrega dos navios brazileiros, que foram, in-continenti, tripulados pela maruja extrangeira... O *Aquidaban*, que ficára em Desterro, foi torpedado pela *Gustavo Sampaio* da esquadra legal, sendo posto fóra de combate com um enorme rombo no costado.

Mais um importante serviço prestou São Paulo á Republica. O pratico, que levou a *Gustavo Sampaio* ao ataque do *Aquidaban*, foi o paulista capitão Mauricio de Mello, do 192.° da guarda nacional de São Vicente, que o coronel Jardim fizéra embarcar no *Itaipú* na noite de 9, quando esteve em Santos.

Como já não eram mais necessarias as guarnições do littoral, tiveram ordem de regresso as forças que se

achavam na serra de São Luiz, em Caraguatatuba, e nos diversos pontos da estrada central.

Em Santos podia ficar sómente a guarnicão habitual, nas situações normaes, podendo-se empregar as tropas excedentes para reforçar a columna, que partira para o estado do Paraná, em perseguição dos federalistas.

Na tarde de 25, ancorou em Santos o *São Salvador*, armado em guerra, para transportar provisões diversas aos navios da esquadra legal, que estavam fundeados no porto de Paranaguá. Dalli o almirante Gonçalves pediu ao coronel Jardim a remessa de um batalhão, « forte e disciplinado », que partisse por esse vapor, a fim de occupar a cidade, que ainda estava infestada por bandos dispersos de revoltosos.

O coronel Jardim fez preparar o 2.° batalhão da força publica, com um effectivo de 600 homens, para fazel-o embarcar no *São Salvador*. Essa ordem foi recebida no batalhão com immensa alegria. Officiaes e praças manifestavam o seu contentamento, por lhes ter chegado a vez de marchar em busca do perigo.

Communicando a resolução que tomára de enviar o 2.° (1) a Paranaguá, dizia o coronel Jardim ao dr. Bernardino de Campos : — « O nosso 2.°, bem organizado e bonito, irá prestar mais esse bom serviço á Patria ».

No dia 28 embarcou o batalhão no *São Salvador*. Era indescritivel o enthusiasmo dos officiaes e praças.

O vapor lançou ferro ás 11 horas da manhã em frente ao forte *Augusto*, recebendo o pessoal do 2.°, que as lanchas conduziam para bordo. Uma hora depois levantou ferro, ao som do vibrante Hymno Nacional, tocado pela banda de musica do batalhão, e tomou rumo do sul.

---

(1) Foi com esse batalhão, e nessa occasião, que eu segui para o sul, onde tive a opportunidade de prestar ao estado e ao Brazil os serviços que me fôram commettidos.

Estrepitosos vivas á Republica, ao Marechal Floriano e ao dr. Bernardino, foram erguidos por todos, ao troar a artilharia de bordo os 21 tiros de saudação e de despedida, correspondidos pelo forte e pela fortaleza (1).

No mesmo dia regressou para a capital o 1.° batalhão da guarda nacional, e no dia 5 o corpo de bombeiros.

Terminou assim a revolta da armada, que teve inicio em 6 de setembro de 1893.

A cidade de Santos, como outros pontos do littoral ficára em paz.

Começa então a nova campanha provocada pelas forças federalistas.

São Paulo voltou suas vistas para a fronteira, onde a força publica, guarda nacional e voluntarios vão prestar os serviços que adiante veremos.

---

(1) Levava o batalhão os seguintes officiaes:

Commandante, tenente coronel Alberto de Barros;
Fiscal, major Claudio Honorio dos Santos;
Ajudante, capitão José Martiniano de Carvalho;
Secretario, tenente Benedicto José de Faria;
Quartel-mestre, Alferes Miguel Meirelles Fragozo;
Capitães, Alexandre Luiz de Mello e Themistocles Henrique Paraguassú dos Santos; tenentes, José Joaquim Souto, Raymundo de Campos e José Bueno Cepellos, alferes, João Lopes de Camargo, Francisco de Paula Vaz, Simão Leclerc, Eutheciano Gomes Guimarães, Braulio Antonio de Araujo, Francisco Borges de Almeida, Theophilo das Neves Leoncio, João Baptista de Souza, Heitor Miloch, Avelino da Costa e Silva, João Elias de Jesus, João Fernandes da Costa e José Francisco da Silva.

SEGUNDA PARTE

A DEFESA DA FRONTEIRA E A RETOMADA DO PARANÁ

I

A defesa da fronteira.

I.

Objectivos da revolução federalista do sul. — Assistencia do governo de São Paulo aos estados de Santa Catharina e Paraná. — A columna em marcha para o sul. — A columna Argollo : — itinerario da expedição. — O commandante do districto recusa auxilio á columna expedicionaria. — Providencias do governo para a marcha da columna. — Partida.

Como uma torrente que esmaga na passagem todo obstaculo que se lhe oppõe á marcha destruidora, — avançavam rapidamente os federalistas do sul para o seu primeiro objectivo : — a posse de Santa Catharina e do Paraná.

Como objectivo final e principal, esperavam os revoltosos forçar a fronteira paulista e, com adhesão de São Paulo, fazer a deposição de Castilho, no sul, e de Floriano, no Rio.

Teria, assim, a revolta attingido o desejado fim, que se completaria, talvez, na lucta das opiniões e na ganancia dos vencedores de momento, com a queda do regimen republicano e a restauração monarchica ou o estabelecimento de uma ephemera republica ochlocrata de mandões sem principios.

O presidente de São Paulo, perfeito conhecedor da situação e dos perigos da revolta, aconselhára ao go-

verno do Paraná que estivesse prevenido, para repellir os revolucionarios das fronteiras de Santa Catharina, cuja capital cahira já em mãos dos revoltosos da armada que, desde 6 de setembro de 1893, canhoneava a capital federal e Nitheroy.

Por varias vezes remettèra armas e munições para o governo do Paraná, assistindo-o ainda com o seu valioso apoio moral.

Desse modo auxiliou o presidente de São Paulo a aprestação de uma columna de cavallaria, com que o dr. Vicente Machado, governador do Paraná, tentou soccorer o governo de Santa Catharina, violentamente deposto pelo capitão de mar e guerra, Frederico de Lorena, que se declarou presidente da republica, com séde em Desterro, organizando um governo provisório.

Essa columna, composta de 200 praças e 3 officiaes, encetou a marcha em fins de setembro, com destino a Joinville, passando pelo Rio Negro, afim de auxiliar a defesa do estado. Infelizmente a tropa não poude passar além do Rio Negro.

Faltava aos officiaes dessa columna o zelo necessario para o desempenho da difficil missão que lhes fôra confiada.

Sem o amor proprio que a mesma dignidade militar inspira, dois delles, ao chegar a Rio Negro, deram parte de doentes, regressando para Curityba.

O commandante da columna não podia avançar só com os 200 homens, atravéz do extenso sertão, falto de todo recurso. A cavalhada estava em muito mau estado: — a pessima e pouca alimentação deixára-a exhausta, fraquissima, incapaz do necessario esforço.

A' vista dos motivos que vimos de expôr, não poude tornar-se effectivo esse primeiro auxilio material que São Paulo procurava prestar aos estados do sul. Tivessem os chefes dessa columna elevado o animo, a coragem e o valor dos seus commandados, e o brio militar

dos soldados não seria empolgado pelo desanimo, que lhes não permittiu attingir o desejado fim.

Em fins de setembro o presidente de São Paulo lembrou, mais uma vez, ao presidente da Republica a conveniencia de ser organizada, com presteza, uma columna forte e bem commandada, que poudesse ganhar o Paraná, para entravar a invasão federalista e ir mesmo ao encontro dos revoltosos, dentro do estado de Santa Catharina. Devido a instancias do dr. Bernardino de Campos, foi organizada no Rio essa expedição, destinada a formar em marcha a columna que devia ir bater os revoltosos.

O general de brigada, Francisco de Paula Argollo, nomeado commandante do 5.° districto militar, com séde em Curityba, fazia parte dessa commissão, como chefe, e fôra encarregado de assumir o commando das forças em operações no estado do Paraná. Partira da Capital Federal com seu estado maior, chegando a São Paulo ás 11 horas da noite, de 4 de outubro.

Esse general trouxe comsigo algum material bellico, destinado a armar e municiar a columna que em caminho devia ser organizada.

Entre os officiaes que faziam parte do estado maior do general Argollo estavam : — o engenheiro militar capitão Lauro Müller, deputado por Santa Catharina ; major Filippe Schmidt, capitães Carlos Augusto de Campos e Fabio Patricio ; tenentes Thomé Barbosa Peixoto, Fredolin José da Costa e Aristides Villas Bôas ; 2.os tenentes Alexandre Argollo Mendes e Antonio Duarte Bentes, do exercito ; coronel C. Napoleão Poeta ; tenente coronel Hercilio Pedro da Luz, deputado por Santa Catharina, Emilio Blum e Jeronymo Baptista Sobrinho; tenente Oscar C. Capella ; alferes Nunes Pires e Carlos Paiva, da guarda nacional, varios alumnos da escola militar e outras pessôas.

O general Argollo combinou com o dr. Bernardino

o itinerario da viagem, que devia realizar pelo littoral, passando por Iguape, Cananéa, Varadouro e Paranaguá. O presidente do estado procurou auxiliar a expedição, fornecendo as praças de linha que o coronel Jardim poudesse dispensar de Santos, e que seriam alli substituidas por outras da policia paulista.

O coronel Jardim oppôz difficuldades em acceder ao desejo do dr. Bernardino, fornecendo o nucleo da tropa para inicio da columna Argollo, que se destinava ao vizinho estado.

Como o presidente de São Paulo insistisse na necessidade de auxiliar a empreza do general Argollo, contribuindo com tropa em numero sufficiente para o fim que se tinha em vista, respondeu-lhe o coronel Jardim nestes termos :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Prejudicando serviço, só poderei ceder, em caso de urgencia, cem praças do 10.° regimento de cavallaria, ficando apenas com as guarnições da bocca de fogo. J. JARDIM.

O dr. Bernardino, que tanto insistira para que o presidente do Paraná fosse materialmente e fortemente auxiliado, achava descabida a reluctancia do commandante do districto em não lhe ceder a tropa pedida. Em vista disso, telegraphou dizendo :

> É preciso ceder ao general Argollo a força de linha que fôr possivel dispensar. A causa é commum; substituiremos de qualquer fórma. Será possivel de 100 a 150? Veja se póde ser 150. Aguardo resposta. BERNARDINO DE CAMPOS.

Parece que o governo de São Paulo tinha, no resultado final dessa lucta, mais interesse do que aquelles que, por dever, estavam nella empenhados.

Restava ainda providenciar sobre o transporte do

material trazido pelo general Argollo, e do pessoal que devia acompanhal-o.

Era preferivel, naturalmente, o caminho por Paranaguá, por ser mais proximo do objectivo e mais segura a marcha. Pela fronteira do Itararé seria preciso muito tempo para alcançar Curityba, além do perigo sempre imminente de virem a cahir em mãos de grupos de revoltosos, que se formavam em diversos pontos do Paraná, onde havia opposição ao governo.

O avanço de Gumercindo e Salgado, atravez dos Pampas, despertava o enthusiasmo das facções opposicionistas que se preparavam para adherir e fazer causa commum com a revolta, logo que os federalistas invadissem o estado.

Havia certa indecisão do general Argollo e do coronel Jardim, na fixação definitiva do itinerario a seguir.

Em vista disso o dr. Bernardino tomou a si a tarefa de indicar uma direcção de marcha, para esse nucleo de columna em formação. Consultou o coronel Jardim si era possivel o transporte por mar até Paranaguá, ou preferivel o caminho por terra, pelo littoral.

O commandante do districto achava que seria preferivel o caminho por mar, principalmente se conseguisse transporte num vapor estrangeiro, ficando ao abrigo dos revoltosos. Assim procedendo, conseguiu fazer embarcar no vapor *Fedra*, a munição de artilharia que era destinada á guarnição de Paranaguá. Preparou as 100 praças de cavallaria que promettèra para acompanhar o general Argollo, tratando de ultimar providencias, para o embarque do general e seu estado maior, e do resto do material bellico, desde que obtivesse um vapôr em condições.

O coronel já havia obtido promessa do commandante do vapor portuguez *Elisa*, que devia partir no dia 5, á tarde, conduzindo a tropa e a munição até Paranaguá. Em vista, porém, da natureza do carrega-

mento, começou o commandante do navio a oppôr tantas difficuldades, que forçou aquelle official a desistir da combinação feita. Deu desse facto conhecimento ao dr. Bernardino, rogando-lhe ao mesmo tempo que prevenisse o Marechal Floriano da resolução tomada sobre o itinerario e embarque, ouvindo-o a respeito.

Foi por essa occasião, e em vista da indecisão manifestada, que o dr. Bernardino de Campos lembrou o itinerario pelo littoral.

No dia 5, pela tarde, chegou a Santos o general Argollo com 30 officiaes, esperando encontrar tudo prompto e todas as difficuldades aplainadas, para a partida. O commandante do districto ignorava ainda em que consistia a missão do general. Tendo sido posto ao corrente da situação, não mais quiz ceder as 100 praças, pelas quaes tanto instára o presidente do estado.

Para prevenir novas instancias do presidente do estado, transmittiu-lhe o seguinte despacho :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Hontem, quando affirmei que daria auxilio ao general Argollo, de 100 praças do regimento, não sabia a natureza da commissão.
>
> Agora, porém, que a conheço, declaro-vos que fóra do meu districto, não posso prestar esse auxilio sem ordens do ministro. Devo ainda ponderar que semelhante auxilio, além de me parecer improficuo áquella commissão, virá trazer difficuldades á defesa aqui, principalmente em caso de repulsa de desembarque. Não ignoraes que a nossa força estadual não tem ainda instrucção precisa. Póde fazer muito, mas ao lado de outra com mais rigorosa disciplina. J. JARDIM.

E' incomprehensivel que apenas 100 praças de cavallaria poudessem fazer tão sensivel falta, quando em Santos existiam já mais de 1000 homens em armas.

Quanto ao juizo expresso pelo coronel Jardim, sobre as tropas da policia paulista, é pouco justo,

quando elle mesmo já se manifestára elogiosamente com referencia á sua disciplina e instrucção militar.

Vê-se pois, que emquanto o dr. Bernardino tudo facilitava, procurando cercar de apoio efficaz o general Argollo, um seu illustre camarada oppunha toda sorte de obstaculos para a formação da projectada columna.

Satisfazendo os desejos expressos pelo commandante do districto, o presidente de São Paulo scientificou o Marechal Floriano da escolha do itinerario, para marcha da gente do general Argollo.

Applaudia tambem, e sinceramente, a acertada commissão confiada áquelle general, e que lhe parecia efficaz para a causa republicana.

Até o dia 7 não tinha ainda sido possivel conseguir meios de transporte por mar, visto as companhias estrangeiras oppôrem, como era natural, difficuldades em aceitar a bordo militares em serviço de guerra.

Os esforços do dr. Bernardino, secundados pelo coronel Jardim, foram sempre improficuos, no sentido de obter um vapôr que fizesse essa viagem: todos os commandantes de navios temiam encontrar vasos revol tosos que permaneciam ainda em aguas paulistas.

A' tarde desse dia recebeu o presidente do estado o seguinte despacho:

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Verifiquei impossibilidade absoluta de emprehender viagem por mar, pela falta de vapor que, nem esse governo e nem nós temos podido obter. Sigo com o pessoal por terra, via Iguape. Já tenho tudo arranjado até Iguape. Preciso de um vapor que possa levar 30 pessôas de Iguape até Varadouro, de onde tambem já temos vapor até Paranaguá. Sou aqui informado de que o melhor meio é pedirvos para que façaes o dr. José Luiz Coelho, chefe da fiscalização das estradas e navegação, telegraphar á companhia, em Iguape, para que tenha, desde quarta feira á tarde, um vapor capaz de ir até o

Varadouro. Julgo não ser conveniente declinar meu nome, em vista das condições de Iguape. Conto com sua benevola intervenção. Saudações.

GENERAL ARGOLLO.

O commandante Argollo afagou sempre esperanças de seguir por mar. A viagem seria mais rapida e sem as difficuldades de uma marcha por terra.

O dr. Bernardino deu, com a sua habitual actividade, todas as providencias para que nada faltasse á expedição, tanto em generos alimenticios como tambem em meios de transporte pelo littoral.

Determinou que as embarcações e vapores, que faziam o serviço de transporte no valle da Ribeira e no Mar Pequeno, até Cananéa, fossem postos á disposição do general Argollo, no porto mais proximo do caminho que elle seguia, pelo littoral, a fim de o transportar com seus homens até Cananéa e dahi a Paranaguá, pelo Varadouro.

Scientificou ao dr. Vicente Machado, presidente do Paraná, que a expedição, tão necessaria e tão solicitada para a segurança do estado, ia pôr-se em marcha para o seu destino.

Ao sr. José Bourssóes, em Iguape, foi recommendado que exercesse rigorosa fiscalização no telegrapho, para que nenhuma noticia fosse dada sobre movimento de força ou situação politica, mantendo, porém, communicação com o governo, e com o commandante do districto.

No dia 9 o dr. Bernardino foi prevenido de que o sr. Bourssóes, com alguns amigos, embarcados no rebocador *Suamirim*, havia partido de Iguape para esperar o pessoal do general Argollo, a fim de conduzil-o a Paranaguá. Entretanto esse pessoal ainda não havia abandonado Santos.

Sómente no dia 10, á tarde, a expedição partiu de Santos em demanda da Praia Grande, a fim de encetar

a marcha para seu destino. A partida foi feita em muito más condições. O mau tempo tornára difficeis os caminhos e penosa a marcha: — com os fatos encharcados e pesados, com a bagagem e generos expostos a todos os accidentes, muito teriam de soffrer os componentes dessa expedição.

Os expedicionarios não aproveitaram o tempo de permanencia em Santos, para conseguir viaturas, cargueiros e outro meios de condução e transporte além do que fornecèra o estado e que, devido ás chuvas, não se completára.

Partiram ao acaso, dispersos, sem rumo e sem plano, entregues aos azares de um caminho desconhecido e em noite tempestuosa. Muitos ficaram atrazados e sem guias.

Ainda não havia deccorrido um dia, após a partida do general Argollo, e já o telegrapho noticiava ao presidente de São Paulo que a fronteira do Paraná estava prestes a ser invadida por tropas federalistas das tres armas. Foi justamente para que tal facto se não produzisse que havia sido confiada ao general Argollo a organização de uma forte columna, que servisse de barreira á invasão nos limites do Paraná. Deviam rechassar os invasores e, em seguida, os revoltosos que se apoderaram de Santa Catharina.

Tendo seguido por terra e a pé, a expedição não poude levar comsigo o material bellico trazido do Rio. Ao velho vapor *Bracuhy*, fretado pelo dr. Bernardino, fôra confiado o transporte desse material. Embora correndo o risco de cahir em poder dos revoltosos, que com o *Republica* e *Pallas* fiscalizavam toda a costa de São Sebastião a Desterro, em dois dias de marcha chegou elle a bom termo sem que nada de extraordinario occorresse.

Ao dar conta ao Marechal da partida do general Argollo, dizia o dr. Bernardino que déra todas as providencias para garantir o material que seguira por

via maritima, e accrescentava : — « É necessario mandar alguma infantaria já para Paranaguá, via Santos, por terra ».

O dr. Bernardino instava, empregando todo o esforço perante o Marechal, para que fosse com urgencia organizada no Rio essa columna e enviada para o vizinho estado. Não era que, com isso, quizesse salvaguardar os interesses de São Paulo, idéa aliás nobre e elevada, que devia ser acatada pelos poderes publicos federaes. Era tambem porque não queria vêr nos estados vizinhos, a avançada da horda triumphante, que viria quebrar-se, de encontro á barreira que as forças de São Paulo estabeleciam na fronteira do estado. São Paulo nada temia, pois a tropa, que previdentemente estava sendo organizada, bastava para deter a impetuosidade da revolta, quando chegasse ao alcance de seus tiros.

2.

Necessidade de se fortalecer a guarnição do sul. — A expedição Argollo chega a Paranaguá. — Estado de sitio. — Marcha da columna de Gumercindo Saraiva. — Dois officiaes incorporam-se á columna Argollo. — Os revoltosos marcham sobre Santa Catharina. — As forças do general Pinheiro Machado. — Objectivo da revolta. — Os revoltosos fortificam-se em Santa Catharina. — As forças do general Argollo partem com destino á Lapa.

No dia 12 de outubro, nova tentativa fez o dr. Bernardino para que o Marechal tomasse em consideração a urgente necessidade de se enviarem forças ao Paraná. O Marechal sempre julgou ser sufficiente, para repellir os federalistas, as tropas da guarnição do 5.° districto militar. Nisso elaborou em completo engano, como mais tarde veremos.

Nesse dia 12, tendo sido melhor informado sobre a situação da fronteira sul do Paraná, enviou o presidente de São Paulo o seguinte despacho :

> Marechal Floriano Peixoto. — Rio. — Pelo que sei do Paraná, julgo dever informar que é indispensavel mandar, com urgencia, infantaria ao general Argollo. A demora será fatal. É necessario um nucleo de força regular.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

Em 13, o dr. Vicente Machado communicava ao presidente de São Paulo que, apesar da sensação causada pelas noticias alarmantes sobre a invasão, a ordem se mantinha inalterada em todo o estado do Paraná. Nesse mesmo dia descêra para Paranaguá, ao encontro do general Argollo, que só a 16, ás 10 horas da manhã, chegára com sua gente, exhausta pelos soffri-

mentos da penosa marcha. A 17 chegou a Curityba, assumindo o commando do districto.

Nesse dia foi prorogado o estado de sitio até 28 de outubro, para a Capital Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Essa medida era reclamada pela melindrosa situação, que continuava a reinar nessas circumscrições da Republica.

O coronel Eugenio Augusto de Mello, commandante da guarnição de Paranaguá, esforçava-se por informar o coronel Jardim do que occorria pela fronteira. É assim que, no dia 14, noticiou a marcha da columna de Gumercindo Saraiva, de Cruz Alta para Passo Fundo, no Rio Grande do Sul.

A força de Paranaguá recebeu com verdadeiro jubilo o auxilio de armas e munições, levadas de Santos pelo *Bracuhy*. O coronel Eugenio de Mello agradeceu ao governo de São Paulo, em termos calorosos, o valioso material. O tenente Antonio Bento, ajudante de ordens do general Argollo, acompanhou na viagem esse material bellico de Santos a Paranaguá.

Para incorporar-se á expedição do general Argollo, seguiu por Itararé, para Curityba, o tenente do exercito, Julio Cezar Gomes da Silva. Com o mesmo destino, viajando pelo littoral, seguiu a 26 o coronel Serra Martins, que em Desterro capitulára condicionalmente, com a guarnição de seu commando.

Mais tarde esse official, forçado pelas circumstancias, rendeu-se ainda uma vez aos revoltosos, depois da quéda da Lapa, onde servira ao lado do inclito Carneiro. Quando se produziu a fuga dos federalistas, foi o coronel Serra nomeado commandante da fronteira do Itararé, prestando relevantes serviços.

Noticias seguras do sul davam os revolucionarios em marchas rapidas, passando pela ponte da Vaccaria,

em demanda de Santa Catharina. Em seu encalço vinham as columnas commandadas pelo general Lima.

A divisão, ao mando do general Arthur Oscar, fazendo uma conversão, dirigira-se para Torres, onde chegou a 31, juntando-se ás forças do major Firmino, com intuito de adiantar-se ás forças de Gumercindo e cortar-lhe o passo na ponte da Vaccaria.

Vê-se quanta razão tinha o dr. Bernardino em insistir para que ao general Argollo se désse elemento sufficiente, a fim de organizar rapidamente uma columna que agisse no Paraná, emquanto ainda era tempo. Como muito bem disse : — « toda a demora seria fatal ».

Os successos posteriores vieram confirmar a sua previsão. Ao governo de São Paulo não era indifferente que se tratasse com tanto descaso e morosidade a defesa dos estados do sul, onde os revoltosos ainda não contavam com elementos de força, que as suas successivas victorias viriam naturalmente angariar. Demais os revolucionarios agiam no terreno da lucta com decisão e presteza.

O senador Pinheiro Machado, que gosava de grande prestigio no seu estado natal, organizára e acompanhava uma columna da qual era chefe. No decorrer da campanha, pela rapidez de seus movimentos, pela bravura dos homens que a compunham e, sobretudo, pela estrategia do seu heroico chefe, essa columna veiu constituir o flagello e o terror dos federalistas no Rio Grande.

No dia 28 chegou a São Paulo a noticia de terem suas forças destroçado a retaguarda da columna do revolucionario coronel Salgado.

Entretanto a columna do general Lima e a do senador Pinheiro Machado retiraram-se para o Rio Grande do Sul, abandonando o inimigo, desde que este deixou as plagas rio-grandenses, porque naquelle estado as

forças federalistas percorriam as campanhas fazendo depredações. Desde então os legalistas de Santa Catharina, Paraná e São Paulo não contaram sinão com seus proprios recursos e com os que a União morosamente concedia.

Paranaguá era agora o objectivo da revolta. De concerto com os federalistas, que se approximavam, deveria ser atacado simultaneamente por terra e por mar.

Quando? Dentro de alguns dias, mezes?

Tudo dependia agora da columna que o general Argollo, devido ás circumstancias desfavoraveis, morosamente organizava em Curityba.

Si tivesse tempo de agir, indo primeiramente em soccorro de Santa Catharina e depois repellindo os invasores do Paraná, elles jámais chegariam até Paranaguá.

Os revoltosos da armada, abandonados aos seus proprios recursos e sem contar com auxilio das forças de terra, talvez desistissem da arriscada empreza.

Os revoltosos, que se achavam de posse de Santa Catharina, informados de que em Curityba se preparavam tropas, que deviam marchar para aquelle estado, trataram com ardor de se fortificar, a fim de as repellir, si chegassem a investir contra elles.

A falta de elementos com que luctava o general Argollo, dava tempo a que os revolucionarios melhor se organizassem para a lucta com as tropas legaes.

No dia 31 de outubro partiu com destino á Lapa, a columna commandada pelo general Argollo. A força expedicionaria compunha-se de tropas das tres armas, retiradas das guarnições do Paraná. Seguiram o 8.° regimento de cavallaria, o 3.° de artilharia, o 17.° batalhão de infantaria e todo o regimento de segurança do estado.

O dr. Bernardino de Campos, que tanto se batêra pela organização da columna, que ora se punha em mar-

cha para Santa Catharina, congratulou-se com o governador do Paraná por esse acontecimento, enviando-lhe o seguinte despacho :

> **Dr. Vicente Machado. — Curityba.** — Felicito-o e ao brioso estado de Paraná, pela marcha da expedição contra os revoltosos e nella deposito a ardente fé que inspira a boa causa. *Viva a Republica! Viva o governo constitucional!*
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

3.

Precauções para o caso de uma invasão na fronteira paulista. — Reconhecimento da fronteira. — O governador do Paraná pede forças ao governo de São Paulo. — Falta de armamento. — Mobilização da guarda nacional. — Retirada da columna Argollo. — Organiza-se a columna que deve passar a fronteira do Itararé. — Os primeiros contingentes para a fronteira.

Agora que deixamos o general Argollo avançando para a fronteira de Santa Catharina, vejamos qual era em São Paulo a acção do dr. Bernardino de Campos.

Dissemos na primeira parte deste trabalho que o presidente de São Paulo, apesar de não acreditar que os federalistas tivessem a ousadia de vir afrontar as forças do estado, tomára todas as precauções para que, si chegassem a cogitar em tão audaciosa empreza, não poudessem dar-lhe execução.

Para reconhecer e examinar a fronteira do estado, no Itararé, commissionára o dr. A. F. de Paula Souza, distinto engenheiro e dedicado amigo dos dirigentes de São Paulo, com cuja politica era solidario.

Na fronteira não se limitou o dr. Paula Souza a reconhecer os caminhos que poudessem servir para uma invasão do estado ; procurou tambem estudar as condições de provisão de generos, gado de córte e de carga, etc.

Era pensamento do dr. Bernardino accumular na fronteira, desde que fosse necessario, tropas promptas a se internarem no estado do Paraná, logo que se verificasse ser impotente para conter os revoltosos a guarnição do 5.º districto, que, segundo affirmava o ministro da guerra, bastava para isso.

Não era dessa opinião o dr. Vicente Machado, que tinha limitada confiança no poder defensivo da tropa que lá se achava. Assim pensando, rogou em telegramma ao dr. Bernardino que o soccorresse com tropas. Eis um seu despacho datado de 14 de novembro:

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo.** — Hontem communiquei ao governo federal a tomada de Lages, por Paulino Chagas, commandante federalista. Gumercindo Saraiva, perseguido, vem com intuito invadir por Palmas, emquanto as forças de Paulino tentam invasão pelo Rio Negro. Tenho de concentrar forças no sul e, estando a guarda nacional apenas em organização, pergunto si podeis dispôr de 300 ou 400 homens que, vindos pelo Itararé, estacionem em Ponta Grossa á minha disposição. Aguardo vossa urgente resposta. *Saudações.*
>
> VICENTE MACHADO, *governador.*

É de notar que o governo do Paraná, na emergencia difficil da lucta, se dirigisse a São Paulo, solicitando o apoio que legitimamente devêra pedir á União.

A resposta não se fez esperar e, como fazia prever o acendrado patriotismo do presidente de São Paulo, era inteiramente favoravel.

Lamentava-se ainda a falta de armamento. A guarda nacional, aquartelada em grande numero, estava pessimamente armada. Os antigos fuzis *Chassepot* que o exercito ha muito havia abandonado, foram retirados dos depositos bellicos do ministerio da guerra e enviados para São Paulo. Era com esse inadequado armamento que fôra armada a guarda nacional de São Paulo.

O dr. Bernardino de Campos tinha difficuldade em attender ao pedido do governador do Paraná, porque não dispunha de armamento sufficiente. Cabe relem-

brar que, já em abril de 1893, o dr. Bernardino de Campos, autorizado pelo congresso do estado, remettèra ao governo federal a quantia de dois mil contos, para compra de armamento destinado ao Rio Grande do Sul e a São Paulo.

Conhecia-se a existencia no Paraná de forte elemento opposicionista, muito animado pelas successivas victorias das columnas revolucionarias. Por isso o dr. Bernardino de Campos pediu ao dr. Vicente Machado que telegraphasse ao marechal Floriano Peixoto, para que attendesse a sua solicitação de fornecimento urgente de armamento e munição *Comblain*.

Era necessario que o governo central decretasse a mobilização da guarda nacional, para que fosse possivel o seu emprego fóra do estado. Nesse sentido o dr. Bernardino entendeu-se por telegramma com o ministro da guerra e com o presidente da Republica.

Logo que rebentára a revolta essa medida devèra ter sido posta em pratica, pela administração do exercito, independente de suggestão extranha.

Não eram exageradas as noticias que vinham do Paraná. A invasão por dois pontos da fronteira determinára a retirada precipitada da columna Argollo. Tendo partido de Curityba no dia 31 de outubro, acampára em 12 de novembro na villa de Tompson, territorio de Santa Catharina, a alguns kilometros além de São Bento, pequena localidade onde o general, na vespera, se empossára do governo do estado.

Emprehendèra o general a marcha com destino a esse ponto, para ir ao encontro do commandante Piragibe, que avançava por Serrinha.

Foi de curtissima duração o governo do general Argollo, que apenas teve tempo de nomear o distinto capitão Carlos de Campos para seu secretario geral, e comparecer ao baile que a população do local lhe offerecia, em regosijo pela posse do governo legal.

No dia 13 de novembro, sabendo o general que o caudilho Gumercindo Saraiva, á frente de uma forte columna, passára por Campos Novos, com direcção ao Rio Negro, fez meia volta com o intuito de transpôr o rio, na villa de igual nome, antes que os federalistas alli chegassem.

No dia 15 a columna transpôz o rio, acampando na margem opposta. Levára 12 dias para chegar a Tompson e apenas metade do tempo para retroceder.

As festas commemorativas do advento da Republica não impediram as providencias em andamento, para organização da columna que se destinava a passar a fronteira do Itararé e ficar em Ponta Grossa, á disposição do governador do Paraná.

Os contingentes da guarda nacional estavam já preparados, fardados e promptos para marchar, logo que lhes fosse fornecido o armamento e munição, que fôra pedido ao ministro da guerra. O batalhão *Alfredo Ellis* preparava-se em Santos para reunir-se aos diversos contingentes e formar a columna, que seguiria ao mando do coronel Innocencio Ferraz, commandante geral da força publica do estado.

Em sua constante solicitude, impacientava-se o dr. Bernardino de Campos com a demora das providencias sobre fornecimento de armamento que pedira, desde que tomára a patriotica resolução de auxiliar o estado do Paraná, mau grado a manifesta lentidão do governo central em apoial-o nesse intuito. Nada o detinha, porém, no nobre desejo de soccorrer o governo do vizinho estado, que implorava soccorro. Como até o dia 17 não tivessem solução os seus despachos, endereçou ao dr. Vicente Machado o seguinte telegramma :

> **Governador do Paraná. — Curityba, urgente. —** Até agora não veiu do Rio autorização para mobilizar a guarda nacional, fóra do estado. Apesar

disso farei marchar os contingentes para Faxina e Itararé, attendendo á demora da viagem por terra, visto a boa vontade dos dintintos officiaes da guarda nacional. Avisarei o dia provavel da chegada. Armamento é indispensavel. Saudações.

BERNARDINO DE CAMPOS.

Os primeiros contingentes seguiram perfeitamente armados. Para isso foi mandado recolher á capital o armamento *Comblain* com que se armaram algumas das guardas civicas do interior, destinadas ao policiamento das localidades. Como demorassem as providencias do ministro da guerra, sobre o armamento solicitado, o dr. Bernardino (no dia 19), tomou a resolução de enviar para o Rio, o major Cornelio Schmidt, a fim de adquirir no commercio clavinas de cavallaria e fuzis *Comblain* e *Mannlicher*.

O governo de São Paulo resolvèra adquirir, por conta propria, o armamento de que necessitava para a defesa nacional.

4.

Primeiro encontro das tropas legaes com as forças federalistas. — Partida do coronel Gomes Carneiro para o sul. — Retirada da columna Argollo para Lapa. — O coronel Carneiro assume o commando em chefe. — Segue para a fronteira o primeiro contingente de São Paulo. — Chega á capital, com destino ao Paraná, o batalhão « Franco-Atiradores ». — Officiaes de marinha em transito para Santos. — O monitor « Javary » é posto a pique. — São Paulo prosegue na defesa da fronteira. — O batalhão « Franco-Atiradores » permanece ainda na capital.

Telegrammas expedidos de Curityba no dia 20, relatando o rapido avanço de Piragibe no encalço da columna Argollo, traziam noticias da partida para Rio Negro do 18.° batalhão da guarda nacional da Lapa, a fim de reforçar as tropas da expedição, que já tinha sentido o contacto com a força federalista. Era esse batalhão commandado pelo coronel Joaquim Lacerda, prestigioso chefe politico daquella cidade.

Nesse mesmo dia 20, pelas 6 horas da manhã, teve inicio a lucta com os federalistas. Deu-se o primeiro encontro de forças em terra paranáense e houve um pequeno combate.

A columna Piragibe, tendo soffrido algumas perdas, retirou-se, indo acampar a pequena distancia, recomeçando as escaramuças no dia seguinte, pela acção de novo avanço.

Com destino ao Rio Negro, e para substituir o general Argollo, chegou a São Paulo no dia 19, partindo para o Paraná a 20, o bravo coronel Gomes Carneiro, acompanhado pelo tenente coronel Pereira da Cunha.

Já então era conhecido o novo recúo do general Argollo, para a cidade da Lapa, onde só devia chegar dentro de alguns dias, por haverem os revolucionarios destruido a ponte do Rio das Varzeas, á retaguarda

da columna. Essa passagem não fòra guardada por tropa alguma, como devèra, após os primeiros tiros trocados com os federalistas.

O presidente de São Paulo nada poupava para que o estado do Paraná, e os mais do sul, fossem apparelhados de boa defesa. Assim, ás expedições ou officiaes, que transitaram por São Paulo, era por elle prestado todo o auxilio material de que vinham sempre desprovidos. O coronel Carneiro, antes de partir, endereçou no dia 19 ao presidente da Republica, o seguinte telegramma :

> Marechal Floriano Peixoto. — Itamaraty. — Sigo amanhã para o interior com todos os auxilios prestados pelo presidente do estado. Espero em seis dias chegar.
>
> Coronel Carneiro.

E assim aconteceu : — no fim de seis dias, após a partida de São Paulo, assumia na Lapa o commando da columna, regressando para Curityba o general Argollo, dispensado da missão de confiança que o Marechal lhe commettèra.

Na Lapa, o coronel Carneiro encontrou o general procedendo a installações, para estabelecimento da base de operações naquella cidade.

A columna federalista do coronel Piragibe, que marchava nas pégadas da tropa legal, fazia sentir já áquella praça os primeiros signaes da sua acção. Em seguida, porém, abandonou a acção iniciada sobre a Lapa, retirando-se para além do Rio Negro.

Apesar de todo o esforço empregado para obtenção do armamento de que precisava, o dr. Bernardino só poude lançar mão do que mandára retirar da guarda civica. Com esse armára-se parte da columna, que fôra organizada e que se achava prompta na capital, devendo partir immediatamente para Itararé.

No dia 22, ás 2 horas da tarde, seguiu para a fronteira a primeira força, que constituiu o nucleo da forte columna, que mais tarde se completou para ir em auxilio do coronel Carneiro, na Lapa. Compunha-se de 164 praças e 12 officiaes, fornecidos pelo 108.° batalhão da guarda nacional, e 64 praças commandadas pelo capitão Alfredo Paes de Barros, indo como subalternos o tenente Julio Garcia Vieira, alferes Pedro Chiquet Filho, Manoel Gomes de Macedo e Antonio Leite Sobrinho ; 40 praças de cavallaria de policia commandadas pelo alferes Augusto Pereira e 57 praças do 2.° batalhão da guarda nacional, commandadas por um capitão.

O presidente do estado já havia feito preparar em Tatuhy, então ponto terminal da linha sorocabana, quarteis para abrigal-a e cargueiros para o trem de combate.

Havia ordem de adquirir a maior quantidade possivel de cavallos e muares, que poudessem prestar o serviço que nessa emergencia teriam de fornecer. Para isso havia uma commissão, que, por ordem do dr. Bernardino, percorria os campos de Faxina e as fazendas de criação.

Não houve solução alguma ao pedido, que havia quasi 15 dias fizéra, o dr. Bernardino de Campos, a respeito do armamento e mobilização da guarda nacional de São Paulo, que devia operar fóra do estado.

No dia 22, sem que o presidente do estado tivesse aviso do Marechal Floriano ou do ministro da guerra, o chefe da estação do Norte previne para palacio que do Rio partira, com destino á São Paulo, um trem especial conduzindo tropas.

Telegraphando ao coronel Jardim, recebeu como resposta tratar-se do batalhão *Franco-Atiradores*, que se destinava ao Paraná, devendo marchar pelo littoral. No mesmo despacho o coronel Jardim pedia

ao dr. Bernardino que mandasse aquartelar o batalhão e dar-lhe transporte para Santos.

No decorrer desta nossa despretenciosa narrativa, temos visto serem tomadas varias providencias com relação a São Paulo, sem que disso seu dedicado e leal presidente tivesse tido prévio conhecimento. Ainda no dia anterior um facto dessa natureza se produzira : — 17 officiaes de marinha estiveram na capital, de onde partiram para Santos. O dr. Bernardino havia sido prevenido que teriam de vir esses officiaes, mas não fôra avisado de sua chegada.

Mais tarde o capitão de fragata, Freire Junior, que chefiava essa turma de officiaes, desculpou-se dizendo que não chegára ao palacio, porque não podia perder o trem de Santos.

Assim acontecêra tambem com o batalhão *Franco-Atiradores*, que devia transitar por São Paulo. Tropa sem disciplina, organizada no Rio com elementos maus, deram as praças e officiaes desse batalhão, durante sua curta permanencia na capital de S. Paulo, triste espectaculo de abjecção moral. Era o batalhão composto de 250 praças e 16 officiaes.

Noticias do Rio traziam a nova de ter sido posto a pique, depois de soffrer forte bombardeio pelas fortalezas, o monitor *Javary*, que em pouco tempo submergira totalmente.

Era mais uma unidade dos revoltosos que desapparecia da lucta.

No sul os federalistas continuavam avançando para o seu objectivo, que era a posse da capital e de todo o estado do Paraná.

São Paulo cuidava com energia da defesa de sua fronteira, ao mesmo passo que soccorria o governo do vizinho estado do Paraná.

Em Itapetininga e na Faxina, havia commissões do governo para o abastecimento das tropas em transito.

Alli estavam, activos e zelosos, prestando efficaz auxilio ao presidente do estado, o dr. Peixoto Gomide e o coronel Fernando Prestes.

O batalhão *Franco-Atiradores* continuava na capital, commettendo toda sorte de vandalismo, sem que o seu commandante com isso se preoccupasse. Quanto a fixar o dia da partida, disso não cogitava e nem mesmo respondia ás indagações, que nesse sentido lhe fazia, em telegramma, o commandante do districto. Urgia que o batalhão partisse para o seu destino, tanto mais que já era sabida a retirada da columna Argollo para Lapa.

O coronel Jardim havia tudo preparado para transportar a bagagem do batalhão até Paranaguá, e só aguardava que o respectivo commandante se resolvesse a deixar a capital e emprehender a marcha. Nem mesmo respondèra aos despachos do commandante do districto, que lhe transmittira a ordem do ministro da guerra, mandando que partisse immediatamente para o seu destino.

5.

Um despacho do ministro da guerra. — Auxilio de São Paulo ao Paraná. — Forças para este estado e para a fronteira. — Condições do batalhão " Franco-Atiradores ". — O batalhão " Alfredo Ellis ". — Outras providencias do dr. Bernardino de Campos. — As forças de Gumercindo e Salgado. — Tropas de Caraguatatuba com destino a Itararé. — Marcha do batalhão " Franco-Atiradores ". — Navios revoltosos deixam a bahia do Rio, em demanda do sul. — O general Pego Junior substitue o general Argollo. — A situação da revolta no sul.

No dia 24, o coronel Jardim teve resposta ao pedido de armamento e de mobilização da guarda nacional, feito havia muitos dias, afim de ser soccorrido o estado do Paraná.

Dizia o marechal Enéas Galvão, ministro da guerra, que " ficava sciente sobre os contingentes da guarda nacional e que não tinha armamento, mas que o Paraná devia ter gente para pegar em armas. São Paulo devia guardar suas fronteiras e que o Paraná seria guardado e defendido por gente enviada pela União. Que para marchar e impedir a invasão já havia dado providencias ".

O coronel Jardim transmittiu ao dr. Bernardino de Campos e nos termos que vem transcrito, a bizarra resposta do ministro da guerra.

O presidente de São Paulo comprehendeu immediatamente o alcance desses dizeres e com elles não se maguou. Como era seu intuito collocar na fronteira forte elemento de defesa e enviar soccorro para o governo do Paraná, continuou a providenciar com a mesma energia para o apparelhamento de tropas.

A resposta do ministro da guerra, dispensando o auxilio de forças que São Paulo queria prestar ao

Paraná, continha asserções que contrastavam evidentemente com as informações e pedidos instantes e insistentes do governo e do commando militar do Paraná. Por este motivo o dr. Bernardino de Campos dirigiu uma carta particular ao Marechal Floriano, expondo claramente o que se passava, quanto á necessidade de auxiliar aquelle Estado e a disposição em que se achava São Paulo de o fazer. Tendo notado que nem sempre as suas communicações chegavam ao Marechal Floriano, para garantir o destino da sua carta, encaminhou-a por intermedio do dr. Cassiano do Nascimento, a quem pediu que a entregasse pessoalmente. A resposta não se fez esperar, no sentido de acceitar os offerecimentos de São Paulo e de autorizar a partida de contingentes que já se achavam no Itararé e que, como se verá, seguiram sob o commando do coronel Adriano Pimentel.

No dia 25 seguiram com destino á fronteira mais 100 praças do 4.° batalhão, e o coronel Innocencio Ferraz, que devia, em Itararé, organizar e commandar a columna. Este official levou no seu estado maior o major Francisco Alves do Nascimento Pinto e o capitão Arthur da Fonseca Osorio, ambos da força publica.

Ao mesmo tempo partia finalmente para Santos o batalhão *Franco-Atiradores*. Não foi possivel reunir toda a tropa ; na capital ficaram diversos officiaes e muitas praças.

O commandante desse batalhão, aboletado no hotel, não providenciou sobre cousa alguma attinente a preparar sua força para a partida. Seguindo para Santos, deixou esparsa a bagagem, esquecendo-se até de retirar a munição de guerra, que estava na estação do Norte. E seguiram as suas praças desprovidas de cartuchame. Sem a solicita providencia do presidente do estado, talvez aquelle official nem essa falta notasse.

O coronel Jardim, logo após o desembarque do

batalhão, telegraphou ao dr. Bernardino, dando conta do que observára e dizendo não ser possivel, de força organizada por aquella fórma, obter mobilização vantajosa. No trajecto que faziam, em pequenos grupos, como bandoleiros, iam deixando triste recordação de sua passagem. O coronel Jardim, em communicação ao presidente do estado, referia-se ás rapinas, ás irregularidades sem numero desse bando de vandalos.

No dia 26 o batalhão *Franco-Atiradores* seguiu para Paranaguá, pelo littoral, na maior desordem. Ficaram em Santos outros officiaes e praças, além do respectivo commandante, seguindo o batalhão commandado por um capitão.

Contrastando com essa desorganização, chegou á capital, vindo de Santos, o batalhão *Alfredo Ellis* que o dr. Bernardino mandára substituir na linha de defesa do littoral, por um contingente da guarda nacional. Via-se que era força bem organizada, com solida disciplina, mantida por um commandante zeloso, – o tenente coronel Pinho.

O coronel Innocencio Ferraz, que seguira para a fronteira, mostrou desejos de permanecer em Itapetininga, onde ainda estava, e dalli dirigir e organizar a defesa da fronteira. Não contava, porém, com a extrema energia e a força de vontade do presidente do estado, que não consentia em tão extraordinario systema de providencias a umas 30 leguas fóra do local da acção.

Para que esse official se dispuzesse a marchar, o dr. Bernardino telegraphou, no dia 27, ao dr. Gomide e ao coronel Prestes, a fim de que dessem as providencias que o caso exigia. Eis o conteúdo do despacho :

Dr. Peixoto Gomide e coronel Prestes. — Itapetininga. — E' urgente seguir o coronel Innocencio Ferraz para Itararé, reconhecer posições, estabele-

cer postos e collocar as forças. Cumpre verificar que contingente fornece Faxina e prevenir-me disto, pelo que não deve perder tempo, a fim de conhecermos já os recursos com que podemos contar. Avisae-o para que siga, e de lá mande logo dizer o que falta. Seguiram instrucções em cartas a vós dirigida, para enviar a Ferraz.

BERNARDINO DE CAMPOS.

Do estado do Paraná não havia noticias. O dr. Bernardino telegraphou ao dr. Vicente Machado pedindo informações sobre o que occorria e que podesse ser sabido, porque tinha necessidade de acompanhar os factos, a fim de providenciar com tempo.

Não se fez esperar a resposta do governador do Paraná, que dizia:

Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. — Sabemos da presença de Gumercindo em Curitybanos, e Salgado para cá de Laguna, pelo littoral. Este é perseguido por Arthur Oscar e aquelle por Pinheiro Machado e outros. Procuramos reunir forças e repellir invasão, que parece imminente. É de bom aviso guarnecer a fronteira do seu estado porque, sendo pequena nossa força, não podemos garantir todos os pontos por onde possa dar-se a invasão, isto pela difficuldade da vinda de armamento e material bellico. Temos aqui 3.000 homens em armas e mais 5.000 promptos a se armarem. Hei de informal-o de tudo.

VICENTE MACHADO.

Noticias de Santa Catharina davam o caudilho Gumercindo nas proximidades de Lages, com uma forte columna. No seu encalço, ao que se affirmava, ia o general Lima, que contava batel-o.

A essas noticias juntava outras que absolutamente não eram de molde a tranquillizar os espiritos alarmados.

O dr. Bernardino de Campos, que no dia 29 conti-

nuava a providenciar activamente para a defesa da fronteira, mandou perguntar ao coronel Jardim si não podia retirar alguma tropa do littoral, principalmente de Caraguatatuba, onde até essa data nada occorrêra de anormal. Como tivesse resposta favoravel, mandou vir dalli a artilharia, para mandal-a servir na guarnição de Itararé, onde já estavam 400 praças de infantaria e de cavallaria. O tenente Acyoli foi designado para o commando dessa divisão de artilharia.

O dr. Bernardino achava provavel a invasão de São Paulo pela fronteira, em contrario ao que geralmente se pensava, e por isso tomou as conhecidas providencias sobre a fronteira do sul. Infelizmente não encontrou a mesma comprehensão e solicitude por parte do governo federal.

A marcha do batalhão *Franco-Atiradores* era morosa e desorganizada. Suas praças, sob as vistas de officiaes incapazes, assaltavam as casas dos pobres caipiras, roubando, assassinando os homens indefesos e estuprando as mulheres, que, transidas de medo, procuravam occultar-se nas mattas proximas.

No dia 29 achava-se ainda em Conceição o *Franco-Atiradores*, com o seu commandante, sem vontade de pôr-se em marcha, deixando essas paragens, onde se tinha constituido em verdadeira calamidade e innominavel flagello para os pacificos habitantes.

O coronel Jardim, em vista das constantes e reiteiradas queixas dos moradores do littoral, em cujas proximidades exerciam os retardatarios facinoras suas sanguinolentas rapinas, enviou para Conceição uma escolta, que capturou um official e cinco soldados, sobre os quaes pesava a cumplicidade de mais de um assassinato e ferimentos graves nas pessoas de pobres e humildes caipiras. Ao commandante foi enviado uma ordem, para que procurasse pôr cobro a taes actos de indisciplina e de immoralidade.

O tenente Paraguassú levou ordens do commandante do districto, sobre a marcha do desorganizado batalhão, que sómente no dia seguinte chegou á Iguape.

Um despacho do Rio noticiava, no dia 1.º de dezembro, a sahida do navio revoltoso *Aquidaban* e de outro vaso de guerra, que tomaram rumo do sul.

Na Capital Federal continuavam os bombardeios entre fortalezas, pontos fortificados e a esquadra revoltada.

Em despacho ao coronel Jardim, o ministro da guerra communicava a vinda do general Pêgo Junior para São Paulo, e com destino ao Paraná, onde iria substituir o general Argollo, no commando do 5.º districto. Vinha o general acompanhado de seu estado maior.

O coronel Serra Martins já se achava em Curityba, investido no commando da guarnição, desde 30 de novembro.

Em Tatuhy, Itapetininga e nas outras localidades, por onde passou o general Pêgo Junior, estava tudo preparado para facilitar-lhe, e aos seus 14 officiaes, a viagem atravez da fronteira. Os zelosos delegados do governo de São Paulo tinham ordem expressa para isso.

As forças de Gumercindo Saraiva, conforme telegramma do Marechal Floriano ao presidente de São Paulo, pareciam dirigir-se para Joinville, a fim de fazer juncção com a columna do coronel Piragibe.

As forças ao mando do senador Pinheiro Machado e do general Lima, ainda que viessem perto, em sua perseguição, não chegariam a tempo de impedir essa juncção, que, pelo numero, as tornaria muito superiores as duas columnas legaes.

Essa perspectiva desagradavel, fez com que o governo federal voltasse por momentos suas vistas para o sul, onde na occasião sériamente perigava a causa legal.

II

A defesa da fronteira.

(Continuação.)

I.

O Marechal Floriano Peixoto solicita a intervenção das forças paulistas no estado do Paraná. — São Paulo adquire armamento para as forças em operações no sul. — Artilharia destinada a operar no Paraná. — Providenceia-se para a substituição das forças que da fronteira partem para o Paraná. — Um reconhecimento : tiroteio com as forças revoltosas.

A arrogancia, com que dias atraz se affirmava não ser necessario que São Paulo se preoccupasse com a defesa do Paraná, cahira por terra, ante o poderoso elemento revolucionario que na fronteira do vizinho estado se formava.

O Marechal Floriano recorreu directamente ao presidente de São Paulo, nestes termos :

> Penso ser de grande vantagem que a força desse estado, commandada pelo coronel Ferraz, estacionada no Itararé, avance para Palmeiras, no Paraná, onde defenderá a cabeça da estrada de ferro e apoiará a defesa de Curityba e Lapa, evitando ao mesmo tempo pronunciamento do federalismo local. Esta operação é urgente. Peço dizer-me o total dessa força, para avaliar se carece ou não de ser augmentada.

Para fazer parte da columna, partiram do Rio duas boccas de fogo, guarnecidas por 2 officiaes e 14 soldados. Os muares e cavallos foram fornecidos pelo governo de São Paulo.

Para estacionar em São Paulo, até ordem de marcha para outro ponto, partira o 20.° batalhão do exercito, da guarnição de Goyaz.

Até então não havia ainda sido autorizada a mobilização da guarda nacional, tão solicitada pelo dr. Bernardino. Diante, porém, da difficuldade da situação, o Marechal aconselhou ao presidente do estado que organizasse mais dois corpos dessa milicia ou de patriotas.

O dr. Bernardino de Campos, como já vimos, desejava que fosse soccorrido o estado do Paraná com boa e forte tropa. Ainda que achasse tal providencia um pouco tardia, tratou de lhe dar prompta execução.

Faltava-lhe o armamento *Comblain*, que tanto pedira. Não podia fazer seguir novas forças, por não poder armal-as convenientemente. Isso ponderou ao commandante do districto, a quem communicára o pedido do Marechal.

Para sanar a sensivel falta de armamento, com que luctava o governo de São Paulo, dirigiu ao presidente da Republica, o seguinte despacho, datado de 5 :

> **Marechal Floriano Peixoto. — Capital Federal.** — Consulto si convém comprar, por conta deste estado, armamento para organizar corpos, para defesa no sul. Estou disposto a fazel-o. Peço indiqueis o typo da arma e onde poderei adquiril-as. Rogo me guieis neste empenho. General Pêgo deve estar proximo de Faxina. BERNARDINO DE CAMPOS.

O Marechal respondeu que mandasse ao Rio pessôa de confiança, para adquirir armas e que estava tratando de obter armamento na Allemanha e que então cederia o numero sufficiente ao governo de São Paulo, « que a Republica contava como um dos seus mais denodados defensores », dizia o despacho.

E assim se facilitava a São Paulo meios de, por sua conta, adquirir armas para defesa da Republica.

O armamento foi comprado, mas ficou ainda o seu despacho dependendo, por alguns dias, de autorização das autoridades militares. Ao dr. Victorino Monteiro, ministro do Brazil em Montevideo, pediu o presidente de São Paulo que procurasse adquirir a maior quantidade que pudesse de fuzis *Mauzer* ou *Mannlicher*. Foram adquiridos 7.000 fuzis ao preço de 23 pesos cada um, e grande cópia de munição, tudo por conta do estado de São Paulo.

Tendo fornecido os dois mil contos, autorizados pela lei paulista de março de 1893 e solicitados pelo governo da União, para armar o Rio Grande e tambem São Paulo, aguardou por algum tempo o dr. Bernardino de Campos a remessa de algum armamento, não tendo obtido sinão o fornecimento de antigas carabinas *Chassepot*, enviadas do arsenal do Rio, com as quaes seria impossivel armar tropas contra as hostes aguerridas da revolução. Foi por esse motivo que São Paulo resolveu adquirir, por acto proprio e á sua custa, o armamento indispensavel, sendo que no Rio só obteve algum de cavallaria. O grande recurso consistiu nas 7.000 (sete mil) carabinas *Mannlicher* e nos quatro ou cinco milhões de tiros que o dr. Assis Brazil, nosso ministro em Buenos Aires, comprou ao governo argentino, por conta de São Paulo, autorizado pelo governo federal.

Ia partir no dia 6 a divisão da artilharia de campanha, destinada a incorporar-se á columna do coronel Ferraz, que tinha de marchar para o Paraná, estacionando em Palmeiras, á disposição e ao mando do coronel Carneiro, que se achava na Lapa.

Estava ella provida de muares, fornecidos pelo corpo de bombeiros, mas faltavam-lhe os conductores, que não vieram do Rio. A principio quiz o dr. Bernardino fornecer praças de bombeiros para esse fim, mas, ouvindo as ponderações feitas pelo official que a

commandava, resolveu scientificar dessa falta ao Marechal Floriano. A resposta foi immediata e incisiva. Era concebida nestes termos :

> **Dr. Presidente do Estado. — São Paulo.** — Não sabia que o official commandante da artilharia, destinada a operar com a força em Itararé, havia sahido daqui sem conductores. Isto é indesculpavel para um soldado de linha. Dirijo-me ao marechal Enéas para providenciar. VIVA A REPUBLICA.
>
> FLORIANO PEIXOTO.

Como é natural, não cabia ao chefe da nação providenciar sobre tão insignificantes detalhes, que deviam, de antemão, ter sua organização normal preparada.

O dr. Bernardino de Campos queria guarnecer a fronteira, immediatamente após a partida da columna Ferraz. Multiplicava por isso as providencias sobre a organização de novos elementos, para enviar ao Itararé. Como o coronel Jardim lhe pedisse que não retirasse tropa alguma do littoral, cuja defesa não queria enfraquecer, teve de dirigir suas vistas para outros pontos, a fim de obter elementos que seguissem immediatamente.

Collaborando com o governo, proximo á fronteira, estavam os dois patriotas e esforçados paulistas, Peixoto Gomide e Fernando Prestes. A este encarregou o dr. Bernardino de reunir os 100 abnegados cavalleiros, que offerecêra, mandando para elles armamento, munições e fardamento. Instruidos, poderiam formar um magnifico esquadrão. Eram homens decididos e corajosos, affeitos á vida trabalhosa do campo.

As forças de Piragibe estavam, no dia 7, bivacadas á margem esquerda do Rio das Varzeas, distante da Lapa um escasso dia de marcha. Era tropa que se adiantára, talvez em reconhecimento.

Nesse dia, o dr. Bernardino de Campos recebeu do

coronel Carneiro, por intermedio do coronel Jardim, o seguinte telegramma :

> Partido composto de nossa cavallaria de linha e de cavallaria e infantaria patrioticas, encontrou partido inimigo além da ponte do Rio das Varzeas, tiroteando algum tempo. Perdemos um soldado de cavallaria. O bravo coronel Pacheco, da guarda nacional, e alferes Waldhausen, de 8.° de cavallaria, foram feridos levemente, este apenas num pé e aquelle tocado por bala num braço.
>
> Temos tambem dois soldados feridos. Nossa gente, de linha e patriotas, portaram-se valentemente. Os inimigos perderem muita gente e recuaram.

Igual despacho recebeu o presidente do estado do coronel Serra Martins, commandante da guarnição em Curityba.

O coronel Carneiro, aproveitando o afastamento da columna revoltosa para o lado do Rio Negro, fez occupar effectivamente a ponte, impedindo a passagem de tropas revolucionarias. Uma forte patrulha enviada dalli, para observar a direcção da marcha dos federalistas, tiroteou com a retaguarda, á entrada do Rio Negro, na madrugada de 9.

2.

O almirante Saldanha da Gama se manifesta pela revolta. — Noticias do sul. — O general Pego Junior chega a Castro. — Preparam-se mais forças para a fronteira. — Providencias para o abastecimento dessas tropas. — Situação das forças legaes na Lapa. — Uma victoria das armas legaes. — Providencia sobre as forças que operavam no sul. — Preparam-se novos contingentes da guarda nacional. — Auxilio de Campinas.

No dia 10 aggravára-se no Rio a situação, pelo rompimento da neutralidade em que desde a declaração da revolta se mantinha o almirante Luiz Filippe de Saldanha da Gama.

Do sul as noticias eram contradictorias, quanto ao numero de homens que cada columna revolucionaria trazia, mas eram todas accordes em assignalar os pontos de passagens e de bivaques dessas tropas, convergindo para o seu objectivo.

Por seu lado, as forças legaes se preparavam para repellir a invasão até além das fronteiras do Paraná, a fim de serem colhidos os federalistas pelas valentes columnas que operavam no sul, notadamente a do senador Pinheiro Machado, que não perdia o contacto com as tropas revolucionarias.

O general Pègo Junior, que marchava rapidamente para chegar com tempo de reorganizar e animar as tropas da guarnição, chegou a Castro no dia 11, enviando daquella cidade este despacho :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Cheguei aqui e os officiaes, tudo graças aos vossos auxilios e penhorados pela gentileza e obsequios, em homenagem a vossa pessoa a nós prestada, especialmente em Itapetininga, Faxina e Itararé, por intermedio e esforços do coronel Crescencio, portanto ainda cavalheirismo do dr. Bernardino de

Campos. Eu e meus camaradas vos apresentamos nossos prestimos e agradecimentos muito cordiaes. Saúdo-vos. PEGO JUNIOR (1).

Dentro de dias estaria o general em Curityba, onde prepararia a resistencia.

Era preciso reforçar a columna do coronel Ferraz e deixar tropas postadas na fronteira, a fim de conserval-a ao abrigo de toda surpresa e investida.

Havia ainda na capital tropa prompta a marchar, logo que lhe fosse distribuido o armamento, adquirido no Rio e prestes a chegar. Era necessario accumular na fronteira do Itararé toda a tropa que fosse possivel armar.

Em diversas localidades do interior, zelosas autoridades e briosos officiaes da guarda nacional haviam organizado e fardado os corpos dessa milicia, offerecendo-os ao governo. Distinguia-se pela apparencia, boa organização e disciplina o forte contingente que Campinas enviára.

Quando explodiu a revolta de 6 de setembro de 1893, Campinas foi uma das primeiras cidades que se collocaram á disposição dos poderes constituidos do estado e da União, na defesa das instituições republicanas.

Revelava assim, mais uma vez, a sua alta comprehensão no desempenho dos deveres civicos, honrando as suas brilhantes tradições de centro de irradiação e de dedicação á causa democratica.

Já em 8 de setembro a direcção do partido republicano local, de accordo com as autoridades policiaes e commando da guarda nacional, communicou ao governo do estado que a força policial, destacada em Campinas, poderia ser recolhida á capital e empregada no serviço de defesa do estado, visto que o poli-

---

(1) Este despacho é confuso, mas o transcrevemos textualmente para não lhe alterar o sentido.

ciamento da cidade seria feito pela guarda nacional.

O governo recebeu o offerecimento com demonstração de viva satisfação e o acceitou immediatamente. No dia 9 a força policial, que se compunha de cerca de 60 praças, partia para São Paulo, tendo nesse mesmo dia entrado em serviço, como guardas de segurança da localidade, 40 praças do 32.° batalhão de infantaria da guarda nacional. Dias mais tarde esse numero foi augmentado.

Este exemplo fructificou. Os 39.° e 40.° regimentos de cavallaria daquella cidade começaram a exercitar as praças, que se haviam alistado nas suas fileiras, e, dentro de uma quinzena, Campinas já contava mais de duzentos patriotas, arregimentados e dispostos a bem servir a Republica.

O que, porém, tornou o movimento de civismo mais significativo foi a posição social dos que tomaram armas em defesa das instituições. Foram advogados, medicos, empregados das principaes casas de commercio, filhos das mais abastadas familias de Campinas, operarios das officinas Mogyana, Paulista e Mac-Hardy que, como officiaes ou simples praças, ficaram sob a bandeira, servindo a Republica.

De setembro a dezembro, os diversos batalhões e regimentos cuidaram de alistar o maior numero de voluntarios, fizeram-se exercicios, instruiram-se como pouderam no manejo das armas e aguardavam ordens superiores, a fim de seguir para onde o dever civico os chamasse.

Conhecidos os termos do manifesto Saldanha da Gama, que appellava para a força das armas, a fim de « repôr o governo do Brazil onde estava a 15 de novembro de 1889 », Campinas, a 13 de dezembro de 1893, justamente na vespera da partida das suas forças para Itararé, promoveu um grande « meeting » popular de protesto e de apoio ao governo legal. Nessa mesma occasião promovia-se, uma subscrição popular a

favor dos feridos, que deram baixa aos hospitaes de sangue de Nitheroy e Capital Federal. Fizeram parte da commissão que angariou donativos os cidadãos José Paulino Nogueira, Joaquim Ulysses Sarmento, Augusto Cezar Nascimento, Maximiano Camargo, Antonio Sarmento, Turibio Leite de Barros, Antonio Alvaro de Souza Camargo e Antonio Lobo.

A somma angariada para o alludido fim montou a cerca de oito contos de réis.

A propaganda contra a revolta e a palavra de defesa em pról da Republica eram pregadas em Campinas, no periodo revolucionario, com vivo enthusiasmo e ardente convicção, pelo *Diario de Campinas,* a folha de Antonio Sarmento, o periodico que, com tanta coragem, batêra o golpe de estado, vibrado por Deodoro contra as nascentes instituições democraticas.

A guarda nacional de Campinas foi mandada pelo governo a varias deligencias no interior do estado.

Citamos estes factos, porque elles attestam, de modo significativo, a dedicação e fidelidade com que a população de Campinas serviu a causa republicana, cruelmente ferida com a revolta de 1893.

A 11 de dezembro o governo do estado, em officio dirigido ao commando da guarda nacional, chamava a serviço os contingentes do 32.° batalhão de infantaria, 39.° e 40.° regimentos de cavallaria, que estavam aquartelados e em serviço local.

No dia 12, as forças receberam ordem de partida, e a 14 os contingentes, que compunham as citadas unidades, seguiram para São Paulo, em trem especial, entre acclamações vibrantes de uma população inteira, que saudava, nos que partiam, a esperança da victoria de uma causa justa.

As forças que compunham esses contingentes eram assim representadas :

32.° batalhão de infantaria, com 50 praças, commandadas pelo capitão Alberto Sarmento, que tinha como

officiaes o capitão cirurgião dr. Franciso de Araujo Mascarenhas, tenente Jorge Leonardo, os alferes Pedro de Alcantara e Antonio Prudente Junior; 39.° regimento de cavallaria, com 59 praças, commandadas pelo capitão-ajudante Arthur Leite de Barros e tendo como auxiliares os tenentes João Rubino Pedroso, Ignacio Bueno Penteado e alferes Joaquim Bueno de Miranda Sobrinho, Balthazar Caetano Carneiro, Martim Egydio, tendo mais tarde feito parte do mesmo o tenente Homero Bayeux; 40.° regimento de cavallaria, com 38 praças, commandadas pelo tenente Alfredo Teixeira, tendo como auxiliares o tenente Theophilo de Oliveira e os alferes Antonio Engler Bicudo e Mauro Teixeira.

Estes contingentes, com as praças e officiaes, formavam um todo de 162 homens. A esses contingentes foram incorporados em Tatuhy 30 praças do 22.° regimento de cavallaria do Amparo, que tinha como officiaes o capitão Augusto Fagundes, alferes Lupercio Goulart e Pedro Leonel de Araujo Ferraz. O capitão Augusto Fagundes foi depois substituido pelo capitão Francisco Tristão da Silveira. As forças, assim constituidas, partiram de São Paulo sob o commando do capitão Arthur Leite de Barros.

Para os contingentes, que deviam pôr-se immediatamente em marcha, mandou o dr. Bernardino adquirir e preparar as montarias em Faxina.

As providencias decorrentes de sua resolução de guarnecer a fronteira e auxiliar o Paraná, deu-as o dr. Bernardino com sua costumada actividade e bom senso pratico. Designou as cidades de Tatuhy, Itapetininga e Faxina como pontos de base para o serviço de ligação da retaguarda e abastecimento das tropas. Para isso transformou essas cidades em praças militares. Criou um serviço numeroso e perfeito de transporte, ligando essas localidades entre si, e a ultima com as tropas da fronteira. As que se achavam além

fronteira eram abastecidas no Paraná, como podiam, visto ser difficil ir da fronteira o abastecimento. Fez estabelecer uma linha telegraphica ligando Itararé a Tatuhy, e tambem um serviço de estafetas. Por esse modo, o governo tinha informações directas e seguras de todas as occorrencias que se davam na fronteira.

Mediante contracto com a Sorocabana, fez construir á custa do estado o prolongamento da estrada de Tatuhy á Itapetininga, evitando, por essa fórma, uma das passagens mais difficeis para o transito em direcção á fronteira, principalmente de munições de guerra, de armamento e de viveres.

De Caraguatatuba foi retirada parte da tropa que lá se achava, destinando-se tambem á fronteira.

O coronel Carneiro elaborára um plano de guerra, para cuja execução esperava sómente a chegada, em Palmeiras, da columna que São Paulo enviára. Urgia que essa tropa alli chegasse e que elle disso tivesse conhecimento. Tanto mais que a columna federalista, ao mando do coronel Piragibe, embaraçava já os movimentos da guarnição da Lapa, que tinha cortadas quasi todas as suas vias de communicação.

No dia 13, o capitão Lauro Müller, que auxiliava o coronel Carneiro na guarnição da Lapa, telegraphou ao dr. Bernardino de Campos, indagando do paradeiro da força, que seguira com destino a Palmeiras.

Nesse dia a columna ainda se achava no Itararé. Sabemos já quaes os motivos determinantes dessa demora.

Novo encontro teve a tropa do coronel Carneiro com forças da columna Piragibe, derrotando-as. Os federalistas deixaram no campo da lucta 40 mortos, 19 prisioneiros e muito armamento e munição. Essa victoria das armas legaes encheu de jubilo a todos os que se batiam ao lado do governo constituido.

No dia 14 chegou a São Paulo, procedente do Rio, o coronel honorario do exercito, Adriano Xavier de Oliveira Pimentel, que se offerecêra ao Marechal Floriano para prestar serviços de guerra no sul.

No dia 16 partiu de São Paulo, provido de tudo quanto precisava, a fim de ir juntar-se ás forças do coronel Carneiro, na Lapa.

O dr. Bernardino de Campos achava-se em serios embaraços, para dar substituto ao coronel Ferraz, que instava por ser recolhido á capital, ou permanecer na fronteira, mas não desejava commandar a columna que devia internar-se no Paraná. Os officiaes superiores do exercito, que na occasião serviam em São Paulo, estavam empregados no commando de tropas, em pontos diversos.

Como se achasse em viagem o coronel Adriano Pimentel, pensou acertadamente o presidente do estado em lhe confiar o commando da columna, que devia marchar para Palmeiras. Nesse sentido telegraphou ao Marechal Floriano.

O Marechal não só autorizou essa medida, como a louvou, por achal-a acertada. Ao coronel Adriano Pimentel, dizia elle, *não falta competencia e nem patriotismo devotado.* Mais tarde, como veremos, teve de reformar tão lisongeiro conceito.

No interior, continuavam a preparar a guarda nacional, para correr em auxilio do governo, que precisava concentrar tropa na fronteira : - os contingentes, que os zelosos officiaes conseguiram armar, convergiam para a capital, a fim de serem enviados para os pontos ameaçados.

O tenente coronel João Bellarmino, da guarda nacional de Amparo, trouxe, no mesmo dia 16, um contingente de 40 praças do 22.° regimento de cavallaria, da milicia daquella cidade, perfazendo com outros contingentes, vindos de pontos diversos, um effectivo

de 200 praças e 19 officiaes, a fim de se reunir ao de Campinas, que no dia immediato partiu para a fronteira, sob o commando do major Arthur Leite de Barros. No dia seguinte, de Caraguatatuba partiu a columna do tenente coronel Telles, com destino a capital.

3.

É solicitada a partida urgente de forças de São Paulo. — Cavalhada para serviço de guerra. — Boatos sobre São Paulo. — Reforço da fronteira. — Chega a São Paulo, com destino ao Paraná, o batalhão « Frei Caneca ». O « Franco-Atiradores ». — Partida do batalhão « Frei Caneca ». — Revoltosos exploram a fronteira. — A situação no Rio : « estado de sitio ». — Situação da revolta ao expirar o anno de 1893.

Era urgente que chegassem a Palmeiras as tropas que se achavam em marcha, commandadas agora pelo coronel Pimentel, que acceitára a commissão que lhe fòra confiada. Devido ás noticias de encontros das columnas Gumercindo e Salgado com a de Pinheiro Machado, o coronel Carneiro pedira que a força de São Paulo emprehendesse marchas forçadas, a fim de chegar com tempo de o auxiliar num plano de ataque que premeditára.

O general Enéas Galvão, ministro da guerra, fez igual solicitação e mandou que essa força, na Lapa, se reunisse á columna do coronel Carneiro.

O dr. Bernardino de Campos desenvolvia a maxima actividade, para obter tudo quanto necessitavam as tropas em marcha. Sabendo o valor da tropa de cavallaria nos campos do sul, como arma de combate e rapido elemento de exploração, com o maior afan procurava provèr de bons e fortes cavallos, habituados ao trabalho de campo, todas as praças de cavallaria da guarda nacional, que se destinavam á fronteira.

A experiencia demonstrára que os cavallos platinos, criados nas faceis campinas do sul, não supportavam a menor marcha sobre os terrenos accidentados e pedregosos de São Paulo e Paraná; por tal motivo as cavalhadas tiveram de ser substituidas pelos nossos ani-

maes, os denominados *crioulos*, que arrostavam valentemente as fadigas.

O transporte de armas, munições e viveres, iniciado em carros de bois ou carretas tiradas por muares, tornára-se impossivel, porque os vehiculos, ou ficavam atolados nas estradas, ou não conseguiam transpôr as veredas difficeis.

Isto obrigou o governo de São Paulo a comprar mais de 700 bestas de carga, competentemente arreadas, e a contractar o indispensavel pessoal de tocadores, guias e capatazes. O emprehendimento foi de difficil execução, por ser embaraçoso reunir rapidamente todos os elementos, principalmente porque o pessoal temia o serviço de guerra.

Como não bastassem os cavallos que foram adquiridos em Tatuhy, Itapetininga e Faxina, e que eram destinados á montagem das forças que fossem chegando, o dr. Bernardino de Campos pediu ao dr. Raphael Ferreira de Sampaio que comprasse em Botucatú, a maior quantidade de cavallos que encontrasse em condições de servir. O arreamento era adquirido na capital e em Sorocaba.

Em outros estados, os opposicionistas faziam correr boatos alarmantes de sublevação de tropas e de manifestações monarchicas em São Paulo. Em Minas eram a miude lançados esses terriveis boatos. Os governadores dos estados de Minas e do Pará, inquietos pelas noticias que sobre São Paulo circulavam, pediram informações ao presidente do estado sobre a situação.

A resposta, dada a impotencia do monarchismo em São Paulo, foi tranquillizadora. Mais tarde houve necessidade de renovar essas informações aos governadores dos estados e ao governo central, por terem tomado vulto os boatos que attribuiam á maior parte do povo adhesão á revolta.

Pretendia-se reforçar a guarda da fronteira com os

elementos dispensados pela defesa do littoral, e com outras tropas que podiam ser retiradas de outros pontos. Estas seriam substituidas pelo batalhão *Academico*, que no dia 21 regressou do Rio, com 60 praças e 5 officiaes, sob o commando do capitão João Coutinho de Lima.

Aproveitaram os academicos seu regresso a São Paulo para fazer os exames que lhes faltavam. O dr. Bernardino requisitou do ministro do interior todas as providencias, para que aos estudantes fosse facilitado o que os poudesse auxiliar. De outro modo ficariam mal os que tão abnegadamente serviam á Patria.

No dia 22, chegou do Rio o batalhão patriotico *Frei Caneca*, que ia reunir-se ás forças do coronel Carneiro, alcançando em marchas forçadas a columna do coronel Pimentel. Isso era talvez possivel porque ella era forçada a esperar a chegada da artilharia, para marcharem juntos, e esta marchava tão morosamente, em demanda de Itararé, que não fazia mais de 9 a 12 kilometros por dia. O batalhão *Frei Caneca* trazia um effectivo de 165 praças e era commandado pelo tenente coronel Arthur de Moraes Pereira.

É de justiça consignar que a conducta do tenente coronel Arthur de Moraes Pereira, commandante do *Frei Caneca*, foi diametralmente opposta á do commandante do batalhão *Franco-Atiradores*.

Temia o dr. Bernardino que a passagem do batalhão *Frei Caneca*, pelo Itararé, viesse difficultar para outras tropas, que por essa estrada transitassem, a franca hospitalidade que os moradores a ellas offereciam. Perdurava ainda no espirito de todos a lembrança da lamentavel passagem do batalhão *Franco-Atiradores*, que deixára um sulco de lucto e de desolação no seu moroso e mal disposto trajecto pelo littoral. Esse batalhão chegára a Paranaguá com suas praças quasi desprovidas de armas e munição, que abandonaram pelos caminhos. Dos *Franco-Atiradores* dizia em despacho

o coronel Jardim : « além do armamento, deixaram muita cousa abandonada pelos caminhos. Parece-me inverosimil que, dirigidos pelos respectivo commandante e officiaes, além do grau de indisciplina de que deram prova, se deixassem expoliar até do armamento. »

Levaram 12 dias de viagem até Paranaguá, apesar de terem feito embarcados o trajecto de grandes trechos. Esses mal intencionados patriotas trataram de tal modo os pobres caipiras, que se encarregaram de seu transporte, que difficilmente se conseguiria delles novo trabalho, em se tratando de forças vindas do Rio. Por isso não houve outro recurso sinão fazer marchar o *Frei Caneca* por Itararé. Seria mais seguro, visto encontrarem nas etapas, serviço de transporte e de aprovisionamento já organizado.

O effectivo do batalhão devia ser completado em São Paulo, e nesse sentido deu o dr. Bernardino todas as providencias. Foram addidas a esse batalhão 100 praças do 4.° batalhão de policia de São Paulo e 220 da guarda nacional da capital.

Partiu no dia 28, no meio do maior enthusiasmo, com 475 praças e 30 officiaes. Tambem partiu no mesmo dia, em demanda da fronteira, mais um contingente do 108.°, composto de 81 praças, commandadas pelo tenente Brazilio de Avevedo Marques, levando como auxiliares os alferes Manuel Pedro de Oliveira, Antonio Vieira Padilha e Juvencio Itupá.

Os revoltosos começavam a agir na fronteira paulista, de modo assaz significativo. Sabendo da impossibilidade de invadir o estado pelo Itararé, que estava já perfeitamente guarnecido, enviaram emissarios para explorar a fronteira em outros pontos, seguindo o curso do rio Itararé. Fizeram explorações em São José da Boa Vista e em São José do Christianismo e preparavam-se para outras verificações, quando, no dia 25,

teve o dr. Bernardino conhecimento da sua presença, proximo á guarnição do Itararé. Para prendel-os, enviou força com destino a esses lugares, pedindo em telegramma ao dr. Vicente Machado, governador do Paraná, que procedesse do mesmo modo de outro lado da fronteira. Mas elles pouderam escapar-se da perseguição da escolta, que partira ao seu encalço, internando-se no vizinho estado.

Despacho desse mesmo dia 25 trouxe noticia da prorogação do estado de sitio até 31 de janeiro de 1894. Ainda não era possivel dispensar medidas de rigor, para repressão de crimes politicos.

Até o dia 31 nada occorreu que trouxesse melhoria ou aggravasse a afflictiva situação, que trazia em sobresaltos o povo brazileiro. No Rio nada occorria que modificasse a lucta, empenhada agora entre os republicanos e os monarchistas em armas. Pelo menos estavam definidos os intuitos da revolta : — a restauração monarchica.

O dia 1.° de janeiro de 1894 alvoreceu, para os brazileiros, envolto em um manto rubro de sangue, derramado por irmãos que se degladiavam em uma parte do paiz, semi-occultos pelas pregas do crepe da viuvez e da orphandade.

O governo de São Paulo accumulava na capital os diversos contingentes, que as localidades do interior iam fornecendo, a fim de organizal-os em corpos regulares e envial-os para a fronteira. Não esmorecia o dr. Bernardino de Campos em dar as providencias, que para debellar a revolta se faziam necessarias.

No Rio tambem nada se modificára. As fortalezas continuavam a trocar tiros com os navios, sem resultado apreciavel. Notava-se, porém, manifesto esmorecimento, por parte dos revoltosos, tanto que as forças legalistas começaram, com exito, a tomar a offensiva.

4.

De Itapetininga partem para a fronteira forças de policia e da guarda nacional. — Fica acephalo o batalhão « Academico », que se desorganiza. — Um encontro dos revoltosos com a columna Carneiro. — Um ponto vulneravel da fronteira. — Noticias alarmantes do sul. — As tropas paulistas sob o commando do coronel Pimentel. — Aprovisionamento das forças paulistas. — Propaganda revolucionaria. — Bombardeio á fortaleza da barra, em Paranaguá. — A columna Pimentel chega á Lapa. — Uma sedição militar. — Aggrava-se a situação de Paranaguá. — Plano de ataque dos revoltosos. — Reforço para Paranaguá e Antonina. — Tomada de Paranaguá. — Resistencia de um contingente paulista.

Noticias de Itapetininga, datadas do dia 2, contavam a chegada das forças de policia e guarda nacional, que partiram no mesmo dia para a fronteira.

O batalhão academico, que viéra do Rio e que, como sabemos, era commandado pelo tenente coronel Veiga, estava sendo reorganizado em São Paulo a fim de voltar para o Rio. Devido á falta de cumprimento de uma ordem expedida pelo commandante do districto, sobre uma praça desse batalhão, soffreu o commandante uma reprehensão, com que se não conformou, sendo necessario que o coronel Jardim, scientificase do occorrido ao ministro da guerra. O marechal Eneás Galvão, dando ao facto importancia maior da que merecia, demittiu o commandante Veiga, sem lhe nomear substituto, talvez com o intuito de dissolver o batalhão.

Sabedor desse intento, telegraphou o dr. Bernardino de Campos ao commandante do districto, protestando contra o enfraquecimento de um batalhão já organizado e, ainda mais, que excellentes serviços de guerra havia já prestado na defesa do Rio de Janeiro. É do teor seguinte esse despacho :

Coronel Jardim. — Santos. — Retira-se amanhã o ex-commandante do batalhão academico, coronel Veiga, deixando o commando ao capitão Coutinho, academico distintissimo e criterioso, mas que reconhece precisar de um chefe competente e profissional. Tenho preparado tudo para a reorganização do batalhão, apesar de saber que elle voltará para o Rio, attendendo ao merecimento e dedicação dos dignos moços, nossos patricios, que não desejo ver menoscabados. Em nome delles, peço um commandante. Elles gostavam do coronel Veiga e acceitam qualquer official capaz de os dirigir. Parece inexplicavel desfazer esta aggremiação, já experimentada em bons serviços, quando se trata de criar outras. Peço vossa intervenção para que haja commandante digno.

BERNARDINO DE CAMPOS.

O coronel Jardim deu-se pressa em ponderar ao ministro da guerra a conveniencia de ser nomeado um commandante para os academicos, propondo o nome do coronel Wolf, que foi acceito, assumindo o commando no dia 3.

Mais tarde foi a este commandante dada outra commissão, ficando de novo acephalo o commando do batalhão academico. Aconteceu o que o dr. Bernardino previa: — a desorganização da força e indisciplina do pessoal.

No dia 3 o coronel Eugenio de Mello telegraphou de Paranaguá, noticiando que em Palmeiras tinha havido um encontro dos revoltosos com as tropas legaes, que fizeram 14 prisioneiros. Era a columna legal, commandada pelo coronel Carneiro, que procurava bater todas as localidades situadas nas proximidades da Lapa.

Em vista das vantajosas sortidas feitas por tropas da columna Carneiro, ficou resolvido que o batalhão

patriotico, em organização na cidade de Santos, logo que completasse seu effectivo, seguiria para o Paraná, incorporando-se ás forças sob o commando daquelle official.

Nesse mesmo dia, um novo contingente de 50 praças da guarda nacional partiu para a fronteira, aguardando-se a chegada de um outro de 40 praças, para marchar com o mesmo destino.

Um ponto vulneravel na fronteira, e de facil penetração no estado de São Paulo, era o Rio Verde, por Avaré e Botucatú. Isso não escapou ao espirito atilado e organizador do dr. Bernardino, que, desde que começára a ameaça na fronteira, tratára de guarnecer esse ponto.

A cavalhada, que fizéra adquirir em Botucatú, era destinada aos homens que deviam guardar todas as passagens naquelle sector. Pensava, e com razão, que uma tropa de cavallaria, instruida e bem disposta, bastaria, pela sua extrema mobilidade, para garantir aquelle ponto vulneravel.

Enviára para alli, como ficou dito, uma companhia de guerra do 164.° batalhão, sob o commando do capitão Francisco Cabral.

Quando correram as primeiras noticias alarmantes, as praças dessa companhia abandonaram a posição, dispersando-se. O tenente coronel Leopoldo Prado seguiu para o Rio Verde, com uma companhia do mesmo batalhão, commandada pelo capitão Olegario do Amaral e tenente Juvenal, afim de fazel-a retomar as armas, o que aconteceu. No commando de Rio Verde ficou o capitão Hultando Bertier.

Fizéra-se reforçar a guarnição do Rio Verde, logo que se teve conhecimento da presença de emissarios dos federalistas, naquellas paragens.

As noticias do sul, transmittidas pelo dr. Victorino Monteiro, ministro do Brazil no Uruguay, eram alar-

mantes. Dizia constar que a vanguarda do general Sampaio passára, no dia 7, por Pedras Altas, fugindo dos federalistas, em direcção de Bagé, onde continuaria a resistencia. Dizia tambem que a columna do general Hyppolito acampára nesse mesmo dia nas proximidades de Bagé, e que a do general Lima estava cercada em Itajahy. Esta ultima noticia, elle mesmo, melhor informado, a desmentira depois.

Essas alarmantes noticias teriam necessariamente de inquietar muito o marechal Floriano, que fazia agora grande empenho em que fosse reforçada a columna do coronel Carneiro, na Lapa.

Havia quasi um mez que o coronel Adriano Pimentel, á frente de tropas paulistas, partira com destino a Palmeiras, a fim de se reunir ás tropas da Lapa.

Já dissemos que as forças, que tinham esse destino, estavam anteriormente sob o commando do coronel Innocencio Ferraz que, por motivos particulares, pedira para ser substituido, como de facto fôra, pelo coronel Pimentel.

Vimos tambem que, consultando previamente o Marechal, este applaudira a escolha do presidente de São Paulo, dizendo que áquelle official não faltava competencia. Em vista da morosidade da marcha dessa columna, mostrou-se o Marechal arrependido de ter dado ao governo de São Paulo taes informações, relativamente ao coronel Pimentel.

Em despacho de 9, o Marechal modificára por esta fórma seu juizo, a respeito daquelle official : « Vejo agora com profundo pesar que esse coronel, já com um mez de marcha, ainda não chegou a Castro. Quer isso dizer que, para reunir-se ao coronel Carneiro, na Lapa, será preciso talvez mais um anno. Demora tão grande seria explicavel por motivo de força maior. Desde que não houve tal motivo, não posso deixar de attribuir ao procedimento incorrecto deste coronel, que certamente não se regenerou ainda de seus grandes defeitos. » O

dr. Bernardino, alma magnanima, não deixou que sobre a conducta do coronel Pimentel pairassem duvidas. Respondeu ao Marechal, fazendo com que dissipasse as suspeitas que nutria contra esse official. Attribuiu a morosidade da marcha aos maus caminhos e a outros obstaculos, que teria de vencer.

A marcha da artilharia, difficil e vagarosa, não consentia que a columna avançasse rapidamente, e abandonal-a seria armar os revoltosos. Além disso a tropa, nova e bisonha, não podia fornecer etapas regulares e uniformes, por falta de treinamento. E isso era uma verdade que escapára ao Marechal.

Era constante o empenho do dr. Bernardino de Campos em provêr as tropas paulistas de todo o necessario. Prevendo que as forças que seguiram para Palmeiras, devido ao mau tempo e pessimos caminhos, chegariam ao seu destino com falta de fardamento, calçados e outros recursos, mandou para Paranaguá, no dia 10, diversos volumes, com ordem expressa de serem entregues com urgencia ás forças paulistas, onde quer que ellas estivessem. Telegraphou tambem ao governador do Paraná, fazendo o mesmo pedido.

Para a Lapa, em reforço da columna paulista, mandou mais 200 homens, além dos que partiram com o *Frei Caneca*. Nesse mesmo dia esperavam-se de Mogy-mirim 30 praças da guarda nacional.

Homens que deviam saber cumprir o seu dever, por estarem sob as ordens dos chefes do exercito, esqueciam-se de sua situação dependente e dos élos que os prendiam á disciplina, para fazerem propaganda contra o governo constituido. Assim acontecia com o coronel Nico e com o dr. Garnier, que regressavam do Paraná. Em caminho, durante as marchas vagarosas que propositalmente faziam, insufflavam o espirito da revolta nos moradores das regiões que atravessavam.

Para fazer cessar a influencia perniciosa desses homens, sobre o animo impressionavel das populações, sertanejas, teve o dr. Bernardino necessidade de mandar prendel-os.

Esses factos contrastavam com outros que vinham fortalecer a acção do governo. No dia 12, o capitão honorario Eliseu Dantas Bacellar, veterano da guerra do Paraguay, veiu a palacio offerecer os seus serviços, para prestal-os na fronteira, ou onde o governo quizesse empregal-o.

O dia 13 foi de inquietação e de sobresaltos: um telegramma do general Pego, expedido de Paranaguá, dizia que a fortaleza da barra estava sendo atacada por 5 vapores revoltosos, que a bombardeavam e tentavam um desembarque.

Nesse mesmo dia chegava á Lapa a columna paulista, do commando do coronel Pimentel, que se incorporou á divisão do coronel Carneiro, sendo em seguida enviada parte para guarnecer Ambrozios.

Noticiando a chegada dessa força, dizia o general Pego Junior, em telegramma ao dr. Bernardino de Campos:

> Felicito a V. Exa. e o Brazil, pois dentre os presidentes dos estados é o que melhor tem comprehendido e empregado com toda efficacia esforços para combater a revolta. Mais uma vez agradeço com meus companheiros as attenções e auxilios por V. Exa. espontaneamente a nós prestados, em nosso transito por São Paulo, com destino ao Paraná. Saúdo-vos.
>
> PEGO JUNIOR.

No mesmo dia, logo após a noticia do bombardeio da fortaleza de Paranaguá, foi provocada na tropa da guarnição um movimento sedicioso, logo suffocado. Alli estiveram o dr. Vicente Machado e o general Pego

Junior. Essa sedição militar foi de lamentaveis consequencias para o estado moral das tropas em operações.

Impressionou-as fortemente o caso, não só por ser inesperado, como tambem por se tratar de uma tropa em que as autoridades legaes depositavam absoluta confiança.

Essa guarnição foi substituida em parte, sendo retiradas dalli as forças que se tinham envolvido na lucta.

Comtudo, complicava-se a situação penosissima de Paranaguá. Depois do bombardeio, apossaram-se os revoltosos dá fortalezá, áprisionando a guarnição e tratavam de fortificar-se nas ilhas, de onde podiam fiscalizar o canál.

Os navios approximavam-se do porto, para reconhecel-o e talvez atacal-o, apoiando algum movimento que na occasião fosse delineado no interior do estado. Era provavel que essa fosse a verdade. Sabia-se que em uma reunião dos chefes revoltosos, realizada na cidade de São Francisco, em Santa Catharina, ficára combinada uma acção no Paraná, que seria atacado simultaneamente por terra e por mar.

O plano do ataque fôra, no dia 4, apresentado pelo coronel Jacques Ourique ao general Gumercindo Saraiva e aos coroneis Sebastião Bandeira e Piragibe, que o approvaram. Segundo esse plano, Gumercindo Saraiva dividiria o seu exercito em duas columnas, que atacariam as columnas legaes na Lapa e na Tijuca. O bombardeio da fortaleza correspondia portanto á execução do plano estabelecido.

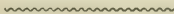
O contingente do 108.° batalhão seguiu da Lapa para Paranaguá, sob o commando do major Alfredo de Barros. Uma parte delle foi guarnecer Antonina, ficando a outra parte em Paranaguá, sob o commando do tenente Julio Garcia, e incorporada ás forças do coronel Eugenio de Mello. Creio que um contingente do 108.° seguiu com parte da columna de Adriano Pimentel.

Paranaguá foi em seguida bombardeada, e depois de fraca resistencia, cahiu em poder da revolta.

Quando a esquadra revoltosa atacou Paranaguá, lançando á terra forças de desembarque, a guarnição da cidade, composta de guardas nacionaes do Paraná, dispersou-se. Foram baldados os esforços do coronel Eugenio de Mello para reunil-os. O coronel, mantendo-se firme, foi feito prisioneiro.

Sómente resistiu o contingente da guarda nacional paulista. Longe de se entregar ou de fugir, entrincheirou-se na cadeia e ahi resistiu, repellindo durante horas, com intensa fuzilaria, todos os assaltos da marinhagem desembarcada.

Tendo necessidade de se desembaraçar daquella resistencia, para invadir o Paraná, o commandante revoltoso offereceu capitulação, com todas as honras de guerra, ao tenente Julio Garcia, commandante do contingente paulista, que capitulou então nas condições propostas. Contribuiu para esse desenlace a circumstancia de se acharem presos em Paranaguá chefes importantes da revolução, o que impossibilitava o emprego da artilharia contra o edificio, pois seriam aquelles chefes as primeiras victimas.

Este facto é narrado com louvor pelo coronel Jacques Ourique, em uma brochura que então publicou.

5.

Serviço telegraphico entre São Paulo e Itararé. — Seguem mais forças para o sul. — Officiaes do exercito são providos de tropas em São Paulo. — A situação em Itararé. — O batalhão 111.º — Os federalistas avançam no Paraná. — Uma victoria das forças paulistas. — O general Pego Junior em retirada para Castro.

Em razão da permanencia de navios revoltosos no porto de Paranaguá, era impossivel qualquer communicação telegraphica com o Paraná, por via-submarina.

O dr. Bernardino de Campos, logo que enviára os primeiros contingentes para a fronteira, providenciou sobre o prolongamento da linha telegraphica de Tatuhy a Itararé. Dessa sua resolução scientificou o ministro da viação, pedindo-lhe que, como complemento, mandasse prolongar a linha telegraphica de Castro, para vir encontrar-se com a linha estadual, em Itararé.

O ministro nem respondeu e nem mandou construir tal linha.

A interrupção do cabo veiu demonstrar a necessidade de se possuir outra via de communicação telegraphica. Por isso o presidente de São Paulo mesmo á custa de qualquer sacrificio pessoal e pecuniario, mandou activar, a construcção da linha, propondo-se fazel-a construir além da fronteira. Contava para isso com a comprovada boa vontade e patriotismo do engenheiro Leandro Dupré, que fôra encarregado dessa importante empreza.

Ao ministro da guerra o presidente de São Paulo fez sentir a urgencia desse serviço, que seria rapido, si o governo federal enviasse para alli um engenheiro e sapadores. O coronel Jardim apoiou tambem, junto ao ministro, o pedido feito pelo dr. Bernardino, apontando para essa commissão o capitão Ximenes Villeroy, engenheiro militar, na occasião em serviço em

Santos. Logo que obteve o material, seguiu esse official para a fronteira, afim de dar começo ao serviço.

Em 16, telegraphou o governador do Paraná ao presidente de São Paulo, nestes termos:

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Rogo fazer a força do Itararé avançar. Daqui a pouco estaremos com o telegrapho cortado. Saudações. VICENTE MACHADO.

Como se vê, nada diz sobre a critica situação do Paraná, em face da revolta, que se assenhoreára então de quasi todo o estado, deixando apenas uma faixa ao norte, por onde ainda era possivel a communicação com São Paulo.

O dr. Bernardino procurava enviar para a fronteira o maior numero de homens que podia obter, mandados pelos commandantes de corpos da guarda nacional, sendo por isso possivel, ainda mais uma vez, soccorrer o governo do Paraná, ameaçado de cahir em poder dos revoltosos.

Nesse mesmo dia, de manhã, partiram com destino ao Itararé 160 praças da guarda nacional, sendo 122 do contingente do 108.°, commandadas pelo capitão José Antonio Garcia, tendo como subalternos os tenentes João Leite Junior e Frederico Hupsel, alferes Antonio Garcia Vieira, Orencio Masseran e Saturnino A. Vaz.

Foram dadas todas as providencias para que o serviço regular de transporte se prolongasse até Castro. Para tal fim, mandou adquirir carroções e grande quantidade de bestas de carga. Nessa emergencia, em Tatuhy, o sr. Francisco Domingos de Assumpção prestou assignalados serviços.

O serviço de transporte já existente, organizado pelos srs. Gomides e Prestes, entre Tatuhy e Itararé, era perfeito e muito regular. O prolongamento devia ficar em correspondencia com este, na

fronteira, tendo bons e capazes tocadores e praticos.

Fechada a via de transporte por mar, para abastecer as tropas do Paraná só restava a estrada do Itararé, onde o dr. Bernardino accumulára elementos sufficientes para servir o governo federal.

O Marechal Floriano, não podendo organizar corpos no Rio, enviava para São Paulo grupos de officiaes que o dr. Bernardino, com a costumada solicitude, provia de tropas para transpôr a fronteira.

Passaram nesse mesmo dia, pela capital, 15 officiaes do exercito com destino ao Páraná, sem tropa e sem recursos. O presidente do estado mandára que a elles, como de costume, se fornecesse tudo quanto precisassem. De Tatuhy expediram esses officiaes o seguinte despacho :

> **Dr. Presidente do estado de São Paulo.** — Chegámos hontem a tarde, animados do maior enthusiasmo pela causa legal. Saudamos V. Exa. extremamente reconhecidos. Bem recebidos e providos pelo delegado, encarregado do transporte. *Viva a Republica. Os officiaes do exercito, medico e pharmaceutico.*

Dada a urgencia de reforço para as forças do 5.° districto, ordenou o dr. Bernardino que novo contingente de tropa, bem armada e municiada, se puzesse immediatamente em marchas forçadas, para alcançar com rapidez Ponta Grossa, onde receberiam instrucções.

Itararé continuava bem defendida e as tropas que partiram não enfraqueceram a guarnição da fronteira.

O batalhão 111.° da guarda nacional, commandado pelo major Frederico Koch Angelo, estava prompto para a marcha. Aquartelára, recebêra fardamento e sómente aguardava a chegada de fuzis que foram pedidos ao ministro da guerra.

Era uma bella tropa, composta em sua maioria de allemães, que já haviam servido sua patria, alguns até

condecorados por serviços prestados em campanha. Era uma tropa garbosa, disciplinada e que inspirava confiança e respeito. Provas de bravura e disciplina no fogo, deu-as esse batalhão dentro das trincheiras da Lapa, que defendeu a todo transe.

Confirmando os temores manifestados pelo dr. Vicente Machado, noticias provenientes de Curityba, no dia 24, trouxeram graves communicações, relativamente ao avanço dos federalistas dentro do Paraná.

O general Pego Junior informou ao presidente de São Paulo que os revoltosos, invadindo o Paraná, atacaram simultaneamente Paranaguá, Lapa e Ambrozios, com 5.000 homens, perfeitamente armados, dispondo de artilharia moderna e canhões-revolveres.

Informava tambem que a columna Pimentel, nos dias 14 e 15, fôra atacada em Ambrozios por 1.500 homens, conseguindo batel-a e rechassal-a, com a tropa paulista que commandava, de effectivo equivalente a um terço do que dispunha a columna atacante. Nessa vantajosa situação, não poude entretanto manter-se por muito tempo, pois que escasseava a munição.

A esse tempo, já estava o general Pego em retirada franca para Castro, por não lhe parecer possivel conservar-se em Morretes com a tropa que alli conseguira reunir.

O governo de São Paulo, logo que partiu a primeira columna, ao mando do coronel Adriano Pimentel, reuniu outra em Itararé de 500 a 600 homens, equipados e municiados, pondo-a immediatamente á disposição das autoridades do Paraná, que enviaram, para assumir o seu commando e conduzil-a, o tenente coronel do exercito, Alberto Ferreira de Abreu.

Este contingente, já em marcha adiantada para Curityba, recebeu ordem do general Pego para retroceder a Itararé, em vista da retirada geral, determinada por esse general.

6.

Situação das tropas ao mando de Pego Junior. — Cerco á cidade da Lapa. — Consequencias da retirada do general Pego Junior. — A força revolucionaria que avança sobre São Paulo. — Planos dos revoltosos e noticias da revolta. — A revolta domina inteiramente o estado do Paraná. — O desanimo do commandante do districto, em face da situação. — Um emissario de São Paulo conferenceia com o Marechal Floriano. — As forças de Pego Junior retrocedem para Curityba. — Um despacho do governador do Paraná. — O general Pego chega ao estado de São Paulo.

Começa a triste odysséa da forte columma que, ao mando de Pego Junior, deveria ser a defensora do Paraná.

O plano de campanha, que por ventura traçára, mas que ninguem conhecia, estava a essa hora profundamente modificado pelas circumstancias.

O general Pego Junior, quando em Paranaguá assistira aos primeiros tiros dos canhões revoltosos, sobre os pontos fortificados da cidade, notou o lamentavel desanimo que lavrava nas fileiras legaes, que não se sustentariam por muito tempo, na attitude assumida em face dos revoltosos, por lhes reconhecer incontestavel superioridade. Além disso vinham os revoltosos precedidos de uma aureola de bravura, de um arrojo e coragem, que certamente calava fundo no animo impressionavel dessas tropas bisonhas.

Desde que o general Pego sentiu a frouxidão moral de seus camaradas, naquelle ponto, abandonou precipitadamente Paranaguá, levando comsigo os officiaes e deixando a guarnição entregue a si mesma e á mercê da revolta.

Na sua retirada, o general Pego abandonou a maior

parte das forças com armamento e grande quantidade de munições.

Seguiu para Morretes, mandou retirar de Antonina as tropas paulistas da guarda nacional, deixando a cidade entregue aos revoltosos.

Reunindo os homens que constituiam a tropa dessas duas cidades, embarcou com ellas para Curityba.

Si com essa gente o general se fortificasse na serra da Graciosa, os revoltosos não se aventurariam a atravessal-a, em demanda de Curityba. Assim não aconteceu, porém : — o general veiu para Curityba, trazendo após si uma cauda de panico indizivel e deixando livre caminho aos revoltosos.

Na serra parece que fez destruir algumas pontes e obras de arte. O mesmo teria praticado na estrada de ferro.

Os revoltosos, apesar desses impecilhos que lhes difficultavam o accesso á capital, continuavam a marcha atravez da serra.

Em algums pontos que não quizéra destruir, o general Pego Junior collocou forças de effectivos irrisorios, sem artilharia e com muito pouca munição.

A esse tempo os federalistas puzeram cêrco á cidade da Lapa, com 2.000 homens bem dispostos e excellentemente armados.

O coronel Carneiro, que commandava aquella praça de guerra, possuia apenas 1.000 homens approximadamente, muitos dos quaes, segundo affirmava o general Pego, por intermedio do senador Hercilio Luz, estavam completamente desanimados.

Desde 17 era essa praça violentamente investida, sem resultado algum em favor da revolta.

Si, em vez de fugir de Curityba com destino á Castro, deixando ao abandono as tropas de seu commando, tivesse Pego Junior marchado em auxilio do coronel Carneiro, — os revoltosos por certo seriam

batidos e expellidos para além da fronteira. Essa retirada occasionou a mudança da séde do governo para a cidade de Castro, que offerecia mais segurança, em vista da sua proximidade da fronteira paulista (1).

Ainda em Castro se não julgaram seguros os membros do governo, e por isso resolveram estabelecer em Ponta Grossa a nova séde e a base de operações. Para alli tambem seguira o dr. Vicente Machado.

Estavam baldos de recursos. Parte da tropa abandonára os chefes e a pouca gente, que acompanhou o general na marcha precipitada, chegou sem munição, tendo-a abandonado pelos caminhos, parar ter carga mais leve e retirada mais rapida.

Nessa retirada para São Paulo, sem offerecer nenhuma resistencia, facilitava-se aos revoltosos a marcha para a fronteira paulista, visto a propria força legal encarregar-se de aprovisionar as forças federalistas, deixando, esparsas pelos caminhos, munições de guerra e de bocca.

São Paulo havia mandado para o Paraná força numerosa, em auxilio da guarnição, deixando na fronteira approximadamente 600 homens.

No Paraná, em vez de ser conservada essa força unida e cohesa, em uma forte columna, foi ella, sem nenhum criterio, fraccionada em varios contingentes, empregados em pontos diversos e distantes, sem nenhuma ligação entre si. Assim, parte da columna do coronel Adriano Pimentel, depois do seu primeiro baptismo de fogo nos Ambrozios, onde as tropas paulistas deram prova de grande valor, foi disseminada em grupos, por ordem do general Pego.

A força revolucionaria, que avançava sobre São

---

1 O coronel Carlos de Campos que, no posto de capitão, fazia parte da columna Pego Junior, justifica nas Ephemerides Militares (1894), a retirada dessa força.

Paulo, era avaliada em 5.000 homens, já aguerridos pelas constantes luctas em que, havia mais de um anno, estavam empenhados, contando mais victorias que derrotas.

Accrescia ainda a circumstancia de poder essa força adquirir a adhesão de novos elementos, em sua marcha pelo Paraná.

As forças, que defendiam Paraná, estavam totalmente perdidas para a causa legal, pois quasi todas haviam cahido em mãos dos revoltosos.

Desse modo podia a columna chegar ás raias de São Paulo, sem encontrar em caminho nenhuma resistencia séria.

A defesa da fronteira do Itararé estaria assegurada, si o governo federal attendesse, sem perda de tempo, ao pedido que lhe fizéra o dr. Bernardino de Campos, e lhe fornecesse de oito ou dez mil fuzis, para armar as forças que seriam dadas por São Paulo.

Segundo confirmava o movimento feito pelos revoltosos, estavam pondo em pratica o plano do coronel Jacques Ourique. Esse plano, como se viu, excellentes resultados déra no Paraná.

O littoral, isto é, Santos, seria atacado, quando Gumercindo estendesse sua linha de fogo na fronteira do estado.

A esse tempo, faziam os revoltosos constar a permanencia do grosso das forças federalistas em Santa Catharina, detido por tropas do Rio Grande, no que aliás absolutamente não acreditava o presidente de São Paulo, como bem se evidenceia da leitura dos telegrammas por elle dirigidos ao Marechal Floriano, aconselhando-o a agir energicamente contra os revoltosos. Dizia o dr. Bernardino :

> A marcha desassombrada dos invasores parece indicar não ser exacta a presença de forças riograndenses em Santa Catharina. Parece que um ataque á divisão da esquadra em Santa Catharina

ou Paranaguá, embaraçaria o plano de invasão. Uma acção prompta e energica, neste momento, daria resultado efficaz.

O Marechal em sua resposta pedia-lhe que procurasse obter do general Pego e dr. Vicente Machado, informações sobre a marcha da revolta. Quanto ao armamento pedido, dizia não poder mandar, por não possuir sinão uma pequena quantidade e de systema antigo.

Si estivessem convenientemente fortificados certos pontos do norte do Paraná e sul de São Paulo, — perigosos desfiladeiros dominados por ameaçadoras e proximas elevações, — estaria impossibilitada a invasão. Transpostos esses pontos, teriam os revoltosos incalculaveis vantagens sobre as forças paulistas, que guarneciam a fronteira.

Bastava o immenso prestigio adquirido por elles, para lhes assegurar elementos de victoria.

Em São Paulo sobravam homens para constituirem tropas capazes de se oppôr á invasão, mas faltavam armas. Demorava a chegada das que haviam sido adquiridas na Argentina.

Como todas as communicações estivessem cortadas com o Paraná, conforme previra e telegraphára o dr. Vicente Machado, mandou o dr. Bernardino, no dia 25, que emissarios enviados da fronteira se internassem pelo Paraná, a fim de colher noticias.

As primeiras noticias por elles enviadas eram alarmantes, com relação ás forças do general Carneiro, que affirmavam terem sido batidas. Os 400 homens, que serviam de escolta ao general Pego e ao governador do Paraná, marchavam lentamente, pela difficuldade de transporte do material bellico, cujo trem soffria, a cada passo, embaraços de toda sorte, causados pelos opposicionistas daquelle estado.

O coronel Jardim, mesmo de Santos, procurava secundar o dr. Bernardino nas acertadas providencias, com o fim de embargar o passo aos revoltosos.

Informado dos successivos desastres do Paraná, pediu o commandante do districto o regresso do 20.°, que se achava retido no Rio de Janeiro, sob varios pretextos. Queria collocar esse batalhão na barra de Santos, para desembaraçar o 10.° regimento de cavallaria, que seria de grande utilidade na fronteira. Nesse sentido expediu varios telegrammas ao marechal Floriano e ao ministro da guerra.

Tardiamente enviou o governo federal alguns volumes de armamento e munição, destinados ás forças que operavam no Paraná. Si esses volumes tivessem sido expedidos mais cedo, teriam chegado opportunamente ao seu destino, o que talvez contribuisse para mudar a face da situação. Infelizmente as providencias não foram dadas em tempo. Já esse armamento era alli inutil, pois que nenhuma força poderia aproveital-o : a revolta alli dominava inteiramente. Incomprehensivel essa attitude, em relação á São Paulo, que não media esforços para salvar a critica situação do regimen republicano !

Os melhores servidores da Republica estavam desilludidos da acção dos dirigentes, que se mostravam tibios e hesitantes em face da revolta. Sómente o dr. Bernardino, alma de espartano, fibra de aço, não desanimava ante a situação da revolta, que campeava victoriosa.

O despacho que se vae lêr, expedido de Santos pelo militar que, como ao presidente de São Paulo, nada entibiava, dá justa medida do desanimo que começava a lavrar e a attingir os mais valorosos. Eis o alludido telegramma :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Vou-me sentindo devéras fatigado, doente mesmo, pela lucta em que tenho me achado, a fazer ponde-

rações e pedidos a bem do serviço e, quando attendido, sempre tardiamente. Em relação ao que disse sobre a fronteira do Itararé, tive do Marechal a seguinte resposta : « Não tenho as noticias do Paraná a que allude vosso telegramma de hoje. Informae-me a respeito. O governo terá em consideração vossas ponderações, em relação ao 20.° de infantaria, que *segue hoje para o Realengo onde precisa descansar*. »

Mandei transcrever o telegramma a que me referi e aguardo solução. Bem vêdes que tempo perdido em prejuizo do interesse geral ! Repito, vae me fatigando tudo isso. Não será conveniente mandardes um dos nossos amigos ao Rio tratar do assumpto ?

Hontem pela manhã fundeou na barra o cruzador inglez *Sirius*. Salvou a terra, segundo o estylo, sendo correspondido. A's 4 horas da tarde sahiu para o norte. Aqui sem novidade. Saudações.

J. JARDIM.

Attendendo a esta solicitação do coronel Jardim, o dr. Bernardino de Campos pediu ao deputado Costa Junior que fosse ao Rio, a fim de se entender com o Marechal Floriano, com quem tinha boas relações, e expôr miudamente tudo o que se passava em São Paulo e no Paraná, levando a franqueza das reclamações até o ponto de tornar bem patente a indifferença e o descaso para com São Paulo, contrastando com a incondiccional dedicação e lealdade deste. O dr. Costa Junior voltou trazendo as mais animadoras affirmativas e a segurança de solidariedade do governo federal e reconhecimento dos serviços de São Paulo.

O dr. Bernardino pensou em enviar para a fronteira metralhadoras do 1.° batalhão, visto não haver artilharia; mas, sabendo que o commandante do districto tinha requisitado do ministro da guerra uma

divisão dessa arma, aguardou a solução a esse pedido, para depois providenciar, caso fosse necessario.

Do interior continuavam as constantes remessas de contingentes que, armados e fardados, tinham logo ordem de marcha para Itararé.

Ainda no dia 26, procedente de Jundiahy, chegou um forte contingente da guarda nacional, enviada pelo tenente coronel Lucas Monteiro de Barros.

Tinha esse contingente como officiaes os professores capitão S. Pontes, tenente T. Tomazini, e os alferes Brescancini e Moraes.

Com a organização das forças, que mais tarde chegaram a Itararé, os contingentes de Campinas, Amparo, Jundiahy, Mogy-mirim e Caçapava, ficaram constituindo um batalhão, com perfeita organização militar, sendo denominado 3.° batalhão de infantaria.

Foi então nomeado commandante do mesmo o major Arthur Leite de Barros, commissionado em tenente coronel, servindo de fiscal o capitão Alberto Sarmento, commissionado em major. Ficaram distribuidos pelas 4 companhias os seguintes officiaes : capitães Sebastião Pontes, Francisco Tristão da Silveira, José Sarmento e Praxedes de Abreu; tenentes Jorge Leonardo, Theophilo de Oliveira, João Rubino Pedroso, Alfredo Teixeira, Balthazar Caetano Carneiro, Homero Bayeux, Antonio Prudente Junior e Lupercio Goulart; os alferes Martim Egydio, Pedro de Alcantara, Antonio Engler Bicudo, Mauro Teixeira, Brescancini, Moraes e Arruda Camargo.

O batalhão, assim organizado, compunha-se de 242 praças de prèt e 19 officiaes. Na fronteira o batalhão era diariamente instruido e exercitado.

O 3.° batalhão forneceu praças para o serviço de construcção da linha telegraphica, de Faxina a Itararé, e tomou parte em todas as deligencias feitas na fronteira, tendo della sido escolhida uma força que seguiu, commandada pelo capitão Alberto Sarmento, até São João

Baptista do Rio Verde, sob a direcção do tenente coronel Lopo Vaz, para abrir inquerito sobre a deserção da força que guarnecia aquelle ponto.

Até 27 ainda não se conhecia bem a extensão do desastre do Paraná. Sabia-se, porém, que o general Pego Junior, que vinha em direcção a Castro, com 400 homens, retrocedêra bruscamente para Curityba.

Exultaram com isso os patriotas paulistas, na persuasão de que, tomado de um subito amor proprio, tivesse ido á capital reorganizar as forças, que deixára sem chefes, e tomasse a offensiva ou corresse em auxilio do coronel Carneiro, que ainda honrava as tradições de bravura do exercito, não cedendo uma só linha aos sitiantes da Lapa.

Não foi, infelizmente, esse o motivo. Um telegramma expedido de Apiahy pelo dr. Vicente Machado, veiu exclarecer os motivos do regresso daquelle general. Eil-o :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Peço a V. Exa. o obsequio de transmittir ao Marechal Floriano Peixoto o seguinte : « No dia 8 de corrente tendo-me declarado o general Pego Junior que fazia sua retirada sobre Castro, com as forças da guarnição de Curityba, com o mesmo combinei a mudança provisória da capital, para aquella cidade, para onde, por decreto da mesma data, transferi a séde do governo. Nesse mesmo dia o general Pego, com as forças da guarnição e todos os materiaes bellicos, embarcou as 5 horas da tarde com direcção a Palmeiras e eu, o secretario de finanças, chefe de policia, juiz federal e mais funccionarios do estado, acompanhados por um esquadrão de cavallaria, seguimos com destino á cidade de Castro,pela estrada de Assumguy. Quando já na villa de Serro Azul, e ao tomar animaes para seguir para Castro, fui detido por um expresso que me enviára o general Pego, dizendo que o esperasse ahi, pois tinha retrocedido na retirada pela estrada de ferro, por estar ella cortada pelos invasores, em

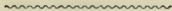
Serrinha. A vista disto, e conforme aconselhou-me o general, tomei direcção de São Paulo, onde me acho na villa de Apiahy. Deu causa a retirada do general a tomada de Paranaguá e os insuccessos das columnas Pimentel e Carneiro, em combates havidos nos Ambrozios e Lapa, nos dias 15-16-17 e 18 e a marcha dos invasores sobre a capital e receio de ver cortadas todas as retiradas. As columnas de Pimentel e Carneiro tiveram ordem de retirar-se, não sei porém si o fizeram e si essa ordem poude chegar-lhes ou si pouderam fazer essa retirada.

Já no Serro Azul, e pelo general, soube que havia assumido o governo do estado o Barão do Serro Azul, conhecido monarchista, por ordem de Custodio de Mello, que tambem se achava em Curityba. Sei que os combates de Ambrozios e Lapa, foram sanguinolentos, tendo nos Ambrozios se batido com as nossas forças as columnas de Gumercindo e Salgado e na Lapa Piragibe e Juca Tigre. Consta que Piragibe foi morto. Logo depois da minha chegada á capital de São Paulo, irei ao Rio conferenciar com V. Exa., a quem tenho importantes communicações a fazer e solicitar a intervenção necessaria e constitucional para livrar o meu estado do poder da revolta invasora. O general Pego vem a poucas horas de viagem de mim e creio, leva o mesmo destino. O dr. Lauro Müller tambem vem commigo. Saúdo a V. Exa.

Apiahy, 24 de Janeiro de 1894. »

VICENTE MACHADO.

Este despacho foi expedido de Itapetininga, no dia 27, tendo sido trazido de Apiahy por um portador de confiança.

O general Pego, como informa o despacho que transcrevemos, retrocedêra. Essa retirada não foi uma reconsideração do acto, — que a todos parecêra irreflectido, — de recuar para proximo da fronteira de São Paulo, deixando tropa de seu commando em lucta com os federalistas na Tijuca e Lapa, — mas para

procurar caminho desempedido que poudesse conduzil-o a São Paulo sem perigo de encontro com os revoltosos. Chegando a Serro Azul, expediu um proprio com a seguinte communicação, que o dr. Bernardino transmittiu por telegramma ao Marechal Floriano, no dia 27, e que textualmente aqui transcrevemos:

> **Marechal Floriano Peixoto. — Rio. — Trans**mitto a V. Exa. o seguinte do general Pego Junior. « Quartel general no Serro Azul, 21 de Janeiro de 1894. Decepções sobre decepções; deserção de corpos de guarda nacional completos, inclusive commandantes, operei a retirada com poucos officiaes e praças, trazendo o corpo paulista do major Barros. Aqui cheguei hoje ás 9 horas da manhã. Tenho ainda gente atrazada em caminho. Espero ella e sigo ás 4 horas da tarde em marcha para a villa do Apiahy, Ribeirão Branco e Faxina. Peço mandar recursos alimenticios ao meu encontro, communicae ao governo federal e requisite delle chamado de minha pessoa ao Rio de Janeiro para conferenciar com o governo urgente, ficando sob o commando do meu immediato até o meu regresso do Rio para Faxina. Hoje levantei acampamento com 33 officiaes e 154 praças, porém não tendo ainda chegado tudo. Ignoro até esta data quantas deserções de hoje devido a diversas causas. Saúdo-vos.»
>
> GENERAL PEGO JUNIOR.

Essas deserções não se podiam referir á guarda nacional de São Paulo, que, como se viu, fôra dividida entre a Lapa, Ambrozios, Paranaguá e Antonina. Os contingentes enviados para Lapa, Ambrozios e Paranaguá, depois de encarniçados combates, tiveram de capitular; portanto não desertaram. O contingente de Antonina foi mandado recolher a Morretes e depois accompanhar ao general Pego Junior até São Paulo. Assim, si desertou, foi acompanhando o general Pego, que trazia como pessoal de confiança o major Alfredo de Barros e o seu contingente.

Ao saber da retirada do general Pego, o dr. Bernardino de Campos telegraphou-lhe, pondo á sua disposição os novos contingentes de Itararé, entre os quaes o bravo batalhão campineiro, promettendo enviar-lhe mais força, a fim de organizar a resistencia e servir de nucleo ás tropas debandadas no Paraná.

7.

O governo de São Paulo volta a insistir sobre a necessidade de se guarnecer a fronteira. — O Marechal attribue á guarda nacional o desastre do Paraná. — As tropas da fronteira: — avanço da columna federalista. — Um despacho do capitão Villeroy. — Novas providencias do governo de São Paulo, para guarnecer outros pontos da fronteira. — O governo do estado não consente na retirada do commandante das tropas: — o general Pego Junior recusa esse commando. — Estado lamentavel da columna Pego. — Panico causado por noticias da fronteira. — Preparam-se em São Paulo novas forças para o Itararé.

Enviando ao Marechal o despacho a que nos referimos, o dr. Bernardino valeu-se da opportunidade para ainda uma vez ponderar sobre a necessidade de mandar o governo federal alguma tropa para a fronteira ou armamento e munição em quantidade sufficiente. Sem isso, estava resolvido a retirar tropas de Santos e envial-as para Itararé. Era no momento o unico meio de que podia lançar mão para se oppôr á investida das forças revolucionarias, que avançavam rapidamente, animadas pelo precipitado recúo do general Pego.

O Marechal prometteu mandar o 20.° batalhão, que se achava no Realengo, logo que descansasse, e aproveitava a occasião para attribuir todo o desastre do Paraná á guarda nacional daquelle estado, que, como sabemos pelo telegramma do dr. Vicente Machado, estava muito mal armada e sem instrucção. Ao mesmo tempo exaltava a lealdade e a bravura das outras tropas. Em despachos ao dr. Bernardino de Campos e ao coronel Jardim dizia o Marechal que os " reve-

zes do Paraná eram devidos exclusivamente á traição de batalhões da guarda nacional, cujo pessoal desertára ás centenas para os inimigos, com armas e bagagens. Forças de linha, batalhões patrioticos e a parte sã daquella guarda (1) bateram-se como leões, honrando a bandeira republicana que havia de triumphar dos bandidos, piratas e sebastianistas ".

As forças que de São Paulo se internaram pelo Paraná, e que se compunham do *Frei Caneca*, um contingente do 4.° batalhão da força publica e outros do 108° e 164 da guarda nacional, não podendo alcançar a columna Pimentel, retrocederam para a fronteira, em face do avanço das tropas federalistas e retirada do general Pego.

A columna composta desses elementos, e que era formada de 400 homens, approximadamente, podia ir reforçar a defesa da fronteira, que precisava de ser augmentada.

Tudo isso se passava no dia 27 de janeiro, quando chegaram as primeiras noticias do desastre do Paraná.

Nesse mesmo dia, sem que nenhum motivo urgente o determinasse, e ainda mais, quando as tropas postadas na fronteira não podiam ficar sem commando, o coronel Innocencio Ferraz pensou em retirar-se para a capital.

Sua presença em Itararé era, mais do que nunca, indispensavel. Acephalo o commando, não pouderiam as forças em retirada encontrar, áquem fronteira, um apoio efficaz.

O capitão Ximenes Villeroy, que o governo federal encarregára do prolongamento da linha telegraphica além do Itararé, enviou uma communicação de Apiahy, dando noticias sobre as forças legaes que se batiam no Paraná. Era desanimador esse despacho; e, a se

(1) Referia-se á guarda nacional de São Paulo.

lhe dar credito, como a outras versões, que corriam sobre o avanço da columna federalista, melhor seria abandonar a fronteira, antes de uma derrota certa e vergonhosa.

O dr. Bernardino não era homem que desanimasse diante de boatos. Na fronteira reunira tropas, não para recuar diante dos invasores, mas para repellil-os, desde que ousassem chegar até as raias do estado. Com a maior energia deu nesse sentido, rapidas e acertadas providencias.

Eis o despacho expedido de Apiahy pelo capitão Villeroy:

> Presidente do estado de São Paulo. — Vicente Machado sahiu hoje de Faxina. Penso que chegará hoje com quarenta homens apenas. A columna de Ambrozios e Carneiro, sitiadas, havendo ligeira esperança de que tenha conseguido retirar-se para Serrinha. Invasão de mais de 8 mil homens e muita artilharia. Sigo apressado. Itararé não póde resistir cinco minutos. Volta commigo o tenente Cyrillo, para communicar ao coronel Jardim.
>
> CAPITÃO VILLEROY.

Esse despacho foi transmittido ao presidente da Republica, mas nenhuma providencia foi dada no sentido de remediar a penosa situação.

O capitão Villeroy, segundo consta, prestou, no serviço de defesa na fronteira, valiosos serviços que o Marechal reconheceu. Em diversas ordens do dia encontram-se elogiosas referencias a esse official.

Do interior do estado chegavam contingentes da guarda nacional, desejosos de contribuir para a defesa da Republica, indo enfrentar, no Itararé, os federalistas que ameaçavam o estado.

No dia 28 chegou de Jahú um contingente da guarda nacional, aprestado pelo seu zeloso e leal commandante, coronel Joaquim Lourenço Corrêa, seguindo logo depois para a fronteira.

Ao coronel Crescencio Ferraz de Mello foi ordenado que fortificasse o passo da Ribeira, além do Apiahy, enviando-se para alli o capitão José Antonio Garcia, com o contingente de seu commando.

Não se descuidava o presidente do estado de provêr á defesa da fronteira e affagava a idéa de retomar o Paraná, livrando-o da posse da revolta. E por certo conseguiria esse intuito, graças a sua inquebrantavel perseverança, e á illimitada confiança que nelle depositiva o povo de São Paulo.

Era intenção do dr. Bernardino livrar o Paraná da horda que o invadira. Para isso empregava inauditos esforços. Havia de reunir na fronteira elementos capazes de emprehender a marcha para frente, levando diante de si as forças federalistas.

O dr. Bernardino não consentiu que o coronel Ferraz se retirasse de Itararé, onde sua presença, como commandante, era indispensavel, dando-lhe como auxiliar o capitão Villeroy, para construir as trincheiras e pequenas fortificações, nos pontos que fossem designados.

Este official achava-se já na capital, vindo de Apiahy, e partiria para seu destino, logo que regressasse de Santos, onde fôra entender-se com o commandante do districto.

O general Pego, em sua retirada, chegára ao Apiahy.

O dr. Bernardino offerecèra-lhe o commando da fronteira, que ficaria acephalo, dada a retirada do coronel Innocencio Ferraz. Não acceitou o general Pego essa feliz opportunidade, que se lhe proporcionava, de restabelecer seu credito militar. Como pretexto de tão extranha recusa, disse o general que desejava ir ao Rio conferenciar com o Marechal, sobre interesses de summa importancia para a União.

Entretanto, para commandar a grande tropa que o estado reunia, precisava-se de um chefe profissional.

São Paulo, não podendo improvisal-o, recorreu no dia 29 ao governo federal, nestes termos:

> **Marechal Floriano Peixoto. — Rio.** — Em Itararé vae reunir-se logo um corpo exercito. É preciso que um official muito competente assuma o commando. Ferraz apenas dirigirá a força estadual. Ha alli guarda nacional e patriotas. Peço-vos attender: — um commandante é tudo. O general Pego não deseja. O bravo e criterioso coronel Jardim não póde deixar Santos.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

Alguns dias após, vindo do Apiahy, chegava á Itapetininga o general Pego Junior com 27 officiaes, e 64 praças sómente. Os restos de sua columna ficára pelos caminhos, estropiados e doentes. Em nemhum dos homens chegados se poderiam distinguir traços do que caracteriza o militar. Vestidos á paisana, estavam andrajosos e sujos.

O general tambem viéra, trajando um velho fato civil, talhado para outro corpo. Alli na fronteira se affirmára que esses officiaes se apresentavam daquella fórma tão grotesca, para melhor poderem illudir a vigilancia dos revoltosos.

Não era verdadeira a malevola insinuação. Os officiaes haviam dado provas de valor e só as necessidades imperiosas da occasião determinaram o facto malevolamente interpretado. Entre os 27 officiaes da columna em retirada estavam homens de valor e que grandes serviços teriam prestado, si não fossem levados a essa precipitada retirada. Posteriormente muitos delles deram provas de seu merecimento.

Aquelles officiaes e praças, maltrapilhos e esfaimados, chegaram á Itapetininga nesse mesmo lastimavel estado, causando profunda commiseração ao bondoso povo daquella cidade. Relatavam aos curiosos os crueis soffrimentos e privações, por que passaram durante a desastrosa retirada. Em Itapetininga receberam

das autoridades estaduaes os recursos de que careciam. Os retardatarios vinham aos grupos, andrajosos e famintos. Muitos, victimados por graves molestias e pela penuria, pereceram em marcha : — outros, levados pela fatalidade das circumstancias, procuraram nas fileiras adversas os recursos que lhes faltavam na columna legal.

O capitão Villeroy, que se achava no Apiahy, por occasião da chegada do general Pego, retirou-se rapidamente para Faxina e depois para a capital, de onde foi a Santos relatar ao coronel Jardim o desastre do Paraná.

Com suas narratiVas sobre a retirada do general Pego, o capitão Velleroy espalhava o panico pelo povo, que via proxima a invasão, ao mesmo passo que incutia desanimo na tropa. Esse facto chegou ao conhecimento do Marechal que, para desfazer a má impressão causada por taes narrativas, ouvidas pelo capitão Villeroy nas fronteiras, telegraphou ao dr. Bernardino, nestes termos :

> O capitão Villeroy acredita em tudo. Por isso fala de invasão de mais de oito mil homens e, peior do que isso, dizendo que Itararé não resistirá cinco minutos. Tudo isso é exagerado...

Do Rio, devido a instancias do dr. Bernardino e do coronel Jardim, chegaram os batalhões 20.° do exercito e o *Operario*, patriota. Este trazia sómente os officiaes e algumas praças, para ser completado em São Paulo, com varios elementos, como acontecêra com o *Frei Caneca* e outros. Esses batalhões, juntamente com o 1.° da força publica, deviam seguir para a fronteira.

Tambem veiu a promettida divisão de artilharia que, uma vez guarnecida em São Paulo, teria o mesmo destino. O commando de toda a tropa foi confiado ao coronel Braz Abrantes, commandante do 20.°

Esses elementos, juntos aos que já na fronteira se fortificavam, eram sufficientes para a defesa, mesmo que as tropas dos revoltosos, que talavam o Paraná, investissem contra suas trincheiras.

No dia 31 chegou á capital de São Paulo o governador do Paraná, queixoso de tudo e de todos, até da tradicional hospitalidade paulista, que dizia ter-lhe faltado, o que felizmente não era verdade, como mais tarde confessou, attribuindo o facto ao seu mau humor.

O interior do estado continuava a fornecer contingentes da guarda nacional, para o serviço de guerra. Era incansavel nesse auxilio o commandante da guarda nacional de São Carlos, coronel Paulino Carlos, que relevantes serviços prestou á causa legal.

De São Carlos fez o coronel Paulino marchar seus proprios filhos, á frente de valioso contingente. Os republicanos desse municipio fizeram importantes donativos de animaes de montada e de transporte, para o serviço de campanha.

III

A defesa da fronteira.

(Continuação.)

I.

O "estado de sitio". — O governo providenceia sobre a fronteira. — Rende-se a praça de Ambrozios. — A Lapa continúa a resistir ao cerco. — Recuam sobre Itararé as forças que haviam partido em socorro daquella praça. — Organiza-se em Botucatú um regimento de cavallaria. — Passa por São Paulo o general Pego, em transito para o Rio. — Diversos contingentes para a fronteira. — São Paulo recebe o armamento adquirido na Republica Argentina. — Apressa-se a marcha das forças sob o commando do coronel Abrantes. — Affluem á capital contingentes de voluntarios. — Insinuações de officiaes da columna Pego Junior : — um despacho do Marechal. — Um acto de magnanimidade do capitão Frederico de Lorena.

O estado de sitio, que terminava no dia 31, foi prorogado até 25 de fevereiro para as mesmas circumscrições, e decretado tambem para Recife e para a capital da Parahyba.

No dia 1.° de fevereiro o dr. Bernardino, em vista de informações seguras que tivéra, resolveu estender a defesa da fronteira além de Apiahy, no Passo da Ribeira. Nesse sentido telegraphou aos drs. Alvaro de Carvalho e Pedro de Toledo, que no dia anterior chegaram á Faxina, para se entenderem com o coronel Crescencio Ferraz de Mello, a quem ha muito tempo havia sido recommendada essa providencia.

A ponte sobre o Paranapanema foi guarnecida, a principio, com uma companhia do 164.° batalhão e tropas

da guarda nacional de Itapetininga, fornecidas pelo coronel Fernando Prestes, commandante daquella milicia, e mais tarde com o contingente ao mando do tenente José Sarmento, que para esse fim fôra chamado do Itararé. Motivou a marcha do contingente de Campinas o facto de se ter insubordinado a força de 164.°, contra o respectivo commandante, tenente Mario, proclamando commandante o alferes Manuel Coelho.

Em Rio Verde foram armadas 50 praças de infantaria da guarda nacional, que já estavam aquarteladas e promptas.

Ainda nesse mesmo dia, com a chegada do 1.° tenente Octavio Amaral, procedente do Paraná, soube-se em São Paulo que o coronel Pimentel capitulára no dia 21, com 750 homens, entregando a praça de Ambrozios aos revoltosos. Estava sitiado, sem recursos e a guarnição começava a soffrer as agruras da fome, em consequencia do abandono em que se viram, por parte do commandante do districto, general Pego.

A força que se rendêra ficou prisioneira dos revoltosos, não se tendo mais apresentado os soldados que, ou foram sacrificados, ou tiveram de incorporar-se ás legiões revoltosas.

Os officiaes paulistas prisioneiros foram com outros enviados para Santa Catharina, á disposição do governo revolucionario, installado em Desterro, sob a chefia do capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena, talvez para serem passados pelas armas. Aquelle governo, resistindo aos commandantes revoltosos que requisitavam a entrega dos prisioneiros, por um impulso de generosidade digno de registrar-se, fretou um navio e mandou entregar os prisioneiros a legação brazileira em Montevidéo. Só este acto do commandante Lorena, restituindo tantos moços ás suas familias e á sua terra, devêra ter impedido o seu barbaro fuzilamento...

O coronel Carneiro resistia ainda ao cerco da Lapa,

cuja praça defendia heroicamente, recebendo á bala os parlamentares que os sitiantes lhe enviavam, apesar da pouca gente e falhos recursos de que dispunha.

Esperava receber soccorro da columna Pinheiro Machado.

O coronel honorario, Diogo Rodrigues de Vasconcellos, que acompanhára o general Pego na sua retirada para São Paulo, telegraphou de Faxina, no dia 1.° de fevereiro, ao Marechal Floriano, pedindo a remessa de 500 homens para, com outros tantos que São Paulo punha á sua disposição, correr em soccorro do coronel Carneiro, facilitando sua retirada para a fronteira.

Não tardaria muito que São Paulo, sem mesmo desguarnecer a fronteira, tomasse a offensiva.

O coronel Diogo de Vasconcellos pedia fornecimento de 400 fuzis, para armar a gente do coronel Carneiro e parte do batalhão *Frei Caneca*, que, em seu recúo, para mais rapidamente ganhar a fronteira do Itararé, atirára criminosamente á agua toda a munição que levava e algum armamento.

A pratica desse acto, sob as vistas de officiaes, e talvez por sua ordem, não ha commentarios que bem a estigmatizem... Reduzidos tambem a misera condição, chegaram os restantes officiaes e praças do 2.° e 108.° da guarda nacional que se retiraram do Paraná, acompanhando de perto o *Frei Caneca* a Itararé.

O governo federal, aproveitando-se da boa vontade dos paulistas, que forneciam em Botucatú 200 cavallos arreados, resolveu criar naquella cidade, e com elementos locaes, um regimento de cavallaria. O governo de São Paulo deu-se pressa em dar prompta execução ao decreto que mandava organizar essa unidade.

O abnegado tenente coronel Carlos Garcia, que na Estrada de Ferro Sorocabana e por delegação do governo, exercia fiscalização em toda a linha, com o intuito de evitar interrupção no trafego, não encontrava pes-

soal apto para auxilial-o, em razão do panico espalhado em todo o percurso, pelos retirantes do Paraná.

No dia 2, com destino ao Rio, passou por São Paulo o general Pego Junior, que o Marechal consentira que fosse sosinho á Capital Federal. De passagem por São Paulo, esse official procurou esquivar-se de conferenciar com o presidente do estado. O pessoal que o acompanhára teve ordem de ficar em Itapetininga, sob o commando do tenente coronel Lopo, tambem retirante do Paraná.

Força numerosa partira na vespera desse mesmo dia para a fronteira do Itararé. Além do batalhão *Operario*, com 100 praças e 15 officiaes, partiram o 1.° batalhão da força publica, com um grande effectivo, commandado pelo coronel João Teixeira da Silva Braga (1), um contingente da guarda nacional de Jundiahy e o 20.° de infantaria do exercito. Commandava este o coronel Braz Abrantes que, como mais graduado,

---

(1) O 1.° batalhão levou a seguinte officialidade : — Estado maior : — Commandante, coronel João Teixeira da Silva Braga; fiscal, major Antonio de Oliveira Penna ; ajudante, capitão Claudio Mendes Barboza; secretario, alferes Cezar de Andrade; quartel-mestre, alferes Benedicto Joviano. 1.ª companhia, — capitão Antonio do Carmo Branco; tenente Benedicto Candido de Vasconcellos; alferes José André dos Santos e Arlindo de Brito. 2.ª companhia, — capitão Laurindo José Carneiro; tenente Manoel Baptista Cepellos; alferes, José Luciano de Carvalho e Benedicto Abrahão de Siqueira Lapa. — 3.ª companhia, — capitão Olegario Placido Guimarães; tenente João Chrysostomo da Silva ; alferes Julio Vasconcellos. — 4.ª companhia, — alferes Benedicto Antonio Ramos.

Posteriormente foram addidos ao batalhão os seguintes officiaes : — Capitães Sebastião Pereira da Silva, Marcos de Oliveira Alcantara, Custodio Gonçalves Rollemberg (policia do Paraná); Lindolpho de Siqueira Bastos (guarda nacional do Paraná) ; — tenentes José Severiano Mendes e João Ayres da Gama Teixeira; alferes Belmiro José da Silva Oliveira, Pedro Leonel de Araujo Ferraz e Antonio Joaquim da Silva Lins.

Em 21 de julho de 1894, em Curityba, foram commissionados nos postos de alferes os seguintes officiaes inferiores : — Antonio Gomes Pessôa de Mello, Chrisantho Guimarães, Manoel Alves, Antonio de Carvalho Sobrinho, Manoel Justino de Oliveira Cascudo e José Augusto Ferreira, que continuaram a servir no 1.° batalhão até seu regresso a S. Paulo.

ia assumir o commando da fronteira, até chegar o official superior que o Marechal designasse.

Providos esses corpos do indispensavel trem de combate, que o dr. Bernardino mandára preparar, partiriam sem demora para o seu primeiro destino, muito embora o general Pego, quando consultado sobre o melhor ponto de estacionamento dessas tropas, tivesse opinado pela cidade de Faxina, lugar distante da fronteira.

De Santos o coronel Antonio Telles communicou terem chegado de Buenos-Aires os fuzis, adquiridos pelo governo de São Paulo.

Eram varios milheiros de *Mannlicher* e milhões de cartuchos. Agora era certa a tomada da offensiva por parte das forças paulistas, accumuladas no Itararé, e desejosas de começar o avanço para expellir do Paraná os revoltosos que delle se apossaram. O coronel Carneiro, que resistia sempre, precisava ser soccorrido, e o armamento, em grande cópia chegado, serviria de armar tropas para uma linha de defesa na fronteira, emquanto a columna que lá estava se transportaria rapidamente para a Lapa, a fim de desembaraçar aquella cidade do apertado sitio que lhe era posto.

O armamento *Comblain*, das tropas de defesa no littoral, foi todo substituido por ordem do dr. Bernardino, sendo elle aproveitado para armar outros contingentes da guarda nacional.

O armamento adquirido em Buenos Aires consistia em 7.000 carabinas *Mannlicher* e 5 ou 6 milhões de cartuchos. De concerto com o governo paulista, o dr. Assis Brazil conseguiu que um navio mercante, estrangeiro, transportasse para Santos 5.000 carabinas e 4 milhões de cartuchos.

No dia 3 o governo do estado teve noticias da existencia de partidos revoltosos em Castro, em Assumguy e tambem na Ribeira, pelo que, dando desse facto

communicação ao coronel Braz Abrantes, que se achava em caminho, lhe pediu que accelerasse a marcha, a fim de estar no terreno provavel da lucta o mais cedo possivel. A elle enviou o seguinte despacho :

> **Ao coronel Braz Abrantes. — Itapetininga. —** É indispensavel, com a maior urgencia, a vossa presença na Faxina, onde é urgente mandar guardar o Passo da Ribeira, com força sufficiente, ouvindo o coronel Crescencio e o juiz de direito; e depois dirigir a defesa de Itararé. Peço-vos desculpeis, mas julgo dever prevenir-vos da urgencia das providencias que só vós, conhecendo o terreno, podereis tomar no lugar e em vista das circumstancias. —
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

No rio Paranápanema, por ordem do coronel Fernando Prestes, tinham sido guardadas as pontes e removidas as barcas em trafego.

Os voluntarios, que as autoridades do interior aprestavam para ir á capital, a fim de serem empregados na defesa, e que por falta de armamento não podiam ser aproveitados, affluiam agora de toda a parte, em contingentes que chegavam em todos os trens. O dr. Bernardino de Campos continuava a mandar adquirir cavallos, onde quer que fossem encontrados, em condições de servir para a montagem das tropas, na fronteira. E não era pequeno o numero de animaes já adquiridos.

Lavrava geralmente o espirito de indisciplina nas forças em retirada, e assignalava-se pelas deserções e desacatos.

Alguns dos officiaes, que acompanharam o general Pego na retirada, e que por ordem do Marechal ficaram em Itapetininga, começavam dalli, não se sabe porque, a dirigir conselhos ao presidente da Republica, relativamente ao melhor modo de agir no Paraná, para debellar

a revolta. Assim acontecêra no dia 4, com o major Minervino, que dirigira um longo telegramma nesse sentido, tendo do Marechal, por intermedio do presidente de São Paulo, a seguinte resposta :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Sciente do telegramma do major Minervino, a quem não devo responder. Bem sei que si disposesse de 6 ou 8 batalhões de linha, já teria mandado força sufficiente para promptamente desbaratar o inimigo, que já é considerado pelo dobro, isto é, tendo no maximo quatro mil, são elevados a oito mil homens. Estou tomando providencias, as mais energicas e urgentes, para preparar uma columna, que possa levar auxilio efficaz ao serviço do coronel Carneiro. Si poudesse diria áquelle major que fosse sem demora prestar sério serviço em Itararé, ordem que ha de ser cumprida, mas que não deve discutir. *Viva a Republica!*
>
> FLORIANO (1).

(1) Este despacho foi transcripto textualmente.

2.

Chega a São Paulo o official nomeado para commandar a divisão do Itararé. — Providencia para segurança da fronteira, em Apiahy. — Auxilios prestados por São Paulo á causa legal. — Armamento adquirido por São Paulo e cedido á União. — Noticias transmittidas do sul pelos emissarios de São Paulo. — Indicações do general Costalat sobre o plano de defesa. — Reina em São Paulo grande enthusiasmo pela causa legal.

No dia 4 partiu do Rio de Janeiro, com destino a São Paulo, trazendo 7 officiaes, 10 alumnos e alguns artilheiros, o coronel Firmino Pires Ferreira, nomeado pelo Marechal, para assumir o commando da divisão, em organização na fronteira. Assim se attendia ao pedido feito pelo presidente de São Paulo.

Fizéra-se preceder da seguinte communicação telegraphica :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Sigo sem mais tardar, prepare cavallos para mim e officiaes. Espero corresponder aos esforços dos patriotas paulistas. Viva a Republica e abraços aos amigos.
>
> Coronel Pires Ferreira.

Promettia a vinda, para muito breve, do batalhão *Silva Telles*, com 300 homens, e de outras tropas.

Para attender ás despesas de transporte, pagamento de soldo, etc., ás forças da fronteira, o governo criou em Faxina uma Pagadoria Militar, que bons serviços veiu a prestar na administração dos dinheiros publicos.

A morosidade com que alguns commandantes de corpos davam execução ás ordens emanadas do governo, com prejuizo do serviço e perigo para a segurança na fronteira, causava sérios cuidados ao presidente de São

Paulo, que desejava suas deliberações fossem executadas regularmente e sem delongas.

O Passo da Ribeira, ponto de facilimo acesso para o interior do estado de São Paulo, apesar das reiteiradas ordens, estava ainda desguarnecido no dia 4.

A defesa desse passo tornou-se preocupação constante, desde que alli foram vistos grupos de federalistas, percorrendo a linha da fronteira.

Aos dois emissarios, que na Faxina estudavam as condições da defesa e observavam as lacunas que se deviam preencher, para garantir o successo da lucta, endereçou o presidente do estado o seguinte despacho :

> **Drs. Alvaro de Carvalho e Pedro de Toledo. — Faxina.** — Recommendo-vos fazer guardar o Passo da Ribeira, em Apiahy. Ha tempo indiquei esta medida; sabendo que não foi executada, apesar de haver marchado para isso o capitão Garcia, com 100 homens, dez mil cartuchos, barracas, viveres, etc. Si a gente da Faxina não se prestar a esse pequeno serviço, avisae-me para tomar outra linha de defesa. Verificae quanto são e onde estão os cavallos comprados pelo coronel Crescencio. Precisamos agir,tendo gente que trabalhe pela Republica com sinceridade; por isso carecemos saber ao certo quem ahi quer e póde sustentar a lucta.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

O governo federal apoiava-se agora fortemente no estado de São Paulo, escudando-se na força e na lealdade de seu presidente, para rechassar os revoltosos do Paraná. Para isso não dispunha o Marechal de outros elementos, além daquelles com que o general Pego Junior entrára na fronteira, ao recolher-se do Paraná com suas forças. E assim insufficientemente guarnecida ficaria a fronteira paulista, si o governo de São Paulo não a tivesse fortificado com elementos proprios e alguns da União, que armou, proveu e municiou com material

de São Paulo e armas, que por conta propria adquiriu no extrangeiro.

Assim é que a quasi totalidade das tropas que seguiram para a fronteira, embora commandadas por officiaes do exercito, eram paulistas, organizadas no estado e com elementos de São Paulo

Já dissemos que o dr. Bernardino não regateava esforços e dinheiro para servir a causa legal e a estabilidade da Republica. Fornecia recursos em dinheiro, para pagamento de *prêt;* adquiria armas e cavalhada, para montagem da cavallaria; bestas e bois, para o serviço de transporte. E mais do que isso, fornecia homens, que de São Paulo seguiam para todos os pontos de combate e que tão decisivamente contribuiram para o ganho da causa, para estabelecer em segura base o regimen republicano.

O batalhão *Silva Telles* precisava de armas modernas, que seriam fornecidas logo que chegasse a São Paulo. Um batalhão provisório, de linha, que o dr. Bernardino organizava, a pedido do governo federal, precisava de tudo. Do ministro da guerra recebeu, no dia 5, o seguinte despacho:

> **Presidente do estado de São Paulo.** — Constando-me haver esse governo recebido armamento *Mauser*, peço-vos ceder e remetter ao ministerio da guerra mil daquellas armas e cartuchame correspondente. Dentro de dois ou tres dias seguirão para ahi, com destino ao Itararé, além do batalhão *Silva Telles*, sob o commando de um official do exercito, um nucleo de officiaes e praças, para ahi constituir um batalhão provisório de linha.
>
> GENERAL COSTALAT.

O governo de São Paulo não podia privar-se do armamento, que tanto lhe custára obter; e ainda não haviam chegado todos os fuzis adquiridos. Cedel-os,

seria recahir na mesma crise de armamentos: — ter gente para a lucta, sem poder utilizal-a. Entretanto forneceria armamento para as tropas em transito com destino á fronteira.

A União, que ás forças organizadas em São Paulo só podia fornecer os ferros velhos das carabinas *Chassepot*, passou a solicitar do governo paulista as carabinas por este adquiridas em Buenos-Aires. Em grande parte conseguiu-as, porque do Rio expedia systematicamente os contingentes desarmados, com intuito de receberem em São Paulo o armamento. Já no fim da lucta, ainda mandou para o Paraná, passando por São Paulo, o 9.° de infantaria do exercito, armado á *Chassepot*, a fim de trocar este armamento pelas boas carabinas paulistas. Todo este armamento jamais foi restituido ao estado.

Os emissarios que o dr. Bernardino de Campos fizéra penetrar no estado do Paraná, para colher e transmittir noticias exactas sobre o movimento dos revoltosos e sobre as forças legaes que ainda lá combatiam, — começavam já a desempenhar-se da arriscadissima e espinhosa missão. Um delles, de regresso de Curityba, expediu de Castro, para a fronteira, noticias detalhadas e seguras sobre a marcha dos acontecimentos naquelle estado.

O portador das noticias transmittiu-as de Faxina ao presidente do estado. Nada tinham de tranquillizadoras: — relatavam que o coronel Carneiro, no dia 2 de fevereiro, entrincheirado na Lapa com o coronel Lacerda, da guarda nacional, ainda resistia ao apertado cerco que lhe punham dois ou tres mil homens dos revoltosos. Estes possuiam no maximo cinco mil homens, divididos em 5 columnas, que operavam simultaneamente em differentes pontos. Os hospitaes militares de Curityba regorgitavam de feridos, transportados da Tijuca e da Lapa, em numero approxima-

do a 400, segundo poude calcular. A capital do Paraná estava guarnecida com perto de 200 fuzileiros navaes, portanto presa facil para uma columna resoluta que, atravessando a Ribeira, avançasse rapidamente para aquella cidade, séde do governo. Esses mesmos fuzileiros navaes, ao commando do tenente Perry, foram levados para o cerco da Lapa, conduzindo varios canhões dos revoltosos. Em Curityba os emissarios viram todos os chefes da revolta, os quaes, antes de se retirarem, lançaram no commercio, sob pena de saque, um emprestimo de 600 contos, que foram logo arrecadados. Apesar disso algumas casas haviam sido saqueadas e presas varias pessoas de posição na politica do estado. Foram vistos presos, e fazendo fachina nos quarteis, o conego Linhares e o padre Alberto. Ambrozios, guarnecido pela columna do coronel Pimentel, que resistira com bravura durante alguns dias, rendèra-se no dia 21, pela fome e falta de munições.

Essas lamentaveis noticias tranmittiu-as o dr. Bernardino ao Marechal Floriano, rogando que soccorresse o coronel Carneiro, pois que desse modo tudo estaria salvo.

O coronel Diogo Vasconcellos, propôz-se realizar a espinhosa empreza de retomar Curityba, levando 600 homens apenas e duas metralhadoras.

O general Costalat opinava que a divisão, organizada no Itararé, tivesse seu corpo principal na Faxina, em vez de ficar centralizado na fronteira, muito afastado do ponto final da estrada de ferro. Pensava que estando a divisão alli poderia tambem soccorrer Santos, onde desconfiava seria o primeiro ponto atacado, e talvez simultaneamente com o Itararé. Nesse ponto de vista Faxina tambem era muito afastada, e retirar forças dalli para soccorrer outro ponto atacado poderia ser grave erro. Seria facilitar a estrategia dos revoltosos. A rude lição recebida no Paraná,

de nada serviria. Demais Santos não precisava de outras tropas para sua defesa. As que alli collocára o dr. Bernardino, sob o commando do bravo coronel Jardim, bastavam para enfrentar a revolta naquelle ponto.

Para commandar a guarnição da Capella da Ribeira, foi nomeado, pelo ministro da guerra, o major Emigdio Dantas Barretto, para o qual o dr. Bernardino fez organizar, com tropas paulistas, e a pedido do ministro, uma columna de 400 homens. Faxina forneceu para a organização dessa columna 200 guardas nacionaes. A esse official o presidente do estado enviou a seguinte communicação :

> Ao major Dantas Barreto. — Itapetininga. — O ministro da guerra communicou-me haverdes sido nomeado para commandar a columna que guarnece o passo da Capella da Ribeira, além de Apiahy, onde serão postas forças á vossa disposição. Já seguiram para lá cerca de 300 homens. Em Faxina recebereis instrucções relativas ao armamento dessa força, entendendo-vos com o coronel Crescencio e com o dr. Pedro de Todelo. O coronel Pires Ferreira tambem conhece as ordens do governo. Saudações.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

No dia 20 já estava o tenente coronel Dantas Barreto em Ribeira, commandando o batalhão n. 5, denominação dada aos contingentes de guardas nacionaes e ao batalhão operario.

Reinava em todo o estado plena actividade, para acudir ao appello do patriota que presidia São Paulo.

Os contingentes de voluntarios e de guardas nacionaes continuavam, sem cessar, a affluir para a capital, de onde partiam organizados para a fronteira do Itararé.

Era grande o enthusiasmo que se notava em todos e em toda a parte, depois que se soube ter o

dr. Bernardino pedido ao Marechal que consentisse mandar gente em soccorro da Lapa, onde tropas, em grande numero paulistas, batiam-se heroicamente contra forças que, além de muito superior em numero, recebiam a todo instante recursos e reforços de Curityba e Paranaguá.

A esse tempo achava-se ainda no Rio, descansando da fatigante retirada, o governador do Paraná, dr. Vicente Machado. De lá, como espectador, assistia ao desenrolar dos factos no seu estado e ao esforço que empregava o dr. Bernardino, para livrar das garras da revolta essa admiravel região brazileira.

Por fim achou que devia fazer algum movimento, embora platonico, em pról do seu estado.

A incansavel actividade do presidente de São Paulo, exemplo frisante de amor pela Republica, o despertára das blandicias de um prolongado repouso.

3.

O Dr. Vicente Machado propõe-se a auxiliar a defesa no Itararé. — Organiza-se em Sorocaba um esquadrão de cavallaria. — Acção do coronel Fernando Prestes na defesa da causa legal. — O coronel Braz Abrantes congrega em Itararé forças para defesa da fronteira. — O desanimo na fronteira. — Plano geral da revolta. — Todos os passos são guarnecidos e artilhados. — As forças em marcha para Itararé recebem ordem de dobrar as etapas.

O dr. Xavier da Silva, governador effectivo do Paraná, que por doente se achava licenciado, quando rebentára a revolta, já restabelecido da grave enfermidade que o prostrára por longo tempo, seguira para a fronteira a fim de auxiliar os amigos. Isso soubéra no Rio o dr. Vicente Machado, e lhe despertará os estimulos. Sua permanencia na Capital Federal deporia em desfavor de seu patriotismo.

Por isso, no mesmo dia 6, telegraphou ao dr. Bernardino, communicando que partiria para o Itararé dentro de poucos dias. Solicitava que lhe confiasse o commando de alguma tropa, das que se achavam na fronteira, á qual juntaria as poucas praças que trouxéra como escolta do Paraná e que se achavam na Faxina.

Dizia elle com manifesta nobreza de caracter : — « Para retomar o Paraná e defender a fronteira paulista, quero funcção mais activa que a do meu posto de governador legal. Com um chefe como o coronel Pires Ferreira, penso, faremos a defesa da fronteira e invadiremos o Paraná, levando recursos ao coronel Carneiro. »

O dr. Bernardino respondeu acceitando, porque o dr. Vicente Machado poderia prestar relevantes serviços, juntamente com o dr. Xavier da Silva, transpondo a fronteira e aggremiando homens dedicados ao governo no Paraná, e fazendo internar gado e cavalhada em São Paulo.

Sorocaba, além dos contingentes de voluntarios, já fornecidos, e dos socios do *Club dos Atiradores*, organizou um corpo de cavallaria com 120 praças. O dr. Carlos Garcia dirigia de Tatuhy a organização e apparelhamento da força, provendo-a do necessario e até de instructor, que pediu ao dr. Bernardino. Visava essa tropa a defesa da fronteira e retomada do Paraná. A organização da luzida cavallaria ficou ultimada no dia 8 com a entrega da cavalhada arreada. Commandava o esquadrão o capitão Theobaldo de Souza Queiróz.

Depois do dr. Carlos Garcia, commandou a praça militar de Tatuhy o major Cornelio Vieira.

Tendo o governo prolongado a estrada de ferro até Itapetininga, tornou-se esta cidade a parte principal do percurso e o centro de todo o movimento das tropas e do material. Commandava ahi a praça o coronel Fernando Prestes, a cuja intelligencia, previsão, prestigio e sacrificios indiziveis, de toda a ordem, deveu a causa legal tão relevantes e excepcionaes serviços, que não ha medida para os avaliar.

Outros contingentes chegaram á capital nesse mesmo dia, trazidos por officiaes da guarda nacional. Até a pequena localidade de Çoqueiros forneceu 30 praças, commandadas pelo tenente daquella milicia, sr. Laurentino Proença.

O coronel Braz Abrantes, deu inicio á organização da defesa, congregando no Itararé diversos contingentes que existiam na fronteira sem organização cohesa. Ordenou ao tenente coronel Lopo, commandante dos officiaes e praças retirantes do Paraná, que seguisse com urgencia de Itapetininga para Faxina, com o pessoal de seu commando, a fim de ser empregado na defesa da fronteira. As praças dessa força começavam a provocar desordens em Itapetininga, e a inquietar a pacifica população. Trajados á paisana,

armados de facas, percorriam os soldados as ruas, provocando pessoas que encontravam. Tornava-se perigosa a permanencia alli desses homens.

Era intenção do coronel Abrantes demorar apenas o tempo sufficiente, para organizar a defesa do Itararé e seguir para Apiahy, Capella da Ribeira e outros pontos, a fim de julgar sobre a necessidade de guarnecel-os.

A pedido do coronel Pires Ferreira, commandante nomeado para a fronteira, mandou o coronel Abrantes, officiaes de confiança verificar si ainda estavam occupadas pelos revoltosos as passagens da Serra das Furnas e do Fundão, no estado do Paraná.

Ao chegar esse official superior a Itapetininga, encontrou noticias certas sobre essas passagens, já abandonadas pelos federalistas.

Alli reuniu os varios contingentes de cavallaria, que o dr. Bernardino continuava enviar, competentemente montados, e organizou com elles um regimento.

Para organizar o regimento de artilharia, o presidente de São Paulo forneceu, não só voluntarios, como tambem muares do corpo de bombeiros, já adestrados no serviço de tiro do material rodante.

O coronel Pires Ferreira fez distribuir pelos contingentes o fardamento que o governo de São Paulo remettêra em grande quantidade.

Em sua communicação ao dr. Bernardino, sobre as diversas providencias tomadas, dizia o coronel que em toda a fronteira notava geral descrença e desanimo, que procuraria vencer, como fez, graças a sua energia e perfeita comprehensão dos deveres militares.

Esse desanimo provinha das graves noticias trazidas pelos emissarios, enviados ao Paraná para colhel-as e transmittil-as com segurança. Esses officiaes, os capitães Bacellar e Tiburcio, diziam que o coronel Carneiro fôra vencido e preso, já no dia 1.° (o que não era verdade). A columna revolucionaria depois da queda da Lapa, partira com destino a Castro, onde já

devia estar uma vanguarda da força federalista, que sitiava essa cidade e que era composta do 700 homens das tres armas. Dois mil federalistas constituindo o corpo principal, coberto por essa tropa, marchavam sobre São Paulo. Souberam tambem que o ataque da fronteira obedecia ao plano anteriormente traçado e praticado com exito no vizinho estado. Uma vez em Castro, as forças se projectariam sobre Itararé, onde forçariam a passagem, emquanto a esquadra bombardearia Santos, para distrahir a attenção dos commandos. Dois mil homens levados de Paranaguá, seriam lançados no littoral paulista, em pontos favoraveis, para se apoderarem de Santos, da Estrada de Ferro Central do Brazil, e marcharem em seguida sobre a capital.

Como se vê, não eram tranquillizadoras as noticias que, enviadas para o governo, logo após circularam, apavorando aos timidos e exaltando o enthusiasmo dos verdadeiros republicanos.

O coronel Pires Ferreira teve, em caminho, conhecimento dessas desoladoras noticias. Deu immediatamente as providencias ao seu alcance, fazendo accelerar a marcha das tropas, que se destinavam ao Itararé, onde o coronel Braz Abrantes, incansavel, tomava todas as disposições para receber o tremendo choque.

Todos os passos foram guarnecidos e artilhados. Esse coronel esperava ainda os batalhões de linha, que o Marechal Floriano promettêra e que o dr. Bernardino fazia organizar ás pressas, com os elementos de que dispunha. Homem experimentado, sabia que sómente o titulo de « tropa de linha », embora empregado em pessoal bisonho, bastaria para inspirar confiança aos chefes e ás outras forças, constituidas de voluntarios e policias.

Marcharam para a fronteira, no dia 9, varios contingentes da guarda nacional, tendo o 108.° occasião de enviar um quarto contingente de 60 praças, levados pelo tenente Pedro Paes da Silva Furtado e os alferes

Salvador Bernardino de Almeida e Octavio dos Santos Pinto. Addidos a um regimento de cavallaria, enviou tambem o patriotico 108.° batalhão 22 praças e os alferes Francisco Wenhonen e Perlino Dias Figueiredo.

No dia 11 chegaram á Faxina, procedentes de Curityba, de onde se evadiram, o capitão Urbano Müller e o dr. Brazilio Luz, trazendo noticias de que no dia 3 continuava a resistencia da Lapa, e que proximo á fronteira não viram forças revolucionarias. Apesar disso, os aprestos para a defesa continuavam com a mesma intensidade, porque esses homens viram um só ponto da fronteira, podendo acontecer estarem outros acoutando revoltosos.

O dr. Bernardino, completando suas providencias, no sentido de fazer chegar á fronteira toda a força em marcha, endereçou ao dr. Carlos Garcia, em Tatuhy, ordens instantes para que enviasse um proprio para frente, a fim de alcançar as forças em marcha e fazel-as dobrar as etapas. Dizia : « A situação exige muita energia e previdencia. Promovam o andamento em marchas forçadas de tudo que está em caminho. Dizei si o armamento novo, enviado para o Braga, seguiu em condições de chegar logo a Faxina. »

O 1.° batalhão, ao chegar a Faxina, não encontrou o armamento *Mannlicher* enviado pelo presidente de São Paulo, para substituir os fuzis *Comblain*, de que as praças seguiram armadas. O armamento e munição substituidos, aliás em muito bom estado, deveriam ter sido entregues ao tenente coronel Luiz Americano, commandante do 108.° que marchava para Itararé em missão do governo.

Esse material foi distribuido pelas praças dos contingentes dos 108.° e 2.° batalhões que seguiram para a fronteira, a fim de, segundo ordem do dr. Bernardino, guarnecer a ponte sobre o Paranápanema, juntamente com a força do 164.°, que tambem tivéra o mesmo destino.

4.

Procedimento de officiaes extrangeiros, que commandavam forças da guarda nacional. — Completa-se a linha de defesa da fronteira. — O dr. Bernardino de Campos autoriza a retirada do coronel Innocencio Ferraz, que commandava as forças do Rio Verde. — Concentram-se mais forças em Itararé. — Chegada ao Itararé de um emissario do coronel Carneiro. — Imminencia de um ataque á fronteira : — providencias. — Lapa resiste sempre. — O coronel Pires Ferreira assume o commando das tropas. — Novas forças preparam-se na capital.

O procedimento de dois officiaes extrangeiros, do 2.º batalhão da guarda nacional, contrastava, infelizmente, com o dos outros officiaes da mesma milicia, empregados em identico serviço. O tenente Alexandre Sprafini e o alferes Custodio Rodrigues de Almeida, concitavam as praças de seu commando á pratica de desordens e a desertarem, o que aconteceu com quasi todo o resto da força retirante. Esses mesmos officiaes desertaram tambem, sendo presos em Tatuhy, pelo tenente coronel Carlos Garcia.

Mais tarde um outro acto indigno envergonhou o 4.º batalhão provisorio da guarda nacional. O alferes Arthur Alvares Cavanhas, espanhol, declarou publicamente no acampamento que se passaria para os argentinos, com os hespanhóes que serviam sob suas ordens, logo que o Brazil entrasse em lucta com a vizinha Republica. A esse tempo agitava-se a questão das Missões, cujo territorio se affirmava ter sido invadido.

A guarnição da ponte do Paranápanema foi reforçada com o batalhão *Operario*. Era acertada essa providencia, porque, destruida a ponte, estaria cortada a retirada da columna legal.

O Rio Verde estava no dia 12 sufficientemente guar-

necido e, o que é mais, podendo ser a guarnição reforçada rapidamente, em caso de necessidade. Para isso, enviára o presidente do estado ao dr. Raphael Sampaio, em Botucatú, fuzis *Comblain*, em quantidade, para armar os voluntarios que o coronel Anacleto Pires reunira em Avaré, e o coronel Firmino Braga, em Pirajú. Esses dois officiaes superiores da guarda nacional tinham ordem de reforçar a guarnição, postada no sector comprehendido entre Salto Grande e Fartura. Em Avaré, o tenente coronel Rivadavia Corrêa, politico e amigo pessoal do dr. Bernardino, estava harmonizando os grupos em dissidencia local, com o fim nobilissimo de organizar uma columna de 500 homens. O dr. Rivadavia seguiu para as proximidades do Porto de Paranápanema, com 50 homens.

São Manuel, como outras cidades daquella zona, organizava tambem um batalhão patriotico. Era intenso alli o enthusiasmo pela defesa, ao saber-se da presença dos revoltosos no Rio Verde. Eram organizadores os membros do directorio local, srs. José Candido, Candido Baptista, Pedro de Almeida, Antonio Lopes e João Guedes.

O dr. Carlos Garcia organizou em Tatuhy mais um batalhão, para defender outros pontos fracos.

Ribeira, como já vimos, estava guarnecida por uma forte columna. Desse modo, completa como estava a linha de defesa da fronteira, restava sómente fazer o primeiro salto, para dentro do Paraná, e começar a offensiva.

Nesse mesmo dia, porém, um telegramma do coronel Prestes, expedido de Itapetininga, communicava que forte columna inimiga acampára na pequena localidade denominada Barbozas, distante 9 kilometros da fronteira e proxima do Rio Verde. Sabia-se tambem que o grosso da columna marchava sobre Itararé.

O coronel Braz Abrantes, que soubéra logo desse facto, por seus emissarios, apressou-se animoso para

enfrentar os federalistas, com as forças de que dispunha.

Accentuou-se ainda mais a convicção da proximidade dos revoltosos, porque a communicação do coronel Prestes chegára truncada. Mãos opposicionistas cortaram o telegrapho. A capital ficára por algumas horas sem noticias.

Na fronteira, o coronel Abrantes distribuia forças pelos pontos mais fracos e accessiveis, dando cerradas e energicas instrucções.

O coronel Innocencio Ferraz, substituido no commando da fronteira, seguiu para Rio Verde, levando o contingente do 4.° batalhão e cavallaria da força publica, a fim de reforçar aquelle ponto, sériamente ameaçado no momento. Antes de chegar ao seu destino, pediu substituto, dando como pretexto não poder servir sob as ordens de um coronel, sendo elle commandante geral da força publica, e insistiu para ser recolhido á capital. Desta vez obteve o coronel Ferraz a licença, que tanto desejava para abandonar tão perigosas paragens. Accedendo, enviou o presidente de São Paulo o seguinte despacho :

> **Coronel Pires Ferreira. — Itararé.** — De novo chamo vossa attenção para o coronel Innocencio Ferraz, que insta para retirar-se dahi. Não posso dar ordem, porque elle está á vossa disposição.
>
> Desde que elle não sente enthusiasmo pela causa, nem tem vontade de defender o estado, julgo inconveniente que fique lá. Essa posição é para homens resolutos e convictos, não para indifferentes á sorte das posições, que deviam defender sem contar com a benevolencia do inimigo. Si não tendes o que oppôr, convém retirar o homem para cá. BERNARDINO DE CAMPOS.

Com elle vieram os capitães Francisco Alves do Nascimento Pinto e Arthur da Fonseca Osorio, que faziam parte do seu estado maior.

Em Itararé, com o coronel Abrantes, ficaram o *Frei Caneca*, o batalhão *Campineiro* e outros contingentes. Ainda estavam em caminho, mas já proximos desse ponto, o 1.° batalhão da força publica, o 20.° do exercito, uma divisão de artilharia e varios contingentes, perfazendo um total de cerca de 2.000 homens. As chuvas torrenciaes e diarias demoravam a marcha da tropa, difficultando os caminhos.

A officialidade do 1.° batalhão recebeu em marcha effusivas saudações do presidente do estado, levadas por um despacho, no qual se dizia « que o 1.° batalhão da força publica do estado, sempre foi, era e seria, o amigo leal e o valoroso guarda fiel das instituições ».

O ataque, caso viesse, seria repellido. O enthusiasmo da tropa, em pról da causa legal, era o penhor seguro da realização desta affirmativa.

Sob armas estavam na fronteira sómente bons republicanos, que se sacrificariam sem hesitação pela segurança da ordem e defesa do governo legal.

A 12 de fevereiro o governo do estado recorria, de novo, ao commando da guarda nacional de Campinas, pedindo a remessa de mais força. Foi assim que immediatamente se organizaram em Campinas mais os seguintes contingentes : — 40 praças do 32.° de infantaria, commandadas pelo major Gabriel de Carvalho, que tinha como officiaes o tenente Antonio Prudente Junior e Pedro Ferreira de Godoy, 50 praças do 113.° batalhão de infantaria, commandadas pelo capitão Ricardo Coelho, tendo como officiaes os tenentes Herculano Simões, João Baptista de Oliveira e os alferes Antonio Salles Nogueira e Faustino Ferreira da Costa ; 30 praças do 114.° batalhão de infantaria, commandadas pelo capitão Léon Lebet, que tinha como officiaes os tenentes Joaquim dos Santos Vieira e Gustavo Oberdanck.

Essas forças chegaram a Itararé em fins de feve-

reiro e ficaram todas sob o commando do major Gabriel de Carvalho.

No dia 13, procedente da Lapa, chegou ás linhas de defesa o capitão Homem Bom Cavalcante, ajudante de ordens do coronel Carneiro, enviado especialmente para pedir soccorro para as forças sitiadas, que continuavam a resistir. Contava elle que em todo o estado do Paraná só podiam existir 3.000 homens dos revoltosos, mal armados e com pouca munição, sabendo com segurança que para as boccas de fogo ella escasseava de todo. Quinhentos homens bem dispostos, como os que via alli, dizia elle, eram bastantes para fazer levantar o cerco e, juntos aos sitiados, desembaraçar os caminhos até a fronteira norte.

Essa communicação foi transmittida ao Marechal Floriano. O coronel Braz Abrantes promptificava-se a marchar com uma columna, deixando Itararé guarnecido, para servir de apoio ao avanço e de segurança para a fronteira.

Diante das graves noticias transmittidas ao Marechal, sobre a imminencia de ataque na fronteira, resolveu o ministro da guerra enviar o batalhão *Silva Telles*, que tinha sido promettido, e uma bateria de artilharia com dois canhões *Krupp* 7,5, que partiram do Rio com destino a São Paulo, no dia 14.

Vinha apenas com 140 praças e os officiaes, devendo ser completado em São Paulo, onde o dr. Bernardino já preparava elementos. Na realidade, salvo o 20.° batalhão de linha, toda a força da fronteira era tropa de São Paulo. Os batalhões vindos do Rio traziam sómente o nucleo.

O coronel Braz Abrantes precisava ter informações seguras sobre a approximação dos federalistas e só as obteve com o regresso do emissario, enviado para Jaguariahyva, no Paraná. Este emissario marchou vinte leguas, sem encontrar força alguma dos re-

voltosos e, segundo poude colher, não estavam tambem nas proximidades. Soube o emissario que o coronel Carneiro continuava a resistir no dia 8, promettendo não ceder até o fim do mez de fevereiro, para esperar soccorros de São Paulo, do Chancherê ou da columna Pinheiro Machado. Não havia, portanto, revoltosos na fronteira. Apenas um reconhecimento veiu até Barbozas, no Rio Verde, regressando em seguida.

Em 14 ainda se encontrava na cidade da Faxina o coronel Pires Ferreira, nomeado commandante da fronteira e da divisão. Reuniu alli os officiaes que levava, a fim de lhes dar commando, fazendo uma inflammada arenga, concitando-os ao cumprimento do dever militar, e mesmo, « sendo preciso, a morrer pela Republica ». No dia seguinte, assumia o commando das forças em operações ao norte do Paraná.

As noticias alarmantes da fronteira coincidiram com a sua chegada a Faxina.

Dalli expediu um despacho ao Marechal Floriano, dizendo que, para salvar a heroica guarnição da Lapa, precisava de mais mil praças de infantaria, muita cavallaria e canhões *Krupp* em quantitade. Desconhecia, certamente, a opinião do capitão Homem Bom, que, com quinhentos homens, iria livrar a invicta cidade e a valente guarnição sitiada. O coronel Abrantes estava prompto a marchar com essa columna.

Os revoltosos levantavam no Paraná batalhões patrioticos, e angariavam voluntarios para preencher os claros que as luctas abriam.

Qualquer acção sobre o Paraná devia ser immediata, não dando tempo a que os federalistas se refizessem. Toda hesitação por parte do commandante seria prejudicial á causa.

O dr. Vicente Machado, chegando a Tatuhy no dia 15, reclamou do delegado urgente transporte para a fronteira, mostrando-se desejoso de contribuir para a expulsão dos federalistas.

No dia 16, novas forças, partidas da capital, chegaram a Tatuhy. Eram o *Silva Telles*, um forte contingente que mais uma vez Campinas enviava, e uma bateria *Krupp* de campanha. Esperavam o trem que se aprestava para o transporte. Essas unidades foram completadas e providas em São Paulo, antes de embarcar para alli. Sómente a artilharia é que recebeu em Tatuhy guarnição de voluntarios sorocabanos, fornecida pelo dr. Carlos Garcia.

Seguiram juntamente com essas forças 10 officiaes do exercito e 26 praças, para servirem em um outro regimento provisório de linha, que o dr. Bernardino mandára organizar em Itapetininga, enviando voluntarios de Sorocaba, Tieté e Tatuhy, para attender aos instantes pedidos que o coronel Pires Ferreira fazia de tropa de linha, que o Marechal não podia fornecer.

A cavalhada foi adquirida em Botucatú e para alli enviada pelo dr. Raphael Sampaio.

Para commandar esse regimento, foi nomeado o major Victoriano Maciel que, nesse mesmo dia, marchou para ultimar urgentemente os aprestos. Na capital estava já prompto para partir o batalhão provisorio de linha, que o presidente de São Paulo organizava, sob o commando do major Pedro de Alcantara Fonseca. Teve esse batalhão mais tarde o numero 37.

Um esquadrão de clavineiros, composto sómente de officiaes de varios corpos e armas, que na fronteira não commandavam tropa, — organizado pelo coronel Pires Ferreira, — foi tambem provido de cavalhada e armas modernas.

Para que não houvesse demora no já perfeito serviço de retaguarda, mandou o dr. Bernardino que fossem adquiridas 300 bestas, para formar um quarto comboio, empregado no aprovisionamento das tropas em operações.

5.

Estabelece-se a linha telegraphica, ligando o gabinete presidencial, em São Paulo, á base de operações, em Itararé. — Primeira noticia sobre a capitulação da Lapa. — Activa-se o serviço de fortificações na fronteira. — A queda da Lapa desperta manifestação de apoio no estado : — organizam-se novos corpos de voluntarios. — Mais um batalhão de linha é armado em São Paulo. — Confirma-se a queda da Lapa. — Tropas federalistas nas proximidades de Itararé. — Continúa o preparativo de forças para a defesa. — A situação da fronteira.

A linha telegraphica em Itararé foi finalmente inaugurada no dia 16, ás 10 horas e 15 minutos da noite. Foi grande o regosijo na tropa da linha de defesa.

Era um servico que urgia. O serviço de estafetas, lançado entre Tatuhy e a fronteira, embora perfeito e rapido, não tinha certamente a rapidez vantajosa de uma linha telegraphica, ligada directamente ao gabinete do presidente do estado, em São Paulo, de onde se podia conversar demorada e commodamente com o commandante da fronteira.

Communicando esse facto ao Marechal Floriano, dizia o dr. Bernardino de Campos : « Está funccionando regularmente o telegrapho que mandei construir até Itararé, para onde se fala perfeitamente. Ponho á vossa disposição esse melhoramento. »

Foram de lucto e de desolação as primeiras noticias transmittidas pela linha recem-inaugurada, após as effusivas congratulações permutadas pela realização desse poderoso melhoramento.

O coronel Telemaco Borba, chefe revoltoso de muito prestigio, enviou de ponto ignorado da fronteira, por um proprio, uma carta relatando ao coronel Braz Abrantes que a Lapa havia cahido em poder dos

federalistas no dia 11, sendo morto o coronel Carneiro e todos os seus companheiros. Accrescentava que então, desembaraçada como se achava, a columna estaria em Castro dentro de dois dias. Em seguida iriam as forças revoltosas a Jaguariahyva e Itararé.

Essa carta foi entregue a um dos capatazes, que o coronel Abrantes enviára para uma fazenda do Paraná a fim de arrebanhar gado de córte. Foram infructiferas as providencias posteriormente dadas para a captura do correio federalista.

Essas noticias, transmittidas no dia 18 pelo commandante das forças em operações, causaram, como era natural, profundo abalo em todas as classes, mesmo antes de positiva confirmação.

O coronel Pires activava na fronteira o serviço de fortificações ligeiras e, em alguns pontos dominantes, fez levantar muralhas capazes de resistir aos tiros de possante artilharia. Esperava os revoltosos para detel-os deante de sua linha de fogo, confiante como declarou, no valor, bravura e patriotismo do povo paulista, representado alli por alguns milhares de homens resolutos e dispostos a defender o solo paulista e as instituições republicanas.

As noticias da Lapa fizeram crescer em todo São Paulo o mais vivo interesse pela causa legal. Varias localidades organizaram novos contingentes de voluntarios, enviandos-os para a capital. Algumas municipalidades e directorios republicanos puzeram á disposição do presidente de São Paulo quantidade de cavallos, que a localidade offerecia, e até dinheiro. Entre esses corpos municipaes, destaca-se o de São Carlos, pelo valor da offerta. Caçapava e Porto Feliz, contribuiram com muitos contingentes de voluntarios.

Na capital não era menor o interesse pela lucta.

Corpos de voluntarios eram formados em poucos dias, após o lançamento da idéa de organização. Para alguns delles affluia tal quantidade de homens que se tornou necessario dividil-os, formando novas unidades. Isso aconteceu especialmente com o 1.° corpo de voluntarios paulistas, que o tenente Gasparino de Castro Carneiro Leão, ajudante de campo do commandante do districto, organizava em São Paulo, e para o qual foi acclamado commandante pelos proprios voluntarios alistados. Dois luzidos batalhões, garbosos e decididos, assim se organizaram. Para elles obteve o coronel Jardim 20 officiaes sahidos da escola militar. Gasparino e Lago, commissionados em tenentes coroneis, foram designados para commandal-os.

O dr. Bernardino fizéra adquirir em Buenos-Aires maior quantidade de armas, e assim podia prover de armamento todos os contingentes e corpos de voluntarios que se formassem.

Havendo sido criado no Rio o 3.° batalhão provisório do exercito, não podia ser militarmente instruido e partir para seu destino, por falta de armamento nos depositos da guerra.

Para movimental-o, o general Costalat teve de recorrer á constante bôa vontade do dr. Bernardino, pedindo fornecimento de fuzis. Em despacho de 20, dizia elle :

> **Presidente de São Paulo.** — Tenho organizado o 3.° batalhão provisório de linha, com cerca de 400 praças. Falta, porém, o armamento moderno a esse batalhão, cuja marcha para Itararé depende de vossa resposta. Saúdo-vos.
>
> GENERAL COSTALAT.

A resposta, dada no mesmo dia, foi a seguinte : « Darei aqui todo o armamento ao 3.° batalhão provisório que vier »

Alguns dias depois chegava esse batalhão á capital de S. Paulo, para ser provido.

Teve no dia 21 plena confirmação a carta do coronel revoltoso Telemaco Borba.

O tenente coronel da guarda nacional, Antonio Leopoldo dos Santos, conhecedor da fronteira e enviado pelo coronel Pires Ferreira a Jaguariahyva, trouxéra confirmação da triste noticia da morte do coronel Carneiro, no dia 8, e da rendição da Lapa no dia 11. A guarnição ficára ao mando do coronel Lacerda, desde o dia 8.

Havia 10 dias que o heroico reducto cahira em poder de Gumercindo.

Em caminho, aquelle emissario soube que Gumercindo e Piragibe chegaram á Jaguariahyva, com uma columna de perto de 500 homens, não podendo, porém, averiguar a veracidade do facto, por ter sido forçado a embrenhar-se nas mattas, para livrar-se da viva caça que lhe deram os federalistas. Para confirmar suas asserções sobre a quéda da Lapa, trouxéra um boletim impresso com a acta da capitulação e que era a seguinte :

> « Aos onze dias do mez de fevereiro de mil oitocentos e noventa e quatro, na cidade da Lapa, no quartel general da segunda brigada, presentes os generaes Gumercindo Saraiva, commandante do exercito revolucionario do Rio Grande do Sul e em chefe das forças em operações neste estado; Antonio Carlos da Silva Piragibe, commandante do primeiro corpo do exercito nacional provisório ; Laurentino Pinto Filho, commandante do segundo corpo do mesmo exercito; coronel Julião Augusto de Serra Martins, commandante da primeira brigada; coronel Joaquim Lacerda, commandante da segunda brigada; os officiaes abaixo assignados, pertencentes ás referidas brigadas,— por elles foi convencionada a

capitulação da praça da Lapa, sob as seguintes condições : Os tres generaes, como representantes do governo provisório da Republica dos Estados Unidos do Brazil, acceitam a capitulação, concedendo aos commandantes e mais officiaes da guarnição todas as honras de guerra, attendendo á forma heroica por que defenderam a praça, rendendo-se apenas por circumstancias especiaes supervenientes, sendo-lhes entregues todas as armas, munições e tropas. Aos officiaes é concedida plena liberdade e meios de transporte, dentro do estado, para com seus bagageiros tomarem o destino que lhes convenha, sob condição de não mais tomarem armas contra a revolução, que tem por fim a defesa da constituição e das leis da Republica.

É do mesmo modo garantida a liberdade, vida e propriedade de todos os civis que se acharem em armas e que não queiram adherir á nossa causa, devendo tambem fazer entrega de armas e munições. E por acharem todos conforme lavrou-se a presente acta, que assignam. Gumercindo Saraiva, Antonio Carlos da Silva Piragibe, Laurentino Pinto Filho, coronel Julião Augusto da Serra Martins, Joaquim Lacerda, capitão Augusto Maria Sisson, major Ignacio Gomes da Costa, alferes Secundino Eustachio da Cunha, capitão José Olintho da Silva Castro, 2.° tenente Mario Alves Monteiro Tourinho, capitão Praxedes A. Morocines Borba, tenente José Lourenço C. Chaves, alferes Alvaro Cesar da Cunha Lima, capitão Clementino Paraná, major Frederico Koch Angelo, tenente José Mansbergert, tenente Alberto J. Ponallz, major Menandro Barreto, tenente José Meirelles, alferes Amaro Cecilio de Oliveira, alferes Domingos José dos Santos, tenente coronel Libero Guimarães, capitão Torquato Pinho Ribas, alferes Pedro Hoffmann, alferes Ascendino Ferreira do Nascimento, tenente Oscar Candido Capell, capitão dr. José Scutari, commandante do pelotão de sapadores; alferes Candido Gomes Coelho (dos Sapadores); alferes Junkwal-

der, tenente Ricardo Stiegler, alferes Quintino Jaguaribe de Oliveira, alferes Candido José Pamplona, alferes Max Schieler, alferes Antonio Gomes Ferreira, alferes Mancel A. Botelho Athayde, major de engenheiros, Joaquim Gonçalves Junior, tenente coronel Emilio Blum, Americo Vidal, alferes Theodoro T. Mello, tenente Raymundo de Abreu, major Filippe Schmidt, dr. tenente medico Filippe Maria Volff, capitão José Maria Sarmento de Lima, tenente Adalberto Menezes. »

Estava portanto imminente o encontro, caso se confirmassem as noticias trazidas por aquelle emissario, quanto á presença de tropas revoltosas, nas proximidades de Itararé.

O dr. Bernardino não deixou a força sem o conforto de seu apoio. Novas tropas enviou para a fronteira, em numero sufficiente para constituir uma segunda linha de defesa, apoiada nas reservas que São Paulo aprestava com urgencia. Os trens conduzindo tropas e provisões succediam-se, havendo uma crescente necessidade de transporte para Tatuhy. Desta cidade telegraphou o major Gabriel de Carvalho, elogiando o serviço dos encarregados e noticiando a chegada da sua força, assim como a de São Carlos, na melhor ordem.

As pontes sobre o Paranápanema e Apiahy precisavam de reforço, por serem pontos estrategicos de muita importancia e certamente visados pela sagacidade dos revoltosos. Isso não escapou ao presidente do estado, que mais um vez recorreu a Sorocaba, pedindo 150 homens, para seguirem a guarnecer aquelle ponto.

O coronel Manoel Nogueira Padilha aprestou sem demora esse contingente, fazendo-o marchar sob o commando de um official competente.

As cavalhadas, adquiridas em varios pontos do estado, eram remettidas para os depositos em Tatuhy,

onde o incansavel e prestimoso paulista, tenente coronel dr. Carlos Garcia, se encarregava de lhes dar destino, segundo as necessidades. Alli procedia o dr. Carlos Garcia a minucioso exame nos animaes chegados.

As cavalhadas, que nos ultimos dias lhe foram entregues, não as quiz elle receber, porque da parte dos intermediarios havia manifesto abuso e falta de criterio. E' assim que, dos 170 cavallos procedentes de Botucatú, bem poucos eram aproveitaveis. Dizia elle em seu despacho ao presidente do estado : « Como era meu dever, fui ver os animaes e desses não ha vinte que prestem. Assim, não os recebi, por ser um escandalo. Não servem para cavallaria ; existem até aleijados. »

O dr. Raphael Sampaio, que em Botucatú auxiliava as autoridades com o melhor do seu esforço, adquiriu e remetteu nova e bôa cavalhada.

O general Pires Ferreira reclamava cavalhada, para fazer montar um esquadrão de cavallaria, que servisse para esquadrinhar e reconhecer o terreno além-fronteira, e mesmo para internar todo o gado que encontrasse nas fazendas proximas.

Era indispensavel uma exploração continua, tanto mais que um outro emissario, que tinha sido expedido para levar ao coronel Carneiro, na Lapa, o plano de avanço da divisão, — cuja organização o coronel Pires Ferreira ultimára com a chegada de novas tropas, — retrocedêra de Jaguariahyva.

As estradas e a cidade de Castro estavam guarnecidas por tropas federalistas, avaliadas em 2000 homens. Em Jaguariahyva, dizia o emissario, estava uma força approximadamente de 200 homens, na sua maioria argentinos e orientaes (!), além de indios, armados de lança, meias luas e outras armas extravagantes.

Era de tal força, assim organizada, que a columna bem municiada e militarmente instruida receava o avanço e temia o contacto !...

O commandante da divisão receava que sua retaguarda fosse cortada, em virtude dos innumeros passos existentes nos flancos, onde a columna apoiava suas alas. Rio Verde e Capella, embora fortemente guarnecidos, pela distancia a que se achavam da columna, não lhe poderiam servir de apoio. Entre essas localidades, existiam passos de somenos importancia, mas que permittiam a invasão de infantaria, para hostilizal-o pela retaguarda, apoderando-se de comboios, que demandassem Itararé, e difficultando a passagem de reforços, vindos de Tatuhy.

6.

Despesas de guerra feitas pelo estado de São Paulo. — Organização das tropas na fronteira. — Noticias fornecidas por um official revoltoso que abandona a lucta. — Abastecimento das tropas. — Continúa inalterada na fronteira a situação criada pela revolta. — Derrota da columna federalista. — A columna legal resente-se da falta de cavallaria. — Guarnição da ponte do Paranápanema. — O batalhão « Francisco Glycerio » em Tatuhy.

A acquisição de armas e munições, em grande quantidade; a confecção de fardamento, equipamento e calçado para todas as tropas em operações; a compra de milhares de cavallos e muares arreados, para o serviço da columna; a manutenção de perto de 8.000 homens em armas, no littoral e na fronteira, e daquelles que foram servir no Paraná, — tudo pesava fortemente nos cofres publicos de São Paulo, exhaurindo os saldos alli accumulados.

Havia promessa do governo federal de indemnizar promptamente todas as despesas, de qualquer natureza, que São Paulo fizesse para defender a Republica. Esses dinheiros eram adiantamentos que o estado fazia á União. Além disso, a União devia a São Paulo para mais de 6.000 contos, de rendas arrecadadas e pertencentes ao estado. Como as despesas feitas com as tropas não poudessem soffrer suppressão, o governo de São Paulo instou, mais uma vez, não só pela restituição das rendas arrecadadas, como tambem pela remessa de algum dinheiro, por conta do adiantamento feito á União.

Os pedidos ficaram sempre sem resposta, porque talvez o serviço de defesa do Rio contra a esquadra não offerecesse opportunidade para uma verificação de contas.

Em face do silencio observado, passou no dia 23 o presidente de São Paulo o seguinte telegramma ao presidente da Republica :

> **Marechal Floriano Peixoto. — Palacio. — Rio.** — Confirmo com o maior empenho meu telegramma sobre adiantamento, de que precisamos com urgencia. A União, sem falar no adiantamento ultimo, deve-nos de rendas nossas arrecadadas mais de 6.000 contos, conforme já está verificado. Parece, pois, de justiça, sermos attendidos, quando Minas e Espirito Santo, que não podem merecer mais que São Paulo, já foram completamente pagos de divida identica e quando não precisavam de dinheiro. Além das despesas proprias, como sabe, estamos fazendo despesas de guerra. Conto, pois, com sua ordem no sentido pedido.
>
> BERNARDINO DE CAMPOS.

O numerario escasseava para pagar fornecimentos diversos feitos ás tropas e mesmo para satisfazer compromissos tomados em Buenos-Aires. Ahi o ministro brazileiro adquirira para a União, e por conta de São Paulo, mais alguns milhares de fuzis, dos quaes mil foram cedidos ao Rio Grande do Sul, por intermedio dos drs. Assis Brazil e Victorino Monteiro.

E não era um favor que o governo de São Paulo pedia : — solicitava com instancia restituição de adiantamento e entrega de rendas arrecadadas. As forças em operações estavam na mór parte ao soldo dos cofres paulistas.

Do imposto de transito, arrecadado pela Estrada de Ferro Central, só tardiamente e difficilmente recebeu São Paulo, e parte em titulos, o que lhe era devido.

A fronteira possuia, em 24 de fevereiro, data da promulgação da constituição, cerca de 3.000, homens ao mando do coronel Pires Ferreira, com os quaes orga-

nizou uma divisão, fraccionando-a em brigadas e nomeando o pessoal do seu estado maior.

Ao distinto paulista e esforçado patriota, dr. Alvaro de Carvalho, tenente coronel da guarda nacional da capital, foi confiado, na columna, o posto de maior destaque, a chave, por assim dizer, de todo movimento da machina administrativa militar, — o de assistente geral da divisão. Melhor escolha não poderia fazer o coronel Pires. Com sua illustração, intelligencia e zelo, confirmou o dr. Alvaro o conceito em que era tido e a confiança que nelle merecidamente depositava o commandante da divisão. Nesse posto acompanhou a columna até Castro, tendo parte activa na sangrenta tomada da cidade e expulsão dos federalistas.

Mesmo forte como estava a linha de defesa, ainda não cessava a remessa de forças e de elementos indispensaveis, que tornassem segura a victoria nos campos do Paraná, para onde a columna ia internar-se. Trezentas bestas, além das que já possuia o trem, foram postas á disposição do coronel Pires Ferreira.

Nesse mesmo dia, partiram com destino á fronteira duas metralhadoras guarnecidas, com ordem de chegar rapidamente áquelle ponto.

Outros contingentes tambem partiram, para engrossar a divisão. Tres dias mais tarde, 162 praças embarcaram com o mesmo destino, escoltando um grande comboio de generos, que se formára em Tatuhy. Dessa força faziam parte 23 voluntarios, chegados de Mocóca, e 74, de São José dos Campos, trazidos pelo tenente coronel Cardim, commandante do 72.° batalhão da guarda nacional.

No dia 26, embarcou no Rio, com destino a São Paulo, o batalhão patriotico *Francisco Glycerio*, com 230 praças.

O coronel Pires Ferreira queria formar uma segunda divisão e, para isso, pedia incessantemente elementos ao presidente de São Paulo e ao governo da União.

Esse batalhão patriotico chegava opportunamente, para servir de nucleo á 3.ª brigada, em organização na fronteira.

No dia 27, o capitão revoltoso Luiz Pinto Pereira transpôz a rede de postos avançados no Itararé, indo apresentar-se ao commandante da divisão, ao qual declarou ter abandonado as fileiras dos federalistas, a fim de se recolher ao seio de sua familia, na Capital Federal. Relatou a rendição da Lapa, a que assistira, por ter feito parte das tropas sitiantes, e a morte do coronel Carneiro, no dia 9, em consequencia de graves ferimentos recebidos.

Disse que Paranaguá estava sendo activamente fortificado e que Gumercindo alli embarcára em navios revoltosos, com 1.200 homens, para ir atacar Santos que seria bombardeado pela esquadra. Laurentino Pinto e Piragibe, com 2 000 homens do 17.°, 25.° e toda policia militar de Santa Catharina, marchavam para invadir São Paulo, pela fronteira norte do Paraná. Confirmando, a morte do coronel Dulcidio, na Lapa, contou que os seus companheiros saquearam a cidade, não escapando siquer os sagrados despojos do coronel Carneiro.

Havia desconfiança de se estar tratando, não com um revoltoso arrependido, mas sim com um espião, enviado para reconhecer as posições occupadas pela força legal. Por isso o coronel o submetteu a varios interrogatorios, conservando-o preso no acampamento, até elucidação do caso. Alguns dias após foi remettido, escoltado pelo tenente Sarmento, para São Paulo, de onde seguiu para o Rio de Janeiro.

Um facto, que no momento não tinha explicação, veiu por alguns dias contristar e preoccupar o espirito do dr. Bernardino de Campos.

Em Itararé começavam a escassear viveres e forragem, que o dr. Bernardino enviava constantemente, e

em tal quantidade que chegaria fartamente para supprir tropa mais numerosa do que aquella.

O coronel Pires Ferreira pedia ao presidente que não deixasse de prover regularmente a tropa, porque na fronteira não encontraria recurso de especie alguma.

Admirava-se, e com justa razão, o presidente de São Paulo que tal facto se produzisse e, por isso, para pôr um paradeiro aos desvios de generos, para cujo recebimento e expedição em Faxina havia um encarregado, telegraphou ao coronel Pires Ferreira, nestes termos : — « Convém ter em Faxina pessoa de confiança, incumbida de receber viveres, armas e munições, que estou remettendo em grande quantidade. É da maior importancia fiscalizar os recebimentos lá. Tem ido desde o principio tanta cousa que é admiravel faltar. Aviso-o de que existem, nos pastos ou invernadas dahi, centenares de cavallos que tem ido com officiaes e praças, e outros que comprou ahi o Crescencio. Mandae procurar e aproveitar. »

Essas irregularidades cessaram sómente, quando o capitão Carlos de Campos foi incumbido de superintender o serviço em Faxina, por ordem do coronel Pires Ferreira.

Tudo fez movimentar alli o presidente de São Paulo, de modo que ás tropas em operações não faltassem generos de primeira necessidade. Existiam no serviço de transporte mais de 1.500 bestas arreadas. Divididas em comboios ou lotes, estavam em continuo movimento conduzindo provisões. Mesmo assim, mandou o dr. Bernardino adquirir maior quantidade de muares para augmentar o serviço, recommendando muito ao dr. Carlos Garcia e ao coronel Fernando Prestes que não deixassem, sob pretexto algum, parar ou cortar-se o andamento do pessoal e cargas. Desse modo, não poderiam mais ficar em abandono, na Faxina, viveres, armas, munições, animaes, etc.

Era bem motivado o exaspero do dr. Bernardino, ao

verificar o mallogro dos seus esforços, no sentido de provêr a columna de todo o necessario.

O coronel Pires reclamava munição de guerra, quando mais de um milhão de cartuchos haviam sido remettidos para a fronteira, assim como muitos milheiros de fuzis *Comblain*, com a respectiva munição. Não podia o presidente do estado comprehender como é que, tendo seguido tanta provisão para a fronteira, quasi nenhuma chegára ao seu destino. Em geral, seguiam as munições com os batalhões, ou sob escoltas enviadas de São Paulo até Faxina.

Para que bem se possa avaliar da desidia que reinava em Faxina, no serviço de aprovisionamento, basta dizer que o dr. Pedro de Toledo, dando busca nos depositos, encontrára grande quantidade de cunhetes de munição servindo de camas para os soldados da guarda nacional. Mesmo em Itararé, onde a fiscalização devia ser real, foram descobertos, sob uma pilha de saccas de assucar, muitos outros cunhetes de munição *Mannlicher*. Eis porque não havia lá munição em quantidade sufficiente. Simples falta de cuidado, por parte dos encarregados.

Quanto aos generos alimenticios, a desidia não era menor. A falta de fiscalização nos caminhos dava occasião a que tropeiros, pouco escrupulosos, deitassem fóra parte da carga, para aliviar o peso, como ficou verificado pelo dr. Carlos Garcia, esforçado auxiliar do governo.

Para a columna do Rio Verde, foi tambem organizado um serviço de transporte, de que ficou encarregado o coronel Anacleto Pires.

No dia 1.º de março continuava inalterada na fronteira a situação, criada pela revolta e pelas noticias de approximação das forças federalistas. Disso teve conhecimento o dr. Bernardino, que se não illudia quanto á relativa tranquillidade, em que os federalistas deixa-

vam São Paulo. É que naturalmente amadureciam o plano combinado e disciplinavam e instruiam os corpos de voluntarios, que no Paraná criavam. Por isso não deteve na capital os varios contingentes, que o interior continuava a fornecer, — fazendo-os partir in-continenti para a fronteira.

Ainda no dia 2, marcharam 258 homens para a fronteira, a fim de reforçar a guarnição, emquanto outras forças eram apparelhadas para o mesmo fim.

Cerca de 1.000 homens se preparavam na capital, para se pôrem a caminho: — o 1.º e 5.º batalhões provisórios de infantaria de linha e o batalhão patriotico *Francisco Glycerio*. O regimento provisório de cavallaria, que estava sendo organizado em Itapetininga, e contingentes da guarda nacional, deviam reunir-se a essa columna, além de 50 praças de cavallaria de policia. Em Tatuhy estavam sendo organizados um esquadrão de cavallaria e uma companhia de infantaria, para serem incorporados á divisão Pires.

Noticias vindas do Rio Grande do Sul diziam que os federalistas, ao mando dos chefes David Ulysses e Cabeda, tinham sido derrotados pela columna do general Hyppolito, com grandes perdas de homens e materiaes. Os prisioneiros, que se achavam em poder dos revoltosos, foram todos resgatados.

Os revoltosos, que estavam em operações no Paraná não podiam ter suas columnas reforçadas com contingentes vindos do Rio Grande do Sul, pois nesse estado a revolta se achava em lucta com as forças legaes.

Outros pontos da extensa fronteira, onde surgiam espiões, foram guarnecidos com fortes contingentes. Sorocaba enviou tropa pela Villa de Piedade, para guarnecer a serra proxima de Iguape.

Foram guardados os portos de Allemôa e Maria Ferreira, no Rio Verde. Estendeu-se a vigilancia até

São José do Christianismo, passo accessivel a tropas ligeiras.

Em Itararé era perfeito o serviço de segurança, que exercia continua vigilancia além da fronteira, cobrindo um extenso sector.

Os emissarios federalistas que, chegavam a aventurar-se até proximo da linha, ainda escapavam illesos e levando preciosas informações que colhiam no local provavel da acção. Assim, a falta de cavallaria nos postos avançados era muito sensivel. A que fôra possivel organizar e enviar para a fronteira estava empregada em varios serviços imprescindiveis, não permittindo ser distrahida para outros pontos.

O coronel Pires Ferreira reclamava instantemente o regimento de cavallaria, que o major Maciel organizára em Tatuhy e que não se movia, apesar de ser muito necessaria sua presença no ponto de destino.

O dr. Carlos Garcia, sabedor das instantes solicitações do commandante da fronteira, telegraphou ao dr. Bernardino, dizendo : — « Creia que, si o Maciel não sahir depois de amanhã cedo (6 de março), como prometteu ao receber um outro telegramma do Pires, vou com 50 homens de cavallaria prestar serviços tão necessarios. Com 40 homens que dei, e esses que vieram da policia, Maciel já podia prestar serviços relevantes. Mas, com franqueza : — elle não tem enthusiasmo e não sei quando chegará. »

No dia 6 partiu, de facto, o regimento.

O tenente coronel Carlos Garcia obtivéra do commandante superior mais uma companhia de guerra, do batalhão 172.° da guarda nacional de Sorocaba, sob o commando do capitão Manoel Januario de Vasconcellos, que se fizéra acompanhar de tres subalternos. Essa companhia seguiu para reforçar a guarnição da ponte do Paranápanema, para onde, era de supôr, se arrojaria parte da hoste federalista em marcha. Era essa companhia composta de homens conhecidos pelas

suas idéas republicanas, enthusiastas pela causa que conscientemente defendiam : — em Tatuhy, onde chegaram no dia 5, mostraram-se desejosos de se pôr em marcha immediatamente para a fronteira.

O batalhão *Francisco Glycerio*, que tambem chegára áquella cidade no mesmo dia, vindo organizado do Rio com 209 praças e 21 officiaes, sob o commando do tenente coronel Servilio Gonçalves e fiscalização do major Arthur Neptuno de Bolivia, procedeu de tal modo em Tatuhy, que o dr. Carlos Garcia viu-se forçado a pedir a sua retirada urgente, para tranquillizar a população. Os officiaes não empregavam severidade sufficiente para contel-as, auxiliando os esforços do respectivo commandante nesse sentido.

IV

A retomada do Paraná.

I.

As tropas federalistas avizinham-se da fronteira. — Navios revoltosos cruzam as aguas de São Paulo : — reforçam-se as guarnições do littoral. — O commandante das forças legaes não considera opportuno tomar a offensiva. — Noticias do sul : — o batalhão " Franco Atiradores " adhere á revolta. — As tropas federalistas ameaçam os passos guarnecidos da fronteira. — Substituição do coronel Pires Ferreira pelo general Quadros. — A Divisão Pires Ferreira interna-se no Paraná.

A ameaça de invasão pesava sobre as forças que guarneciam a fronteira e o ataque estava prestes a effectuar-se, pela vizinhança das tropas federalistas, que se achavam apenas afastadas de São Paulo por algumas jornadas de marcha, segundo affirmava o dr. Xavier da Silva, que no dia 15 estava em Jaguariahyva.

Dizia elle que, em data de 12, Juca Tigre passára por Pirahy com uma columna de 1.000 homens, dirigindo-se em marchas rapidas para Jaguariahyva, vindo atraz, a um dia de caminho, Gumercindo Saraiva, com outra forte columna.

Pela sua procedencia, desta vez, a noticia não podia ser acoimada de falsa. Trouxéra-a pessôa conhecida e de confiança do dr. Xavier.

A victoria da legalidade, pela rendição da esquadra revoltosa, determinára prompta execução do plano, pre-

viamente traçado pelos federalistas do sul. Os navios que ainda se achavam em poder da revolta, era corrente, estavam cruzando aguas paulistas e não tardariam em desmascarar os seus intuitos.

Na fronteira e no littoral anciavam as forças legaes pelo choque, para assim terminar definitivamente a tão prolongada espectativa de luctas, que não se effectuam, porque os revoltosos não realizavam, em relação á São Paulo, seus planos de ataque.

Do mesmo modo pensava e agia o presidente do estado. Por isso mandou augmentar a guarnição do littoral e enviou para Itararé novos contingentes, fazendo substituir por fuzis *Mannlicher* o armamento antigo do 9.º batalhão do exercito, que o governo federal enviára para a fronteira.

Ao coronel Pires Ferreira pediu que seguisse com toda a força para dentro do Paraná e se estabelecesse na Serra das Furnas, à 17 leguas da fronteira, ponto favoravel para deter as forças dos revoltosos. Para isso convinha invadir o Paraná pelo Itararé e São José do Christianismo.

O commandante da divisão não achou conveniente retirar-se de São Paulo, deixando os depositos sujeitos a um golpe de audacia dos federalistas, que elle dizia estarem em Serro Azul. Preferia não tomar a offensiva.

Quando o dr. Bernardino lembrára esse alvitre, fizéra partir de São Paulo, para guarnecer a fronteira e os depositos, o 2.º batalhão de voluntarios paulistas, em substituição das forças que partissem.

Em despacho de 17, o coronel Pires Ferreira dizia saber que tinham chegado forças em Jaguariahyva em numero de 3000 homens, com dez a quatorze boccas de fogo e 200 cavalleiros bem montados.

Si forças equivalentes chegassem a galgar as Furnas, nem 10000 federalistas attingiriam Jaguariahyva.

De Jaguariahyva, Piragibe dirigiu uma proclamação, -

que mandou entregar em mãos do commandante da fronteira. O portador do officio, pessôa a serviço do dr. Xavier da Silva, informava que em Jaguariahyva tinham chegado duas columnas e esperava-se ainda uma terceira.

Uma das columnas, informou o portador, movia-se já em demanda da fronteira. Essas noticias, como se devia prevêr, determinou grande movimento na linha de defesa, que se aprestava para entrar em acção. O mesmo informante trouxéra officios do coronel Piragibe, para os commandantes do batalhão *Campineiro* e *Frei Caneca*. — O coronel Pires não consentiu que taes communicações fossem entregues.

As noticias trazidas por esse *proprio* foram confirmadas pelo tenente Xandó, do batalhão *Franco-Atiradores*, que conseguira evadir-se das mãos dos revoltosos e se apresentára ao commandante da divisão no dia 20. Os seus companheiros, inclusive o commandante do batalhão, passaram-se para os revoltosos, fazendo uma vergonhosa adhesão á revolta.

Disse o tenente Xandó que em Bom Successo estavam 200 homens; em Serro Azul, 800; em Serrinha, 400 ; havendo tropas em outros pontos.

Os revoltosos, como se vê, e como receava o dr. Bernardino de Campos, tivéram tempo de sobejo para reorganizar suas tropas e trazel-as frescas, instruidas e disciplinadas, até proximo da fronteira, ameaçando todos os passos guarnecidos.

A inercia em que longo tempo, permaneceram as tropas legaes refreadas nos seus impetos pelo commandante, — que sempre achava inopportuno qualquer movimento para a frente, — fizéra resaltar a audacia com que os federalistas desafiavam os defensores da legalidade, enviando-lhes reptos e intimações de rendição.

A esse tempo, os dirigentes da nação, fizeram substituir o coronel Pires Ferreira no commando em

chefe. Para commandar as tropas de defesa na fronteira, foi nomeado o general de brigada Francisco Raymundo Ewerton Quadros, tendo ordem expressa de tomar in-continenti a offensiva e desembaraçar o estado do Paraná da occupação federalista.

Parece ter sido enorme a surpresa do coronel Pires Ferreira. A inesperada substituição produziu-lhe visivel abatimento e desanimo, que nem mesmo procurava occultar. Servia a causa com extrema lealdade e por isso se julgava ao abrigo de tal golpe. O coronel Pires sempre considerou esse acto do Marechal Floriano como uma desconsideração. Nada disso, certamente viria empanar o brilho dos seus galões de militar brioso. Todas as satisfações, dadas pelo Marechal e pelo ministro da guerra, não o convenceram sufficientemente, como deixava transparecer em seus telegrammas.

Ao partir do Rio, o general Quadros já havia combinado com o ministro da guerra seu plano de commando e de organização. Seria constituido, como era desejo do presidente de São Paulo, um corpo de exercito com duas divisões e duas brigadas cada uma.

O coronel Pires Ferreira, após a nomeação do general Quadros, resolveu, internar-se no Paraná, com parte da divisão de seu commando, ao encontro das columnas federalistas. Estas retrocederam para Castro, precipitadamente. Já deviam ter feito indagações na fronteira, convencendo-se da superioridade das forças legaes.

No dia 21 telegraphou de Itararé nestes termos ao dr. Bernardino.

> **Ao presidente de São Paulo.** — Antes de invadirmos Paraná, em nome da divisão que ainda commando, apresento-vos sinceras felicitações, como representante legal que sois do brioso povo paulista, pela fuga precipitada dos revoltosos ; ao mesmo tempo enviando as nossas despedidas, peço per-

mittir que vos manifeste nossos sinceros agradecimentos a vós, pelas constantes gentilezas a todos dispensadas.

CORONEL PIRES FERREIRA.

Nesse mesmo dia pôz-se a columna em movimento para o interior do Paraná, com immenso enthusiasmo de todos os homens, que partiam victoriando o governo da União e do estado. Em Itararé ficaram duas boccas de fogo, guarnecidas com 50 praças, os doentes e um pequeno contingente de infantaria. Todas as forças, postadas nos passos da extensa fronteira, avançaram simultaneamente, Ribeira, Rio Verde e Paranápanema foram transpostos nesse mesmo dia. Era intenção do coronel Pires Ferreira chegar em marchas forçadas a Castro, antes do commandante do corpo do exercito, e empossar no governo do Paraná o dr. Vicente Machado, que havia partido para Jaguariahyva.

No dia 22 partiu de São Paulo, com destino ao Itararé, o general Quadros, levando oito officiaes do seu estado maior e o 2.° batalhão de voluntarios paulistas, com 212 praças e 21 officiaes.

O general, como ficou dito, tinha ordem de organizar um corpo de exercito, para o que São Paulo preparava forças e aguardava os batalhões de linha, que a União promettêra enviar. O 9.° de linha, com 500 praças e 21 officiaes, já se achava em São Paulo, esperando o 1.° regimento de cavallaria e 2.° batalhão da guarda nacional, para se pôr em caminho, com destino á fronteira.

Tratava-se então de terminar de vez com a revolta, que já durava demais. Em Tatuhy essas tropas encontrariam cavalhadas e trens de combate preparados e, em todo trajecto até Itararé, se agasalhariam em ranchos de palha construidos para esse fim, e tendo viveres para distribuição.

No dia 24 transitou tambem por São Paulo o coronel Manoel Eufrazio dos Santos Dias, nomeado para commandar a 2.ª divisão do exercito, criada em virtude da organização dada ás tropas em operações.

O coronel Pires Ferreira invadira o Paraná com sua forte divisão, por todos os pontos, sem nada mais temer, quanto a sua retaguarda, por saber que proximo da fronteira outra columna, igualmente forte, avançava rapidamente.

Era immenso o regosijo das tropas e do povo da fronteira pela invasão do estado, em que a revolta dominava. A columna, provida de tudo pelo presidente de São Paulo, marchava desembaraçadamente, confiante na victoria, que não tardaria, desde que tomasse contacto com os federalistas.

O dr. Vicente Machado, antes de internar-se no Paraná, endereçou ao presidente do estado o seguinte despacho :

> Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. — A valorosa columna, ao mando do bravo coronel Pires, Ferreira pisa territorio paranáense. Em nome do estado do Paraná, vos envio, com as cordiaes saudações dos paranáenses, os nossos agradecimentos pelas finezas que nos dispensastes. *Viva o estado de São Paulo !*
>
> VICENTE MACHADO.

No dia 24, vencendo caminhos difficeis e em penosissima marcha, acampára a columna na Fazenda Nova. O estado sanitario e o moral das praças se conservavam bons. O enthusiasmo era geral.

Nesse acampamento, recebeu o commandante da columna, do presidente de São Paulo, o seguinte cordialissimo despacho :

Ao Coronel Pires Ferreira. — Itararé. — Agradeço saudações. Levaes em vossa jornada patriotica a esperança e a confiança de São Paulo e da Republica.

BERNARDINO DE CAMPOS.

Dois dias após entrava a columna em Jaguariahyva, recentemente abandonada pelos revoltosos, que batiam em franca retirada para o sul.

2.

O general Quadros chega a Itararé : — sua primeira ordem do dia. — Enthusiasmo causado pelo avanço da divisão Pires Ferreira. — Reforça-se ainda a guarnição da fronteira. — O 2.º batalhão de « Voluntarios Paulistas » insta para tomar parte directa na lucta, no interior do Paraná. — Organização dada ao corpo de exercito pelo general Quadros. — Occupação da cidade de Castro : — victoria das forças legaes. — O 2.º batalhão da policia de São Paulo chega a Paranaguá, de onde parte para Curityba. — O batalhão paulista em Curityba. — Posse do dr. Vicente Machado. — Distribuição de serviço pelas tropas.

O general Quadros estava proximo a attingir a fronteira. Por onde passou teve carinhoso acolhimento, da população e das tropas, que ia reunindo para formar a 2.ª divisão, que seria commandada pelo coronel Santos Dias, tambem em caminho para Itararé.

Em 28 o general Quadros attingiu aquelle ponto, baixando a seguinte ordem do dia :

Quartel general do corpo do exercito em operações nos estados do Paraná e Santa Catharina, e do 5.º districto militar, São Paulo, Villa do Itararé, em 28 de março de 1894.

ORDEM DO DIA N.º I

Para conhecimento deste corpo de exercito, publico o seguinte :

Organização do corpo de exercito.

« Assumindo o commando das forças em operações no 5.º districto militar (estado do Paraná e Santa Catharina) faço publico, para conhecimento das mesmas,

que, de conformidade com as determinações do governo, de 21 do corrente, ficam essas forças formando um corpo de exercito, constituido de duas divisões, de duas brigadas cada uma, sendo a primeira commandada pelo coronel Firmino Pires Ferreira e a segunda pelo coronel Manuel Eufrazio dos Santos Dias.

A arma de artilharia formará um commando á parte, para o qual foi nomeado o coronel Ricardo Fernandes da Silva.

Nomeio para exercer interinamente as funcções de chefe do estado maior do corpo de exercito e coronel Ricardo Fernandes da Silva, sem prejuizo do cargo que exerce de commandante geral de artilharia, e para ajudante de ordens e secretario interino deste commando o alferes honorario Joaquim Augusto Freire, cargo que já exerce desde 22 do corrente.

Approvo finalmente a indicação feita pelo coronel Ricardo Fernandes da Silva do alferes em commissão, José da Fonseca Moraes, para o cargo de ajudante de ordens do commando geral de artilharia e de assistente junto ao mesmo commando. *O general de brigada Francisco Raymundo Ewerton Quadros.*

O avanço da divisão Pires, para dentro do Paraná, agitou profundamente os corações patrioticos em todo o estado de São Paulo. De toda a parte affluiam contingentes de tropas, offerecimentos diversos e sinceros applausos pela resolução tomada de invadir o Paraná, fazendo recuar precipitadamente a horda federalista, que tomava direcção de Palmas e Guarapuava.

O primeiro contingente que chegou á capital, para ir a Itararé incorporar-se á segunda divisão, que alli se formava, foi o de Casa Branca, commandado pelo capitão Nilo Vieira. Era uma força bem organizada, com elementos bons da localidade, todos patriotas e enthusiastas pela causa do governo.

O 1.° regimento de cavallaria partiu no dia 29 com

3o officiaes e 400 praças e no dia 7 de abril, o 2.° batalhão da guarda nacional da Capital Federal, tambem com 3o officiaes e 425 praças. Estes corpos deviam aguardar em Tatuhy a chegada de dois outros batalhões da guarda nacional, o 15.° e o 2.°, para juntos se porêm em marcha. Com o ultimo batalhão veiu o commandante da brigada, coronel José Delgado Dias de Carvalho, que deu eloquente prova de patriotismo, seguindo para o theatro da lucta, apesar de sua posição inteiramente independente e avançada idade.

O 2.° batalhão teve seu armamento substituido em São Paulo, a pedido do ministro da guerra. Alguns dias depois partiram com o mesmo destino o 10.° regimento de cavallaria, que a terminação da revolta da armada permittira ser retirado de Santos, e o batalhão *Lauro Müller*, organizado em São Paulo com elementos de escól, em homenagem ao esforçado militar e illustrado politico catharinense.

A briosa mocidade paulista, componente do 2.° batalhão de voluntarios, que partira para Itararé acompanhando o general Quadros, não queria conformar-se com o papel passivo, embora honroso, de guardas da fronteira do seu torrão natal. Queria, a todo custo, partir com a 2.ª divisão, que tambem ia internar-se no Paraná, em perseguição das fugitivas columnas federalistas.

Esses moços pediram ao dr. Bernardino e por fim ao general Quadros que os utilizasse por essa fórma.

O commandante das forças em operações louvou a nobre attitude da officialidade e das praças, endereçando ao dr. Bernardino o seguinte despacho :

> Ao presidente de São Paulo. — Saudações. — A maioria dos officiaes e praças do 2.° de voluntarios paulistas me encarregaram de pedir-vos para deixal-os seguir para o Paraná. São moços e querem glorias.
>
> GENERAL QUADROS.

Alguns officiaes dirigiram pedidos instantes ao presidente do estado, no mesmo sentido, enviando tambem, no dia 9, o seguinte despacho :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Pedimos o vosso apoio contra permanencia do nosso batalhão no Itararé, sendo insignificante o numero de officiaes e praças com esse desejo, ser-nos-ia honroso, patriotico, agradavel fazer parte da divisão do coronel Santos Dias.
>
> João Americo. — Olympio Pimentel. — Joaquim Floriano.

Nem o governo de São Paulo e nem o commandante do corpo de exercito podiam attender aos desejos dos ardorosos patriotas do 2.° de voluntarios, porque a sua internação immediata pelo estado do Paraná não correspondia no momento ao plano traçado.

Tres officiaes desse corpo não quizeram attender ás criteriosas ponderações que se lhes faziam e insistiram na sua solicitação de seguir com a 2.ª divisão para o interior do Paraná. O capitão Antonio de Moraes Barros, tenente Prudente de Moraes Filho e alferes Gustavo de Moraes Barros, requereram ao general Quadros demissão dos seus postos e inclusão como praça simples no mesmo corpo, com a condição de marchar com as forças que se preparavam para partir.

Eram, por certo, nobres e elevados os intuitos desses intemeratos patriotas paulistas, que desejavam acompanhar de perto a lucta para a retomada do Paraná, contribuindo com seus esforços para expellir a horda invasôra.

Foi, como era de esperar, indefirido o requerimento apresentado, valendo-lhes porém, applausos dos seus camaradas e elogios do commandante em chefe. Mais tarde alguns officiaes e praças obtiveram permissão para se incorporar á divisão do coronel Santos Dias.

A 2 de maio teve o corpo ordem de regresso para a capital de São Paulo. Estava elle então sob o commando do major Gentil Tavares.

Em 14 de abril estava ultimada a organização do corpo de exercito, feita pelo general Quadros, com a competencia, criterio e tino militar que todos lhe reconhecem.

A distribuição de tropas pelos diversos commandos preencheu cabalmente seus fins. A ordem do dia que se vae lêr, baixada para conhecimento dos interessados, assignalava a cada elemento o seu lugar no fraccionamento do corpo de exercito:

ORDEM DO DIA N.° 11

Quartel general do corpo de exercito em operações nos estados do Paraná e Santa Catharina, e do 5.° districto militar, São Paulo, villa do Itararé, 14 de abril de 1894.

De ordem de S. Ex. o Sr. general commandante do corpo de exercito, publico para conhecimento do mesmo, o seguinte:

Organização do corpo de exercito.

Compõe-se este corpo de exercito de duas divisões e quatro brigadas e do commando geral de artilharia.

A 1.ª divisão, sob o commando do sr. coronel Firmino Pires Ferreira é composta da 1.ª e 2.ª brigadas, e a 2.ª divisão sob o commando do sr. coronel Manuel Eufrazio dos Santos Dias, da 3.ª e 4.ª brigadas.

A 1.ª brigada, commandada pelo sr. coronel Braz Abrantes, compõe-se dos seguintes corpos: 3.° bata-

lhão de infantaria da guarda nacional (batalhão campineiro), batalhão n. 6 (Frei Caneca) 39.° e 20.° batalhões de infantaria de linha e 13.° regimento de cavallaria de linha.

A 2.ª brigada, commandada pelo sr. coronel João Teixeira da Silva Braga, compõe-se do 1.° 2.° e 4.° batalhões de policia de São Paulo e do batalhão n. 7 (Silva Telles).

A 3.ª brigada, commandada pelo sr. coronel José Maria Marinho da Silva é constituida do 9.° e 37.° batalhões de infantaria de linha, batalhões « Francisco Glycerio » e « Operario », e do 1.° regimento de cavallaria de linha.

A 4.ª brigada, commandada pelo sr. coronel José Delgado Dias de Carvalho, compõe-se do 1.° batalhão de artilharia de posição, do 2.° regimento de cavallaria e do 15.° batalhão de infantaria da guarda nacional da Capital Federal.

O commando geral da artilharia é exercido pelo sr. coronel Ricardo Fernandes da Silva, — commandando a artilharia da 1.ª divisão o major Celestino Alves Bastos, e da 2.ª divisão, o tenente Manoel José dos Santos Barboza.

Dirige os trabalhos de engenharia o sr. capitão Augusto Ximenes Villeroy. É chefe do serviço sanitario o sr. major José Innocencio de Miranda (1).

CORONEL RICARDO FERNANDES DA SILVA.

Nesse mesmo dia 14, teve o dr. Bernardino de Campos noticia de haver sido occupada a cidade de Castro, no dia 13, ás 4 horas da tarde, pelas tropas da 1.ª brigada, ao mando do coronel Braz Abrantes, após pe-

---

(1) Dessa ordem do dia constam outros detalhes que, por desnecessario, deixamos de transcrever.

quena lucta, na qual a força legal teve um homem morto e quatro feridos. Os adversarios abandonaram o campo, fugindo precipitadamente.

Era a retaguarda da columna Piragibe, deixada alli para demorar o avanço da columna Pires. O batalhão n. 3 (campineiro), que fazia a vanguarda da brigada, empenhou-se em um tiroteio com os federalistas, ao entrar na cidade de Castro e junto á margem esquerda do rio Iapó. O fogo durou pelo espaço de duas horas, tendo tomado parte na lucta uma ala do 20.°, que fez prodigios.

Em caminho os federalistas destruiram tudo o que puderam, levando todas as machinas e carros da estrada de ferro, que ficaram estragados e em abandono na Lapa. Fugiam tambem por Palmas em direcção ao Rio Grande, procurando evitar a divisão do general Pinheiro Machado.

Em Castro o commandante da divisão baixou a seguinte vibrante ordem do dia, de louvor e congratulações :

Quartel do commando da 1.ª divisão do corpo de exercito em operações nos estados do Paraná e Santa Catharina, acampamento na cidade de Castro, 14 de abril de 1894.

Faço publico para conhecimento da divisão e devidos effeitos o seguinte :

ORDEM DO DIA N.° 16.

A reconquista do Paraná para o dominio da lei acaba de ter significativo prenuncio da sua terminação. Castro foi a cidade escolhida pelos revoltosos para prova do valor e coragem das briosas forças que commando ! Hontem trincheira de abrigo para a morte de

nossos companheiros e hoje terra de vida e paz, para todos quantos á sombra da lei bemdizem a acção benefica das forças da Republica. Que não ensombre o brilho da nossa victoria a triste lembrança do sangue irmão derramado: É isso incentivo de lucta para a consecução do ideal que nos congrega para a defesa da Republica. Ao veterano do Paraguay, chefe da 1.ª brigada no momento da acção, o valoroso coronel Braz Abrantes, eu consagro todos os louvores que o brilho da victoria exige. Elle melhor do que eu fará a justa partilha pelos officiaes e praças que na porfia de vencer melhor souberam fazel-o.

CORONEL FIRMINO PIRES FERREIRA,
commandante da 1.ª divisão.

A 1.ª divisão, após haver tomado a cidade de Castro, emprehendeu a marcha sobre Ponta Grossa, no dia 3 de maio, porque a 2.ª divisão estava proxima de Castro, para garantir a retarguada. Neste dia levantou acampamento, marchando para Curityba.

Já então se achava em Paranaguá o 2.° batalhão de policia de São Paulo, ido de Santos a bordo do « *São Salvador* », armado em guerra e que fazia parte da esquadra legal.

O batalhão aquartelou no palacete do Visconde de Nacar.

Paranaguá estava deserta, guardando um aspecto de cemiterio em abandono.

Toda sua população estava foragida, desde que os revoltosos alli puzeram os pés. Por toda parte notava-se a passagem dos vandalos. Casas arruinadas pelos tiroteios, portas arrombadas, mostrando vestigio de saque...

No palacete, onde se accomodára o batalhão, notavam-se, nos muros dos compartimentos internos,

manchas ainda rubras, alli deixadas talvez pelos degollados e pelos seviciados.

Apesar do abandono da cidade, as sepulturas, recentementes fechadas no cemiterio, demostravam que não faltaram victimas para alimentar a sanha dos invasores. Estava paralysado o trafego na estrada de ferro. Os trilhos foram levantados em varios trechos pelos revoltosos, após sua retirada para Curityba, levando comsigo todos os trens.

Providenciava activamente o tenente coronel Alberto de Barros, para obter uma machina que arrastasse alguns carros de lastro, a fim de transportar-se com o batalhão para Curityba, onde os revoltosos estavam ultimando os preparativos para a fuga. No dia 1.° de maio, ás 7 horas da noite, depois de uma perigosissima viagem pela ingreme serra da Graciosa, entrou o batalhão em Curityba, em cuja *gare* a população inteira aguardava a sua chegada, que fôra noticiada.

No trajecto até o vetusto quartel do 17.°, na rua 13 de maio, foi o batalhão muito victoriado. De toda parte se lançavam flôres em profusão sobre as columnas que desfilavam.

Era intenso o enthusiasmo das familias curitybanas, pela entrada dessa força, ao serviço da legalidade. Senhoras acompanharam o batalhão, sobraçando cestas de flores, para atapetar o calçamento, em que pisavam os soldados paulistas. E todas, delirantemente, applaudiam e levantavam vivas ao estado de São Paulo. Coube a esse batalhão a gloria de ter sido a primeira força que occupou a capital paranáense, antes de ser restituida ao regimen legal.

Os revoltosos, com a approximação do 2.° de São Paulo, debandaram, tomando rumos diversos.

As columnas de Gumercindo e Apparicio, depois de transposto o rio Pelotas, retrocederam para os campos de Palmas, penetrando de novo no Paraná. A de Juca Tigre, passando o rio Cavernoso, dirigira-se para Laran-

geiras, ameaçando Chopin. É que diante delles, tomando-lhes o passo, estava a divisão do norte, prompta para entrar em acção.

No dia 6, entrava en Curityba a vanguarda da divisão Pires e com ella o governador do Paraná, dr. Vicente Machado. Foi brilhante e enthusiastica a recepção que lhe fizeram os curitybanos.

Logo depois de empossado no governo, o dr. Vicente Machado telegraphou ao dr. Bernardino, nestes termos:

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo.** — Com as primeiras forças da primeira divisão do corpo de exercito, ao mando do general Quadros, entrei hontem nesta capital e cumpro o rigoroso dever, cumprimentado e saudando o benemerito patriota que preside aos destinos do glorioso estado de São Paulo e a quem o Paraná e o seu governo legal devem os mais assignalados serviços. *Viva o estado de São Paulo! Viva o seu benemerito presidente!*
>
> VICENTE MACHADO, *governador.*

No dia 9 chegaram os ultimos elementos da 1.ª divisão, o 1.º de policia e o 3.º da guarda nacional (campineiro), todos de São Paulo. Apoiavam a retaguarda da columna em sua marcha para Curityba.

Com a chegada da 1.ª divisão, foi enviado de novo para Paranaguá o 2.º batalhão, sendo confiados á sua guarda varios presos politicos. No quartel do batalhão, estiveram presos o tenente coronel João Antonio Colono e o tenente Pedro Nolasco Alves Ferreira.

Dalli forneceu o batalhão guarnição para Morretes, Antonina e Restinga Secca.

As forças paulistas da divisão, — policias, guarda nacional e patriotas, — desde sua chegada em Curityba, foram empregados em varias diligencias.

As duas columnas, em que o 1.º batalhão foi frac-

cionado em Itararé, marcharam para o Rio Negro, onde os federalistas ainda mantinham sua retaguarda. Segundo se deprehende do telegramma abaixo, o 1.° batalhão partiu completamente desprovido do necessario, para a manutenção da tropa. O frio rigoroso, que em alguns dias desceu a 8.° abaixo de zero, vinha accrescer os soffrimentos dos homens do batalhão. Eis o despacho :

> **Dr. Bernardino de campos. — São Paulo. —** Seguimos para Rio Negro sem recursos. Será castigo ? Eu e officiaes desgostosos, pedimos que providencieis para o regresso a São Paulo. Acho que não ha necessidade de nós, porque a guarda nacional ficou toda e parte regressa. Espero resposta.
>
> O coronel João Teixeira da Silva Braga.

3.

Primeiro indicio do declinio da revolta : — retiradas de forças. — Um combate no passo de Iguassú. — Uma parte do tenente coronel Dantas Barreto : — honrosas referencias á força publica de São Paulo.

O serviço de segurança em São Paulo reclamava a presença da força publica, que se achava no Paraná em operações de guerra. Já não era possivel contar com os voluntarios e guardas nacionaes, que precisavam ser licenciados, para pouderem voltar aos seus habituaes afazeres. O afastamento de tantos braços uteis á lavoura pouderia occasionar uma crise na producção dos generos de primeira necessidade, de que já havia sensivel falta. Por isso o presidente do estado solicitou do general Quadros que fizesse regressar de Curityba o batalhão campineiro e o 1.° de policia, consentindo que permanecesse alli o 2.° batalhão. Dera lugar a essa concessão o seguinte despacho do commandante do corpo de exercito :

> **Dr. Bernardino de Campos. — São Paulo. —** Saúde. Não seria possivel demorar-se aqui o 2.° batalhão de policia de São Paulo, retirando-se em seu lugar o batalhão campineiro, que tantos serviços já tem prestado, estando o pessoal fatigadissimo? Creio que a demora será pequena.
>
> General Quadros.

Os outros batalhões de São Paulo bem podiam ser dispensados, tanto mais que, para substituil-os, fizéra o dr. Bernardino seguir do Itararé para o Paraná o batalhão « Lauro Müller », organizado em São Paulo. Tambem tivéra ordem de marcha o 10.° regimento de

cavallaria, que no dia 14, juntamente com aquelle batalhão, transpôz a fronteira, internando-se no vizinho estado.

O coronel Serra Martins, commandante na fronteira do Itararé, déra desse facto sciencia ao presidente do estado.

O batalhão campineiro teve ordem de regresso, seguindo no dia 23 para Paranaguá. Mas, cousa curiosa: — não se havia providenciado sobre o meio de transporte e nem sobre a manutenção da força naquella cidade, emquanto aguardava resolução do general Quadros. Como isso tardasse, o coronel Pires Ferreira, que tambem se achava em Paranaguá, esperando vapôr, telegraphou ao dr. Bernardino de Campos, pedindo providencias. Eis o conteúdo do despacho assignado por elle e pelo commandante do batalhão:

> **Dr. Presidente de São Paulo. — Capital. — É** urgente pôrdes á nossa disposição em Santos cinco contos de reis, para pagarmos frete do vapôr que nos conduzir e ao batalhão campineiro. Aqui estamos sem recursos. Confiamos que mais uma vez nos auxiliareis, — do contrario não sahiremos daqui tão cedo. Esperamos resposta. Saudações.
>
> CORONEL PIRES FERREIRA. — MAJOR ARTHUR LEITE DE BARROS.

Os revoltosos continuavam em retirada rapida, para o Rio Grande, soffrendo em caminho varios revezes.

A 1.ª brigada ao commando do coronel Braz Abrantes, que de Palmeiras se dirigira para Guarapuava, por onde fugia a columna de Juca Tigre, alcançou os federalistas no difficil passo do Iguassú, entre essa cidade e Palmas, inflingindo aos revoltosos sérias perdas, desbaratando-os quasi que completamente e fazendo muitos prisioneiros.

Teve parte saliente na lucta o batalhão *Frei Caneca*, formado em sua quasi totalidade com pessoal

paulista. Os officiaes e praças, em ordem do dia do coronel Braz Abrantes, tiveram elogiosas referencias á sua bravura, moralidade e patriotismo.

Grupos de revoltosos retardatarios, ou talvez propositalmente deixados para cobrir a retaguarda da columna em retirada, estacionavam nos margens de Iguassú, em São Matheus e União da Victoria.

Para bater esses grupos e varrel-os para sempre daquellas paragens, foi enviada a 3.ª brigada, sob o commando do bravo tenente coronel Emygdio Dantas Barreto. O brilhante resultado colhido vem relatado na seguinte « parte » daquelle commandante :

PARTE

Commando da 3.ª brigada do corpo de exercito em operações nos estados do Paraná e Santa Catharina, villa do porto da União da Victoria 15 de julho de 1894.

Ao cidadão Manuel Eufrazio dos Santos Dias, dignissimo coronel commandante da 2.ª divisão.

De conformidade com a ordem contida em telegramma de 6 de junho do illustre general Ewerton Quadros, commandante do exercito em operações, a mim transmittida verbalmente por vós, sahi da villa do Rio Negro com o 37.° batalhão de infantaria, cheguei á Lapa a 8, onde encontrei o 2.° batalhão de policia de São Paulo aguardando a minha chegada, a fim de incorporar-se a esta brigada e seguir em expedição á villa da União da Victoria. Assim feita a juncção desses dois corpos e mais um piquete de 20 praças e um official de cavallaria, fiz embarcar em dois trens que mandastes pôr a minha disposição naquella cidade no dia 10 e segui para o Porto Amazonas, em cujas aguas do Rio Iguassú encontrei quatro vapores adaptados á respe-

ctiva navegação e algumas balsas em que mandei embarcar, a 12, o 2.° batalhão de policia, a metralhadora com o pessoal que se incorporou á brigada na Restinga Secca, a munição de guerra e os viveres destinados á alimentação da força, ao passo que eu, o meu estado maior o 37.° batalhão de infantaria e o piquete de cavallaria, seguimos por terra, a nos encontrarmos no Rio dos Patos, o que effectivamente aconteceu no dia 13. Deparando com mais seis balsas neste ultimo ponto, ahi embarquei a força que marchava por terra e continuei a viagem.

Constando-me, por informações colhidas em São Matheus, que a alguns kilometros da barra do Rio Negro achava-se domiciliado o facinora Ulysses de Faria, com um grupo de revoltosos, entrei nesse rio com tres vapores emquanto o outro e as balsas seguiam para o porto da Lagôa, a fim de tomarem a sahida de quaesquer individuos que por ahi tentassem fugir.

Chegando ao Porto Tapuan, do Rio Negro, fiz desembarcar immediatamente uma companhia do 2.° batalhão de São Paulo, ao mando do capitão Paraguassú, com o fim de capturar Ulysses de Faria e seus adeptos, cuja força, depois de percorrer uma distancia de leguas, revistando todas as casas que encontrára em seu trajecto, chegou finalmente ao escurecer á Lagôa onde já se achavam diversas embarcações, sem haver encontrado individuo algum em sua travessia. No outro dia muito cedo dirigi-me com dois vapores para o Putinga e seguindo aguas acima, mandei saltar uma força de 55 homens, ao mando do sr. capitão Souto, numa distancia de quatro kilometros mais ou menos da barra, com o fim de dar busca em todas as casas que encontrasse até o ponto denominado da Fartura, onde foi barbaramente degolado o velho Portes, decidido amigo do governo da Republica.

Ainda desta vez o nosso empenho foi frustrado, porque apenas foram encontrados vestigios recentes de

fugas precipitadas. Tivemos ainda dois dias de viagem até esta villa, a cujo porto chegámos a 20 de junho. Apesar da longa viagem e da fadiga dos soldados, que muitas vezes tinham que cahir nagua para desencalharem as embarcações, que frequentemente paravam nos baixios do Iguassú, mandei no dia 21, muito cedo, uma escolta de 50 praças do 37.°, ao mando do alferes Jovino, no encalço dos celebres revoltosos Braga, Tertuliano, Camacho e outros que me constava acharem-se a tres leguas distante desta villa. O official encarregado dessa diligencia empenhou todo o seu zelo e actividade no desempenho de tão importante missão, mas nenhum resultado obteve.

Tendo mais tarde noticia de que, nos campos de São João, grupos de vagabundos, desligados das forças revolucionarias, repontavam animaes dos respectivos moradores, determinei que partisse para alli no dia 25 uma escolta de 20 praças, ainda sob o commando do alferes Jovino; ao passo que fazia sahir outra no mesmo dia em um vaporzinho para Caxoeira, como segunda tentativa de captura a Braga e seus companheiros. Desta vez certifiquei-me que aquelles bandidos haviam seguido para os lados de Guarapuava no dia 12.

Desde o dia 20 até hoje recolhi 83 armas de fogo de differentes systemas, dez caixas com granadas de canhão Krupp 7 1/2 e ainda outras granadas dispersas; um canhão, e um ouvido daquelle canhão, uma chave ingleza, munições para armas portateis, nove instrumentos de musica, inclusive a armação de um bombo, seguramente de qualquer dos nossos corpos aprisionados; uma clavina Winchester do celebre Camacho, uma cama de lona do dr. Braga, um caixãozinho com luvas de praças montadas, dois paus para bandeira grande, 150 saccos de farinha de mandioca, nove e meia saccas de feijão, meia pipa de aguardente, sete saccos de sal, grande quantidade de substancias medi-

cinaes, como vereis do termo de balanço annexo, cinco caixas de dynamite, muitos metros de estupim, uma caixa de capsulas para dynamite, 29 enchadas, 31 pás de ferro, 12 picaretas, 14 cabos para picaretas, 56 barricas de cimento.

Durante a viagem nenhum incidente occorreu que affectasse á disciplina e a moralidade da força.

Devo declarar-vos, possuido da maior satisfação, que o 2.° batalhão de policia de São Paulo, não sendo uma corporação do exercito, sujeita aos rigores das nossas leis, soube entretanto collocar-se na altura da sua missão, como força publica de um grande estado, já pela disciplina com que se houve, já pela correcção do seu procedimento.

O pessoal desse distinto batalhão; que honra ao estado de São Paulo, sente, pelo que observei, essa paixão que leva o soldado aos mais arrojados commettimentos militares e por isso tornou-se digno da minha inteira confiança, logo nos primeiros dias da sua incorporação ás forças desta brigada.

Sua officialidade distingue-se em geral pela educação civil e militar, pelo conhecimento dos seus deveres, pelo amôr ao seu estado e á causa que defende.

Á frente desse batalhão acha-se o tenente coronel Alberto Julio Ribeiro de Barros, que nunca me oppôz difficuldade alguma no serviço. Habituado á vida penosa da guerra, porquanto é um daquelles brazileiros distintos que luctaram valorosamente pela honra da Patria nos campos do Paraguay: — é o mais seguro elemento da sua disciplina, da sua moralidade e correcção.

Devo tambem recommendar á vossa judiciosa consideração o capitão Themistocles Henrique Paraguassú dos Santos, tenente Benedicto José de Faria, alferes Avelino da Costa e Silva, Theophilo das Neves Leoncio, Simão Leclerc e 2.° tenente de artilharia da guarda nacional do Paraná, Getulio do Nascimento, todos do

referido batalhão, pelo interesse que tomaram em varias deligencias destinadas á captura de revoltosos, refugiados nas florestas e esconderijos das margens do rio Iguassú, Negro, Putinga e Timbó e para cujo fim algum delles, como o tenente Benedicto, apresentaram-se espontaneamente, na convicção de que teriam de cruzar as armas com aquelles inimigos da Republica.

Esses officiaes, si não infligiram mais uma vez rigoroso castigo a esses bandidos que andam de terra em terra na pratica do roubo e do assassinio, é porque elles, desmoralizados e carregados de remorsos, fugiam espavoridamente para lugares ainda mais distantes, desde que tinham conhecimento da approximação das nossas forças.

O 37.° batalhão de infantaria, apesar de novo, já tem todas as normas das nossas corporações militares antigas. Organizado em marcha, dia a dia, recommenda-se entretanto pela disciplina, pela resignação e pela ordem com que se tem mantido e no que segue o exemplo dos seus distintos officiaes. Os dois pequenos contingentes de cavallaria portaram-se tambem dignamente.

Sabeis o justo enthusiasmo com que sempre me referia áquella valente corporação que, formada nos soffrimentos da guerra, é hoje um formidavel baluarte contra as investidas dos aventureiros da Patria. Esse enthusiasmo transformou-se-me agora em verdadeira admiração, pelo patriotismo e abnegação com que tão distinto corpo, desde o soldado ao ultimo official, tem retemperado o seu espirito e o seu valor. Commandado pelo major Pedro de Alcantara Fonseca e fiscalizado pelo capitão Leopoldo Antonio Luiz de Miranda, cujos nomes já são bem conhecidos do nosso exercito, tem o 37.° batalhão em tão distintos officiaes os mais severos exemplos de uma disciplina intransigente, de uma moralidade sem jaça. Sempre promptos em auxiliar-me, no que dependia do seu batalhão, o major Fonseca e o

capitão Leopoldo fizeram-se dignos da minha maior estima e consideração.

Recommendo mais á vossa apreciação o brioso e distinto alferes Jovino de Lima de Alencar Araripe, daquelle batalhão, a quem por diversas vezes confiei as mais importantes e arriscadas diligencias, por lugares distantes do acampamento, e em cujo serviço levava muitos dias, pela observancia das ordens que lhe transmittia e sempre no empenho de capturar os revoltosos, de que tinhamos noticia nesta parte remota do estado. Vós já o conheceis do Rio Negro e comprehendeis que não exagero o seu merecimento como soldado.

Os alferes Antonio Gomes Dantas, Francelino João do Prado Sampaio, João Florencio da Costa e Carlos Dias Machado, este da guarda nacional de São Paulo, tambem muito se recommendaram á minha estima, pela execução rapida e intelligente de serviços que executaram por determinações minhas.

Vou terminar esta parte de informações que vos devo, recommendando muito particularmente ainda á vossa alta consideração o 1.° tenente Clementino Fernandes Guimarães e alferes Aristobulo Gomes Calmon, este ajudante de ordens e aquelle assistente do ajudante general junto a esta brigada, bem como o 2.° tenente Rodolpho Amaral de Souza e alferes Carlos Walthausen, commandantes da secção de artilharia e do piquete de cavallaria, que fizeram parte da expedição, pelos importantes serviços que me prestaram no desempenho dos respectivos cargos e ainda em outras commissões, que por mais de uma vez lhes confiei, e em que sempre manifestaram a maxima intelligencia, a par de um interesse que me enchia da maior satisfação e confiança.

Dedicados até ao sacrificio, muito deve o exercito e a Patria esperar desses jovens e distintos officiaes.

Devendo partir no dia 16 de julho para a villa de Palmas, em cumprimento á vossa ordem contida em

telegramma de 8, faço seguir naquella data, a cargo do 2.° tenente Rodolpho Amaral, todos os artigos acima referidos, á excepção dos generos de consumo, aliás distribuido ás forças, e o cimento que fica em deposito. Com a apprehensão de taes generos, depositados pelos revoltosos na casa Amazonas, e o gado repontado de revoltosos, consegui fazer economia regular em favor da fazenda publica, como era do meu dever.

Na villa da União tudo foi federalista, porque tudo pensava pelo coronel Amazonas, que transformou esse florescente lugar em verdadeiro feudo, do qual era elle o senhor absoluto.

Esse coronel, a quem eu mandei procurar com o maior interesse, sem poder descobril-o, protegeu grandemente a revolução por este lado do Paraná, já fornecendo gado e cavallos, que mandava rebanhar do vizindario, já facilitando todos os meios de transporte pelos rios navegaveis desta parte do estado e já obrigando a seus conterraneos ao serviço de um corpo municipal, que formou sob auspicios federalistas, em plena effervescencia revolucionaria.

Nas menores cousas desta villa e seu municipio se reflecte a influencia perniciosa desse homem fatal!

Afastal-o daqui, seja qual fôr o meio empregado para isso, tal deve ser o objectivo principal do governo estadual. Conserval-o na posição de que o investiram é contar com um inimigo poderoso, num momento adverso.

Todavia os individuos mais compromettidos, aquelles que pegaram em armas para acompanhar os revoltosos em suas depredações e por isso foram galardoados, fugiram com seu nefando chefe e certamente não voltarão, sinão para expiarem os seus crimes.

A população que ficou foi a dos obrigados a esse serviço municipal, foi a que esposou paixões extranhas, sem assentir, pelo medo e pela necessidade que tinha de ser agradavel ao tyrannete do lugar.

Prendel-os e leval-os seria despovoar a villa da União e seus arredores, seria matar o trabalho altamente productivo, dessa população, aliás ordeira.

Taes são as informações que vos devo apresentar a respeito da honrosa missão que me confiastes nesta Villa.

EMYGDIO DANTAS BARRETO,

Tenente Coronel Commandante.

4.

Accentua-se o declinio da revolta. — Tem ordem de regresso para São Paulo o 1.° batalhão da força publica. — Retiram-se para São Paulo outras forças. — Honrosas referençias feitas em « ordens do dia » á força publica e guarda nacional do estado. — Execuções capitaes. — — Movimentos de forças que se recolhem. — Fim da revolta.

Em julho já não havia no territorio paranáense sinão os sangrentos traços deixados pela lucta.

A 2.ª divisão fizéra recuar do Rio Negro, arrojando-a para o sul, a columna que por alli se retirava ; a 2.ª brigada batêra-se com denodo em Guarapuava e Catumduvas, cobrindo-se de louros, e á 3.ª que fôra projectada para mais longe, coubéra varrer todo o territorio das Missões, fazendo conter-se além da fronteira do paiz a horda fugitiva, dispersa e diseminada.

As tropas, que até então fizeram parte do corpo de exercito estavam sendo dispensadas do serviço de guerra, á medida que iam dando desempenho ás tarefas de que eram incumbidas. Assim, teve ordem de regresso para São Paulo, em 14 de agosto de 1894, o 1.° batalhão da força publica, que tão relevantes serviços prestou á causa da legalidade.

Ao retirar-se o batalhão, baixou o commandante do corpo de exercito a seguinte ordem do dia :

Quartel general do commando do corpo de exercito em operações no estado do Paraná e do 5.° districto militar, em Curityba, 14 de agosto de 1894.

ORDEM DO DIA N.º 85

Publico, de ordem de S. Ex. o Sr. general commandante deste corpo de exercito, as seguintes disposições e occorrencias, para conhecimento do mesmo e devidos fins :

Em cumprimento de ordem superior, deixa nesta data o commando da 2.ª brigada, a fim de assumir o do 1.º batalhão de policia de São Paulo, com o qual se deve recolher á capital desse estado, o sr. coronel João Teixeira da Silva Braga.

Determino assuma o commando da dita brigada o sr. tenente coronel Raphael Tobias e o do 9.º batalhão de infantaria o sr. major Victorino dos Santos e Silva, que actualmente commanda o 39º.

Nesta occasião cabe-me agradecer ao sr. coronel Braga os inolvidaveis serviços que prestou á Patria neste estado e louval-o pelo modo correcto por que se portou sempre, e pelo patriotismo e amôr á disciplina que patenteou durante o seu commando. A todos os officiaes do seu estado maior e do batalhão, aos inferiores e praças do mesmo tambem louvo pelo efficaz auxilio que me prestaram na espinhosa missão de que estou incumbido, devendo esse louvor constar dos assentamentos de cada um delles.

Ao sr. major Candido José Mariano, que ora deixa o commando do batalhão e cujo nome já por mais de uma vez tem sido citado como de um enthusiasta defensor da Republica, louvo por sua energia, intelligencia e subida dedicação á causa da lei e da justiça.

O general de brigada,

FRANCISCO RAYMUNDO EWERTON QUADROS,
commandante do corpo de exercito.

Dez dias mais tarde, em 24 do mesmo mez, o 12.° babatalhão provisório da guarda nacional de São Paulo, recebeu ordem de regresso para o seu estado, sendo publicada a seguinte ordem do dia :

Quartel general do commando do corpo de exercito em operações no estado do Paraná e do 5.° districto militar, em Curityba, 24 de agosto de 1894.

ORDEM DO DIA N.° 89

Publico, de ordem de S. Ex. o Sr. general commandante deste corpo de exercito, as seguintes disposições e occorrencias para conhecimento do mesmo e devidos fins :

Retirando-se para São Paulo o 12.° batalhão provisório da guarda nacional desse estado, agradeço-lhe cordialmente os inolvidaveis serviços que prestou na campanha em que trabalhámos para o libertamento do Paraná.

Nesta occasião cumpro um dever de alta justiça louvando ao bravo major Gabriel de Carvalho e sua distinta officialidade pelo modo sempre correcto por que se portaram, pelos actos de civismo que praticaram, tornando-se dignos da sympathia e respeito daquelles com quem serviram. O estado de São Paulo deve orgulhar-se com o procedimento que aqui tiveram os abnegados patriotas do 12.° batalhão, que com tanto brilho o representaram na lucta empenhada no Paraná contra os inimigos da Patria.

O general de brigada,

FRANCISCO RAYMUNDO EWERTON QUADROS,
commandante do corpo de exercito.

Um corpo da guarda nacional, tambem organizado em São Paulo, o 4.° batalhão provisório, prestou em varias occasiões e emergencias, assignalados serviços á Republica e á legalidade. Mereceu realmente as referencias que a ordem de dia abaixo lhe faz :

Quartel general do commando da divisão em operações no estado do Paraná e do 5.° districto militar, em Curityba, 24 de novembro de 1894.

ORDEM DO DIA N.° 20

Em virtude de ordem do governo federal, segue para o estado de São Paulo o 4.° batalhão provisório da guarda nacional do mesmo estado, sob o commando do energico tenente coronel Olympio Moreira da Silva Castro.

Composto na sua quasi totalidade de extrangeiros, que, reconhecidos ao paiz que hospitaleiramente os recebeu, não trepidaram empunhar as armas para defendel-o por occasião desta malfadada revolta, segue o 4.° batalhão ao seu estado com a grande satisfação de ter cumprido o seu dever e dado as mais solennes provas de quanto póde ser disciplinada a milicia civica, quando compenetrada de sua alta missão.

Este commando experimenta grandes regosijos ao elogiar ao seu distinto e bravo commandante, o tenente coronel Olympio, pelo tino, zelo, intelligencia e bôa vontade que demonstrou no desempenho do cargo que em bôa hora lhe foi confiado pelo governo, que sempre o contou no numero dos seus mais fieis e dedicados defensores.

Aos seus officiaes tambem louvo pelo muito que fizeram em pról da Republica e do quanto auxiliaram não só o seu brioso chefe, como a este commando, que profundamente agradece os seus assignalados serviços.

A todos os inferiores e praças sejam tecidos os maiores elogios pelas provas de disciplina, ordem e verdadeira intuição militar que sempre demonstraram, procurando por todos os modos conservar os fóros de que merecidamente gosa o 4.° batalhão da guarda nacional.

Que bons ventos o conduzam a seu destino, e que ao trocarem as armas da guerra pelas do trabalho honrado, encontrem todas as prosperidades, concorrendo assim para o engrandecimento da Patria brazileira.

José Maria Marinho da Silva,
coronel commandante.

O 2.° batalhão da força publica de São Paulo, que estava guarnecendo todo o littoral, de Paranaguá á Antonina, foi de novo chamado a Curityba, a fim de seguir para o extremo sul, a fazer parte da 3.ª brigada commandada pelo tenente coronel Dantas Barreto. Antes, porém, de se retirar de Paranaguá, teve o desgosto de receber ordem de fazer fuzilar os presos que estavam sob sua guarda.

Em Paranaguá, junto ao muro dos fundos do cemiterio da cidade, foram passados pelas armas o tenente coronel João Antonio Colono e o tenente Pedro Nolasco Alves Ferreira.

Coube, em cumprimento de ordens, esta triste missão a uma companhia da força de São Paulo. Morreram como bravos. Amaldiçoaram os algozes e deram vivas á Republica.

Pouco tempo antes haviam sido executados o Barão de Serro Azul e outros presos politicos que, do comboio que os conduzia, foram lançados num despenhadeiro no kilometro 65 da Serra da Graciosa.

O official que commandou essa barbara execução, o alferes João Leite de Albuquerque, assistiu ainda ao

fuzilamento a que se procedia nos muros do cemiterio de Paranaguá.

O 2.° batalhão pouco se demorou em Curityba. Em 20 de maio marchára para a Lapa e, dois dias após, junto ao 37.° batalhão, que viéra do Rio Negro, chegava a Restinga Secca, partindo em seguida para Porto Amazonas, onde embarcou em varias lanchas e balsas que faziam o serviço daquelle porto á União da Victoria.

O 37.° seguira por terra para Rio dos Patos. Parece que fuzilou alguns presos em caminho e foi de novo reunir-se ao 2.°, para marcharem juntos.

Após uma penosa marcha pelo rio, arrastando as balsas em muitos trechos, chegaram os batalhões á União da Victoria, estacionando alli o 2.°, na vigilancia das estradas de São João e Campos Novos.

Os federalistas, que se retiraram do Paraná, logo que perderam o contacto com as tropas legaes, estacionaram em varios pontos, para se reposarem das rapidas e forçadas marchas, sempre acossados pelas brigadas de Braz Abrantes e Maria Marinho.

O 37.°, que se desligára do 2.° em União da Victoria, seguira para Nonohay, em cujas proximidades começavam a apparecer grupos de revoltosos.

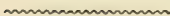
Como a esses grupos se viessem reunir outros, numerosos, bem armados e aguerridos, pelo coronel Bernardino Bormann, commandante da fronteira, foram dadas ordens para que o 2.° batalhão, em marchas forçadas, seguisse para Cruz Alta, passando por Palmas. Ahi se reuniria ao 1.° regimento de cavallaria, que aguardava a chegada do 2.° e acampára na margem do rio Caldeira, proximo daquella cidade.

Dalli regressou o batalhão em dezembro, para voltar a São Paulo, onde chegou em 14 de janeiro de 1895.

Era a ultima tropa que se recolhia. Todas as demais já se haviam recolhido ao seu ponto de estacionamento.

Assim, terminou a revolução federalista, no Paraná, que tantas e tão preciosas vidas custou ao Brasil e na repressão da qual a força publica do estado de São Paulo demonstrou a sua disciplina, a sua cohesão, o seu valor.

Os batalhões patrioticos de São Paulo e a sua guarda nacional, assim como a força publica, contribuiram efficazmente, patrioticamente para terminação dessa lucta ingloria.

Que o sangue de tantos bravos, inutilmente derramado numa lucta sem principios, seja um incentivo para a estabilidade da paz, da ordem e do progresso do nosso Brazil.

CONCLUSÃO

Ao encerrar este trabalho, cabe assignalar alguns factos significativos da pujança de São Paulo, da correcção do seu governo.

Em principios de 1892, não transpuzéra ainda São Paulo as linhas da antiga vida provincial.

Foi então que se lançaram os fundamentos do estado actual, installando-se as repartições e os serviços que o constituem, trabalho difficil e longo, que perdurou por todo o quadriennio do primeiro presidente, o dr. Bernardino de Campos, eleito por suffragio popular em maio desse anno.

Organizaram-se os poderes politicos ; - criaram-se as secretarias de estado ; - elegeu-se o congresso, consituiu-se o poder judiciario, nomeando-se a respectiva magistratura, e os funccionarios auxiliares e estabelecendo-se as repartições adequadas.

Formou-se a força publica, com cinco batalhões de infantaria, um regimento de cavallaria e um corpo de bombeiros. Foi instituido o ensino primario, secundario e superior, com todo o seu apparelhamento, grandes edificios apropriados, todo o mobiliario, livros, com um professorado cuidadosamente escolhido e bem orientado, recorrendo-se mesmo a competencias estrangeiras. Surgiu a hygiene publica e a policia sanitaria, dispondo de construcções e edificios levantados, segundo os melhores modelos, servidos por uma legião de medicos e fuccionarios dedicados, não se hesitando em contractar summidades estrangeiras para installa-

ção de especialidades ainda mal praticadas no Brazil. Grandes obras foram executadas para o saneamento do estado, assolado pela febre amarella, consistindo no abastecimento de agua, rêde de exgottos, drenagem profunda do solo, disseccamento de pantanos e rectificação do regimen das aguas, por meio de custosos canaes, melhoramentos esses que abrangeram todo o estado. Erigiram-se edificios apropriados ao funccionamento dos institutos superiores, secundarios e primarios, criando-se então os grupos escolares e escolas modelo, na capital e outras muitas cidades. Levantaram-se hospitaes e casas apropriadas ao isolamento de contagiados e ao expurgo e desinfecção, em todas as cidades affectadas pelas molestias reinantes ; turmas de engenheiros e hygienistas, dispondo de pessoal e do apparelhamento necessario, estacionavam em todos os pontos em que era necessario dar combate ás endemias e epidemias que, por esse tempo, muito grassaram em São Paulo.

Em meio dessa faina absorvente, desses grandiosos trabalhos emprehendidos com vigor, enthusiasmo e indefesso labôr, de accordo com planos bem assentados, mediante acurados estudos, que o elevado ideal que dominava o governo do dr. Bernardino e a população, ao concretizar nas instituições paulistas o programma republicano tão preconizado, — foi perturbado pela revolta de 6 de setembro de 1893.

As urgencias da defesa, em favor da Republica e de São Paulo, pareciam arrastar as energias do governo e do povo paulista para os exclusivos cuidados bellicos, ficando assim abandonada a organização interna do estado. Isso, porém, não era compativel com a rija tempera paulista. Resolveu-se então que nada se alteraria nos planos determinados e que, apenas, se addiccionaria a elles mais o esforço e a actividade dedicada aos novos mistéres e necessidades trazidas pela campanha contra a revolta.

Delineou-se então a dupla physionomia da administração : – por um lado, firme, valorosa, voltada para a guerra, e por outro, calma, tranquilla, entregue a estudos e a preoccupações pacificas. Assim preparava os elementos para a formação de um povo que se tornava culto, – pela disseminação do ensino, são, - pelas praticas hygienicas, civico, liberal e ordeiro, – pela adaptação dos modernos principios de justiça - e de policia e de intervenção na vida publica. E, observemos ainda : - tudo isso foi feito sem que São Paulo contrahisse dividas ou emprestimos, conseguindo-se toda essa ingente obra dentro dos quadros da receita ordinaria do estado.

Nenhum ceitil mais ficou São Paulo devendo, além do que devia a antiga provincia.

E não é só : - ao retirar-se em maio de 1896, o governo eleito em maio de 1892, deixou ao seu successor os seguintes saldos :

Em dinheiro.	5.096:571$764
Em deposito no Thesouro Federal, por impostos cobrados pela União e restituidos em novembro de 1896. . .	5.522:847$682
Por adiantamentos ao governo federal, durante a revolta, segundo a apuração feita por esse mesmo governo	6.075:548$726

Todos estes dados tirámos de relatorios e documentos officiaes competentes.

Na verba acima de 6.075:548$726, adiantados por São Paulo ao governo federal, por occasião da revolta, não figura a quantia de dois mil contos, fornecida por São Paulo em 1893 ao mesmo governo e que foi posta á sua disposição pelo governo de São Paulo no Banco da Republica, no Rio, e remettida pelo thesouro paulista, por intermedio dos Bancos Commercio e Industria, London e British Bank de São Paulo.

Foi considerado donativo paulista.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

IV

A defesa de São Sebastião :

V

A defesa de São Sebastião. *(Continuação)* :

VI

A defesa de Iguape e Cananéa :

SEGUNDA PARTE

I

A defesa da fronteira :

II

A defesa da fronteira. *(Continuação)* :

III

A defesa da fronteira. *(Continuação)* :

IV

A retomada do Paraná :

TYP. AILLAUD, ALVES & C^IA.